

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

RICARDO BERNARDES PEREIRA

**COMO JOVENS DE MESMA ORIGEM SOCIAL SEGUEM
PERCURSOS DE VIDA DISTINTOS: O CASO DE CAMPESTRE-
MG**

Porto Alegre

2016

RICARDO BERNARDES PEREIRA

**COMO JOVENS DE MESMA ORIGEM SOCIAL SEGUEM
PERCURSOS DE VIDA DISTINTOS: O CASO DE CAMPESTRE-
MG**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Minorias Sociais: Estigmatização, discriminação, desigualdade e resistência.

ORIENTADOR: Karl Martin Monsma

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Bernardes Pereira, Ricardo

Como jovens de mesma origem social seguem
percursos de vida distintos: O caso de Campestre-MG
/ Ricardo Bernardes Pereira. -- 2016.
216 f.

Orientador: Karl Martin Monsma.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Juventude. 2. Curso de Vida. 3. Estudo de
Caso. 4. Estratificação Social. I. Martin Monsma,
Karl, orient. II. Título.

RICARDO BERNARDES PEREIRA

**COMO JOVENS DE MESMA ORIGEM SOCIAL SEGUEM
PERCURSOS DE VIDA DISTINTOS: O CASO DE CAMPESTRE-
MG**

Aprovada em Porto Alegre em 11 de março de 2016.

Orientador: _____

Prof. Dr. Karl Martin Monsma, UFRGS

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Elaine Meire Vilela, UFMG

Prof. Dr^a. Marilis Lemos de Almeida, UFRGS

Prof. Dr^a. Melissa de Mattos Pimenta, UFRGS

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, PPGS, pela oportunidade de realização de trabalhos em minha área de pesquisa.

Ao orientador Karl Martin Monsma, pela imensa contribuição ao meu desenvolvimento como pesquisador.

À minha família, por tudo.

À Luiz Gabriel Franco, pelo esforço e dedicação em identificar possíveis entrevistados.

À JUC7, pela provisão de moradia.

A todos os entrevistados, sem os quais este trabalho não teria sido realizado.

A todos os colegas de mestrado, professores, amigos e desconhecidos, que, em algum momento, forneceram ideias, informações e sugestões para o andamento da pesquisa.

À CAPES pela provisão da bolsa de mestrado.

RESUMO

Esta dissertação objetiva responder à seguinte pergunta: como jovens, nascidos ou criados numa mesma cidade pequena, em condições socioeconômicas relativamente parecidas, com acesso aos mesmos espaços e instituições, seguem percursos de vida distintos? A partir de vinte narrativas biográficas, a análise de dados centrou-se em três eixos. Primeiro, identificou a influência das instituições escolares, policiais, do mercado de trabalho e da emigração sobre os percursos de vida. Segundo, identificou as relações entre os eventos que compõem os percursos de vida. Terceiro, agrupou as narrativas segundo as categorias de bem-sucedidos na escola, trabalhadores disciplinados e jovens infratores a fim de identificar as semelhanças e diferenças dentro de cada grupo e entre cada um deles. O resultado principal é mostrar os efeitos das interações entre instituições, sequências de eventos, contingências, condições iniciais de vida e agência sobre os percursos de vida.

Palavras-chaves: Juventude, Desigualdade Social, Cursos de Vida, Trajetórias de Vida, Estudo de Caso.

ABSTRACT

This dissertation aims to answer the following question: How do young people, born or raised in the same small town, similar in their socioeconomic status and with access to the same spaces and institutions, follow different life paths? Through twenty biographical narratives, data analyses focused on three aspects. First, it identified the influence of the institutional context. Second, it identified the relations among the events of the sequences. Third, it aggregated the narratives according to three categories – successful students, disciplined workers and delinquents – in order to identify differences and similarities within and between each category. The main result is to show the effects of the interactions among institutions, sequences of events, contingencies, initial life conditions and agency over the life courses.

Keywords: Youth, Social Inequality, Life Course, Case Study.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 4.1: Localização do sul de Minas no território do Estado de Minas Gerais.....	59
Figura 4.2: Situação do Domicílio no Sul de Minas.....	60
Figura 4.3. Classificação Racial da população do sul de Minas	60
Figura 4.4: Localização do município de Campestre.....	62
Figura 4.5: Vista do centro da cidade de Campestre-MG.....	63
Figura 4.6: Vista aérea da cidade.....	64
Figura 4.7: Situação do Domicílio no município de Campestre-MG, em 2010.....	65
Figura 4.8: Evolução da população do município de Campestre entre os anos de 1991 e 2010.....	66
Figura 4.9: Pirâmide etária da população de Campestre, 2010.....	67
Figura 4.10: Cor ou raça autodeclarada da população de Campestre-MG.....	69
Figura 4.11: População com 25 anos ou mais, por escolaridade.....	69
Figura 4.12 Praça de Esportes de Campestre-MG I.....	70
Figura 4.12 Praça de Esportes de Campestre-MG II	71
Figuras 5.1 Derriçadeiras de café usada pelos trabalhadores rurais em Campestre.....	115
Figuras 5.1 Emprego de uma derriçadeira semimecanizada por um trabalhador.....	116
Figura 5.3: Registros de Roubo Consumado em Campestre nos anos de 2012 a 2015.....	154
Figura 5.4: Registros de Furtos Consumados entre os anos de 2012 a 2015 em Campestre-MG.....	155
Figura 5.5: Registros de Lesão Corporal Consumado em Campestre-MG entre os anos de 2012 e 2015.....	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1: Situação do domicílio no município de Campestre-MG nos anos de 1991 e 2000.....	65
Tabela 4.2: Distribuição da população campestrense por faixa etária, em nº de habitantes em 2010.....	68
Tabela 5.1: Notas do Índice de Desenvolvimento da Educação em 2013, por escola... 75	
Tabela 5.2: Escolaridade da mãe segundo a escola matriculada dos filhos, em 2011, no no quinto ano do ensino fundamental.....	76
Tabela 5.3: Escolaridade da mãe segundo a escola matriculada dos filhos, em 2011, no no nono ano do ensino fundamental.....	76
Tabela 5.4: Ocupação dos homens de 10 anos ou mais de idade na semana de referência do Censo 2010 em Campestre-MG.....	94
Tabela 5.5: Ocupação dos jovens entre 18-24 anos na semana de referência do Censo de 2010 em Campestre-MG, segundo o sexo.....	96
Tabela 5.6: Ocupação dos jovens do sexo masculino na semana de referência do Censo 2010 em Campestre-MG.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1: Características Familiares dos Entrevistados	49
Quadro 3.2: Ocupação do Principal Provedor do Entrevistado.....	51
Quadro 5.1: Características das ocupações dos entrevistados.....	101
Quadro 5.8: Formas de desigualdade no mercado de trabalho entre os entrevistados.	103
Quadro 5.9. Aspirações de trabalho dos jovens entrevistados com ensino médio completo.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS

FIES: Fundo de Financiamento Estudantil

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDH-m: Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios

PISA: Programa Internacional de Avaliação Estudantil

PROUNI: Programa Universidade para Todos

PUC Minas: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SiSU: Sistema de Seleção Unificada

UAI: Unidade de Atendimento Integrado

UEMG: Universidade Estadual de Minas Gerais

UFLA: Universidade Federal de Lavras

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFSCAR: Universidade Federal de São Carlos

Unicamp: Universidade Estadual de Campinas

UNIFAL: Universidade Federal de Alfenas

UNIFEI: Universidade Federal de Itajubá

USP: Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: MODELOS ANALÍTICOS PARA A COMPREENSÃO DE TRAJETÓRIAS DE VIDA - A PERSPECTIVA DO PERCURSO DE VIDA.....	19
1.1. PRESSUPOSTOS E ELEMENTOS DE ANÁLISE DA SOCIOLOGIA DO PERCURSO DE VIDA ...	19
1. 2. A PERSPECTIVA DE ANDREW ABBOTT	22
1.3 TRAJETÓRIAS E <i>TURNING POINTS</i>	26
1.4. VANTAGENS CUMULATIVAS E DESVANTAGENS ACUMULADAS	30
CAPÍTULO 2: COMPREENDENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA: A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE	33
2.1. O CONCEITO DE JUVENTUDES E AS SUAS MÚLTIPLAS FORMAS	33
2.2. A NOÇÃO DE CICLO DE VIDA.....	40
2. 3. A PERCEPÇÃO DOS JOVENS SOBRE A REALIDADE SOCIAL	43
CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3. 1. A COLETA DE DADOS E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	49
3. 2. AS CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES	52
3. 3. O LUGAR DE ONDE EU FALO	56
3. 4. A MINHA RELAÇÃO COM OS ENTREVISTADOS.....	59
3. 5. A TRAJETÓRIA DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	61
3.6. ANÁLISE DOS DADOS.....	62
CAPÍTULO 4: O CONTEXTO DA PESQUISA.....	63
DADOS DO SUL DE MINAS	63
OS DADOS DO MUNICÍPIO	66
CAPÍTULO 5: AS RELAÇÕES ENTRE PERCURSO DE VIDA E DESIGUALDADE INSTITUCIONAL.....	78
5.1. AS ESCOLAS.....	78
5.1.1. Hélder, a permanência patrocinada e a má fé institucional	92
5.1.2 . As experiências escolares dos jovens da zona rural e as características culturais	96
5.1.3. Conclusão da seção sobre as escolas	99

5.2. O MERCADO DE TRABALHO EM CAMPESTRE	100
5.2.2. As trajetórias de mercado de trabalho dos jovens.....	108
5.2.3. O percurso de vida de um desempregado de longo tempo	112
5.2.4. O percurso de Vicente	119
5.2.5. O trabalho familiar e a permanência no mercado de trabalho.....	124
Conclusão da seção sobre Mercado de Trabalho	127
5.3. O PROCESSO DE EMIGRAÇÃO	129
5.3.1. O Processo de Saída.....	129
5.3.1.1. Os tipos de emigrantes	130
5.3.1.2. A emigração motivada pela educação.....	130
5.3.2. Migrantes motivados a trabalho	143
5.3. 4. Os Motivos Pessoais da Emigração	148
5.3. 5. A falsa dicotomia entre emigrantes e não emigrantes.....	150
5.3.6. O que querem os que ficam?	151
Conclusão sobre o processo de emigração.....	154
5.4 OS JOVENS DE AÇÕES SOCIALMENTE REPROVADAS E A RELAÇÃO COM A POLÍCIA	155
A Interação juventude e polícia.....	170
Conclusão sobre a relação com a polícia	172
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	173
CAPÍTULO 6:OS BEM-SUCEDIDOS NA ESCOLA, OS TRABALHADORES DISCIPLINADOS E OS JOVENS INFRATORES	176
6.1. OS BEM-SUCEDIDOS NA ESCOLA	177
6.1.1. Os Bem-Sucedidos na escola: os estudantes de ensino superior.....	180
6.1.2. Os Bem-sucedidos na escola: os pré-universitários	184
6.1.3. Os Bem-Sucedidos na escola: Os sem planos de ingressar na universidade	191
6.2. OS TRABALHADORES DISCIPLINADOS.....	194
6.3. OS JOVENS INFRATORES	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
REFERÊNCIAS	211

ANEXO.....	217
ROTEIRO DE ENTREVISTA	217

Introdução

Utilizando-se o método de narrativas biográficas, tendo por casos vinte jovens de 18 a 24 (com uma concentração entre aqueles de 18 a 20 anos) de uma cidade pequena do sul do estado de Minas Gerais, esta pesquisa mostra os diferentes processos pelos quais as desigualdades sociais em diversos campos - escola, mercado de trabalho, condições de emigração e relação com a polícia - se desenvolvem nas instituições do ambiente empírico da pesquisa e analisa as formas pelas quais as desigualdades se formam ao longo dos percursos de vida, de modo a configurar percursos de vida distintos em jovens com origens sociais parecidas.

A questão que norteia este trabalho é como jovens do sexo masculino, nascidos ou criados numa mesma cidade pequena, de origens socioeconômicas relativamente parecidas, com acesso aos mesmos espaços e instituições, seguem percursos de vida distintos. As frases “*em condições socioeconômicas relativamente parecidas*” e “*com acesso aos mesmos espaços e instituições*” serão amplamente discutidas ao longo deste trabalho. O objetivo geral é compreender como jovens de uma mesma origem social apresentam destinos observados ou potenciais distintos. Os objetivos específicos são: 1) Compreender a influência do contexto na maneira como se processam as trajetórias de vida no ambiente empírico da pesquisa; 2) Identificar os elementos que os levam a seguir trajetórias distintas; 3) Analisar trajetórias de vida individuais para compreender como eventos, contingências e pontos de virada se processam.

Nesta dissertação, utiliza-se um quadro analítico no qual os percursos de vida de jovens são observados segundo a influência do contexto geográfico e social no qual os atores sociais foram criados e na perspectiva de que para se compreender as desigualdades atuais e potenciais é preciso observar as experiências passadas, as contingências ao longo da vida e as sequências de eventos. Assim, este trabalho aborda as trajetórias de vida de maneira situada, o que significa pressupor que o ambiente social e geográfico, aí incluídos os espaços sociais (praças, parques, as características do deslocamento pessoal e outras condições geográficas) e as instituições locais (a escola, o mercado de trabalho e a relação com a polícia) criam condições específicas para o desenrolar dos percursos de vida. Isso coloca como consequência a necessidade de se compreender as desigualdades sociais sob um âmbito local, analisando detalhadamente o contexto e as suas influências.

Na literatura sociológica brasileira, ao tratar do tema de variações nos percursos de vida de jovens de mesma classe social, a ênfase geralmente é sobre o *habitus* individual e na instituição escolar. Segundo essa literatura, as experiências nos lares das classes populares, na maioria das vezes, contradizem com as exigências escolares, o que resulta no fracasso escolar. Os casos de sucesso escolar acontecem quando o ambiente familiar cria disposições que se alinham com as exigências escolares. Essas disposições se formam segundo eventos recorrentes vivenciados principalmente na infância, tais como a maneira como a família gera o seu tempo, o ambiente moral no domicílio, a presença da linguagem escrita em forma de recados e anotações, o hábito dos pais em ler revistas e jornais, dentre outros processos.

Esta pesquisa dialoga com essa literatura, buscando identificar outros elementos além do *habitus* que configuram percursos de vida distintos. Os elementos identificados são: processos de formação de identidades (como rótulos, carreira moral e efeito dos pares), o capital social, o funcionamento das instituições sociais e as consequências de longo prazo de eventos não recorrentes. Uma contribuição desta pesquisa é identificar o processo de controle de trajetórias. Isto é, ao longo do percurso de vida, os jovens lidam com eventos que podem alterar a sua trajetória, como separação dos pais, falecimento de familiares, reprovações escolares e conflitos com professores, que podem resultar em consequências socialmente indesejáveis, como o fracasso escolar ou o ingresso em atos infratores. Algumas famílias têm a capacidade de controlar a trajetória de seus filhos de modo a evitar prováveis efeitos indesejados de certos eventos.

Além de identificar esses elementos, esta pesquisa pretende compreender *como* eles operam no contexto estudado.

O quadro analítico utilizado tem duas características principais. Em primeiro lugar, trata os percursos de vida segundo sequências de eventos. Nesse sentido, a duração dos eventos, o momento em que eles ocorreram e a ordem temporal são aspectos chaves da análise. Em segundo lugar, utiliza-se uma abordagem explicativa condicional. Explicar segundo essa abordagem significa que uma boa hipótese é descrita nos seguintes termos “Quando X ocorre, se Y se seguirá dependerá de W” (Small, 2009, p. 23). Um exemplo pode ser extraído da pesquisa de Bernard Lahire, que resultou no livro “*Sucesso escolar nos meios populares*” (1997). A hipótese central de Lahire é que “Quando uma criança nasce numa família de origem popular (X ocorre), se ela terá sucesso escolar (Y se segue) dependerá das disposições formadas na infância (W)”. Nos capítulos 1 e 2 abordo o quadro analítico de maneira mais minuciosa.

Na literatura sociológica brasileira, em larga medida, os autores se assentam em fatores, categorias e generalizações. Esta pesquisa observa processos, combinações e condições. O foco central não são nos fatores que influenciam certos percursos, mas sim em como certos percursos se desenvolveram ao longo do tempo. Não se pretende estudar o efeito isolado de classe social, mas as interações entre classe social, “raça”, sexo, local de residência, configuração familiar e idade. Considera-se que a experiência de pertencer à classe popular varia de acordo com as combinações com outras categorias. Por exemplo, ser de origem popular e morar na zona urbana é diferente de ser de origem popular e morar na zona rural, apesar de haver algumas semelhanças. Não se pretende supor que os dados observados no contexto da cidade estudada se apliquem a todas as cidades pequenas no Brasil ou no mundo, nem se pretende identificar processos que independem do contexto estudado. Os dados desta pesquisa se referem a Campestre-MG, mas espera-se que essas observações se reproduzam em contextos com condições geográficas, sociais, econômicas e institucionais semelhantes. A contribuição teórica desta pesquisa, segundo uma perspectiva condicional e contextual - e dado que a maioria das pesquisas sobre o tema são realizadas em cidades grandes -, consiste em discutir em que medida o que se observa em outros contextos se aplica ao caso de Campestre e como o que se observa nesse contexto joga uma nova luz sobre o que acontece em outros lugares.

O problema de pesquisa somente foi elaborado no último semestre do mestrado. Inicialmente, planejava estudar discriminação racial em um bairro pobre de Porto Alegre. Em seguida, por influência de meu orientador e de algumas outras pessoas, resolvi estudar o racismo no contexto de uma cidade pequena em Minas Gerais, a partir das narrativas de jovens. Foi com esse problema em mente que realizei as vinte entrevistas narrativas. Durante a análise dos dados, no mês de junho do segundo ano do mestrado, decidi deixar de estudar o racismo para estudar as variações nos percursos de vida de jovens de mesma origem social, por considerar que a qualidade dos dados sobre o último problema era melhor do que em comparação com o primeiro.

Seis capítulos compõem a presente dissertação. O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico. Esta pesquisa insere-se dentro da literatura sobre percurso de vida, a qual oferece um quadro conceitual para a compreensão das narrativas biográficas a partir dos eventos que as constituem. No segundo capítulo, trato da literatura sobre juventudes, com enfoque nas distintas experiências dessa fase da vida e na noção de ciclo de vida. Em seguida, apresento a metodologia empregada. No quarto capítulo, apresento os dados socioeconômicos do sul de Minas

e de Campeste. No quinto capítulo, as escolas, o mercado de trabalho, o processo de emigração e a relação com a polícia são analisados a fim de identificar a influência das instituições sociais sobre os percursos de vida. No mesmo capítulo, as trajetórias individuais são analisadas para identificar as interações na relação entre desigualdade institucional e eventos que compõem o percurso de vida. No último capítulo, agrupo as trajetórias em três categorias: bem-sucedidos na escola, trabalhadores disciplinados mal-sucedidos na escola e jovens infratores, para analisar as semelhanças e as diferenças entre as categorias e entre os indivíduos classificados dentro de cada categoria.

Capítulo 1: Modelos Analíticos para a Compreensão de Trajetórias de Vida - A Perspectiva do Percurso de Vida

A principal preocupação deste trabalho é tratar da *história contada* pelos jovens, isto é, a ênfase analítica recai sobre os eventos narrados nas entrevistas, em detrimento do *ato de contar a história*, que focaria nos elementos narrativos da história. O *ato de contar a história* é centrado na seleção dos eventos narrados, no enredo, na audiência esperada pelo entrevistado e na coerência conferida à história no momento da narrativa. Enfatizar *história contada*, por sua vez, implica centrar a análise na ordem, na recorrência e na duração dos eventos narrados (Wengraf, 2006). Assim, optou-se por empregar um quadro analítico que oferecesse um arcabouço conceitual para analisar as entrevistas narrativas segundo os eventos e sequências que compõem a história de vida dos jovens entrevistados. O objetivo deste capítulo é apresentar o quadro analítico utilizado nesta pesquisa.

1.1. Pressupostos e Elementos de Análise da Sociologia do Percurso de Vida

A sociologia do percurso de vida tem uma “*perspectiva*”, pois oferece um conjunto de orientações e ferramentas analíticas para analisar as inter-relações entre os eventos que compõem o percurso de vida (Mayer, 2009). É uma forma “objetivista” de reconstruir a estrutura diacrônica de eventos e situações. Essa perspectiva pode ser adotada para responder a diferentes questões empíricas. Récio (2009) adota-a para analisar as práticas de sobrevivência e melhoria de vida entre moradores de uma favela de São Paulo-SP. Pimenta (2007) utiliza essa perspectiva a fim de compreender a transição para a vida adulta entre pessoas que já passaram ou estão passando por essa fase na capital paulista. No contexto europeu, Brannen e Nilsen (2011) estudam os efeitos dos diferentes regimes de bem-estar social sobre o percurso de vida de pessoas de diferentes países. Nos EUA, Colen (2011) pesquisa a desigualdade racial no domínio da saúde sob a ótica de como as desigualdades observadas na vida adulta podem ser explicadas pelas experiências passadas.

Assim, a perspectiva do curso de vida comporta diferentes desenhos de pesquisa. Ela pode ser empregada tanto para a análise de um ponto final - como a pobreza na vida adulta -, de uma fase da vida - a transição para a vida adulta -, com o enfoque em um domínio específico - as condições de saúde -, ou pelos efeitos de fatores externos (os diferentes regimes de bem-estar

social). Nesta pesquisa, o controle é realizado pelo ponto inicial. Os jovens pesquisados têm em comum o fato de terem uma mesma origem social e de terem sido criados em uma mesma cidade pequena onde compartilham os mesmos espaços e instituições.

Os pressupostos analíticos dessa perspectiva são os seguintes:

1) Experiências anteriores têm um forte impacto sobre os resultados futuros. As mudanças nas vidas humanas são consideradas em um longo período de tempo, tais como as relações entre as experiências na infância e a entrada no mercado de trabalho;

2) Os percursos de vida devem ser estudados de maneira comparativa. É empregada uma lógica comparativa a fim de identificar os efeitos das diferentes condições sociais sobre os percursos de vida;

3) Os diferentes domínios da vida têm efeitos uns sobre os outros. Isso significa, por exemplo, que as experiências escolares afetam a inserção no mercado de trabalho ou, alternativamente, que as experiências na família influenciam as experiências na escola;

4) Da mesma forma, experiências anteriores afetam experiências posteriores dentro de um mesmo domínio. Por exemplo, experiências nos primeiros anos da escola têm efeitos sobre as chances de ingresso no ensino superior;

5) O desenvolvimento do percurso de vida é decorrente de características individuais e da agência, bem como de enquadramentos culturais e de condições institucionais e estruturais (isso será explorado mais adiante);

6) As vidas humanas se desenrolam em contextos coletivos, tais como família, coortes e grupos de amigos. Isso implica observar os atores sociais sempre em relação com outros atores (Mayer, 2009; Verd e Andreu, 2011).

Verd e Andreu (2011) identifica cinco principais fatores que moldam o percurso de vida: a localização no tempo e no espaço, os laços sociais com os outros, a agência individual, as variações no momento de ocorrência e no tempo de exposição dos eventos chaves e, por último, o desenvolvimento da trajetória. A localização no tempo e espaço diz respeito ao fato de que a experiência pessoal e as formas pelas quais o percurso de vida se desenrola depende da situação do indivíduo em termos históricos e culturais. Ter os laços sociais com os outros significa que as vidas são conectadas. A ação dos indivíduos acontece na interação com os outros atores sociais. Um exemplo de vidas conectadas pode ser entendido pelas relações entre pais e filhos. O indivíduo e aqueles com os quais interage são reciprocamente influenciados. Com a agência humana, pretende-

se dizer que as pessoas tomam decisões de maneira ativa em contextos de constrangimentos e oportunidades. Refere-se à atitude ativa do indivíduo de moldar a sua própria biografia. Finalmente, o desenvolvimento da trajetória denota que o desenvolvimento dos percursos de vida só pode ser compreendido segundo um longo período de tempo.

Além dos elementos já citados, Heinz e Krüger (2001) afirmam que os padrões culturais e as instituições são elementos centrais para a compreensão dos percursos de vida. Os padrões culturais referem-se às formas disponíveis pelas quais os indivíduos interpretam as suas situações. A cultura, de acordo com o interacionismo simbólico (McCall e Wittner, 1990), é definida como uma compreensão compartilhada de situações comuns e de formas consensuais de se agir sobre essas situações. É uma forma de significação das quais os indivíduos lançam mão a fim de dar coordenadas às suas atividades. McCall e Wittner (1990) afirmam que o planejamento do percurso de vida somente é possível se os atores sociais adotarem enquadramentos culturais e regras institucionais. Nesta pesquisa, uma forma observada de significação cultural é a definição sobre a vida em cidades grandes. As cidades grandes, por um lado, podem ser definidas de maneira positiva, como um espaço onde é possível manter variados estilos de vida, onde há um conjunto de oportunidades de emprego maior do que numa cidade pequena e onde a infraestrutura de comércio e serviços é maior do que nas cidades pequenas. Por outro lado, as cidades grandes podem ser definidas de maneira negativa, como um lugar agitado (em oposição à tranquilidade do interior), habitadas por pessoas pouco amistosas e com alta incidência de criminalidade. A forma pela qual os jovens definem o espaço das grandes cidades pode ter consequências para as decisões que tomam no que diz respeito à emigração.

Um dos conceitos empregados para compreender como os atores sociais agem de acordo com os enquadramentos culturais é o de carreira moral de Goffman (1988). A carreira moral é definida como os estágios de aquisição ou perda de honra e o respeito que os indivíduos adquirem das outras pessoas ao passar pelos diferentes mundos sociais. É uma forma de o indivíduo mostrar para a sociedade que ele é digno de reconhecimento. Por exemplo, um indivíduo mal adaptado ao ambiente escolar pode rejeitar essa instituição e se inserir em contraculturas a fim de criar uma identidade onde, de alguma forma, consiga respeito e admiração pelos seus pares.

Em relação às instituições sociais, Heinz e Krüger (2001) afirmam que cada sociedade possui instituições de triagem (*sorting institutions*). Essas instituições criam oportunidades e constrangimentos para a construção das trajetórias de vida. As instituições contribuem para o

surgimento e manutenção das desigualdades sociais de diferentes formas. No contexto em que os jovens entrevistados vivem, a escola é um exemplo de instituição de triagem, pela permanência no ensino básico e ingresso ao ensino superior. Além da escola, o mercado de trabalho é uma instituição de triagem pela decisão dos empregadores, pelo modo como circulam as informações sobre emprego e pela inexistência de métodos impessoais de contratação de empregados.

1. 2. A Perspectiva de Andrew Abbott

Alguns conceitos centrais compõem a perspectiva do curso de vida. São eles: pontos de virada, eventos críticos, trajetórias, transições, estágios, dentre outros. Esta pesquisa irá adotar a teoria de Andrew Abbott, que basicamente utiliza os conceitos de trajetória, pontos de virada, sequência e eventos.

Abbott discute amplamente com a Metodologia dominante na literatura estadunidense – o modelo centrado em variáveis - que concebe a realidade social em entidades fixas com qualidades variáveis (p.183). Nessa Metodologia, a causalidade é atribuída às variáveis, em vez de ser atribuída aos agentes. Nesse sentido, são as variáveis que fazem as coisas, não os atores. Assim, segundo essa Metodologia, a narrativa - compreendida num sentido lato de processo, de abordagens baseadas em ações e em histórias (*stories*) - resume-se nas justificativas das relações entre as variáveis. Frases como “*educação causa sucesso ocupacional*” (p.186) retiram da realidade a atividade humana, explicando a realidade a partir de “forças causais”. As narrativas contingenciais são impossíveis (Abbott, 2001)

O propósito de Abbott (2001) é tornar a narrativa, em seu sentido lato, como fundamento da Metodologia sociológica. Abbott traça algumas questões teóricas a respeito das narrativas. Nos trabalhos iniciais, esse autor propôs três principais propriedades da história. A primeira era o encadeamento (*enchainment*), definido como a natureza da ligação narrativa dos seus elementos. A segunda era ordem, isto é, o grau pelo qual a história pressupunha uma ordem particular e exata de eventos. A terceira era convergência, ou seja, o grau pelo qual uma sequência se aproximava de um estado estável. Nos estudos posteriores, Abbott concentra-se na propriedade da ordem, com uma particular preocupação com relação ao problema da sequência (que será tratado mais adiante).

Abbott coloca alguns problemas teóricos centrais às narrativas: o problema processo de entidade (*entity process*), dos eventos, das ocorrências, das múltiplas estruturas de enredo, da relação entre passado e futuro e do horizonte temporal¹.

O problema dos processos de entidade diz respeito ao tratamento das questões demográficas e biológicas dentro do quadro das narrativas. Esse processo refere-se à mudança do caso em si mesmo. No caso do curso de vida, pode ser exemplificado pela capacidade de procriação no momento da transição da infância para a juventude. Esse problema aplica-se, em maior medida, às análises das instituições. Um exemplo são as mudanças que uma empresa tem de lidar pela mudança de pessoal devido às aposentadorias e novas contratações.

Uma segunda classe de questões teóricas reside na questão dos eventos. Os eventos são compostos por um conjunto de “acontecimentos” ou de ocorrências, como Abbott prefere chamar. As questões referentes a esse problema dizem respeito à duração e sobreposição dos eventos e às inúmeras formas como um conjunto de “acontecimentos” podem estar inseridos de diferentes formas num enredo. Os eventos colocam como elemento central na abordagem das narrativas o conceito de ordem, compreendido como ordenamento de sequências, não como estrutura de regras ou de relações previsíveis.

Como os eventos são compostos por ocorrências, uma variedade de questões coloca-se entre esses dois níveis. A principal delas é o problema de decidir como as partes da estória se juntam, uma vez que os eventos têm duração e se sobrepõem. Um segunda questão que o pesquisador tem de analisar é o problema de mensuração, em perguntas sobre quais são os ocorrências cruciais para que um dado evento x tenha acontecido.

Um quarto conjunto de problemas é acerca das múltiplas estruturas de roteiro. Todos eventos têm múltiplos antecedentes e múltiplas consequências. Os eventos ocorrem na forma de redes extensas, que se conectam entre si. As narrativas variam de acordo com a dependência com relação às redes de eventos. Algumas narrativas se desenvolvem de forma relativamente independente das outras ao seu redor, chamadas de *stage processes*, enquanto outras são mais dependentes das narrativas do ambiente. Uma terceira forma de narrativas é aquelas narrativas que

¹ Não será tratado em detalhe o tratamento de Abbott sobre todas essas questões, pois quero focar-me principalmente nos conceitos desse autor utilizados para a análise dos percursos de vida. Explicitar esses problemas serve como um pano de fundo para a compreensão das questões centrais para a presente pesquisa.

interagem com outras narrativas, criando constrangimentos de maneira mútua. Um problema a respeito disso é a delimitação do caso a ser estudado. Se tomarmos um evento como uma Guerra Mundial, por exemplo, logo nos deparamos com o fato de que esse evento possui inúmeros antecedentes e consequências. Torna-se uma questão para o pesquisador decidir os contornos do problema.

Os eventos são uma função do contexto presente e dos contextos passados. Essa assertiva é esmiuçada mais adiante.

Um último problema teórico é o de representar formalmente processos que envolvem sequências contingenciais múltiplas que se movem em velocidades diferentes. Esse é o problema do horizonte temporal. Uma mesma narrativa depende de diferentes eventos que se desenvolvem uns em meses, outros em anos, em décadas ou em períodos ainda maiores. Esse problema é central na análise de instituições, uma vez que as instituições dependem das decisões diárias dos seus membros, da mudança do pessoal - que acontece em anos-, das regras, normas e enquadramentos culturais que demoram até décadas para mudar.

Os eventos de uma narrativa compõem as sequências. Tratar das sequências implica tratar do ordenamento dos eventos, um dos problemas centrais na teoria de Abbott. Sequência é definido simplesmente como uma lista ordenada de elementos (Abbott, 1995). Os elementos de uma sequência são eventos, tirados de um conjunto de todos os eventos possíveis em um conjunto de sequências – o universo dos eventos.

As sequências possuem algumas propriedades:

1) Os eventos de uma sequência podem ser únicos ou podem se repetir. No primeiro caso, tratam-se de eventos não recorrentes e no segundo de eventos recorrentes. Eventos não recorrentes, em relação ao curso da vida, são o nascimento, o casamento (em alguns casos) e a morte de uma pessoa. Eventos recorrentes podem ser exemplificados pela ida diária a uma escola;

2) As sequências podem ter dependência entre os seus estados. Isso significa, na sua forma mais simples, que um elemento da sequência é função dos elementos anteriores;

3) Podem existir níveis variados de dependência entre as várias sequências. Pode haver sequências em que a ocorrência de um evento em uma sequência impede a ocorrência de um evento em outra sequência. Um exemplo é a ocupação de determinados cargos. Só pode haver um presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia por vez. Assim, o fato de alguém ocupar esse cargo impede a sequência de eventos de outras pessoas, que não poderão ocupá-lo;

4) A sequência pode ser estudada por si mesma ou como variável dependente ou independente. Estudar a sequência por si mesma significa analisar os padrões de um conjunto de sequências. Tomar a sequência como variável dependente ocorre quando queremos explicar as diferentes sequências de comportamento, o que é feito nesta pesquisa. A sequência como variável independente significa tomar as sequências como preditor de um resultado, como prever o desemprego dadas as sequências anteriores de emprego. Tratar a sequência como dependente é perguntar-se de onde os padrões vieram e tratar como independente é questionar-se para onde vai a sequência (Abbott, 1995).

Abbott explicita dois tipos de métodos para analisar os padrões de sequências inteiras. O primeiro é o método algébrico. O objetivo desse método é reduzir cada sequências para a forma mais simples e então tratar todas as sequências com as mesmas "formas mais simples" sob o mesmo título. O objetivo do analista, neste caso, é criar sequências típicas. Assim, pensaríamos na típica sequência de um delinquente ou na típica sequência de um jovem de classe popular bem-sucedido na escola. O segundo método é o métrico. Pelo método métrico, o analista cria uma medida de semelhança entre qualquer par de sequência. Depois, essas distâncias são submetidas a um método de classificação padrão, como *clustering* ou escalonamento. Abbott desenvolveu um método de análise métrica com base nas análises de sequência das ciências naturais, chamado de "*Optimal Matching Analysis*". Nesse caso, em vez de se pensar em sequências típicas que simplificam os dados observados, o analista centra o foco na elaboração de padrões de sequências a partir das distâncias entre as sequências, formando algo que Abbott afirma como um tipo ideal (Abbott, 1995 e Abbott e Hrycak 1990).

Os eventos de uma sequência são ordenados e a ordem desses eventos importa para a análise. Ter um mal relacionamento com o padrasto durante a infância é diferente de ter um mal relacionamento com o mesmo durante a vida adulta, quando a pessoa possui mais recursos financeiros e maturidade para lidar com a relação. Da mesma forma, a duração é relevante. Contudo, no que diz respeito à duração, é preciso levar em consideração o significado dessa duração. Não se deve assumir que o simples fato de um evento ter longa duração em termos de tempo real signifique necessariamente que seja mais importante do que eventos de curta duração em termos de tempo real. Deve-se também considerar a diferença de tempo entre os eventos de maneira relacional. A diferença de duração entre quatro e dois anos pode ser mais relevante para a explicação de uma sequência do que a diferença de vinte e dezoito anos.

1.3 Trajetórias e *Turning Points*

Dentro da teoria sobre narrativas de Abbott, na sua discussão direta com a teoria do percurso de vida, dois conceitos são centrais: trajetórias e pontos de virada (*turning points*). A discussão sobre esses conceitos insere-se no problema de finalidade, de certeza e de resultado implicado (Abbott, 2001, p.243). Segundo Abbott, o conceito de pontos de virada é um conceito narrativo, pois tem referência a dois pontos no tempo, já que para um conceito ser definido como narrativo é preciso que faça referência a mais de um ponto no tempo.

Os pontos de virada interrompem padrões regulares nas trajetórias de vida. *São definidos como mudanças curtas e consequentes que redirecionam um processo* (Abbott, 2001, p.258). Nem todas as mudanças podem ser consideradas pontos de virada. Somente assim o são aquelas que sucedem um novo regime.

É na relação entre padrões regulares e coercivos que se distinguem pontos de virada e trajetórias. *As trajetórias são constituídas de episódios da vida com capacidade de se autorregenerar e de se autopropetuar.* As trajetórias são inerciais e coercivas. Elas colocam constrangimentos nas variações dos percursos de vida. As estruturas de ações de uma trajetória limitam as possibilidades de seguir percursos alternativos. Abbott coloca o exemplo de um curso de pós-graduação. Uma vez que alguém ingressa num programa de pós-graduação, essa pessoa entra numa trajetória estável constituída por disciplinas, exames e o trabalho da dissertação ou tese. Fazer a pós-graduação estabelece uma rotina de atividades, estável durante certo período, a qual abre pouca margem para mudança. A pós-graduação limita as variações internas com uma enorme quantidade de inércia.

Os pontos de virada, por outro lado, mudam o rumo dos percursos de vida de forma relativamente abrupta. Ao término de um mestrado, por exemplo, muitos estudantes enfrentam pontos de virada, tendo de decidir entre continuar na pós-graduação, ingressar no mercado de trabalho ou fazer outra coisa da vida.

Portanto, as trajetórias e os pontos de virada são altamente programados nas instituições sociais. Contudo, os pontos de virada também podem acontecer a partir de choques internos, sem depender das instituições, como no caso de um jovem, desta pesquisa, que decidiu por conta própria abandonar o vício em drogas ou em episódios de gravidez e matrimônio.

Um conceito útil para se compreender o processo de *manutenção de trajetórias* é o de ajuste às situações de Howard Becker (1964). Esse autor discute as mudanças pessoais na vida adulta a partir desse conceito. Ajuste às situações é definido como o processo no qual a pessoa, ao passar por diferentes situações sociais, aprende as exigências para continuar em cada situação e para ser bem-sucedida nelas (p.285). Esse conceito serve tanto para compreender o aprendizado de determinados papéis sociais (como se tornar um bom detento, por exemplo, na perspectiva dos outros detentos), como também em situações do dia a dia, como no aprendizado necessário para conseguir manter uma boa compostura num encontro amoroso. Segundo Becker, os interesses das pessoas dentro das instituições oferecem incentivos para que elas ajam de acordo com as expectativas. Ele cita o exemplo dos estudantes universitários dos Estados Unidos. Apresentar notas altas traz uma série de benefícios tanto para as consequências imediatas quanto para o sentimento de habilidade e de eficácia pessoal. A estrutura de uma universidade coage a percepção de que ter boas notas é importante porque de fato o é. Ter boas notas permite continuar na universidade, ter o respeito dos professores e dos pares e ingressar em certas repúblicas.

O ajuste às situações pode acontecer tanto de maneira individual quanto coletiva. Quando uma coorte de novos estudantes em um curso universitário ingressa, os novos alunos, coletivamente, têm de responder à nova situação. Nesse caso, é mais fácil haver um “desajuste”, uma situação na qual o grupo deixa de seguir os padrões exigidos pela instituição, pois as interações entre aqueles menos socializados podem oferecer diferentes respostas às exigências das instituições.

Existem casos negativos em que as pessoas não seguem os valores e as exigências das instituições. Isso ocorre, segundo Becker, pelo fato de as instituições fornecerem experiências diferentes aos seus membros. A experiência universitária é diferente segundo o gênero, a idade e o local de residência. Nesta pesquisa, observa-se que as experiências escolares são diferentes a depender da renda. Um estudante que precisa solicitar frequentemente o material escolar para a direção passa por certos constrangimentos emocionais diferentes daqueles que compram o seu próprio material escolar.

Além do fato de que as pessoas mudam a depender da situação, é preciso considerar como que é mantida a consistência de comportamento em diferentes situações. Becker (1964) usa o conceito de comprometimento para descrever esse tipo de ação. O conceito de comprometimento refere-se às consistências nas ações de uma pessoa em situações variadas (p.284). Esse conceito

permite compreender por que alguns possíveis pontos de virada não ocorrem. Uma pessoa pode se recusar a mudar de cidade, no caso da pesquisa em questão, ou pode rejeitar uma oferta de emprego. Ela pode evitar um divórcio, situação que provocaria um provável ponto de virada. O comprometimento às situações pode se relacionar ao conjunto de recompensas de se manter numa mesma posição. No caso de um jovem que emigra de uma cidade pequena, sair da cidade pode significar ter acesso a empregos e estilos de vida ausentes na localidade. Contudo, ao mesmo tempo, ele poderá ter apego à família, aos amigos e aos espaços locais que frequenta, o que faz com que a pessoa evite a mudança. Esse comprometimento pode ser deliberado ou ser suscitado apenas quando o indivíduo tem de enfrentar situações que o colocam à prova. Como Becker afirma, por vezes, pode-se pensar as trajetórias instáveis de um indivíduo como resultado da falta de comprometimentos. Um jovem infrator, por exemplo, pode apresentar uma vida errática precisamente por não ter assumido os compromissos familiares e econômicos da vida adulta (Becker, 1964).

Os pontos de virada distinguem-se dos eventos aleatórios e de pequenos distúrbios (*ripple*) para Abbott (2001). O que faz com que o um ponto de virada se distinga dos eventos aleatórios e dos pequenos distúrbios é que os pontos de virada estabelecem trajetórias com uma duração suficiente para tornar claro que a direção das trajetórias mudou. As trajetórias que os pontos de virada separam diferem em direção (nesse caso é feita uma analogia com as funções matemáticas e as mudanças na inclinação das curvas), ou em natureza (a natureza de uma trajetória pode ser estável ou aleatória).

A conceitualização de um ponto de virada tanto pode estar relacionada a um ponto de vista estrutural da vida social quanto às ações individuais. Em relação ao primeiro, os pontos de virada são determinados pelos constrangimentos, pelas disponibilidades de vagas para desenvolver uma carreira (e.g., existe um número restrito de vagas em cursos de Medicina no Brasil, por exemplo) e pela chance. Analisar os pontos de virada sob a agência individual implica analisar os comprometimentos e os ajustes às situações dos atores com as ações.

Abbott (2001) elabora alguns tipos de pontos de virada: os pontos de virada focal (*focal turning point*), os pontos de virada de aleatorização (*randomizing turning point*), e os pontos de virada contingenciais (*contingent turning point*). Os pontos de virada, como o próprio nome diz, são pontos com início e fim. O ponto de virada focal é aquele que separa uma trajetória aleatória e incerta de uma trajetória estável e regular. O ponto de virada de aleatorização, por sua vez, separa

uma trajetória estável e regular de uma trajetória aleatória e incerta. Um exemplo de pontos de virada focais é o da trajetória comum de muitos jovens delinquentes para um “comportamento bem-ajustado”. Os indivíduos passam de uma trajetória aleatória - marcada por criminalidade ocasional, experiências profissionais intermitentes e sucessões de redes de amizade – para uma trajetória estável em torno de um emprego, um cônjuge, um estilo de vida. Como Abbott escreve, alguns autores têm considerado um tipo de ponto de virada focal em que o resultado é uma função da sequência específica ou do tipo de eventos dentro do ponto de virada. O ponto de virada contingente é aquele em que o resultado é dependente dos eventos ao longo da sequência interna. Um exemplo é a história de gangues, em que a transformação de um grupo de jovens nesse tipo de associação segue uma série de eventos com resultados contingenciais.

Uma questão que se coloca a respeito dos pontos de virada é como esse conceito é definido. Segundo Abbott, uma parte da literatura sobre percurso de vida afirma que pontos de virada são aqueles eventos definidos como tais pelos próprios respondentes. Definir um ponto de virada pode ser realizado tanto tratando o dado como um “fato social”, de maneira objetiva - ou seja, analisando as mudanças de trajetória dentro da história contada - quanto interpretando a consciência humana. Os pontos de virada são centrais para compreender a maneira como os sujeitos contam as suas próprias histórias. Entretanto, não há necessidade de interpretação para a existência de muitos pontos de virada. Muitos deles existem em si mesmos, não havendo a necessidade de serem descobertos ou inventados.

Na teoria social de Abbott (2001), é assumido que a mudança é o estado normal da realidade social. Esse tipo de problema serve para compreender como é que os pontos de virada se iniciam. O mundo social está constantemente mudando e reformando a si mesmo. Certas partes reproduzem-se continuamente. O que deve ser compreendido é a reprodução, não a persistência (*endurance*) do mundo social. Para Abbott, é possível explicar a reprodução apesar das mudanças constantes, porém é impossível explicar a mudança como um fenômeno produzido por uma estase perpétua. Nesse sentido, o que deve ser explicado é a reprodução, a estabilidade e a constância, em vez da mudança.

O passado e o futuro somente existem na instantaneidade. As ações são tomadas no presente. A estrutura social é constantemente estabelecida na interação entre os atores sociais. Porém, o passado influencia o presente a partir da estruturação das ações. Por exemplo, extraindo um exemplo de Giddens (2009), uma universidade só é reproduzida se diariamente, as pessoas

saírem e entrarem nas suas dependências e realizarem as atividades programadas. A universidade se mantém mesmo se houver alguma variação nessas atividades. O passado está embutido na forma como cotidianamente as ações são estruturadas. A esse tipo de estruturação, Abbott chama de resiliência das estruturas.

A teoria dos pontos de virada de Abbott é inserida dentro de uma teoria que não se restringe somente na análise dos cursos de vida. Ela tenta explicar a reprodução e a mudança de estruturas sociais. Nesta apresentação, foram focados apenas os traços principais que dizem respeito à análise dos cursos de vida.

1.4. Vantagens Cumulativas e Desvantagens Acumuladas

Os percursos de vida acontecem de maneira contingencial. Não é possível prever o ponto atual da trajetória de um jovem de vinte anos apenas por características adscritas ou pelas condições iniciais de vida. Os eventos vivenciados ao longo dos percursos podem mudar a direção das trajetórias, estabelecendo “destinos” que não seriam previsíveis se somente fossem consideradas as características adscritas ou as condições iniciais de vida. Os eventos interagem entre si. As interações entre eventos, características individuais e condições de vida formam processos. Dois processos importantes para compreender os percursos de vida são vantagens cumulativas e desvantagens acumulativas.

As vantagens cumulativas referem-se a qualquer processo no qual uma posição favorável torna-se recurso para novos ganhos. Segundo DiPrette e Eirich (2006), a ideia da vantagem acumulada é que a vantagem de um indivíduo ou grupo aumenta ao longo do tempo, o que significa que as diferenças na obtenção de um ganho crescem. Esse termo foi inicialmente cunhado por Robert Merton para explicar carreiras científicas. Estudando as carreiras de cientistas, Merton observou que o sucesso excepcional de jovens cientistas tinha um impacto positivo que crescia com o tempo na carreira. Os cientistas que conseguiam reputação precocemente tinham seus trabalhos publicados mais facilmente e tinham maior número de citações do que os cientistas que escreviam trabalhos de mesma qualidade, mas que não gozavam de uma elevada reputação. Algumas vezes, as desigualdades observadas entre os indivíduos podem acontecer por sorte. O aceite de um artigo em um jornal altamente conceituado pode acontecer simplesmente pelas diferenças nos pareceristas (DiPrette e Eirich, 2006). Em competições esportivas de alto

rendimento, em casos em que os competidores têm habilidades iguais, a diferença entre quem ganha uma medalha de ouro e quem não ganha pode acontecer por detalhes contingenciais. Em processos seletivos altamente concorridos, como num vestibular para Medicina numa universidade pública de prestígio, a diferença entre os últimos aprovados e os primeiros reprovados não é resultado, na maioria dos casos, de nenhuma diferença no nível de conhecimento entre os candidatos. Nos concursos para professor nas universidades públicas brasileiras, dependendo do conteúdo de uma prova e dos critérios de avaliação, a seleção favorece um candidato. Se os critérios e os conteúdos da prova forem mudados, outros candidatos serão favorecidos.

Com o tempo, o resultado dessas vantagens acumuladas, que podem ser ou não meros resultados da sorte, cresce. Um pesquisador passa, cada vez mais, a ter seu trabalho reconhecido a cada livro publicado. O ganhador de uma medalha fica na história, enquanto os outros, não.

Deve-se sublinhar que não se deve tomar esse conceito, nem mesmo o de desvantagens acumulada como processos lineares. O que acontece na realidade são condições positivas ou negativas que podem desencadear uma *espiral* de vantagens ou desvantagens. Esses mecanismos podem ser atenuados ou anulados, a depender da situação (Récio, 2010).

Além do elemento da sorte, a vantagem cumulativa pode estar relacionada às vantagens ao longo das trajetórias em relação ao acesso às instituições. No Brasil, algumas escolas privadas apresentam um corpo discente de elevado nível socioeconômico e com disposições voltadas para o estudo, professores capacitados e uma infraestrutura física de laboratórios e de atividades acadêmicas e recreativas altamente desenvolvida. Essas condições favorecem a aquisição de capital social e capital cultural que preparam os alunos para concorrer às vagas mais disputadas nas universidades. Ao ingressar nos cursos mais disputados das melhores universidades, essas pessoas reforçam as suas vantagens iniciais e acabam se inserindo nos postos mais prestigiados no mercado de trabalho.

A literatura sobre vantagens cumulativas insere-se nas mais diversas áreas da sociologia. É um conceito empregado na área de sociologia da ciência, da educação, do mercado de trabalho, da saúde, da família, dentre outras. Basicamente, todo problema que lida, de algum modo, com questões de desigualdade social apresenta evidências de processos de vantagens cumulativas (DiPrette e Eirich, 2006).

O conceito de acúmulo de desvantagens é similar ao de vantagens cumulativas, mas se refere a um processo inverso – gerador de desvantagens. Pode ser observado, por exemplo, no

conjunto de condições que contribuem para a permanência na pobreza, como a falta de redes sociais, a monoparentalidade, o elevado número de filhos em idade não produtiva, o racismo, dentre outros fatores (Récio, 2010). Outro exemplo em que se observam desvantagens acumuladas é em relação à discriminação racial. Nesse caso, por exemplo, o impacto da discriminação sobre o ingresso no mercado de trabalho afeta negativamente a possibilidade da geração seguinte de adquirir riqueza. Da mesma forma, a discriminação sofrida no âmbito escolar pode afetar negativamente o ingresso no mercado de trabalho (Hasenbalg, 1979).

Este capítulo apresentou referencial teórico utilizado na análise dos dados. A pesquisa insere-se dentro do quadro conceitual da perspectiva do percurso de vida, que é uma maneira “objetiva” de analisar as narrativas, em seu sentido estrito. Os conceitos de trajetória, sequências e pontos de virada são retirados do quadro conceitual de Andrew Abbott (1990,1995, 2001). Além desses conceitos, os processos de ajuste às situações e de comprometimentos de Howard Becker, de carreira moral de Goffman, de vantagens cumulativas e desvantagens acumuladas fornecem elementos para compreendermos como jovens de mesma origem social seguem percursos de vida distintos no contexto estudado.

A partir da literatura sobre percursos de vida, as seguintes questões teóricas são colocadas para esta pesquisa: Como as instituições locais afetam as trajetórias dos jovens? De que forma o ponto atual dos percursos de vida dos jovens pode ser compreendido por meio das sequências de eventos?

Capítulo 2: Compreendendo os Sujeitos da Pesquisa: A Sociologia da Juventude

Esta pesquisa trata da trajetória de vida de jovens residentes em uma pequena cidade. São jovens nascidos em um determinado contexto, de certas condições econômicas que vivenciam e narram a sua própria biografia, que fazem planos e que têm experiências próprias de sua idade. Nesse sentido, deve-se compreender o que é (são) a(s) juventude(s) e as diferentes formas nas quais se manifesta(m). O objetivo deste capítulo é revisar os pontos principais da literatura da Sociologia da Juventude que dizem respeito ao desenvolvimento do percurso de vida. utiliza os seis pressupostos analíticos da literatura do percurso de vida, aplicando-os ao caso da juventude. O capítulo está dividido em três partes. Na primeira, é feita uma discussão em torno do conceito de juventudes e das suas múltiplas formas. Em seguida, discute-se mais detidamente a noção de ciclo de vida. Por fim, trata-se da forma como os jovens interpretam a realidade social.

2.1. O Conceito de juventudes e as suas Múltiplas Formas

Dayrrel (2003) desmistifica algumas noções sobre a juventude, tratando da clássica distinção entre as literaturas de transição para a vida adulta e estudos culturais. A primeira delas é a noção de transitoriedade, que encara a juventude de uma forma negativa, como algo que ainda não veio a ser, desconsiderando as experiências, sentimentos e interesses do momento em que vivem. A segunda seria a redução da juventude a um momento de fruição, de liberdade e expressão de comportamentos exóticos. Essa última perspectiva falha ao abordar a condição juvenil² apenas como uma expressão dos finais de semana e dos momentos de atividades culturais dos jovens. A juventude para esse autor é um conceito plural, cuja condição juvenil varia segundo a classe social, a “raça”, o gênero, as identidades religiosas e as regiões geográficas. Nesse sentido, é mais conveniente utilizar o termo juventudes.

O início da juventude, segundo Dayrrel (2003), é marcado pela capacidade física de procriar, pelos sinais de menor proteção da família, pela busca de independência, dentre outros sinais

² A condição juvenil apresenta uma dupla dimensão. Refere-se, por um lado, ao significado social e as formas constituídas a esse momento do ciclo da vida. Por outro lado, diz respeito a uma situação, isto é, ao modo como essa condição é vivida segundo as diversas categorias sociais (Abramo e Branco, 2005).

corporais e psicológicos. O término da juventude varia de acordo com o contexto e o tempo histórico, mas, contemporaneamente, é demarcada, de certa forma, pelo o término dos estudos, pela saída da casa dos pais, pela entrada no mercado de trabalho, pela contração do matrimônio ou da coabitação e pela procriação.

As formas de inserção na vida adulta são fluidas, sendo possível a presença de elementos constituintes da “vida adulta” e da “juventude” nas mais variadas idades. Uma mesma pessoa pode apresentar características da “vida adulta” por um tempo (como um matrimônio ou a saída da casa dos pais), por exemplo, e deixar de apresentar essa característica algum tempo depois (Camarano e Mello, 2006).

A passagem para a vida adulta é marcada diferentemente dependendo do tempo histórico e do contexto³. Era definida, na Idade Média, pela passagem da primeira comunhão para a crisma; da aquisição do título de cavaleiro, da obtenção da idade mínima permitida para casar e da idade para ser submetido às penas ligadas às leis. Nessa época, a vida jovem era intimamente ligada à vida adulta. As imagens dessa época mostram que os jovens possuíam uma posição inferior na sociedade (Levi e Schimitt, 1996).

O que demarca a transição para a vida adulta são eventos com consequências de longo prazo, como saída da casa dos pais, término dos estudos, casamento e procriação. Esses eventos estabelecem pontos de virada focais, separando a incerteza da juventude da estabilidade da vida adulta. Contudo, as consequências de alguns eventos podem ser alteradas. A saída da casa dos pais pode ser momentânea, sendo que a pessoa pode retornar a voltar onde morava. Alguns eventos são mais difíceis de serem mudados. A procriação cria um ponto de virada com menos chances de mudar a trajetória novamente.

A condição juvenil variou ao longo dos séculos. No início da Era Moderna na Alemanha, os jovens eram guardiões das moças de sua aldeia. Eram responsáveis pela organização de festas e carnavais e zelavam pelos casos de divórcio, traição e más condutas de padres. Os atos dos jovens eram diferentes do observados atualmente, pois eram mais relacionados à jocosidade e puerilidade. Em relação aos homens, realizavam brincadeiras de barulho noturno, de pregar peças nas pessoas. Quanto às mulheres, era exercido um intenso controle sobre as suas atitudes, o que foi

³ Ter conhecimento sobre como a juventude desenvolveu-se historicamente lança um novo olhar sobre as discussões sobre se a escola faz as juventudes, sobre a definição de juventude e sobre os marcos de início e término dessa fase da vida.

reforçado pelo período de Lutero. Sempre houve conflitos intergeracionais, nos quais os jovens eram vistos como vilões da moral e dos bons costumes. Nos primórdios da Idade Moderna, os mecanismos de controle juvenil eram frágeis na aldeia. Na verdade, eram os jovens que cuidavam do controle moral do lugar. Começavam a trabalhar cedo, mas geralmente em ocupações pouco exigentes, como cuidar do pasto e realizar pequenas entregas. Os adultos observavam os jovens como aprendizes da arte da vida, sendo toleradas muitas de suas ações (Schindler, 1996).

Na Idade Moderna até a primeira metade do século XX, continua a participação dos jovens nos eventos festivos das aldeias, que passou por diversas mudanças pelas mudanças no estilo de dança, nas músicas, na iluminação do ambiente, no consumo de bens locais, dentre outros aspectos. As festas locais, na França, na maioria das regiões, eram marcadas pela Igreja, que definia a data e a comemoração, mas o restante era organizado pelos jovens. Essas festas eram ocasiões para que os homens pudessem beber e, muitas vezes, exercer a sexualidade (Fabre, 1996).

O ensino secundário, na França do fim do século XVIII ao fim do século XIX, era reservado principalmente aos jovens da elite. Era ministrado em instituições totais, usando um termo goffmaniano, em instalações precárias, onde os jovens sofriam punições disciplinares severas dos superiores. Mas, ao mesmo tempo, eles possuíam algumas respostas como a formação de motins, de trotes e represálias. A finalidade dessa escola era, principalmente, preparar os jovens para se tornar homens burgueses, ou seja, era mais para educar do que instruir. Os colégios jesuítas tinham uma participação especial nessas atividades. Havia alguns jovens, entretanto, que realmente usavam o liceu como espaço de aprendizado, o que é demonstrado por cientistas de alta capacidade. Nessa época houve um aumento da escolarização das classes operárias, mas isso somente se deu na primeira etapa do ensino. As mulheres também não participavam amplamente do liceu. Contudo, havia escolas exclusivas a elas. Para elas, o ensino era mais leve, pois acreditava-se na incapacidade delas de aprender algumas matérias. Era dada uma preferência às disciplinas de humanas. A escola servia para criar redes sociais de jovens da elite (Caron, 1996).

A juventude operária, dessa mesma época, trabalhava nos ofícios, local onde eram altamente explorados, ou com a família. Nos ofícios, o aprendizado se reduzia à execução de uma tarefa repetida e extenuante. Os jovens eram usados para quaisquer interesses dos mestres. Trabalhavam mais de dez horas por dia. Costumavam morar no local de aprendizado em situações deploráveis. O trabalho infantil na França do século XIX diminuiu progressivamente, uma vez que a escola concorria com o trabalho sobre as atividades dos jovens. Uma lei que obrigou a

escolarização até os 12 anos fez com que fosse reduzido consideravelmente o número de jovens trabalhadores. Nas fábricas, os jovens tinham presença política relevante, participando ativamente das greves. Contudo, não tinham poder para participar dos sindicatos. As moças também trabalhavam, mas em indústrias diferentes, geralmente na área têxtil e em atividades em que a matéria-prima era mole, os instrumentos simples e as operações repetitivas (Perrott, 1996).

Havia jovens que contrariavam o papel social. Um grupo eram os *apaches*, que geralmente trabalhavam fazendo bicos, tinham liberdade sexual, viviam em repúblicas nas grandes cidades e cometiam furtos e roubos. Havia as emigrações que também conferiam maior liberdade aos jovens. Nas grandes cidades, havia menos liberdade sexual que no campo já que a vigilância era constante e não tinha a facilidade dos bosques. Nessa época o serviço militar durava sete anos e era de forte oposição entre os jovens. A idade de casamento era elevada, sendo de 28,7 anos em média em 1821-5. A maior parte do trabalho era em indústrias artesanais (Luzzatto, 1996).

Como se observa, as juventudes ao longo da história eram heterogêneas, com diferenças na sua definição social e nas condições que configuravam o percurso de vida dos jovens. O tempo de início e de término da juventude e as diferenças de experiência variavam segundo as características de gênero, classe social e local de residência. Entender os desenvolvimentos históricos da juventude, além de desmistificar a noção de que a juventude é uma invenção da modernidade, permite compreender o desenvolvimento da instituição escolar, do mercado de trabalho e do lazer ao longo da história e suas influências sobre as instituições da atualidade.

Contemporaneamente, essas diferentes experiências nas condições juvenis ainda persistem. Uma forma relevante para se pensar essas diferenças nesta pesquisa é segundo as áreas geográficas. Os jovens da zona rural têm a preocupação com a sucessão da propriedade rural, têm o trabalho associado à produção familiar (o que implica uma dinâmica familiar própria) e enfrentam a questão do deslocamento para a cidade e de investimento dos recursos econômicos familiares. Evidentemente, apesar de ser problemas enfrentados por boa parte dos moradores da zona rural, esses problemas dependem do tipo de posse rural, da presença de trabalho juvenil na agricultura e da distância da moradia até a área urbana. Pesquisas mostram a existência de uma cultura camponesa própria, baseada, sobretudo no casamento precoce e no rígido controle parental (Carneiro, 1997; Zago e Bordignon, 2012; Stropasolas).

Nas cidades pequenas, assim como nos meios rurais, a questão da emigração para locais maiores é central no processo de mobilidade social.

Em comparação com as cidades grandes, as cidades pequenas oferecem menos oportunidades para a formação de algumas culturas juvenis, especialmente aquelas que requerem uma elevada infraestrutura material. Vicente, um dos entrevistados desta pesquisa, por exemplo, aprendeu a andar de skate aos 6 anos de idade numa pista improvisada no clube de esportes municipal. Depois que o local foi reformado e os seus companheiros de skate, que eram todos acima de 16 anos, mudaram-se de cidade, Vicente deixou de praticar esse esporte. Apenas retomou essa atividade 10 anos depois, quando a prefeitura construiu uma pista de *skate* e foi aberta uma loja destinada à venda de produtos ligados ao *skate* e ao rock.

A participação em algumas culturas juvenis, algo central para muitos jovens, requer uma turma de apoio e um espaço para exercer as atividades. São condições estruturais que possibilitam o desenvolvimento de certos percursos. Tome, por exemplo, os elementos da cultura Hip Hop – grafite, dança, vestimentas e o rap. A condição básica para a participação nessa cultura é a formação de uma rede social que ensine o jovem a se expressar e a ser visto em um espaço aberto. Quando não há essas condições, dificilmente se formará uma cultura juvenil dessa em uma cidade (Dayrrel, 2002).

Muitas cidades pequenas oferecem menos alternativas de expressão cultural do que as grandes cidades. O uso de tecnologias de comunicação tem permitido furar algumas barreiras impostas pelas condições geográficas, no sentido de permitir a interação entre pessoas de lugares diferentes e com gostos similares. Uma das formas em que isso se expressa é nos jogos de RPG (*role playing game*), em que são formadas comunidades virtuais de pessoas com mesmos interesses (Farrugia, Smyth e Harrison, 2014).

Em Campestre – cidade onde a pesquisa foi conduzida - a constituição de culturas juvenis emerge e se desvanece com o passar dos anos. Por volta de 2005, o som mais tocado nas festas noturnas era o *funk*. Os dois bares mais frequentados por jovens, que eram vizinhos um do outro, disputavam qual tinha o som mais alto. Os jovens com carros de som potente desfilavam pela cidade tocando a música do momento. As moças exibiam um alto conhecimento sobre os passos e movimentos da dança, o que parecia exigir uma busca por conhecimento e um treinamento que não se reduziam ao momento de festa dos finais de semana.

Atualmente, provavelmente devido às condições locais de interferência da polícia nos momentos de agitação, às fofocas sobre as moças “sensuais demais”, a alguns problemas de brigas

e arruaças associadas, na percepção da população, ao *funk*, e devido a um maior apelo da mídia ao sertanejo, esse passou a ser o novo estilo mais tocado e aceito pela população local⁴.

Estes exemplos enfatizam uma dimensão importante das culturas juvenis, que é a sua associação com questões ligadas às experiências mais amplas da experiência juvenil. As vivências culturais mudam e são múltiplas, porém as formas de relações sociais persistem a médio e longo prazo (Furlong, Woodman e Wyn, 2011). As experiências de pertencer a uma cultura satisfazem alguns desejos e necessidades que dizem respeito a estruturas sociais mais amplas. As culturas juvenis nos meios populares possibilitam uma ampliação significativa das hipóteses de vida, abrindo espaços para sonharem com outras alternativas de vida que não aquelas restritas pela sociedade.

Dayrrel (2002; 2003) mostra as relações entre culturas juvenis e condições sociais e econômicas entre jovens que aderem à cultura do funk e do rap em Belo Horizonte. Para compreender a trajetória de jovens, deve-se pensar não só sobre as identidades de rapper e de funkeiro, mas entender todo o círculo social sobre o qual os jovens estão inseridos. As expectativas com relação ao futuro não são animadoras, o que encoraja a esses jovens aproveitar o momento de fruição da juventude. As culturas musicais, nas classes populares de uma cidade grande, oferecem espaços onde outras instituições como a escola e o trabalho não preenchem. É um espaço de socialização, um lugar para encontrar a galera, de trocar símbolos, de fazer parte de uma comunidade. Os jovens pobres se inserem em culturas juvenis do rap e do funk pelo fato de que meio social em que vive que não lhes oferecem oportunidades de reconhecimento social na escola, no mercado de trabalho e em outras vias. As instituições socializadoras do mercado de trabalho e da escola não cumprem um papel central, uma vez que abandonam a escola precocemente e o trabalho que realizam é precário. Os constrangimentos em que vivem os limitam até mesmo de aspirar uma vida de trabalho e escolarização. O funk e o rap oferecem uma vida que preenche esse vazio. A escola é uma chatice necessária, para esses jovens. Essas culturas oferecem redes sociais e uma nova forma de explorar a cidade. Permite a eles tocar e dançar em outros espaços para além do bairro onde vivem.

Uma segunda diferença nas experiências de jovens segundo o tamanho da cidade diz respeito ao círculo de convivência dos jovens. Os jovens de diferentes classes sociais frequentam,

⁴. Essas afirmações foram baseadas nas minhas experiências como um morador de Campestre durante 19 anos.

em larga medida, os mesmos espaços. Assim, não somente os jovens têm de lidar cotidianamente com os “outros” nas escolas e espaços de convivência, como também a relação entre “nós” e “eles” (Elias, 2000) cria características específicas. Campestre é uma cidade com tradição local e até nacional no handebol. A cidade possui uma equipe, financiada pela prefeitura, que disputa anualmente o campeonato mineiro, tendo já conquistado o título por algumas vezes. A escola de ensino médio e uma escola de ensino fundamental já alcançaram a etapa nacional dos Jogos Escolares nesse esporte. Nos últimos anos, devido a uma interdição do corpo de bombeiros do centro esportivo da cidade, a formação de times competitivos nos campeonatos foi prejudicada, tendo sido reduzidas as oportunidades de práticas de esporte na cidade. Uma característica desse esporte na cidade, que acontece somente entre jovens do sexo masculino, é que jogar handebol é associado a ser de “classe média” ou querer se aparentar como alguém de “classe média”. Essa é uma definição completamente arbitrária, que só faz sentido se for pensada segundo as relações entre as classes sociais.

A socialização dos jovens, que Dayrrel (2007) afirma como multifacetada em meio às classes populares de Belo Horizonte, ocorrendo dentro e fora do bairro, com as turmas de escola, com as turmas do trabalho e de meios culturais, são mais homogêneas nas cidades pequenas. As turmas da escola, do trabalho e dos momentos de lazer, muitas vezes, são compostas pelas mesmas pessoas. Nas cidades pequenas, observa-se o que Boissevain (1974) chama de multiplexidade. Esse conceito se refere a redes sociais que se sobrepõem, nas quais os mesmos indivíduos, cumprindo distintos papéis sociais, estão conectados. Numa cidade pequena, por exemplo, os mesmos indivíduos podem simultaneamente ser colegas de trabalho, parentes e vizinhos. Esse tipo de rede social tem por consequência aumentar a capacidade de monitoramento entre os laços sociais (Boissevain, 1974 *apud* Portes, 1998).

Além das diferenças nas experiências juvenis segundo o contexto, a localização histórica e as características individuais, é preciso considerar as influências sobre os percursos de vida das principais instituições em que os jovens estão inseridos. Um elemento importante nas experiências juvenis contemporâneas é a escola. Bourdieu (1983) afirma que a escola faz a juventude. Dayrrel (2007) refuta essa afirmação ao analisar as experiências juvenis de jovens em meios populares de Belo Horizonte. Para Bourdieu, no contexto francês, a escola faz a juventude ao induzir algumas formas novas relacionadas a convivência entre pessoas de mesma idade, entre sexos, fora do trabalho e dispensadas das tarefas domésticas a favor dos estudos. Como observamos

na revisão dos textos históricos, a juventude pode existir mesmo sem a participação da instituição escolar, mas essa instituição muda as condições pelas quais os percursos de vida se processam. A escola tem o papel de elevar as aspirações dos jovens tendo, no processo de expansão do ensino secundário francês, provocado um aumento de aspirações sem que houvesse uma estrutura social que pudesse atendê-las.

O trabalho é um meio para ser jovem. Nos grupos de origem popular, o trabalho oferece os recursos necessários para vivenciar a juventude. O trabalho dá condições para vivenciar experiências que são próprias dessa fase.

Os jovens vivem o seu presente. Preocupam-se com as relações amorosas e amistosas nas quais estão inseridos. Inserem-se em atividades para conseguir um bem-estar momentâneo, mas ao mesmo tempo, têm aspirações de vida e fazem projetos. Os projetos de vida são processos que desenvolvem a partir da leitura das condições sociais e da própria capacidade individual. A noção de um projeto de vida está associada a uma noção de tempo voltada para o futuro, que é recente dentro da história da sociedade europeia ocidental. Requer um adiamento das recompensas.

Na literatura anglo-saxã sobre juventudes, especialmente inglesa, é enfatizado o papel da incerteza como central na constituição da juventude contemporânea. A relação entre escolarização e entrada no mercado de trabalho é cada vez mais fluida. As novas configurações de capitalismo mundial eliminam a velha característica de um emprego industrial para o qual o jovem é preparado e permanece durante toda a carreira na maioria dos países. Os empregos atuais se concentram no setor de serviços, em pequenas empresas, vulneráveis às constantes mudanças no mercado (Woodman, Harrison e Wyn, 2014; Jeffrey e McDowell, 2004).

Há diferentes categorias de jovens, há aqueles que se orientam para o futuro e sabem exatamente onde se veem daqui a cinco anos e aqueles que estão orientados para o presente. Alguns têm projetos e trabalham arduamente para viabilizá-los, enquanto outros têm projetos, mas não tomam ações para torná-los realidade. Os projetos de vida são constituídos a partir da leitura do indivíduo sobre as suas capacidades e da leitura sobre a realidade. Essa percepção é construída com o tempo e é dinâmica, no sentido que novas experiências e conhecimentos vão ampliando o leque de possibilidades ou diminuindo-o (Leão, Dayrrel e Reis, 2011).

2.2. A Noção de Ciclo de Vida

Os estudos sobre o ciclo de vida abordam as juventudes com um enfoque sobre os processos de transição da juventude para a vida adulta. Como elementos constituintes de uma vida adulta são considerados a finalização dos estudos, a independência financeira, a saída da residência parental e a constituição da família. A divisão entre as duas etapas não é clara, podendo coexistir elementos característicos da "juventude" e da "vida adulta" nas mais variadas idades. Por um lado, a vida adulta tem apresentado, na trajetória de muitas pessoas acima dos trinta anos e casados, características da relação entre trabalho e escolaridade típicos da juventude. Por outro lado, coexistem características relacionadas à juventude e à idade adulta na vida de alguns jovens adolescentes, como separação e gravidez (Camarano e Mello, 2006).

Os jovens entrevistados nesta pesquisa encontram-se, na maioria dos casos, no período entre o fim do ensino médio e a entrada na universidade. É um momento em que as decisões sobre o futuro pesam sobre a vida deles, de tal modo que a preocupação com o futuro é premente e com amplas consequências sobre toda a vida futura. Emigrar, ingressar na universidade e escolher o curso universitário são decisões que exigem planejamento e reflexões sobre o rumo das ações. As questões sobre a transição para a vida adulta é algo que está à tona na mente da maioria dos jovens entrevistados.

A transição para a idade adulta pode acontecer de maneira acelerada, sem passar pelos estágios intermediários. Alguns jovens, como Rubens, um dos entrevistados, casam-se sem ter experimentado diversos relacionamentos, assumem a responsabilidade de prover um lar, concentrando as despesas na compra de um terreno e na provisão de alimentos, em vez de dispendiar dinheiro com roupas e lazer. Como essa forma de transição para a vida adulta é mais comum entre os jovens pobres, alguns pesquisadores afirmam que a experiência da juventude é um privilégio de alguns grupos sociais, existindo uma moratória das responsabilidades da vida adulta para aqueles com condições sociais para tal (Barbiani, 2007).

Deve-se pensar, além disso, que a própria experiência da juventude pode estar relacionada com as barreiras para viver a vida adulta, que requer um emprego relativamente estável e apresenta uma série de dificuldades, como ter uma situação financeira de prover minimamente uma família, com as dificuldades de se contrair um relacionamento estável e com o elevado custo financeiro que requer a independência com relação aos pais e responsáveis.

A transição para a vida adulta também pode acontecer de maneira emergente em que os jovens têm possibilidades de deixar e retornar à casa dos pais, entrar e sair do mercado de

trabalho, experimentar diferentes parceiros, dentre outras possibilidades. Isto significa que os jovens crescentemente têm tido liberdade de navegar pelas normas e obrigações sociais, explorando as inúmeras possibilidades antes de aderir aos compromentimentos da idade adulta (Furlong, Woodman e Wyn, 2011).

Essa diferença entre transição acelerada e transição emergente pode ser pensada segundo o conceito de comprometimento de Becker (1967). O conceito de comprometimento às situações, conforme apresentado no capítulo 1, permite compreender as razões pelas quais alguns pontos de virada não acontecem. Se considerarmos a entrada e a saída da casa dos pais, o início e o término de um relacionamento ou a obtenção e saída de um emprego como pontos de virada, os jovens de transição acelerada apresentam menos pontos de virada do que os de transição emergente. Isso acontece pelo fato de o casamento e a necessidade de prover um lar criam comprometimentos que constroem certas mudanças nas trajetórias.

Os indivíduos estão imersos em instituições sociais que configuram diferentes formas de se vivenciar a juventude e a transição para a fase posterior da vida. A expansão do ensino escolar abriu novas possibilidades de interação entre jovens de mesma idade e afetou as relações de emprego na França, onde os jovens começaram a trabalhar em idades mais avançadas e por menos horas (Caron, 1996). Contemporaneamente, no Brasil, os jovens têm a possibilidade de estar em contato com diversas instituições, como a escola, o sistema de justiça, as leis do Estado, os meios de comunicação em massa, o mercado de trabalho, a religião e a família, que criam diferentes condições para viver a juventude e a transição para a vida adulta. Ficar detido, por exemplo, em presídios ou sofrer penas no sistema de justiça juvenil pode atrasar planos, romper e criar novas relações sociais, gerar rótulos sobre comportamentos individuais e dificultar a entrada no mercado de trabalho. É um evento que possui consequências de longo prazo.

Algumas formas definidoras da transição para a vida adulta podem ser recursos para a fruição da juventude. O trabalho, no contexto brasileiro, é um recurso para que jovens de classe baixa possam experimentar o lazer e as formas culturais juvenis (Dayrrel, 2002). Ribeiro (2011) mostra, em uma pesquisa com jovens de classe popular da cidade de São Paulo entre 18 e 24 anos, que o trabalho é definido pela sua importância do sustento material e de relações interpessoais. Ou seja, é uma forma de satisfazer necessidades materiais e de se inserir num grupo. Há uma atitude conformista com relação ao mundo entre os jovens entrevistados da pesquisa de Ribeiro (2011) na qual a estrutura social é percebida como dada e os jovens devem se adaptar a ela.

A transição para o mercado de trabalho se relaciona com as experiências escolares e com as culturas juvenis, como pode ser observado pelo trabalho de Paul Willis (1991). A pesquisa de Willis foi realizada em uma cidade periférica de uma grande metrópole inglesa, com jovens brancos de classe operária estudantes de uma escola técnica, na década de 1960. A classe operária se dividia em dois polos principais - o dos alunos CDFs e dos rapazes. Os rapazes tinham como características ter uma orientação para o presente, ser contrários à autoridade escolar, ter uma forte ligação com o grupo de amigos, ser altamente masculinizados e machistas e ter vida voltada para as festas, para o consumo e para a pilhéria. Essas características se alinham com aquelas exigidas em momentos posteriores quando da entrada no mercado de trabalho. A cultura desse grupo pode ser entendida como uma resposta à leitura sobre o sistema capitalista, que oferece poucas condições para os jovens inserirem em posições valorizadas no mercado de trabalho, não sob uma perspectiva individualista, como veicula a escola, mas sob uma perspectiva de classe.

Os CDFs também ingressaram no mercado de trabalho em posições manuais, mas tiveram problemas em se adaptar ao trabalho pela monotonia do serviço, pela alta expectativa em se ascender socialmente e pela dificuldade em se enturmar. Os rapazes, por outro lado, acabaram gostando de sua inserção profissional, pela associação entre a masculinidade e o trabalho manual, pelas brincadeiras entre os trabalhadores, por aceitarem sua posição social a longo prazo (também por não estarem preocupados com o longo prazo), e pelo salto repentino no ganho monetário. Os rapazes não estão preocupados em encontrar um trabalho particular. Aceitam qualquer trabalho.

Existe um sentimento de superioridade entre os rapazes, que se sentem melhores do que os CDFs, mais desejados pelas meninas e mais engraçados e felizes por sentirem que aproveitam a vida. A formação da cultura contraescolar acontece num ambiente familiar, de trabalho e comunitário diferente dos valores da escola. Nas classes médias, os valores dentro e fora da escola estão alinhados (Willis, 1991).

Em suma, a transição para a vida adulta, contemporaneamente, não é um processo linear e sem voltas em muitos casos. Características da juventude e da vida adulta podem acontecer simultaneamente em idades variadas. Inclusive, alguns elementos constituintes da vida adulta, como o trabalho, servem como um meio para a fruição da juventude. A transição para a vida adulta é influenciada pela experiência nas instituições escolares.

2. 3. A Percepção dos Jovens sobre a Realidade Social

Para compreender as ações individuais, é preciso entender a forma como os indivíduos dão conhecimento ao mundo em que vivem. As percepções sobre classe social são aprendidas com o decorrer das idades. Por terem maior acesso à informação e ao conhecimento, em quaisquer idades, as classes médias apresentam um conhecimento mais detalhado sobre diferenças de classe, pois levam em consideração mais elementos. O conhecimento sobre classe depende do desenvolvimento cognitivo. Aos 5-6 anos, a criança aprende as diferenças de vestuário e aparência física, de tipo de carro possuído, tipo de emprego e estilo de comportamento. Na adolescência, a pessoa adquire conhecimento sobre estilo de vida e forma o seu próprio estilo de vida. É na adolescência que as pessoas aprendem sobre os conflitos sociais, sobre as diferenças de partidos políticos, sobre as visões alternativas e conflitantes da realidade. As percepções políticas dependem das instâncias socializadoras (escolas, família, mídia, redes sociais, mercado de religião) e das experiências individuais. Por exemplo, a percepção sobre o mercado de trabalho tende a ser distorcida, no grupo de adolescentes, pela pouca ou nenhuma experiência no mercado de trabalho. Reforçando os dados de Ribeiro (2011), Furhan (1991) evidencia, segundo uma revisão bibliográfica de trabalhos de países de língua inglesa sobre as percepções de classe social que existe um conformismo entre a maioria dos jovens, principalmente entre os de classe trabalhadora, sobre as condições sociais. A preocupação principal é com a melhoria do próprio estilo de vida, sem provocar distúrbios no sistema (Furhan e Stacey, 1991).

Scalon e Oliveira (2012) compararam as percepções de jovens de classe média e popular do Rio de Janeiro sobre justiça social. Enquanto a classe popular explica classe social em termos de renda e local de residência, a classe média adota os dois fatores mais o prestígio da profissão, o estilo de vida e o status. O grupo de classe popular explica a ascensão social pelo estudo e esforço enquanto a classe média usa os dois fatores mais rede social e a origem dos indivíduos. Há, assim, uma maior complexidade nas explicações da classe média. A diferença salarial é justa, para ambos os grupos, desde que decorrente do estudo e do esforço, mas a classe média critica a extensão da desigualdade, pela diferença enorme entre o salário de um médico e de um gari ou de um jogador de futebol e do restante da população. Existem diferenças dentro da classe popular. Os jovens de 16-19 tendem a valorizar mais o indivíduo e a meritocracia. Aqueles de 20-22 anos são mais críticos com relação a essas duas concepções ideológicas, em certa medida pelo fato de já terem passado por experiências no mercado de trabalho e em outros âmbitos da vida

social que colocam em xeque essas duas concepções. Ao mencionar sobre quem pode melhorar o Brasil, os jovens de 16-19 citaram os “baderneiros” das vilas onde morar. Os de 20-22 atribuíram a responsabilidade ao Estado. A classe média inclui o setor privado como responsável. Em relação ao próprio futuro, os jovens de classe média aspiram manter o mesmo nível dos pais, ou, caso venham a perder capital econômico, que obtenham um ganho imaterial, decorrente de um trabalho mais satisfatório. As classes populares “valorizam mais o ganho material” e acreditam que estarão numa posição melhor do que a de seus pais. No que diz respeito ao futuro do país, os jovens de classe popular são mais céticos, enquanto os de classe média, mais otimistas. Há uma maior ênfase à desigualdade de oportunidade do que à desigualdade de renda. A desigualdade de renda é considerada justa na maior parte.

O que se observam na pesquisa de Scalon e Oliveira (2012) são diferenças por idade, em que os jovens de 16 a 19 anos valorizam em maior medida a meritocracia e o individualismo do que os de 22 a 24 anos, o que sugere que os jovens mais velhos, pela experiência no mercado de trabalho, tendem a desconfiar das ideologias que apregoam igualdade de oportunidades. Uma segunda diferença de idade observada se dá pela responsabilização dos problemas sociais. Os jovens de classe popular de 16 a 19 anos responsabilizam os próprios indivíduos pelos problemas enfrentados pela sociedade, ao passo que entre os de 22 a 24 anos, o Estado assume o papel de maior culpado. No que diz respeito às diferenças de classe social observam-se fundamentos de análise parecidos, mas com diferenças no grau de complexidade. De um modo geral, a classe média insere mais elementos para a compreensão.

Este capítulo teve por objetivo revisar os pontos principais da sociologia da juventude que dizem respeito à compreensão da construção dos percursos de vida. Nesse sentido, foram analisadas as diferenças nas experiências dos jovens segundo categorias de classe social e local de residência; foram revisados os estudos que tratam das culturas juvenis, da relação entre juventude, escola e mercado de trabalho e da questão das expectativas com relação ao futuro. Em seguida, discutiu-se a noção de ciclo de vida, abordando os elementos da vida juvenil e da vida adulta. Finalmente, este capítulo tratou de como os jovens dão sentido à realidade em que vivem.

A literatura sobre juventudes, além de nos informar sobre as múltiplas experiências dos jovens dentro das instituições sociais em que estão inseridos, nos coloca, para fins deste trabalho, as seguintes questões teóricas. Em primeiro lugar, não se pode tomar a trajetória de jovens entre 18 a 20 anos de maneira permanente. Como os percursos de vida não acontecem linearmente, havendo sempre a possibilidade de dar um passo para trás e “corrigir os erros” de percurso, criar categorias baseadas em “pontos finais” e tentar explicar como os jovens acabaram nesta categoria não é a maneira mais conveniente de tratar do problema.

Conforme afirma Small (2004), a criação de toda categoria social deve sempre levar em consideração a provisoriedade das situações, que, muitas vezes, depende da idade. Tome o caso do tamanho das redes sociais dos indivíduos. Existe uma série de condições que determinam o tamanho das redes, que variam de acordo com a faixa etária. Nas idades mais jovens, muitas pessoas estão inseridas em universidades, no mercado de trabalho, participam de festas, têm disposição para circular em uma cidade grande e são solteiras (o que faz com que tenham amigos para interagirem). Tudo isso contribui para a existência de redes sociais extensas. Com o tempo, a pessoa gradua-se, ela própria e seus amigos casam-se, passa a ter responsabilidades familiares e, conseqüentemente, o tamanho das redes sociais encolhe. Na velhice, muitas pessoas perdem o vigor de perambular pela cidade e, além disso, perdem, por motivo de falecimento, muitos laços próximos da rede social, o que contribui ainda mais para a diminuição do número de laços. Nesse sentido, torna-se evidente que, segundo Small, numa perspectiva que compartilho, o pesquisador deve atentar, principalmente, para as condições pelas quais os problemas da Sociologia desenrolam. Olhar para as condições significa que uma boa hipótese é descrita nos seguintes termos “Quando X ocorre, se Y se seguirá dependerá de W” (Small, 2009, p. 23). No exemplo acima, podemos aplicar esse esquema da seguinte forma: Quando uma pessoa é de meia idade, se ela terá uma rede social extensa, dependerá do estado civil dela própria e de seus amigos, das suas responsabilidades familiares e da sua inserção nas instituições escolares e no mercado de trabalho.

Analisar segundo os “pontos finais”, além disso, omite as possibilidades dentro do percurso de vida. As vidas sempre poderiam se processar de uma maneira diferente do observado. Os indivíduos podem ter recursos que poderiam mudar o ponto atual de seu percurso de vida. Categorizar de maneira estática, assim, pode nos levar ao erro de não levar em consideração a questão de por que as categorias existem em primeiro lugar. Por que garotos de rua se tornam garotos de rua, por exemplo?

Um segundo ponto da teoria de Small usado neste trabalho e que também uso para dialogar com a Sociologia da Juventude refere-se à variabilidade dos casos. Da mesma forma que Abbott (2001) escreve o seu trabalho opondo-se, em larga medida, aos modelos baseados em variáveis, Small tem como adversário os modelos baseados em generalizações. As experiências dos jovens, conforme revisado na literatura, são múltiplas. Jovens de mesma classe social podem ter experiências diferentes e apresentar destinos sociais distintos.

As pesquisas de Small giram em torno do problema dos efeitos de vizinhança e do capital social. Este autor evidencia como a experiência de vida de moradores de bairros pobres variam, a depender da densidade do bairro, do tamanho da cidade onde o bairro está localizado e da relação com os bairros vizinhos. Indivíduos diferentes residentes em um mesmo bairro pobre podem ter experiências distintas, se a inserção no mercado de trabalho, as instituições na qual participam e as categorias de gênero, idade e estado civil forem diferentes. A proposta de Small é que as teorias sociológicas adotem o método condicional em que a análise leve em consideração, principalmente, os contextos e as condições sociais. Isso pode ser alcançado se se utilizar o modelo baseado em casos (Small, 2004).

Levando em consideração a proposta de Small e em discussão com os dados desta pesquisa e com a teoria sobre juventudes, podemos pensar as diferenças dos jovens de classe popular. Em primeiro lugar, nem todos os jovens aspiram ascender ao mundo da classe média, sendo a divisão entre os pretendentes à classe média e os não pretendentes uma primeira cisão. Uma segunda cisão pode acontecer entre os jovens infratores e os jovens "honestos". Podemos pensar nos jovens religiosos e os não religiosos, dentre várias outras distinções.

Uma segunda questão prática que a literatura sobre juventudes coloca é a contextualidade. Ser jovem na Idade Média é diferente, em larga medida, de ser jovem na contemporaneidade. Ser jovem na zona rural é diferente de ser jovem numa cidade grande. Existem múltiplas variações e interações. Ser jovem de classe média numa cidade grande é diferente de ser jovem pobre numa cidade grande.

Uma terceira questão prática é a noção de temporalidade dos jovens. Muitos preocupam-se com o momento enquanto outros têm uma visão voltada para o futuro. Nesta pesquisa, pelo fato de muitos jovens terem sido entrevistados num ponto de virada, em que muitos recém terminaram o Ensino Médio e estavam se preparando para a vida depois dessa etapa, a preocupação com o futuro se mostrou premente nas narrativas dos jovens.

Capítulo 3: Procedimentos Metodológicos

Este capítulo trata dos aspectos metodológicos da pesquisa.

3. 1. A Coleta de Dados e a Seleção dos Participantes

A fim de captar os percursos de vida dos jovens, foi utilizada a técnica de narrativas biográficas. As narrativas se subdividem em três formas, que se diferenciam de acordo com o enfoque da história. A primeira delas é sobre um evento, como o casamento. Em segundo lugar, a narrativa pode assumir a forma de uma história estendida sobre um aspecto da vida de alguém, como a escolarização, divórcio, casamento, gravidez, etc. Essas duas formas podem ser chamadas de narrativa pessoal. A terceira forma seria a narrativa de um pessoa desde o seu nascimento até o momento da entrevista. Essa seria a história de vida propriamente dita (Chase, 2005). A técnica empregada na coleta dos dados, de certo modo, pode ser inserida na segunda forma. Estructurei as narrativas segundo algumas dimensões da vida dos entrevistados. Tratei das experiências da infância, com um foco sobre a relação com os pais, com a família extensa, com os amigos do bairro, na escola, no desempenho escolar dos primeiros anos de estudo e na interação com os professores. Na adolescência, abordei a relação com os amigos, a experiência escolar, a relação com a polícia, a inserção e as experiências no mercado de trabalho e a interação com as garotas. Tratei, além disso, das experiências de discriminação – uma vez que o foco inicial da pesquisa era tratar das desigualdades raciais – e das expectativas e planos para o futuro. Nas entrevistas, enfatizei o aspecto temporal e sequencial das ações. Entretanto, alguns jovens tiveram dificuldade em situar temporalmente os acontecimentos, o que foi um empecilho para a análise de algumas entrevistas.

A delimitação inicialmente planejada era estudar jovens entre 18 a 20 anos, de origem popular e cuja renda domiciliar não fosse acima de dois salários mínimos. Origem popular foi definido de acordo com a escolaridade dos pais. Foram assim definidos os jovens em que nenhum dos pais tivesse o ensino superior completo. Ao longo da pesquisa, a fim de observar as variações entre as experiências dos jovens da cidade, flexibilizei essa delimitação. Entrevistei três jovens acima de 20 anos, sendo dois deles de 22 anos e um de 24 anos, e, também, entrevistei um jovem cuja mãe possui ensino superior completo.

Depois de cada entrevista, eu decidia qual seria o perfil ideal dos novos entrevistados para as próximas entrevistas. Dentro do grupo da classe popular, procurei jovens com trajetórias distintas. Entrevistei jovens que ingressaram na universidade, jovens que tiveram envolvimento com furtos, tráfico de drogas e arruaças, que se casaram, que conviviam com os jovens da elite da cidade, que viveram na extrema pobreza e moradores da zona rural ou urbana. O primeiro meio para encontrar esses jovens era entrar diretamente em contato com o assistente de pesquisa⁵, que tinha contato direto ou indireto com os jovens de todos os perfis. Do total de 20 entrevistas, dez foram conseguidas por meio dele. As outras dez foram obtidas por contatos meus (três), pela ajuda de um irmão meu (três), por amigos de infância (duas), por intermédio de uma prima minha (uma) e por indicação de um jovem que também foi entrevistado (uma).

De um modo geral, as entrevistas duraram de uma hora a uma hora e meia. A entrevista de menor duração foi de trinta minutos e a maior, uma hora e cinquenta. Os entrevistados eram convidados a se dirigirem à residência de meus pais. Do total de vinte entrevistas, três foram realizadas em um local diferente, sendo que uma aconteceu na residência do assistente de pesquisa e duas no local de trabalho dos jovens. Dessas duas entrevistas no local de trabalho, uma aconteceu fora do horário de expediente (numa academia de lutas) e outra no horário de trabalho.

Antes da entrevista, eram afirmados aos entrevistados sobre a confidencialidade da entrevista, sobre os procedimentos éticos a que estava submetida e sobre a possibilidade de interromper a gravação ou a entrevista no momento que desejassem. Afirmava-se que se tratava de uma conversa informal, em que o jovem poderia falar o quanto quisesse, que o meu papel era escutá-lo.

As entrevistas se iniciavam com uma pergunta sobre quem eram os pais dos jovens, o que eles faziam atualmente e até que série escolar seus pais tinham estudado. A pergunta seguinte era quais eram as suas primeiras lembranças da vida do entrevistado. A partir daí se desenhava uma entrevista sobre a vida familiar, a trajetória escolar, as experiências no mercado de trabalho, atividades de lazer e vida noturna, envolvimento com a polícia, expectativas futuras, discriminação, problemas de saúde na vida do jovem ou de seus familiares, acontecimentos marcantes e outros possíveis temas relevantes para se compreender a vida do jovem ou os problemas de pesquisa.

⁵ O assistente de pesquisa era um jovem da idade dos participantes que tinha uma ampla rede social. A principal função dele foi indicar potenciais entrevistados. Ele é uma pessoa que conheci por meio da minha rede de amigos de Campestre.

Deve-se levar em consideração que o fato de ter sido criterioso na seleção dos participantes não cria um viés de análise de tal modo que a amostragem corrobore as hipóteses do pesquisador. Em primeiro lugar, o problema inicialmente pensado é diferente do que se concretizou nesta pesquisa. Em segundo lugar, jovens de mesmo destino apresentam sequências diferentes. Como o pesquisador não tinha informações sobre as sequências dos jovens não se pode afirmar que foi inserido um viés na coleta dos dados. Para ilustrar esse ponto, tome o caso de três jovens entrevistados que ingressaram no ensino superior:

Jovem 1: Características sociais – família monoparental, pardo, cuidado principalmente pela avó, morador de bairros pobres, criado em família católica praticante, mãe possui até a sétima série (cinco anos atrás, sua mãe ingressou no EJA e concluiu o ensino médio recentemente)

Sequência até o ensino superior : mal aluno na escola - pouco exigido nos estudos pela família - repetiu a sétima série – intenso controle familiar - fã de jogos de RPG e de séries de TV - insatisfeito com o mercado de trabalho local – entrada no mercado de trabalho aos 17 anos - oportunidade de emigrar para São Paulo devido a características específicas de sua família – ingresso no curso de Rádio e TV em uma universidade privada de São Paulo-SP;

Jovem 2: Características sociais – família biparental, negro, cuidado pelos pais, nunca morou em bairros pobres, criado em uma família católica praticante, ambos os pais estudaram até a sétima série.

Sequência até o ensino superior: melhor aluno na escola – nível moderado de cobrança dos estudos pelos pais – intenso controle familiar - convívio com jovens que aspiram ao ensino superior – rotina de estudos intensa no ensino médio - ingresso no mercado de trabalho aos 18 anos – apego ao local de origem – ingresso no ensino superior em uma instituição privada em uma cidade vizinha;

Jovem 3: Características sociais – família monoparental, branco, cuidado pela mãe e pela avó, morador de bairro pobre na infância, família não religiosa, mãe possui ensino superior completo.

Sequência até o ensino superior: ótimas notas na escola – nível elevadíssimo de cobrança da mãe pelos estudos – intenso controle familiar – conquista de bolsa de estudos em uma escola privada – aprovado no curso de Ciência da Computação em uma universidade pública da região.

A partir desses três exemplos, podemos observar que apesar de todos eles apresentarem o mesmo ponto atual (ingresso no ensino superior), existem diferenças e semelhanças nas sequências que o pesquisador não poderia antecipar. Existem, além disso, diferenças nas características do ponto atual. Um deles emigrou para uma metrópole distante a 300 km, enquanto os outros dois matricularam-se em instituições localizadas na região. Um deles ingressou numa instituição pública enquanto os outros em instituições privadas. Portanto, não podemos afirmar que o pesquisador inseriu um viés na coleta ao ter sido criterioso na seleção dos participantes. Como o foco da pesquisa é nas variações e condições, e não nos padrões e generalizações, ter adotado uma amostragem que abarcasse a diversidade de pontos atuais tornou-se um imperativo.

3. 2. As Características dos Participantes

Esta seção discute a frase contida na pergunta de pesquisa “*com condições socioeconômicas relativamente parecidas*”. Todos os jovens entrevistados foram nascidos e/ou criados numa mesma cidade pequena localizada no sul de Minas Gerais. Dezesete dos vinte entrevistados têm idade compreendida entre 18 a 20 anos. No total dos entrevistados, doze autoclassificam-se com termos que podem ser incluídos na categoria mais ampla de negros. No quadro abaixo, elenco algumas características adicionais:

Quadro 3.1: Características Familiares dos Entrevistados

Entrevistado⁶	Idade	Escolaridade	Escolaridade da mãe ou do responsável	Estrutura Familiar
Alberto	18	Superior em andamento	Ens. Médio Completo	Cuidado pela mãe e pela avó
Celso	19	Ens. Médio Completo	Baixa esc., analfabetos	Família Biparental
Emílio	19	7ª Série	Fundamental Incompleto	Problemas com o padrasto
Ernesto	19	Ens. Médio Completo	Fundamental Incompleto	Pais separados
Estêvão	18	Ens. Médio Completo	4ª série	Família Biparental
Geraldo	20	Ens. Médio Completo	Fundamental Incompleto	Pais separados
Heitor	20	6ª Série	Analfabetos	Família Biparental/Muitos irmãos
Hélder	19	5ª Série	Analfabetos	Cuidados por avós, tios e mãe
Jerônimo	18	8ª Série em andamento	Avós analfabetos	Sem pais
Mariano	19	Superior em andamento	7ª série	Biparental
Matias	19	Superior em andamento	Superior Completo	Criado pela mãe e avó
Nicolau	18	Ens. Médio Completo	Ens. Médio Completo	Pai faleceu quando o Nicolau tinha 5 anos.
Norberto	24	Ens. Médio Incompleto	4ª série	Pais separados, cuidado pela tia por um tempo. Mora com a mãe.
Olívio	20	Ens. Médio Completo	4ª série	Biparental
Rômulo	18	8ª série	4ª série	Biparental
Rubens	19	2º ano ens. Médio	Analfabetos	Filho adotivo
Rui	19	Ens. Médio Completo	4ª série	Biparental
Teodoro	20	Ens. Médio Completo (supletivo)	Semianalfabeto	Biparental

⁶ Todos os nomes são fictícios.

Valdir	22	5ª Série	Semianalfabeto	Criado pelo padrasto
Vicente	22	1º ano ens. Médio	Ens. Médio Completo	Biparental

Fonte: Elaboração Própria

No que diz respeito às características familiares, de um certo modo, a escolaridade da mãe ou do responsável variou entre analfabeto (quatro casos) a ensino superior completo (um caso). A maioria dos entrevistados tem pais com o ensino fundamental incompleto (12 casos). Três mães ou responsáveis têm o ensino médio completo. Nove dos vinte entrevistados foram criados em uma estrutura familiar biparental. Nos demais, observam-se casos em que o entrevistado, durante a maior parte de sua vida, foi criado pelos avós, pela mãe, por pais adotivos ou com a presença do padrasto.

Os responsáveis dos entrevistados estão ocupados, de um modo geral, em postos de baixa qualificação no mercado de trabalho. Apenas em dois casos, o responsável está inserido em atividades profissionais, sendo que, em um deles, o pai é gerente de uma empresa pública e no segundo a mãe é professora. A ocupação mais precária entre os entrevistados é a de safrista. Neste caso, o responsável trabalha de três a cinco meses no ano na lavoura de café, principal atividade produtora do município. É uma ocupação temporária de salário flexível e de alto esforço físico em que, em muitos casos, o empregador não registra formalmente os seus empregados.

Quadro 3.2: Ocupação do principal provedor dos entrevistados

Entrevistado	Ocupação do Responsável
Alberto	Pintor ⁷
Celso	Trabalhador Rural
Emílio	Dono de uma empresa de sucata ⁸
Ernesto	Diarista
Estêvão	Gerente
Geraldo	Auxiliar de Serviços Gerais
Heitor	Caminhoneiro
Hélder	Safrista
Jerônimo	Safrista
Mariano	Pedreiro
Matias	Professora
Nicolau	Quitandeira
Norberto	Vendedor Atacadista de Verduras
Olívio	Pequeno Produtor Rural
Rômulo	Pequeno Produtor Rural
Rubens	Aposentado/Dono de bar
Rui	Caminhoneiro
Teodoro	Pedreiro
Valdir	Varredora de Rua
Vicente	Fotógrafo e Jornalista Amador

Fonte: Elaboração Própria

Apesar de não terem sido diretamente perguntados, podemos observar pelas ocupações dos responsáveis que a maioria deles recebe entre um a dois salários. Existem alguns casos em que o principal responsável recebe, provavelmente, menos de um salário mínimo, como no caso dos safristas e da diarista.

A julgar pelas variáveis sociodemográficas, pelas narrativas dos jovens e pelo sentimento de classe e tratando classe social⁹ como uma categoria contínua, podemos classificar os jovens da seguinte maneira: entre classe popular e classe média¹⁰ – 2 casos (Estêvão e Matias); classe popular – 12 casos (Alberto, Celso, Emílio, Mariano, Nicolau, Norberto, Olívio, Rômulo, Rubens, Rui, Teodoro e Vicente); entre classe popular e pobre – 4 casos (Ernesto, Geraldo, Heitor

⁷ Refere-se ao pai. Sua avó sua mãe são aposentadas atualmente.

⁸ Refere-se ao padrasto.

⁹ Diferenciar classe social segundo as dimensões capital cultural acumulado e capital econômico, como faz Bourdieu, não pareceu ser proveitoso segundo os dados da pesquisa.

¹⁰ Classe média é constituída nessa classificação por três elementos: 1) escolaridade; assim é o quem tem pelo menos um dos pais com ensino superior completo; 2) tipo de trabalho; define-se dessa forma quem tem pelo menos um dos pais em cargos especializados ou de gerência; 3) o sentimento de pertencimento à classe média, levando em consideração a percepção dos jovens sobre quem pertence a essa classe e sobre como a pessoa se sente ao estar em grupos de jovens de classe média.

e Valdir), e pobre – 2 casos (Jerônimo e Hélder)¹¹. Ao longo do percurso de vida, as famílias de dois jovens se ascenderam socialmente (Estêvão e Norberto), sendo, no primeiro caso, pela aprovação em concurso público do pai e, no segundo caso, pelo recasamento da mãe.

Apesar dessas diferenças, como ficará claro no próximo capítulo, esses jovens tiveram acesso às mesmas instituições e frequentaram os mesmos espaços sociais. Muitos deles se conhecem entre si, já que na cidade pequena em questão é raro encontrar pessoas de mesma faixa etária que não se conhecem. Jovens de distintas classes sociais estudam nas mesmas escolas.

Existem semelhanças nos *habitus*, devido a fatores religiosos, familiares e culturais, e, além disso, há heterogeneidade de *habitus* dentro de uma mesma classe social. Esses fatores aproximam, em certa medida, muitos dos jovens que foram classificados em classes sociais distintas.

3. 3. O lugar de onde eu falo

Nasci numa família de classe popular da cidade. Meu pai trabalhou num laticínio como queijeiro durante 30 anos e minha mãe foi dona de casa na maior parte de sua vida. Atualmente, meu pai está aposentado e minha mãe trabalha como cuidadora de idosos, emprego esse que foi iniciado quando ela tinha 49 anos de idade para me ajudar a manter na universidade. Há quinze anos, meus pais trabalham anualmente na colheita de café para obter um ganho extra que geralmente é investido na expansão ou reforma da casa. Ele completou até a 6ª série e ela até a 3ª série do ensino fundamental.

Apesar da baixa escolaridade e da inserção em postos de trabalho de baixa remuneração de meus pais, sempre vivemos em uma rua central da cidade, a menos de 150 metros da Igreja Matriz, em meio à classe média. O terreno onde está localizada a casa foi comprado por meu pai depois de poupar dinheiro por mais de dez anos. A frugalidade, a diligência e a poupança sempre foram marcas de meus pais, que apesar de possuírem uma renda próxima à renda mediana da cidade, possuem propriedade, resultado de um intenso controle das contas familiares caracterizado pelo corte de despesas consideradas supérfluas, como doces, iogurtes, alguns tipos de brinquedo, refeições elaboradas, viagens e beleza. O fato de possuímos uma casa confortável e bem localizada

¹¹ Os indivíduos pobres são aqueles em que os pais são analfabetos, vivem em casas com mais de cinco pessoas e há um elevado grau de incerteza sobre o sustento material. São famílias que já passaram por vários constrangimentos materiais.

e certo nível de riqueza geraram, de certo modo, uma falsa impressão nos outros moradores da cidade de que somos mais “ricos” do que realmente somos.

A prática religiosa sempre esteve presente na vida de minha família, de tal modo que meus dois irmãos ingressaram na vida religiosa para se tornar padre e frei assim que completaram dezoito anos. Ambos desistiram desse estilo de vida posteriormente. Minha família sempre teve o costume de frequentar a missa aos domingos, de participar de grupo de orações e de rezar em casa. Quando criança, minha família rezava o terço todas as noites e meu pai exigia que eu lesse a Bíblia todos os dias. Meus pais sempre exigiram de mim uma intensa disciplina na regulação dos meus horários, das minhas atividades e do meu comportamento. Por exemplo, era obrigado a privar-me de comer carne durante a quaresma. Era estimulado a me abster de alguma coisa de que gostava durante esse período. Acordava às 5 horas da manhã durante o período de provas na escola para estudar, bem como na semana das Dores para participar das procissões, e meus desejos de consumir bens supérfluos raramente eram atendidos. A característica mais valorizada por eles com relação aos seus filhos é a obediência e acredito que, por eu ser o filho mais novo, fui mais cobrado a obedecer-lhes do que os meus irmãos pela visão deles de que o caçula é mais dependente e, portanto, passível de ser mais controlado do que os demais. Essas características geraram a percepção de que somos ascetas e contrários a qualquer tipo de moralidade que viole os preceitos religiosos.

Durante a primeira etapa do ensino fundamental, estudei numa turma com crianças de duas vielas pobres da zona urbana. Da 5ª até a 8ª série, transfiri-me para a escola com o maior desempenho no IDEB na cidade, com adolescentes de várias classes sociais. Na 8ª série, fiz amizade com um jovem de uma família rica - colega meu de escola - que se tornou meu melhor amigo e introduziu-me ao círculo dos adolescentes das famílias mais abastadas da cidade, que geralmente cursam o ensino médio nas escolas privadas de Poços de Caldas. No ensino médio, passei por três turmas com perfis distintos. No 1º ano, meus colegas de escola eram, em sua maioria, da zona rural do município. No 2º ano, voltei a estudar com os egressos da escola onde cursei o ensino fundamental II. No 3º ano, para me focar nos estudos para o vestibular, me mudei para o período noturno, tendo colegas de idades mais avançadas, com um histórico de repetência e abandono escolar.

Minha experiência escolar e minhas amizades possibilitaram-me ter contato com as mais diversas classes sociais do município. Como estudava com crianças pobres na infância, já

frequentei os bairros e as casas dessas crianças. Minha convivência com as pessoas pobres da cidade perdurou até mesmo durante a minha adolescência, quando costumava jogar futebol com os moradores de uma viela do município. Atualmente, ainda guardo as lembranças daquele tempo e converso com as pessoas com quem tinha contato quando as encontro na rua. Na segunda etapa do ensino fundamental, estudei em turmas compostas por moradores da zona rural, da classe trabalhadora da cidade e da classe média. Na oitava série, fui introduzido ao círculo de amizades da classe média devido a uma forte amizade que possuía com uma pessoa em especial. No primeiro ano do ensino médio, estudei numa turma formada quase que exclusivamente por moradores da zona rural. Naquele ano, conheci uma garota da zona rural com quem tive uma relação muito próxima, que durou alguns anos. Assim, tive o convívio com as mais diversas classes sociais que compõem a cidade. Em certa medida, essas experiências estão presentes nesta pesquisa tanto como de forma a enriquecer os dados obtidos quanto pela “contaminação” de minha subjetividade nas análises.

O primeiro emprego que tive foi aos oito anos de idade como vendedor de picolé. Como sempre fui uma pessoa magra, não tinha forças para carregar o carro de picolé pelas ruas íngremes da cidade. Por isso, com menos de duas semanas, abandonei o emprego. Aos doze anos de idade, um primo meu me arranjou um trabalho como entregador de panfletos em uma loja de móveis da cidade. Percorria todas as ruas da cidade distribuindo o material de divulgação. Por vezes, também trabalhava na zona rural e em municípios vizinhos. O gerente dessa loja de móveis indicou-me a um supermercado que me contratou para exercer a mesma função. Um ano depois, um senhor idoso, pai do dono do supermercado, convidou-me a trabalhar para ele numa oficina de conserto de máquinas agrícolas. Aos quatorze anos de idade, fui demitido desse emprego, o que interrompeu por quatro anos a minha participação no mercado de trabalho. Aos 18 anos, a fim de poupar dinheiro para ingressar na universidade, consegui um “*bico*” como mesário dos jogos de futebol dos campeonatos organizados pela prefeitura. Visitava os campos de futebol da zona rural para acompanhar os jogos todos os domingos. Como o dinheiro que recebia não era suficiente para cobrir as despesas esperadas, trabalhei por dois meses, juntamente com meus pais, na colheita de café. Além disso, trabalhei numa grande fazenda do município na manutenção do maquinário utilizado para o processamento de café por duas semanas. Assim, posso afirmar que conheço a realidade das atividades que mais empregam os trabalhadores da cidade – a produção de café – e já passei por todas as ruas da cidade e por muitos bairros da zona rural.

Aos 19 anos de idade, migrei-me para Belo Horizonte a fim de cursar a universidade. Aos 24 anos, mudei-me para Porto Alegre. Distanciei-me da minha cidade natal nesses anos, devido à distância e às novas relações sociais formadas em outras cidades. Campestre está a aproximadamente 450 km de Belo Horizonte, numa distância que dificulta a visita frequente a Campestre. A experiência de ter nascido numa cidade pequena e vivido em cidades grandes me possibilita comparar os diferentes contextos onde vivi. Pude observar as diferenças sociais, econômicas, espaciais, na composição racial entre os diversos lugares onde morei, o que me permite analisar o contexto da cidade tendo como pano de fundo as características da vida nas cidades grandes.

3. 4. A minha relação com os entrevistados

Como não moro mais em Campestre há mais de seis anos, não mantenho mais o sotaque nem a linguagem corporal típica de um morador de minha cidade natal quando permaneço mais de algumas semanas longe da cidade¹². Entretanto, depois de algum tempo, readquiro o sotaque e a linguagem corporal de um campestre pela influência do meio e pela pressão social para que “*não perca as minhas raízes*”. Na primeira entrevista, que foi realizada com um jovem que nunca tinha visto anteriormente em minha vida, pude obter algumas pistas de como seriam as entrevistas caso fossem realizadas por alguém de fora da cidade. Embora tenha afirmado a esse jovem por mais de uma vez que eu fora criado na cidade, ele não acreditou por pensar que eu não parecia com os moradores de lá devido ao meu sotaque e ao meu “jeito de ser”. Imaginava que eu fosse morador de Belo Horizonte por pensar que eu possuía os trejeitos de alguém de uma cidade grande: uma fala rápida, de acordo com o português padrão e sem contrações de palavras, e uma linguagem corporal menos “humilde” do que a dos campestres. Como percebi que ele não tinha muito conhecimento sobre o sotaque e a linguagem corporal dos belo-horizontinos, tendo formulado essa percepção principalmente pelo estereótipo que possuí dos moradores das grandes cidades, questionei-lhe os motivos por pensar que não eu não seria um porto-alegrense. Respondeu-me que seria difícil de imaginar alguém do sul do país ir a Campestre para conduzir uma pesquisa.

¹² No sul de Minas e nas regiões centrais do estado de Minas Gerais são falados dois dialetos diferentes. No primeiro, fala-se o dialeto caipira, caracterizado, dentre outras coisas, por um êre (R) alveolar e pela formação de ditongos nos finais das palavras que terminam em s ou z precedido de uma vogal, como em vêiz, mêis, púis. No último, é falado o dialeto mineiro, de fala mais rápida, com um erre aspirado e sem a característica de formação de ditongos no final das palavras.

Nessa entrevista, esse jovem esforçou-se em contar em detalhes as características do bairro onde morava, da escola onde frequentava e das condições econômicas da cidade para que eu pudesse compreender a sua trajetória de vida. Esse esforço não apareceu nas entrevistas seguintes, nas quais os entrevistados supuseram o meu conhecimento sobre os espaços e instituições da cidade. As experiências dos jovens criados na cidade pareceram para mim menos abstratas do que a dos jovens que passaram a infância e a adolescência em outras cidades. Quando os últimos contavam, por exemplo, sobre a sua experiência escolar, não conseguia imaginar, tal como no caso daqueles criados em Campestre, o ambiente escolar e a estrutura física da escola de forma tão vívida. Pude formular questões baseadas na minha experiência aos jovens criados em Campestre para compará-la com as dos entrevistados. Os entrevistados sentiram-se à vontade para referirem-se a pessoas, ocasiões e detalhes que soariam estranhos para alguém de fora.

Dentre os jovens entrevistados, conhecia alguns pessoalmente, outros somente conhecia de vista e houve alguns que nunca tinha visto anteriormente em minha vida. A minha impressão é de que quanto mais próximo de mim, mais o entrevistado se sentiu confortável para contar a sua história. As pessoas desconhecidas ficaram receosas sobre os propósitos da pesquisa e em revelar algumas informações. Aqueles que eu conhecia pessoalmente já possuíam a confiança necessária para estabelecer um diálogo e, muitas vezes, esqueceram por algumas vezes que estávamos reunidos para uma entrevista. De um modo geral, o fato de ser um morador de Campestre tornou as entrevistas mais palpáveis, de tal modo que pude questionar as suas escolhas, as suas possibilidades e as suas percepções sobre a cidade, conhecendo com certa profundidade as formas alternativas.

Os dados apresentados nesta pesquisa, evidentemente, estão imbuídos de dados, percepções e experiências pessoais minhas que dizem respeito à minha posição social dentro da sociedade campestre. Contudo, foi realizado um amplo esforço individual de crítica sobre as minhas próprias percepções e de comparação com a dos entrevistados. Na medida do possível, enviei o resultado das análises para alguns colegas para controlar o grau de subjetividade. Tentei elaborar argumentos contrários e levantar dados contraditórios a fim de evitar possíveis vieses de análise. Finalmente, acredito que a minha própria experiência pessoal me possibilita enxergar a cidade considerando as mais diversas posições sociais. Estudei com turmas de perfis distintos na escola, tenho amizade com pessoas de diferentes classes sociais e já percorri por todas as ruas da

cidade. Em certa medida, essa pesquisa usa as minhas próprias experiências e de algumas pessoas conhecidas para suprir algumas lacunas nos dados coletados pelas entrevistadas.

3. 5. A trajetória do problema de pesquisa

Ingressei no mestrado com o propósito de estudar a discriminação racial entre usuários dos serviços de saúde em Porto Alegre. O anteprojeto de pesquisa não tinha inicialmente uma delimitação definida, sendo que passei o primeiro semestre pensando em como delimitar a pesquisa. Em primeiro lugar, pensei em estudar idosos para compreender os efeitos acumulados e de longo prazo das discriminações sofridas. Depois disso, mudei o foco para o estudo de mulheres grávidas de modo a comparar as interações com os médicos durante o pré-natal em uma vila de Porto Alegre. Devido a conversas com algumas pessoas que me informaram sobre o elevado índice de violência dessa vila, afirmando que estaria assumindo um risco desnecessário, resolvi, por sugestão de meu orientador, conduzir a pesquisa em minha cidade natal. Inicialmente, pretendia conduzir narrativas biográficas com idosos, mas a questão da emigração em cidades pequenas criaria dificuldades extras, pois precisaria entrevistar os idosos emigrantes. Assim, resolvi pesquisar a faixa da população que recém migrou ou que está em vias de emigração. Iniciei as entrevistas tendo em mente o problema das desigualdades raciais nas trajetórias de vida de negros em comparação com as de branco em Campestre-MG. É por esse motivo que a população negra cidade está sobrerrepresentada no conjunto dos entrevistados. Os não-brancos, que compõem 21% da população do município segundo o Censo 2010, compõem 60% do total de entrevistados.

Depois de encerradas as entrevistas, no final de fevereiro de 2015, retornei a Porto Alegre para analisar os dados. Notei que os dados obtidos não se restringiam somente ao racismo. De certa forma, a contribuição que poderia oferecer sobre os processos de desigualdade social era mais rica do que a do racismo. Assim, depois de já ter realizado uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema inicial, tomei a decisão, no início de junho de 2015, de alterar o tema da pesquisa. Além disso, não há distinções muito nítidas na aparência entre os moradores do município, o que dificulta em certa medida observar o racismo nesse contexto. Meu objetivo era inserir na dissertação todos os dados relevantes que encontrei, o que justifica ter tratado de temas variados. Portanto, o resultado desta pesquisa decorre de um percurso de pesquisa tortuoso, marcado por diferentes delimitações e problemas de pesquisa.

3.6. Análise dos Dados

Depois de cada entrevista, transcreviam-se as falas, redigia-se uma síntese da vida do jovem e realizava-se uma análise da entrevista de acordo com os problemas da pesquisa. Pensava-se sobre como aquela entrevista ajudaria a responder o problema. Uma vez por semana, procedia-se a uma análise conjunta de todas as entrevistas realizadas até a presente data. Em média foram realizadas três entrevistas por semana.

Depois de concluídas as 20 entrevistas, no final de fevereiro de 2015, utilizei diversas técnicas para analisar todas as entrevistas. A primeira forma de análise lançou mão das análises realizadas imediatamente depois das entrevistas. Por meio delas, escrevi um documento preliminar de 25 páginas contendo tudo o que observei de teoricamente relevante. Depois disso, li e reli por diversas vezes as transcrições das entrevistas para memorizar em detalhes o conteúdo das entrevistas. Finalmente, depois de ter decidido como apresentar os dados da dissertação, procedi a analisar as narrativas que coletei de maneira temática, considerando as experiências dos entrevistados em cada domínio de análise – escola, mercado de trabalho, emigração e relação com a polícia. Além da análise temática que tinha como fim compreender o contexto da pesquisa, analisei os percursos segundo a sequência dos eventos, por meio do referencial teórico de Andrew Abbott.

A maior dificuldade encontrada na análise foi as inúmeras mudanças de problema de pesquisa ao longo do mestrado, o que fez com que alguns problemas não pudessem ser respondidos com a profundidade que desejaria.

Capítulo 4: O Contexto da Pesquisa

O objetivo deste capítulo e do seguinte é tratar extensivamente da frase contida na pergunta de pesquisa “*com acesso aos mesmos espaços e instituições*”. Este capítulo tratará dos dados demográficas da região e do município onde foi conduzida a pesquisa. O capítulo seguinte abordará os aspectos sociais do contexto da pesquisa.

Dados do Sul de Minas

Campestre localiza-se no sul de Minas, região situada numa zona intermediária entre o estado de São Paulo e as áreas mineradoras de Minas Gerais. O sul de Minas teve o desenvolvimento de sua população durante o período de mineração, quando comerciantes paulistas estabeleceram arraiais a fim de intermediar o comércio entre São Paulo e as áreas mineradoras. Soma-se a isso a presença de desbravadores que procuravam a região como uma nova fronteira das minas de ouro e que encontraram esse metal em algumas regiões localizadas mais próximas das minas de Ouro Preto e Mariana (Paranhos,2005).

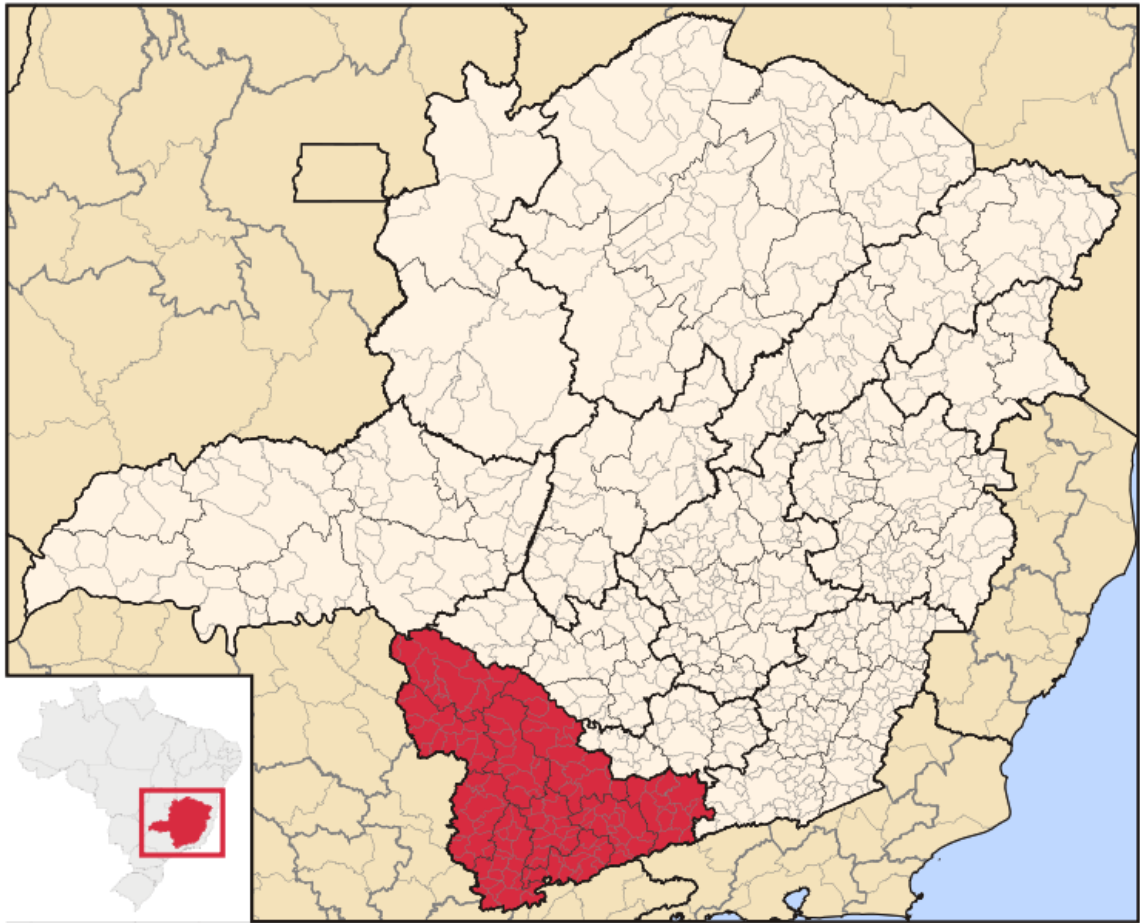


Figura 4.1: Localização do sul de Minas no território do Estado de Minas Gerais

Fonte: Wikipedia

Os dados abaixo, quando não mencionados a fonte, foram extraídos do Censo 2010. A mesorregião do sul de Minas possui 2.438.611 habitantes, o que corresponde a 12,4% do total da população do Estado. As maiores cidades são Poços de Caldas (152.435 habitantes), Pouso Alegre (130.615 habitantes), Varginha (123.081 habitantes) e Passos (106.290 habitantes), as quais são as únicas cidades com mais de 100 mil habitantes. Dentre os 146 municípios que compõem a mesorregião, apenas 20 têm mais do que 25 mil habitantes, ou seja, 17,1% do total.

É uma região onde a maioria da população vive na zona urbana. Em torno de 80% da população do sul de Minas vive na zona urbana.

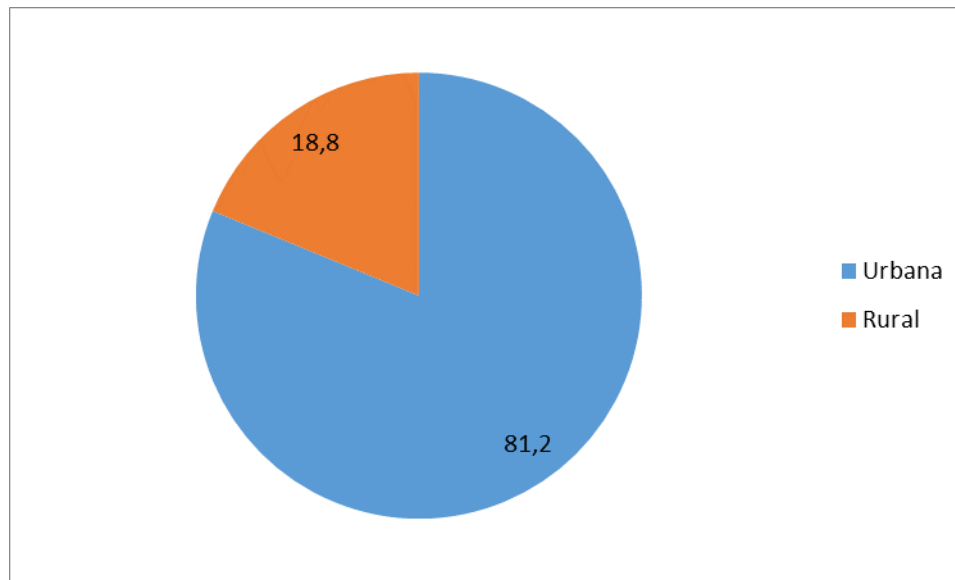


Figura 4.2: Situação do Domicílio no Sul de Minas

Fonte: SIDRA-IBGE,2010.

A população é predominantemente branca. A proporção de pretos, pardos e indígenas corresponde a 30,2% do total.

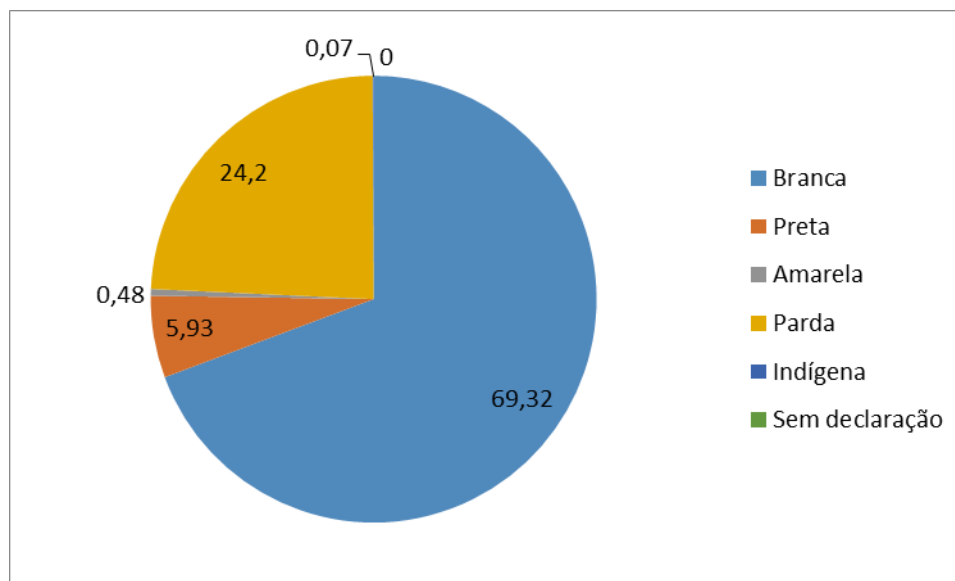


Figura 4.3: Classificação Racial da população do sul de Minas

Fonte: SIDRA-IBGE,2010.

A região conta com três universidades públicas (UNIFAL, UNIFEI e UEMG)¹³, com o Instituto Federal do Sul de Minas, com polos em 6 cidades, e com diversas universidades privadas, sendo a mais renomada delas a PUC Minas em Poços de Caldas.

A principal cultura agrícola da região é o café, sendo que na safra de 2014, 23,8% do café nacional foi produzido no sul e centro-oeste de Minas (BRASIL, 2015). Também se destacam na economia do sul de Minas as indústrias localizadas nas cidades na divisa com São Paulo ou nas margens da rodovia que liga a capital do estado vizinho a Belo Horizonte. São empresas multinacionais localizadas na região: Alcoa, Danone, Ferrero Rocher, Phelps Dodge, CD Unilever, XCMG, dentre outras. Inclusive, o Valor Adicionado Bruto da indústria é maior do que o da agropecuária no sul de Minas (Fundação João Pinheiro, 2013).

Os dados do município

Campestre é um município de 20.686 habitantes localizado na microrregião de Poços de Caldas, distante a 423 km de Belo Horizonte e a 293 km de São Paulo-SP.

¹³ Apesar de localizada na mesorregião Campos das Vertentes, a Universidade Federal de Lavras, a 217 km de Campestre, é um dos destinos onde os moradores de Campestre costumam estudar. A oferta de transporte para essa cidade é direta, por estar situada entre Campestre e Belo Horizonte.

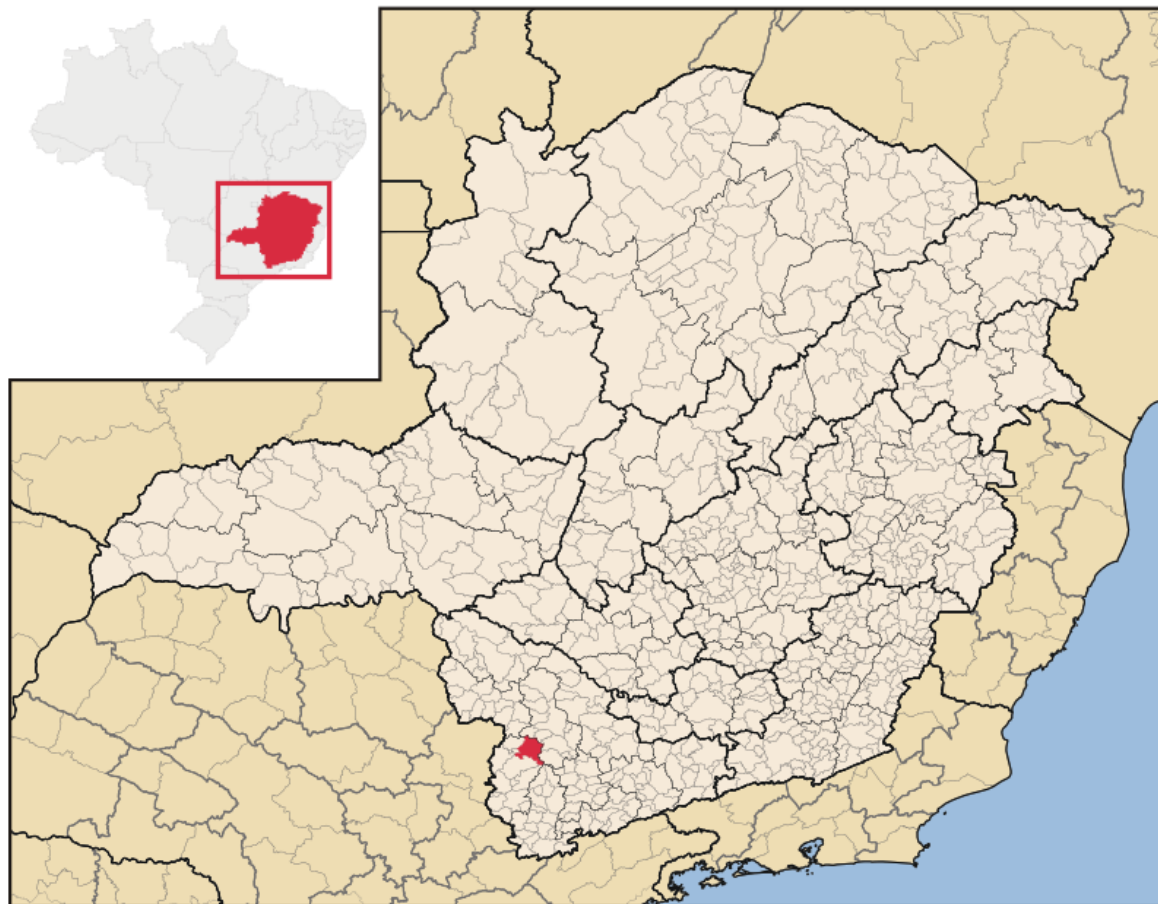


Figura 4.4: Localização do município de Campestre

Fonte: Wikipedia



Figura 4.5: Vista do centro da cidade de Campestre-MG
Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Campestre



Figura 4.6: Vista aérea da cidade¹⁴

Fonte: Panoramio.com (25/5/2015)

Em termos proporcionais, a população rural de Campestre é significativamente maior do que a do sul de Minas. Entretanto, a proporção de moradores da zona rural vem caindo nas últimas décadas. No ano de 2010, a cidade possuía 10.959 habitantes, enquanto a população da zona rural era de 9.727 habitantes. Observa-se que entre os anos 2010 e 2000, a população desta ultimada zona rural teve um saldo negativo de 454 habitantes, enquanto a população urbana aumentou em 587 habitantes.

¹⁴ Repare na existência de alguns pequenos bairros relativamente segregados dos demais. À esquerda da foto, às margens de duas avenidas em construção no período em que a foto foi tirada, está uma vila com duas ruas que apresentam um elevado índice de pobreza e de tráfico de drogas. À direita, ao lado de um novo bairro em construção, situa-se um dos bairros mais ricos da cidade, em uma área de morros íngremes.

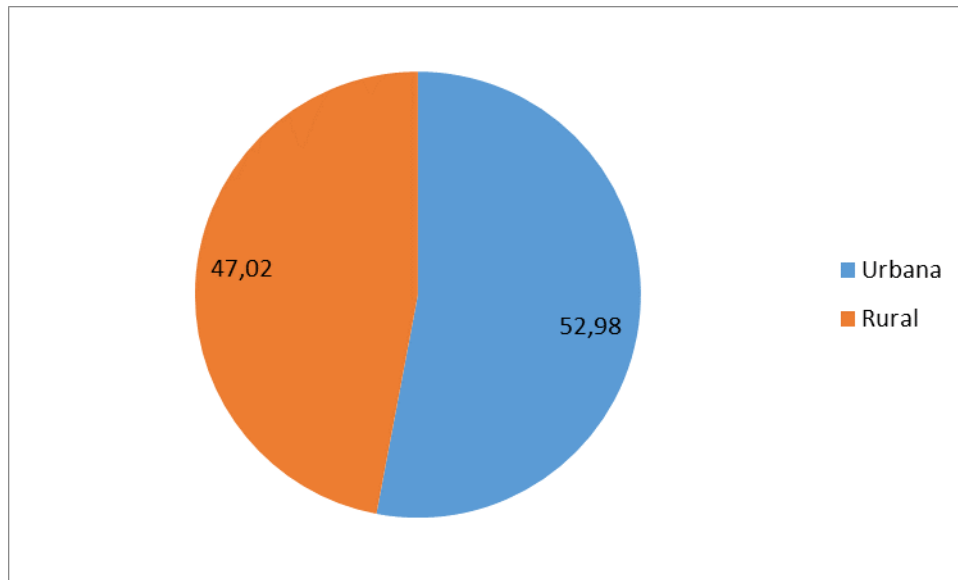


Figura 4.7: Situação do Domicílio no município de Campestre-MG, em 2010

Fonte: SIDRA-IBGE,2010.

Tabela 4.1: Situação do domicílio no município de Campestre nos anos de 1991 e 2000

	População (1991)	% do total (1991)	População (2000)	% do total (2000)
Urbana	8304	47,61	10372	50,46
Rural	9136	52,39	10181	49,54

Fonte: IBGE

Entre os anos de 2000 a 2010, a população de Campestre cresceu a uma taxa média anual de 0,06%. Em dez anos, houve um acréscimo populacional de 133 habitantes. No Brasil, nesse período, a taxa de crescimento populacional foi de 1,17%. Inversamente, entre os anos de 1991 e 2000, a taxa de crescimento médio anual de Campestre (1,84%) foi maior do que a do Brasil (1,63%) e a de Minas Gerais, 1,43 % (PNUD, Ipea e FJP, 2013).

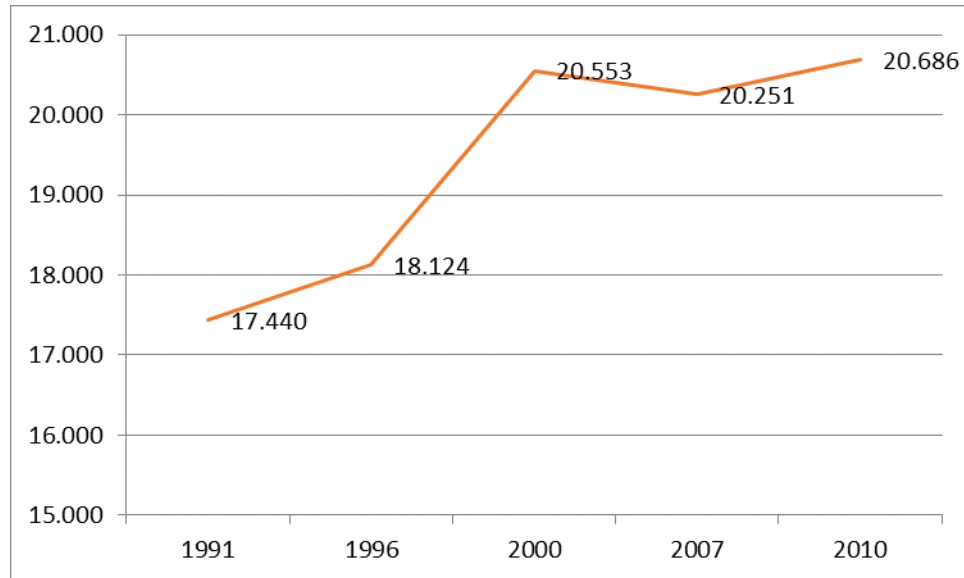


Figura 4.8: Evolução da população do município de Campestre entre os anos de 1991 e 2010

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010.

O baixo crescimento populacional nos últimos dez anos fez com que a população em idade ativa de Campestre fosse proporcionalmente menos do que a população em idade ativa de Minas Gerais ou do Brasil. A figura abaixo mostra a distribuição da população campestrense por faixas etárias. Note que o número de pessoas entre 20-24 e de 25-29 é menor do que o de pessoas entre 15-19 anos, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Observando-se a pirâmide etária de Minas Gerais e do Brasil, o mesmo não ocorre. É a faixa de 20-24 anos que concentra o maior número da população na unidade da federação e no país. A partir do grupo etário de 20 a 24 anos até 40-44 anos, há uma relativa estabilidade na distribuição da população, com uma média de 805 pessoas por faixa etária com relação aos homens e de 761 entre as mulheres. A razão de sexo para a faixa etária de 20 a 24 anos (idade em que as pessoas estão se casando ou à procura de um relacionamento sério no contexto de uma cidade pequena) é de 1,09 homens para cada mulher.

Essas características populacionais são resultado, em certa medida, da emigração da população local para outras cidades, o que tem como consequências uma proporção de idosos e de pessoas em meia idade mais elevada do que no país ou em Minas Gerais, um baixo crescimento populacional na última década e um certo desequilíbrio na razão de sexo.

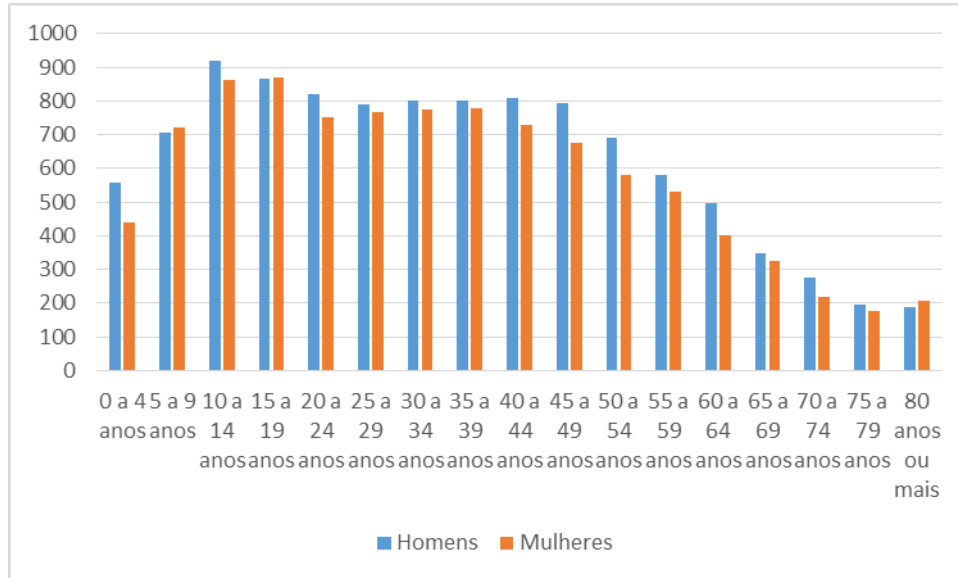


Figura 4.9: Pirâmide etária da população de Campeste, 2010
 Extraído de SIDRA-IBGE
 Elaboração própria

Tabela 4.2: Distribuição da população campestre por faixa etária, em nº de habitantes, em 2010

Idade	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	557	439
5 a 9 anos	706	720
10 a 14 anos	918	861
15 a 19 anos	868	871
20 a 24 anos	820	752
25 a 29 anos	791	769
30 a 34 anos	801	776
35 a 39 anos	801	778
40 a 44 anos	810	728
45 a 49 anos	794	674
50 a 54 anos	690	580
55 a 59 anos	581	532
60 a 64 anos	496	400
65 a 69 anos	350	326
70 a 74 anos	277	218
75 a 79 anos	196	177
80 anos ou mais	189	208

Fonte: Sidra-IBGE

Em relação à cor ou à “raça”, a população de Campestre é predominantemente branca. Segundo Telles (2004), existem três formas de classificação racial no Brasil: a usada pelo IBGE, a usada pelos movimentos sociais e pela população em geral. Há uma certa homogeneidade nos traços físicos entre os moradores de Campestre. A maioria da população branca, de acordo com a classificação da população geral, pode ser considerada morena clara, na minha opinião, enquanto que a população parda, em sua maior parte, aproxima-se mais do grupo branco do que do grupo preto em termos de aparência¹⁵. Nesta pesquisa, empregarei a classificação da população geral para

¹⁵ Não analisei se a população parda se aproxima da população branca ou preta nos critérios socioeconômicos.

categorizar os entrevistados em termos “raciais”. Foi formulada uma questão aberta sobre a cor ou “raça” dos entrevistados. A resposta a essa questão definiu a classificação utilizada na pesquisa.

Considerando a situação do domicílio, há uma proporção ligeiramente maior de pardos vivendo na zona rural. Na zona urbana, 1.476 pessoas ou 13,46% se autodeclararam pardas na zona urbana e, na zona rural, 1.912 ou 19,65% se autodeclararam dessa forma.

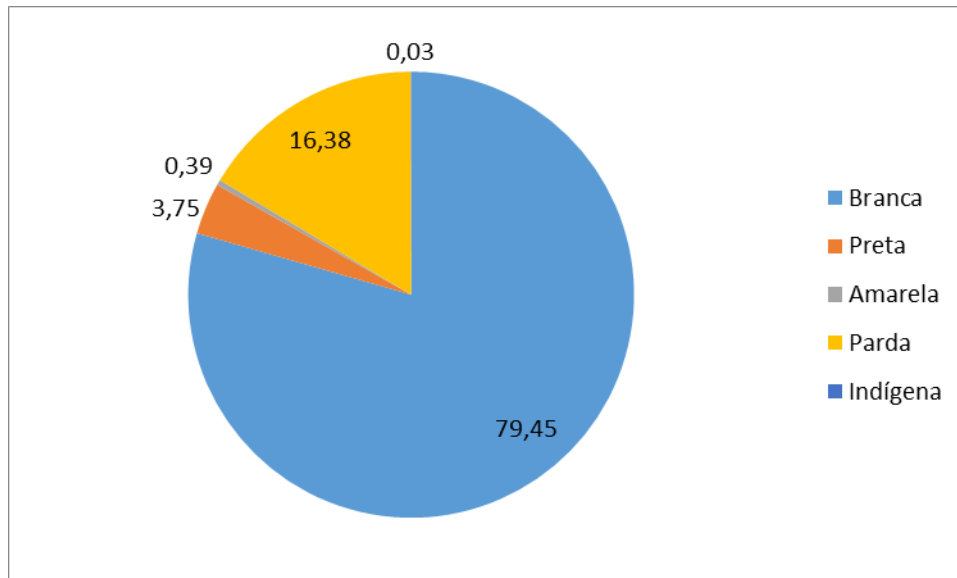


Figura 4.10: Cor ou raça autodeclarada da população de Campestre-MG
Fonte: SIDRA- IBGE, 2010.

Na população com 25 anos de idade ou mais, a escolaridade da população é baixa se comparada com aquela observada no estado de Minas Gerais e na maior região metropolitana do estado. A população com 25 anos de idade ou mais com, pelo menos, o ensino médio completo é de 17,0% no município. Em Minas Gerais, essa mesma proporção é de 34%, enquanto que na região metropolitana de Belo Horizonte é de 43%.

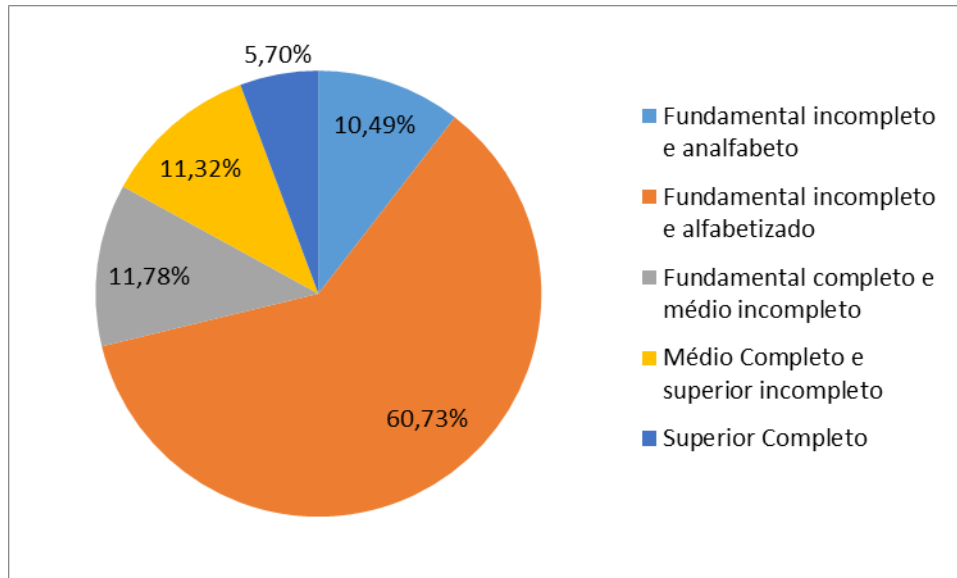


Figura 4.11: População com 25 anos ou mais, por escolaridade

Fonte: PNUD, IPEA, FJP, 2013

Extraído de Censo 2010

A cidade conta com um hospital, um posto de saúde e dois centros do Programa Saúde da Família. Em casos de atendimento de média complexidade, a prefeitura municipal encaminha os pacientes para as cidades médias do entorno ou, em casos de maior complexidade, para hospitais de Belo Horizonte, Campinas e São Paulo.

O centro esportivo municipal, a Praça de Esportes, é o principal espaço recreativo do município. Possui três quadras esportivas, um parque infantil, quatro piscinas, duas quadras de vôlei de areia, uma pista de skate, uma biblioteca, uma quadra de boche e um lago artificial. É gratuito, com exceção do uso das quadras à noite, quando é cobrada uma taxa de dez reais, e do uso das piscinas. São oferecidas uma série de atividades desportivas e recreativas para a população local, que variam desde a prática da dança para a população idosa até o treinamento de equipes de vôlei, handebol e futsal para as competições regionais e estaduais.



Figuras 4.12: Praça de Esportes de Campestre-MG

Fonte: <http://pt.db-city.com/Brasil--Minas-Gerais---Campestre>. Acesso em: 10 jun. 2015



Figura 4.13: Praça de Esportes de Campestre

Fonte: http://taxisbrasil.net/campestre_minas-gerais.html. Acesso em 10 jun. 2015

A ligação com as cidades vizinhas acontece somente por meio de empresas de ônibus intermunicipais que realizam o transporte partindo da rodoviária. Poços de Caldas é a cidade média mais próxima, a 39 km de distância, de trevo a trevo, e a 50 km contando em relação ao centro das duas cidades. Alfenas, o principal centro de saúde para onde se desloca a população de Campestre, está a 68 km. Campinas-SP, a cidade grande mais próxima, fica a uma distância de 208 km.

Capítulo 5: As Relações entre Percurso de Vida e Desigualdade Institucional

Neste capítulo, serão abordadas algumas instituições que afetam diretamente a vida dos jovens de Campestre. Na primeira parte, irei tratar da escola e das experiências escolares de alguns entrevistados. Em seguida, serão analisados o mercado de trabalho e o processo de emigração. Por fim, a relação com a polícia será brevemente abordada. A análise da família será abordada em conjunto com as outras instituições por meio da análise de como as relações familiares afetaram as trajetórias na escola, no mercado de trabalho, na emigração e no crime. As seções seguintes constituem a primeira parte da análise de como jovens de condições socioeconômicas relativamente parecidas, com oportunidade de acesso aos mesmos espaços e instituições, seguem percursos de vida diferentes. A ênfase, neste capítulo, se recairá sobre os fatores institucionais e estruturais que condicionam os percursos de vida, enquanto o capítulo seguinte tratará da agência e das relações entre os eventos que compõem a sequência do percurso de vida. Enquanto este capítulo tratará dos fatores exógenos às sequências, o próximo tratará dos fatores endógenos. O objetivo do capítulo é observar, a partir da relação entre os percursos de vida dos jovens e as instituições, os recursos, constrangimentos e barreiras que condicionam percursos distintos. As seções mostram, de forma contextualizada, como as redes sociais, as diferenças culturais – que estruturam interações e sentimentos de classe -, a má fé institucional (que provê experiências nas instituições diferentes segundo a classe social), o local de residência e a relação com a família nuclear e extensa agem de distintos modos de forma a condicionar experiências diferentes a jovens não muito distantes em termos de classe social. Além disso, analisa algumas narrativas de vida segundo as intersecções entre experiências institucionais e eventos.

5.1. As Escolas

Campestre é uma cidade onde as escolas estão estratificadas segundo o perfil e o desempenho escolar dos estudantes. Há uma escola pública que atende crianças e adolescentes com um perfil socioeconômico mais elevado do que as demais escolas. Dentre as duas creches públicas do município, em uma delas, observa-se um perfil socioeconômico mais elevado do que na outra. Érnica e Batista (2012) afirmam que o território pode ser relevante para a questão das desigualdades

sociais. É dentro de um território que são oferecidos os equipamentos públicos. É dentro dele que existe concentração da pobreza e da riqueza. É nele que se processam e se condicionam as oportunidades de interação social. Assim, o efeito do território se divide pela natureza sociocultural (sociabilidade e modelos sociais vigentes) e político-institucional (quantidade e qualidade dos serviços públicos existentes nesses territórios). Uma das instituições em que as desigualdades se reproduzem dentro de um território é nas escolas.

O conceito de quase-mercado é utilizado para compreender o fenômeno de como escolas públicas atendem a perfis distintos, apesar do acesso livre às matrículas. É definido nos seguintes termos: “*funciona como base na oferta de oportunidades de escolha pelos pais entre um cardápio de escolas, que imporia, pela demanda (os estudantes/clientes), reações por parte da oferta*” (Costa e Kolinski, 2012, p.252). As boas escolas, os bons alunos e os bons professores num território são recursos escassos nos quais pais, professores e direção competem entre si pelos melhores produtos. Isso ocorre tanto pelo processo de acesso quanto de permanência. Esse mercado é dirigido pelas escolas no topo da hierarquia, que estabelecem as regras do jogo. Os mecanismos propostos sobre o funcionamento desse mercado são a rejeição de alunos de escolas de baixo prestígio e de alunos com defasagem idade-série, por meio da omissão de vagas (Costa e Kolinski, 2012).

Em Campestre, um conjunto de escolas – prestigiadas e não prestigiadas – estão localizadas numa mesma área geográfica, no centro da cidade. Essas escolas atendem a perfis distintos de alunos, apesar do acesso livre às matrículas, o que tem consequências para a qualidade do ensino adquirido. Além dessa forma de desigualdade, observa-se que as salas de aula dentro de uma mesma escola também estão segregadas segundo a classe social.

As notas do IDEB municipal estão acima da média nacional e em torno da média do estado de Minas Gerais. A nota do município nessa avaliação em 2013 foi 5,9 na 4ª série/5º ano e 4,9 na 8ª série/9º ano. Nesse mesmo ano, o IDEB de todo o país, na 4ª série/5º ano foi 5,2 e o de Minas Gerais foi 6,1. Na 8ª série/9º ano, o IDEB nacional foi de 4,1 e o da UF – 4,8. Nas duas etapas de ensino, Minas Gerais foi o estado da federação com a maior nota nessa avaliação (BRASIL, 2015a).

Verificam-se discrepâncias entre as escolas, apesar do acesso livre, em tese, às matrículas¹⁶. A Escola Municipal Cônego Artur (popularmente chamada de Colégio) é a que apresenta os melhores resultados. Essa é a escola onde, de um modo geral, estudam os filhos da classe média da pré-escola até o final do ensino fundamental. Também acolhe estudantes de outras classes sociais. A Escola Estadual Elias Jorge Zenun (chamada de Elias), é reconhecida por ser a escola da ralé¹⁷ da cidade. Está situada na zona urbana, no centro da cidade, na mesma área de influência da E.M. Cônego Artur, da E.E Rui Barbosa (conhecido por Ginásio) e da E.E. Coronel José Custódio (o Coronel). Dentre as escolas da zona urbana, a única que não disputa alunos com as demais escolas é a E.M. Iolanda Capobianco Viana (o Iolanda), que está localizada numa área distante do centro da cidade, pouco acessível para quem o principal meio de locomoção são os próprios pés¹⁸.

Tabela 5.1: Notas do Índice de Desenvolvimento da educação básica de 2013, por escola

Escola	Ideb	
	4ª série/5ºano	8ª série/9ºano
Escola Municipal Cônego Artur	6,8	5,5
Escola Municipal Iolanda Capobianco Viana	5,9	
Escola Municipal no Bairro Posses*	5,6	
Escola Estadual Coronel José Custódio	5,6	
Escola Municipal Pedra Grande*	4,6	4,4
Escola Estadual Elias Jorge Zenun	sem nota ¹	3,5
Escola Estadual Rui Barbosa		4,6

Observações:

* : Escolas localizadas na zona rural do município

1: Essa escola oferece o ensino do 1º ao 5º ano, mas a nota da escola não foi divulgada pela plataforma do IDEB

2: Espaços em branco significam que a etapa do ensino não é ofertada pela escola

Fonte: IDEB, 2013

¹⁶ Não há nenhuma restrição às matrículas por conta da distância do domicílio do aluno à escola, como acontece em muitos municípios brasileiros.

¹⁷ Utilizo o termo ralé para designar as pessoas de famílias pobres, geralmente negras, que vivem em bairro estigmatizados. O termo ralé não é sinônimo de pobre. Há muitos pobres na cidade que não sofrem estigma.

¹⁸ A morfologia da cidade de Campestre tem o desenho de uma cruz. Em torno de do centro está concentrada a maioria dos bairros. Atravessando a Igreja Matriz, uma avenida liga a rodovia federal, o centro e os bairros a leste do centro. Nas intermediações dessa avenida, estão construídos pequenos bairros relativamente distantes do centro.

Essas diferenças entre as notas são explicadas em parte pelas diferenças na composição do corpo discente, conforme pode ser observado na tabela abaixo que demonstra essas diferenças segundo a escolaridade das mães. Desde a primeira etapa do ensino fundamental já se verificam diferenças na composição do alunado, uma vez que no 5º ano a proporção de mães com ensino superior na E.M. Cônego Artur é quase três vezes mais alta do que a da segunda escola com a maior proporção de mães com ensino superior. Como a importância dada à escolarização como formadora de uma identidade pessoal e profissional é mais alta nas pessoas mais escolarizadas, pode-se supor que muitas das crianças do quinto ano que responderam "não sei" possuem pais de baixa escolaridade, o que aumentaria, em certa medida, as diferenças observadas por essa tabela.

Tabela 5.2: Escolaridade da mãe segundo a escola, em 2011, no quinto ano do ensino fundamental

5º ano	Cônego Artur (ou Colégio) (%)	Elias (%)	Iolanda (%)	Coronel (%)	Posses (%)	Pedra (%)
Superior Completo	23	3	2	8	0	0
Ens. Fund. Completo e Médio	43	36	41	49	45	44
Analfabeto e fundamental incompleto	10	21	17	20	10	24
Não Sei	24	40	40	23	45	32
Total	100 (n=96)	100 (n=33)	100 (n=54)	100 (n=61)	100 (n=40)	100 (n=37)

Fonte: Questionário da Prova Brasil 2011

Extraído de: Qedu.org.br

Obs: Os dados são censitários.

Tabela 5.3: Escolaridade da mãe segundo a escola, em 2011, no nono ano do ensino fundamental

9º ano	Cônego Artur (Colégio) (%)	Elias (%)	Rui Barbosa (ou Ginásio) (%)
Superior Completo	17	0	4
Ens. Fund. Completo e Médio Completo	62	33	57
Analf. e fund. incomp.	12	33	26
Não sei	7	34	13
Total	100 (n=95)	100 (n=24)	100 (n=76)

Fonte: Questionário da Prova Brasil 2011

Extraído de: Qedu.org.br

Obs: Os dados são censitários.

Portanto, o processo de quase-mercado, observado nas pesquisas citadas acima, ocorre em Campestre, analisando-se pelas notas no IDEB e pelo perfil do corpo discente. O processo de diferenciação entre as turmas acontece não somente entre as diferentes escolas, mas também dentro delas. Uma das formas pelas quais opera a diferenciação de turmas é pela separação dos perfis de alunado segundo o turno. Na E.E. Rui Barbosa (chamada de Ginásio pela população local), que é a maior escola da cidade em número de alunos, o turno matutino é reservado aos alunos da zona rural. Os alunos da cidade conseguem vaga no período diurno somente se todas as vagas não forem preenchidas. O perfil do corpo discente no turno noturno é o do trabalhador estudante. O turno vespertino, por sua vez, é formado quase que exclusivamente por jovens da zona urbana.

Nicolau relata, no trecho abaixo, como conseguiu uma vaga no período matutino no Rui Barbosa, apesar da preferência aos alunos da zona rural. Esse jovem lançou mão de informações privilegiadas, *resultantes de sua rede social*, para satisfazer os seus interesses de transferir de escola permanecendo no turno que estudava na escola anterior. A preferência pelos alunos da zona rural justifica-se pela logística de transporte da prefeitura municipal. O transporte escolar é concentrado no turno matutino.

Ricardo: Como que foi a mudança de escola? O que levou você a mudar?

Nicolau: ah, os professores da minha escola não queriam que eu mudasse, do Elias. Eu lembro que uma professora que dava aula pra mim lá que dava aula pra mim lá e dava aula no ginásio também. Ela falou que não era pra mim ir que a sala era ruim. Falou um monte de coisa. Só que eu queria ir, que eu tinha meio de medo de estudar à tarde. Nossa, eu tinha aversão a estudar à tarde. Tipo assim, nisso, eu tava fazendo aula de pintura já com uma mulher mãe de uma profissional do Ginásio. Aí, eu conversava muito com ela. Falei pra ela o que eu fazia pra estudar de manhã no primeiro ano, que geralmente é à tarde. Ela

falou que geralmente a preferência é pra quem mora na zona rural e, em seguida, quem já estudava de manhã. Aí, parece que tinha vaga na oitava série lá de manhã. Ela falou que tinha, tal, que tava saindo dois alunos, que tinham desistido, que tinha jeito de eu mudar. Ela falou que tinha que era só pegar transferência e ir que tudo bem, que ela já arrumava pra mim de manhã, mesmo, porque até nessa época não tava conseguindo muita gente da cidade para estudar de manhã. Nisso, deu o que fazer pra eu pegar transferência.

As diferenças na composição das turmas parecem surgir tão logo as turmas são formadas na escola, pois muitos entrevistados relatam ter atravessado toda a trajetória escolar em uma mesma turma, apesar das transferências de escola resultantes do não oferecimento de certos níveis de ensino em algumas escolas. Na verdade, é impossível a um aluno estudar em uma mesma escola em Campestre durante todo o percurso escolar, uma vez que nenhuma escola oferece turmas do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio.

Até num mesmo turno escolar verificam-se diferenças na composição das turmas. Alberto e Rui tiveram a experiência de estudar em turmas de diferentes classes sociais. Quando colocados em turmas de classe social distinta das suas, eles se sentiram desconfortáveis, principalmente no início do ano letivo. Observa-se certo arrefecimento no sentimento de desconforto no decorrer do ano, quando os jovens relatam que as diferenças observadas entre os grupos eram menores do que o esperado.

Segundo a percepção local, as classes sociais da cidade podem ser divididas em quatro grupos. Os “riquinhos” fazem parte da elite local. São filhos de grandes e médios produtores rurais, de médicos, de comerciantes bem-sucedidos, de advogados, de dentistas e de empresários industriais. Tipicamente, estudam o ensino fundamental na Escola Municipal Cônego Artur, transferindo-se para as escolas privadas de Poços de Caldas no ensino médio. A presença deles nos espaços de convivência da cidade (como na praça central, no clube desportivo municipal e no bar jovem da cidade) é menos pronunciada do que entre os jovens da classe trabalhadora urbana e da “ralé”. Aos finais de semana, deslocam-se para Poços de Caldas com mais frequência para aproveitar a infraestrutura de lazer mais bem desenvolvida nessa cidade. Também promovem festas, churrascos e encontros exclusivos em chácaras na zona rural.

A “ralé da cidade” (ou, em outras palavras, os pobres estigmatizados) é a única classe com uma proporção significativa de negros. As pessoas dessa classe estão concentradas em algumas ruas e vilas na zona urbana. São considerados pelas outras classes como os principais responsáveis por todos os aspectos negativos dos finais de semana, como brigas, uso de drogas pesadas e arruaças (isto é, barulho excessivo nas vias públicas e urinar nos cantos das residências). A presença massiva

desse grupo em determinadas festas e ocasiões é tratada de maneira depreciativa pelas demais classes. A presença maciça de moradores da “favela” (nome de um dos bairros de moradores da ralé) em uma festa é considerada desagradável por muitos moradores. Os filhos dos pobres estigmatizados concentram-se em duas escolas estaduais, o Coronel José Custódio (o “Coronel”) e Elias Jorge Zenun (o “Elias”). A qualidade da educação do Coronel é percebida como semelhante à das demais escolas do município, enquanto o “Elias” é considerada a pior escola da cidade. Os pais dos jovens da ralé, de um modo geral, estão inseridos em ocupações similares ao da classe trabalhadora urbana e da zona rural, com uma possível sobre-representação nos empregos temporários da colheita de café.

Os moradores da zona rural constituem, na percepção local, uma classe separada das demais, apesar de haver algumas sobreposições. Por exemplo, é possível fazer parte da elite local e da zona rural ao mesmo tempo. De um modo geral, é constituída por pequenos produtores rurais e por empregados de grandes produtores de café. São considerados “diferentes” dos moradores da zona urbana por supostamente serem mais “simples” (ter mais dificuldade em se expressar, ter menos habilidade em lidar com situações cotidianas e agir com mais humildade), ter um sotaque mais “caipira” e serem mais amigáveis, caridosos e honestos do que os moradores das áreas urbanas. Estão distribuídos entre todas as escolas do município, mas comumente em turmas e turnos diferentes. Em algumas escolas, o turno matutino é reservado aos alunos da zona rural, por conta da estrutura do transporte escolar. A vinda dos moradores da zona rural para a cidade geralmente ocorre aos finais de semana, para a compra de bens no comércio local, e, principalmente, na primeira sexta-feira do mês¹⁹.

A classe trabalhadora da zona urbana é composta por pessoas inseridas nas mais variadas ocupações não profissionais e não altamente remuneradas residentes nas áreas urbanas e sem o estigma sofrido pelas pessoas da “ralé”. Pode ser conceituada como a classe batalhadora, segundo a definição de Jessé de Souza (2009, 2010). Está presente em todas as escolas da zona

¹⁹ Não me são claros os motivos para a ida massiva de moradores da zona rural à missa da primeira sexta-feira do mês. Uma possível explicação pode ser o salário recebido no início do mês, mas acredito que seja falsa, uma vez que os trabalhadores contratados costumam receber quinzenalmente ou semanalmente e os pequenos produtores recebem apenas com venda do café, que ocorre poucas vezes no ano quando o preço do café no mercado internacional está elevado.

urbana. Frequenta os espaços de convivência em maior medida do que as pessoas da zona rural e a elite da cidade.

O convívio entre jovens de classes sociais diferentes nem sempre é harmonioso. Alberto tinha por intenção não ser incluído na turma dos jovens da zona rural por considerar que não se encaixava naquele grupo.

Alberto: aí que tá. Porque, por exemplo, como eu vou falar. Não sei explicar muito bem. Mas, poxa, é aí que tá. A questão de, nossa, na minha sala tinha bastante o povo da zona rural. Só que não, não queria ficar com o povo da zona rural, sabe? Parecia que eu não encaixava naquilo. Aí, não me permitiam mudar de sala, mas eu tinha que ficar lá. Eu fui vendo que não era bem assim, sabe? Que, tipo, eles eram normal, sabe? Mesmo sendo da zona... Realmente, a diretoria dividia as salas, sabe? Era o povo da cidade em uma sala. O povo da zona rural em outra. Ai, punha um gato molhado lá, sabe? Põe outro ali, sabe? Era bem assim. Dividiam mesmo as turmas. E eu tive o azar de tá em uma turma em um ano e na próxima não ser a mesma sala. Ir pra outra. E migrar pra outra, sabe?

Alberto também estudou na turma dos jovens de classe média, chamados por ele de "*playboyzinhos*" e "*patricinhas*". Na adolescência, esse grupo exercia um fascínio sobre ele, especialmente pelas meninas, percebidas como mais bonitas do que as de outras classes. No caso dos rapazes, a admiração se dava pelo poder de consumo. Novamente, sentia-se diferente dos alunos da turma de classe média, mas o sentimento de diferença diminuiu ao longo do ano.

Como se observou na pesquisa, numa mesma escola estudava jovens de diferentes localidades e classes sociais, que são alocados em salas de aulas diferentes na maioria das vezes. As divisões entre as salas de aula podem ser flexibilizadas pelas ações dos pais e pela necessidade da diretoria da escola de preencher as salas de aulas de acordo com um número determinado de alunos. Além da escola, há outros espaços onde pessoas de localidades e classes sociais diferentes se encontram na cidade. Aos finais de semana, os jovens da cidade dirigem-se ao mesmo bar, independentemente de sua classe social ou localidade. As festas da cidade também são frequentadas por pessoas de diferentes classes. Estar no mesmo espaço exige certo nível de interação social, mesmo que os dois grupos não dialoguem ou entrem em conflito entre si. Significa que o outro grupo existe. Demanda criar algum tipo de definição sobre como é aquele grupo e como são as pessoas que dele fazem parte.

Rui também foi deslocado da turma de sua classe social para estudar com alunos que considera diferente de si. Rui é um jovem branco de origem popular, nascido e criado na zona urbana, que estudou o ensino fundamental I no "Coronel" - escola onde o perfil majoritário é o mesmo do dele. Ao ingressar no Colégio, onde os estudantes provêm de todas as classes sociais,

mas há um predomínio da classe média da cidade, esse jovem foi colocado para estudar tanto com os alunos da zona rural quanto os de classe média. Para ele, o convívio com a turma da zona rural foi mais agradável, pois são da mesma classe social dele. Por outro lado, não conseguiu se sentir igual aos jovens de classe média. Com o tempo a relação tornou-se menos distante, mas, ainda assim, afirma não ter conseguido se integrar totalmente.

Ricardo: depois que cê entrou no colégio, como que foi a mudança de escola, novos colegas, como que...?

Rui: quando eu mudei foi meio estranho. Que aí eu comecei a estudar com um pessoal que era mais da zona rural. Porque, tipo assim, tinha mais uma divisão de classe social aqui na cidade, né? Então, tipo, o Coronel era mais, é, digamos, pobres e depois no colégio era um pessoal mais rico. Ginásio era misturado porque não tinha outra solução. Então, eu saí bastante. Quando eu entrei no colégio, eles colocaram eu no pessoal da zona rural. Então, o pessoal mais ou menos era da mesma classe social. Aí, foi super bem. Conheci muita gente lá. É, alguns, é, eu lembro o nome, mas quase não tem contato. Mas, assim, alguns eu tenho contato até hoje. A gente conversa. A gente sai no final de semana, nos finais de semana que eu saio (que é bem raridade). E depois eu estudei, acho que, por dois anos, com essa turma (a dos "riquinhos"). Aí, eles trocaram eu de sala - eu e uma menina, que a gente estuda desde o pré até o terceiro ano junto. Nunca trocou a gente de sala. Mesma sala até o final. Então, tipo, a gente ficava só nós dois juntos. Porque os outros eram, os mais riquinhos..., A gente não conseguia enturmar com eles. Tipo, eu acredito que a minha criação e a criação dessa menina foi mais ou menos igual. Porque a gente sempre foi muito educado, atencioso, atenção, ajudar, prestativo, tal. Então, os professores sempre conversavam com a gente, pedia ajuda, todo esse tipo de coisa. Aí, eu tive alguns problemas com relação a isso. Eles achavam que a gente era puxa saco ou alguma coisa do tipo. Foi só isso.

Ricardo: Como que é, cê falou dos outros que achavam puxa saco, era a...?

Rui: era a turma dos mais riquinhos, porque aí, é, eles gostavam de atenção só pra eles. Aí, a gente tinha os quinze minutos de fama lá, de atenção. Ai, eles já não gostavam.

Ricardo: e como era relacionar com eles, assim, com essa turma?

Rui: no começo, era bem difícil porque a gente não conseguia conversar, não conseguia nada. Aí, a gente estudou um ano. Eu estudei cinco anos no colégio. Acho que foi cinco anos no colégio. Aí, dois anos. Aí, no primeiro ano foi com essa turma mais riquinho. Depois, nos outros anos, foi mais tranquilo. Que a turma continuou, mudou. Aí a gente tinha. Aí, já melhorou tudo. Aí, acho que amadureceu o pensamento também. Amizade fluiu normal. A amizade, não, porque não é amigo até hoje. Conhece, cumprimenta. Éramos colegas com educação e tudo. Não tinha mais essa separação tão grande de classe social. Lógico, eles comentavam no final de semana que eles foram fazer. A gente não comentava porque a gente não tinha ido, porque a gente não tinha dinheiro pra ir. Mas, foi tudo tranquilo depois.

As percepções de Rui sobre a classe social inserem no quadro mais amplo sobre a existência de divisões sociais na cidade. A presença de pessoas de classes sociais distintas ocorre em praticamente em todos os espaços, mas há algumas variações dentro dos próprios espaços. Por exemplo, durante as festas de aniversário da cidade, Carnaval, todas as classes se reúnem na praça central. É montado um palco onde bandas de cidades vizinhas se apresentam. Contudo, são formados *clusters* de pessoas de mesma classe em determinadas áreas. Os pobres estigmatizados

se posicionam em frente ao palco central. Atrás dos pobres estigmatizados, ficam os moradores da zona rural. À esquerda do palco, os jovens de classe média se situam numa posição pouco privilegiada em relação à vista do palco. Atrás da classe média fica a classe trabalhadora urbana. Esse é um padrão que se repete há pelo menos 15 anos nas festas da cidade.

Como não há nenhuma escola privada na cidade que oferece algumas turmas no ensino fundamental, as classes médias da cidade são levadas a utilizar os serviços públicos de ensino. As divisões por classe social no acesso a esses serviços acontecem no interior das próprias instituições. Como se pode notar, a E.M. Cônego Artur – o "Colégio" - atende diversos perfis de estudantes, mas segrega as turmas segundo as categorias de classe social e local de residência²⁰.

As interações entre crianças e jovens de classes sociais distintas também acontecem fora da escola, principalmente na praça central e no centro esportivo, mas, ainda assim, observam-se formas de distanciamento social por meio das diferenças de classe nas atividades do centro esportivo e dos padrões de ocupação da praça central.

A segregação social existente no Brasil contribui para que diferentes classes sociais vivam em contextos distintos e, por consequência, tenham aspirações, gostos, esquemas de percepção e comportamentos distintos. Ou seja, que tenham *habitus* diferentes. Em Campestre, o processo de segregação social nas escolas acontece de modo relativamente diferente do que tipicamente acontece no Brasil. Como não há nenhuma escola privada no município, as classes médias utilizam o serviço público no ensino fundamental. Entretanto, os processos de “quase-mercado”, de alocação de alunos dentro das turmas e o sentimento de desconforto por estar inserido em uma cultura de classe social diferente agem no sentido de manter a segregação. Porém, o modo como opera a segregação em Campestre não é perfeito, pois muitos jovens de classe popular estudam nas turmas de classe média e há casos de pessoas de classe popular que são incorporadas à cultura de classe média do município.

Existem duas creches, ambas públicas, na cidade, mas que que atendem a públicos distintos. A mais antiga delas é reconhecida por atender os filhos daquilo que Jessé de Souza (2009) chama de "ralé" social (famílias monoparentais e desestruturadas, que enfrentam problemas de alcoolismo e abusos sexuais ou morais; que não têm as precondições morais, sociais e culturais de apropriação dos capitais econômico, cultural e social). Por outro lado, a creche mais nova

²⁰ Como não foi possível estudar detidamente o processo de quase-mercado nas escolas de Campestre, os dados da pesquisa não permitem compreender em detalhes como opera a segregação dos alunos segundo as turmas.

(inaugurada quando os jovens entrevistados já tinham ultrapassado a idade de frequentar a creche) atende, principalmente aos filhos da classe média. Em uma conversa que tive com um rapaz de minha idade, nascido em 1989, trabalhador rural, amigo meu de infância, e pai de uma menina de três anos, obtive informações sobre as barreiras que os pais de classe popular enfrentam para matricular os seus filhos nessa creche. Em primeiro lugar, ela fica situada às margens da cidade, em um bairro de expansão urbana, de difícil acesso para os pais desprovidos de um automóvel e que pretendem levar a pé os seus filhos de suas residências até a escola. Nesse caso, é necessário pagar uma condução diária para levar e trazer o filho. Em segundo lugar, o material didático exigido é caro para as famílias mais pobres. Não sei exatamente o que é pedido, mas esse rapaz não foi o único a reclamar desse valor. Para as famílias sem condições financeiras de matricular os filhos na creche mais valorizada socialmente e, ao mesmo tempo, não querem que seus filhos convivam com a "ralé", a solução geralmente é depender de algum parente para o cuidado das crianças. No caso das escolas de ensino fundamental e médio, os custos de transporte são inexistentes, pois todas estão situadas no centro da cidade, local de fácil acesso.

A Experiência Escolar de um Jovem da Ralé

Jerônimo é o único jovem entrevistado que estudou em uma creche. É um jovem, de 18 anos, autodeclarado preto, que passou por uma drástica transformação em sua conduta, deixando de ser traficante, praticante de furtos e dependente de drogas para se tornar um jovem trabalhador e estudioso. Essa mudança aconteceu, principalmente, durante o período em que ficou internado em uma clínica de reabilitação em Poços de Caldas quando tinha quinze anos de idade.

Ele foi abandonado pela mãe assim que deixou de ser amamentado. Foi criado por seus avós, em uma casa onde moravam sete pessoas, sendo uma delas, a sua irmã. A família era muito pobre e, geralmente, não havia comida suficiente para que ele fosse alimentado. A prioridade era para aqueles que iam trabalhar na roça. Nunca houve controle familiar sobre seu comportamento. Costumava passar quase todo o dia fora de casa, podendo ser considerado, como ele mesmo afirma, um menino de rua. Era caçoado pelas outras crianças por não ter mãe.

Entrou na creche já no maternal com dois anos de idade. Era um garoto problemático que costumava espancar os seus colegas de creche e os professores. Por esses motivos, sofreu diversos rótulos, tais como, "*pioi*ento".

Mas a dificuldade com os professores era sempre essa: ser humilhado. Eles falavam as coisa pra gente, que a gente era, que a gente ia ser drogado, ia ser isso, ia ser aquilo. Eu acho que de tanto eles falar, foi memo. É, hoje, às vezes, eu vejo os professores, eles ainda, eles dá meio de puxar o saco, mas é coisa que não tem como esquecer com eles. Chamava eu de pioeinto, né?, xingavam, xingavam e eu fui criando, não que eu era, mas eu fui fazendo a minha mente que eu era aquilo memo que eles falavam, entendeu?

A sua experiência na creche intensificou uma série de sentimentos negativos decorrentes dos recursos parcos de sua família. Ao mesmo tempo, conforme relata, fez com que ele internalizasse os rótulos que lhe eram atribuídos. As definições que recebia das outras pessoas sobre ele contribuíram para a construção de uma identidade revoltada com o ambiente social ao redor. Posteriormente, o tráfico serviu como um meio para que Jerônimo afirmasse a si mesmo o seu valor. Esse jovem sentia-se superior aos demais por traficar.

A expectativa sobre o seu futuro era a de que ele e as outras crianças da creche iriam se tornar um “bandido” ou um dependente de drogas. Como ele afirma, as crianças atenderam às expectativas dos professores, devido, na sua percepção, ao processo de profecia autocumprida. Um motivo para que ele permanecesse tanto na creche quanto na escola era o acesso que tinha à alimentação. Como havia falta de comida em casa, era nesses espaços onde realizava a principal refeição do dia. Além disso, também pedia dinheiro na rua para se alimentar. Nesses momentos, sentia muita discriminação pela sua condição socioeconômica e pela sua cor.

Ricardo: Como foi essa experiência na creche?

Jerônimo: ah, foi uma experiência, não vou dizer que foi ruim, mas também não foi boa, porque ali eu aprendi a pular muro, aprendi a fugir, aprendi a catar, aprendi a brigar, né?, não que eles me ensinaram isso, mas a turma que tava lá me mostraram um pouco disso, porque era um povo mais velho. Era um povo lá mais pobre, mais desamparado, então, me ensinaram isso, entendeu? O que me ensinaram, eu ensinei pra outras pessoas, também. Então, foi uma experiência, meio, né?, não foi boa porque..., às vezes também seria boa porque eu ia na creche pra comer, mas, ao contrário, a brincadeira, essas coisas. Os professores judiaram muito de mim, também na creche. Teve uma época que pra segurar eu, me amarravam na parede com durex. Colava eu na parede com fita crepe. Pra parar quieto, porque eu não conseguia parar, muito agitado. Aquele que não para em lugar nenhum. Até o dia que eu conheci, tinha um moleque lá, ele me ensinou a roubar

Quando entrou na escola, na Elias Jorge Zenun, continuou com o seu comportamento rebelde, tendo, inclusive já quebrado o braço de uma professora. Estudou por algum tempo na APAE devido à percepção de seus professores de que era “louco”. Na APAE, apresentou um desenvolvimento mais rápido. A APAE de Campestre é uma instituição que atende crianças com algum tipo de deficiência. Ela interage com as demais escolas do município de modo que os estudantes com atraso escolar, com problemas de comportamento ou com deficiência são enviados

para lá a fim de encontrarem um apoio personalizado com o acompanhamento de psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e pedagogos. Porém, as pessoas acompanhadas por essa associação sofrem o estigma de ser “doente”, de estar incluída numa categoria inferior à das demais pessoas. Por ter recebido uma doação de uma fundação europeia, a APAE tem infraestrutura para atender um número amplo de crianças e adolescentes.

Ricardo: Aí, cê entrou na escola?

Jerônimo: Entrei na escola com seis, no pré de seis. Na escola, já entrei meio alvoroçado. Já tinha aquela bagagem da creche. Já entrei, acho que foi no segundo ano de escola, eu já quebrei até o dente de uma professora da escola. Aí, meu amigo quebrou o braço da outra professora. E eu amava fazer isso. Eu amava brigar, eu tinha minha gangue, o outro tinha a gangue dele. Nós brigava muito. Levei muita advertência, levei muita suspensão, fui expulso de muitas escolas. Porque nenhum professor me aguentava. Aí, chegou num certo momento que nenhuma escola me queria mais na cidade. Fui parar até na APAE pra ver se eu conseguia. Na APAE eu tive um desenvolvimento maior, só que eu tinha muito o hábito de brigar, eu amava brigar.

Ricardo: mas o que aconteceu que cê acabou indo pra APAE?

Jerônimo: pra APAE? Foi a dificuldade, porque eles achavam que eu era meio louco, né?, porque eu era só briga, o moleque só pensava em brigar, ia pra escola só dormia na sala. Não fazia nada. Eles achou que eu deveria me aprofundar pra ver o que eu tinha. Na APAE, eu tive um desenvolvimento muito bacana. Eu conseguia fazer as coisa. Eu consegui passar de série na APAE. Eu voltei pra essa escola de novo (onde eu comecei a estudar). De novo, comecei a dar trabalho, de novo comecei a dar problema. De novo...aí eu fui pra outra escola, fiquei bem um tempo, na hora, que porventura, por brigas também, tive que sair da escola. Voltei pra essa outra escola. Aí, já voltei já estudando com minha irmã. Eu era o mais drogadinho da escola.

Jerônimo passou por quatro escolas no município, sendo expulso de todas elas. Conseguiu uma vaga até mesmo no Colégio, escola que atende um alunado de nível socioeconômico mais elevado, se comparada com as demais escolas. Foi na APAE onde conseguiu o maior progresso escolar, tendo sido mais frequente às aulas do que nas outras escolas por onde passou.

A trajetória escolar de Jerônimo inicia-se na creche que atende à rala da cidade. Essa instituição é socialmente avaliada como inadequada pela maioria das famílias por ser percebida como atendendo à parcela da população desamparada, como o próprio entrevistado afirma. Recentemente, foi inaugurada uma segunda creche onde, segundo conversas informais com pais de crianças na primeira infância, o perfil predominante é o de famílias de elevado nível socioeconômico, segundo os padrões da cidade. O fato de estar localizada fora da área central da cidade, sem a oferta de transporte gratuito, e a exigência do material escolar criam constrangimentos para a matrícula de famílias de classe popular.

As experiências de Jerônimo nas instituições escolares foi um meio para garantir o seu sustento, por meio da merenda diária. Por outro lado, contribui para que ingressasse numa rede social em situações sociais igualmente precárias e sofresse uma série de rótulos.

As experiências no Elias, conforme o relato de Jerônimo, intensificaram as desvantagens que já carregava consigo desde o seu nascimento.

A escola onde estudou é percebida de maneira negativa na cidade. Nicolau – outro entrevistado- afirma ter tido experiências positivas nessa escola, tratando como injustificadas a visão popular sobre o Elias. Sua experiência no Elias é considerada por ele como positiva.

Nicolau: eu lembro que quando eu entrei lá, era muito... O povo falava, na rua de casa, só eu e minha irmã que estudou no Elias, na minha antiga casa. Porque as pessoas falavam, nossa, que escola que é aquela! Falava que a escola é ruim porque a maioria dos alunos de lá morava no bairro Nossa Senhora Aparecida, que é a favela que eles falam. Só que, tipo assim, é normal. É uma escola como toda outra. A questão é que à tarde, no turno vespertino, era mais casca grossa. A maioria das pessoas que bombavam estudavam à tarde. Já de manhã era mais o povo da roça, o povo da Bela Vista. Tinha muita gente do Nossa Senhora Aparecida, só que era só gente boa, se for comparar. Gente de família conhecida. Só que a fama que tinha era mais por coisa antiga, por preconceito do povo, mesmo. Mas, nossa, os professores meus eram os mesmos professores das outras escolas. Então, eu acho que tinha aquele povo que falava mal, falava ruim. Era só um conceito muito mal feito. Uma coisa errada. Em termos de aprendizado, foi a melhor escola que eu estudei na cidade é essa. Não tenho o que reclamar.

Nicolau explica esse “preconceito” sobre o Elias pela composição do alunado, composto majoritariamente por alunos da zona rural e moradores de áreas pobres do município. Para ele, que também estudou no Ginásio por quatro anos, os professores do Elias e aqueles das outras escolas são os mesmos e a infraestrutura física do Elias é mais bem equipada do que a das demais por ter quadras esportivas, refeitório e salas de informática, recursos que não são observados em todas as escolas do município.

Outro elemento a ser observado é que as escolas propiciam experiências escolares diferentes a depender das condições iniciais dos indivíduos. Jerônimo e Nicolau, apesar de terem estudado na mesma escola, tiveram experiências distintas. O primeiro recebeu diversos rótulos negativos, enquanto o segundo foi tratado pelos professores como um aluno prodígio. Nicolau nasceu numa família com condições financeiras estáveis, religiosa e reguladora de seu comportamento. Essas características criaram um *habitus* autodisciplinado, coerente com as expectativas dos professores, e que foram nutridas ao longo de seu percurso de vida. Jerônimo, por outro lado, nasceu numa família pobre, com muitas pessoas vivendo numa mesma casa e sem controle moral. Ao ingressar na escola, essas desvantagens foram reforçadas pelas interações com

os colegas e professores, por meio das baixas expectativas dos professores sobre si, pelos rótulos que recebeu e pelas interações com crianças de comportamento socialmente reprovável. Portanto, operam-se aqui os processos de desvantagens acumulada e vantagens acumulativas.

O problema das diferenças das experiências escolares segundo as condições iniciais pode ser aprofundado pelas experiências de Hélder.

5.1.1. Hélder, a permanência patrocinada e a má fé institucional

Hélder é um jovem de 19 anos, autodeclarado moreno escuro, morador de uma vila pobre da cidade. Sua mãe nunca foi casada. Teve três filhos que resultaram de namoros durante a juventude. O filho mais velho da mãe de Hélder morreu aos 17 anos, quando o entrevistado tinha 12 anos de idade. Em sua casa, residem ele, sua mãe, um tio, uma prima e um sobrinho. A sua mãe trabalha na lavoura de café. Seu irmão mais velho é casado há três anos e reside em Campestre. Nunca conheceu seu pai. Sua mãe lhe disse que seu pai está morto, fato que Hélder dúvida em partes devido às reações de sua mãe ao contar sobre ele.

A avó de Hélder teve 22 filhos, muitos dos quais morreram quando recém-nascidos. Ela morava na zona rural, trabalhando como lavadeira. Devido ao elevado número de filhos, ela e seu marido não puderam oferecer educação para todos e, assim, a mãe de Hélder nunca ingressou na escola.

Sua avó prestava serviços para a mãe de um dos homens mais ricos da cidade. Como forma de retribuir os seus trabalhos, esse homem doou uma casa na vila onde moram e, além disso, garantiu o pagamento do IPTU. Mesmo com a morte de sua avó, a casa continuou cedida à família de Hélder.

Hélder acredita que a presença de um pai poderia ter minimizado as necessidades materiais por que passou. Compara-se com alguns primos seus que tiveram condições econômicas mais favoráveis pelo fato de ter um provedor do sexo masculino.

Ricardo: e na infância, como era quando você era criança?

Hélder: ah, nós brincava, só que, tipo assim, por eu ter criado sem pai, isso também pesou bastante. Eu e meu irmão foi criado sem pai. Minha vó e minha mãe que era (a provedora) Meus primo lá, eles lá, tão bem melhor pela presença do pai dele. Pai dele mexia com rolo, assim. Eles era mais melhor. Tinha mais condição que nós, porque o pai dele trabalhava, né? Eles tinha uns carrinho. Eles sempre dava uns pra nós lá.

O início da infância de Hélder se passou na vila onde mora com seus primos e vizinhos. Conta que raramente saía de lá para brincar e conhecer outras pessoas. A sua casa sempre esteve repleta de vizinhos e a rua, bem como um campinho de futebol perto de sua casa, sempre foram o ponto de encontro das crianças da comunidade onde ainda vive. A família de Hélder não tinha dinheiro para comprar brinquedos para ele. Como solução, ele e seus amigos procuravam brinquedos jogados na rua e, algumas vezes, até mesmo dentro do lixo. Além disso, a sua mãe confeccionava alguns brinquedos a partir do pepino. Eram afixados alguns pregos ou pedaços de pau na parte longa do pepino, o que simulava algum animal. Depois das partidas de futebol, sua avó oferecia um biscoito, que faziam parte da cesta básica que ela recebia da prefeitura municipal, para cada uma das crianças. Hélder rememora com grande alegria esses momentos das partidas de futebol.

Até os 10 anos de idade, moravam no seu domicílio, ele, sua mãe, o segundo filho de sua mãe, dois tios, sua avó e sua prima. Eram sete pessoas numa casa com menos de cinco cômodos. A principal provedora do lar era a sua avó, que recebia uma aposentadoria do governo federal. Os demais membros adultos da casa apenas trabalhavam temporariamente na colheita de café, que acontece de maio a agosto. Sua avó sofria de trombose o que lhe causou, devido a dois erros médicos, a amputação de duas pernas. A doença de sua avó demorou para ser diagnosticada porque as dores que sentia eram interpretadas pelos médicos que a atendiam como temporárias, sendo lhe recomendadas injeções para aliviar a dor. Quando a doença que sofria foi diagnosticada, já era tempo de amputar uma das pernas. Como o corte fora realizado num ponto abaixo do ideal, a trombose espalhou-se, conforme o relato de Hélder, para a outra perna, que também teve de ser amputada. Além disso, a avó de Hélder também sofria de problemas no rim.

O cuidado de sua avó demandava um elevado esforço de sua mãe e de uma tia sua que morava próxima à sua casa. A mãe de Hélder chegava cansada do trabalho na zona rural e tinha de passar as noites cuidando da avó de Hélder. Um pouco antes da morte de sua avó, um dos seus tios morreu de cirrose, o que levou o quadro de saúde e a satisfação da vida de sua avó a se agravarem. A morte da avó de Hélder, que era a principal provedora do lar, e do seu tio, que também contribuía com as despesas apesar de despender tempo e dinheiro com o seu vício, provocaram um grande nervosismo na casa desse jovem.

Um ponto de virada aconteceu na trajetória de Hélder aos oito anos de idade quando conheceu Amadeus durante a construção de um lar para ex-moradoras de rua próximo à sua casa.

O menino sempre visitava a obra para brincar e para acompanhar a construção. Durante suas idas, conversava com Amadeus e atendia aos seus pedidos para comprar alimentos para fornecer café para os empregados da obra. Assim, os dois fortaleceram a amizade e, então, Amadeus convidou Hélder para morar na casa masculina da instituição na zona rural do município.

Hélder entrou na escola com seis anos de idade no Coronel. Quando a sua tia fez sua matrícula, sentiu-se entusiasmado pelo “privilégio” de poder estudar. Contudo, todo o seu entusiasmo acabou assim que ingressou na escola, pois a baixa condição econômica de sua família gerava nele um sentimento de inferioridade perante os seus colegas. Os momentos em que pedia o material escolar para a direção e para os colegas de sala de aula eram aqueles de maior aflição. Ainda nos primeiros anos do ensino fundamental, Hélder criou um profundo ressentimento contrário à escola, de tal forma que se escondia num tanque de pedra pela manhã ou saía para as áreas de mata nativa do município para evitar que sua mãe o obrigasse a ir para a escola.

Ricardo: quando cê entrou na escola?

Hélder: entrei na escola, acho que tinha 6 anos, 7 anos. Minha matrícula, na verdade, foi feito desde pequeno, só que eu nunca ia na escola. Às vezes, pra não ir na escola, pegava... Era pra ir na escola 7 horas, eu acordava lá pra seis horas da manhã, na hora que minha mãe tava dormindo, todo mundo... Saía escondido no mato, pra não ir na escola. Uma vizinha, muitas vezes foi lá em casa, atrás de mim, pra ir na escola e tal. Uma vez passei num vitrô (i.e., janela de vidro), desse tamaninho assim, pra não ir na escola.(...) Eu tinha uns 7 anos, por aí. Seis ano, por aí. Seis ano. Eu acordava antes da minha mãe. Escondia naqueles tanque de pedra, naqueles antigo, sabe?, tinha turbo dentro dela. Eu erguia a tampa e tava lá dentro. Eu escondia dentro do tanque. Escondia dentro do guarda-roupa.

Ricardo: e como cê se sentia, assim, na escola, nesse tempo que ocê não gostava, como era?

Hélder: quando eu não gostava de ir, cê fala? Eu achava..., que eu não conhecia ninguém. Chegava lá, achava muito estranho. Achava muito diferente por eu não ter muitas condições de ter as coisas, igual eles lá. Eu pegava... Lá na escola, eles tinha lápis. Eu tinha que pegar emprestado, assim. Me sentia muito mal com isso. Aí, eu peguei e falei: "não volto nisso aqui mais não". O negócio, né? Larguei de ir... Foi quando comecei a ficar emburrado com a escola. No começo, quando minha madrinha me matriculou na escola, fiquei empolgado, memo: “nossa, da hora, vou na escola”. Aí, eu comecei a ir na escola e comecei a ver as coisa, assim. Aí, tinha que ir na biblioteca pedir lápis lá. Eles me davam. ‘Não é possível, cê já perdeu outro lápis?’. Aí, eles me dava lápis, mas aí, “não vou voltar nisso mais não”.

Responder a questões “e se?” sempre são problemáticas devido às inúmeras contingências. Podemos nos questionar, entretanto, acompanhando a narrativa de Hélder, se seria possível que mantivesse o entusiasmo inicial relatado caso as experiências escolares não reforçassem o sentimento de inferioridade dado pela sua pobreza.

Em relação à análise da instituição escolar, o alto custo do material escolar coloca um peso às famílias pobres, podendo ser mais um dos fatores para as diferenciações segundo a classe

social entre as escolas do município. Não tenho dados para sustentar tal afirmação, mas as minhas memórias e as conversas que tive com algumas pessoas que passaram pelo Colégio (uma escola municipal) indicam que essa escola não oferecia material escolar para os alunos pobres como o fazia a escola estadual onde Hélder estudou. Heitor, um jovem pobre que morava no mesmo bairro de Hélder, justifica a saída da escola pelo seu comportamento inadequado para esse ambiente, pelas suas reprovações e pelo alto custo do material escolar.

Ricardo: mas já na quarta série, quando cê era reprovado na quarta série, como foi?

Heitor: no começo, já na quarta série, eles brigavam comigo, batia, deixava eu de castigo. Aí, foi chegando na quinta, na sexta, fui ficando mais velho e eles já avisavam: ó, cê tá sendo bobo em fazer bagunça. A mãe tá comprando material procê à toa. Compra o material procê, cê chega na escola, começa a fazer bagunça, essas coisa. Aí, eu peguei, parei, pensei. Peguei, pra minha mãe não gastar dinheiro à toa, peguei e saí da escola, sabe?, Saí da escola e agora tô aí ralando aí.

Apesar dos problemas enfrentados com relação à secretaria da escola, Hélder era querido pelas professoras, que o convidavam a ir às suas casas. Quando Hélder ia às casas das professoras, elas davam aulas de reforço escolar, sem que elas fossem cobradas pela direção da escola ou atendessem ao pedido de Hélder ou de alguém ligado a ele.

Foi reprovado três vezes nos primeiros anos de escola por ausência. Somente começou a frequentar as aulas assiduamente quando se mudou para a comunidade religiosa de Amadeus. A sua mãe tinha recebido um comunicado do Juizado de Infância alegando que a guarda da criança seria perdida, caso Hélder não frequentasse as aulas. Isso a motivou a permitir que o seu filho mudasse de casa. Durante o tempo que morou na comunidade religiosa, Hélder, numa rotina comum a muitos estudantes da zona rural, levantava às 5 horas da manhã e caminhava mais de 500 metros até a parada para pegar o ônibus, que passava às 6 horas da manhã²¹. Esse esforço é muito menor do que o do tempo em que morava com a sua família, quando a distância de sua casa à escola era menor do que 500 metros e ele levanta às 6h30min nos dias em que frequentava as aulas. Assim, quando se mudou de casa, em um contexto diferente, no convívio com pessoas diferentes, Hélder sujeitou-se a ter um esforço para ir à escola muito maior do que quando morava na casa de sua família.

A entrada tardia de Hélder ao ensino regular criou um novo sentimento com relação às turmas nas quais estudou: o de que era velho demais para estar lá. Com sorte, o que evidencia a

²¹. Quinhentos metros não é uma distância longa, mas leve em consideração que ele tinha entre oito e nove anos de idade, caminhava às cinco horas da manhã e tinha de subir um morro íngreme.

contingência como um elemento para a compreensão das sequências, estudava uma criança da mesma idade da de Hélder que o apoiou a continuar os estudos até o término quarta série.

Eu conversava bem pouco com os outros colegas lá. Conversava mais com esse o menino que era da minha idade e o irmão dele. Os outros era mais novo que eu. Aí, eu fiquei atrasado demais. Aí, eu não me enturmava com eles. Eu era, tipo assim, as crianças, nós tinha dez anos e eles tinham 7. Eu entrei numa sala, assim, só eu de grande. Entrava, sentava no último lugar, aquele mundo de criança na frente. Aí, nós, “óiaprocê ver, o tanto de tempo que nós perdeu”. Começou a pegar e fomo passando de ano. Chegou na quinta série, aí nós parou.

Amadeus e os demais religiosos de sua comunidade, de certa forma, patrocinaram a permanência de Hélder na escola. Quando ele se ausentava da escola, a direção escolar telefona a Amadeus para que incentivasse Hélder a ir para a escola. Depois que voltou a morar na casa de sua família, todos os dias de manhã, uma das moradoras da casa feminina ao lado da casa de Hélder batia na porta de sua casa para verificar se ele tinha ido à escola. Atualmente, esse jovem é grato a todo o esforço que fizeram para que permanecesse na escola. Afirma que a convivência com os religiosos o educou moralmente, impediu que ele tomasse o “caminho errado” (o da delinquência) e lhe ensinou a ser uma pessoa melhor, respeitando as pessoas e aprendendo o que é 'certo' e 'errado'. Eles lhe propiciaram experiências de vida que eram até então inacessíveis, como viajar para a praia, participar de encontros religiosos em cidades do interior de São Paulo, visitar cidades grandes e conviver com pessoas de alto nível socioeconômico. De certa forma, sua infância teve o patrocínio da comunidade religiosa ao lado de sua casa, o que lhe garantiu novas experiências, impediu que certos pontos de virada acontecessem e garantiram a permanência na escola até a quinta série.

Na quinta série, decidiu abandonar a escola porque considerava que já tinha aprendido o bastante. Para Hélder, a sua preferência pelo trabalho *sempre* foi maior do que a preferência pela escola. Apesar das insistências dos membros da comunidade religiosa, ele estava convicto de sua decisão de que já tinha estudado o bastante. Nessa época, quando tinha em torno de 12 anos, trabalhava numa marcenaria e trabalhar o satisfazia mais do que frequentar a escola.

No seu percurso, podemos observar que a preferência pelo trabalho foi construída ao longo do tempo, pela necessidade de contribuir para o sustento de sua família e como uma compensação pelas experiências escolares negativas. Atualmente, Hélder tem dezenove anos e trabalha há quatro no mesmo emprego, como atendente de bar.

5.1.2 . As experiências escolares dos jovens da zona rural e as características culturais

Morar na zona rural do município coloca algumas desvantagens adicionais relacionadas ao deslocamento à cidade e aos poucos recursos das escolas rurais do município. São variadas as experiências dos jovens que moram na zona rural, a depender da distância da residência à cidade e da oferta de escolas rurais na vizinhança. Alguns alunos, por viverem próximos à cidade, estudam todo o ensino fundamental na zona urbana, enquanto outros cursam apenas o ensino médio ou o ensino fundamental II na cidade. O tempo de deslocamento até a escola do município varia enormemente, sendo que nos bairros mais distantes, localizados a mais de 30 km, os alunos despendem mais de duas horas e meia diárias no trajeto de casa à escola.

Rômulo é um jovem de poucas palavras, branco, de 18 anos, morador de um bairro da zona rural a aproximadamente cinco quilômetros da zona urbana. Nasceu em uma família cujo pai é agricultor, dono de uma pequena propriedade, e a mãe é dona de casa. Possui uma irmã seis anos mais velha que atualmente é casada. Na infância, estudou na escola rural do bairro numa mesma turma de alunos - a única da escola - durante os quatro anos do ensino fundamental I com a mesma professora, que era uma mulher que morava em um bairro próximo ao da escola. Na quinta série, transferiu-se para uma escola na zona urbana, pois a escola onde estudava não oferecia o Ensino Fundamental II. Conta que o nível de dificuldade da escola urbana era maior do que o da escola rural onde estudou. Muitos de seus antigos colegas se transferiram para o colégio, o que fez com que tivesse de estudar em uma turma com pessoas totalmente desconhecidas para ele. Estudava de manhã, acordando às cinco horas e quarenta e cinco minutos da manhã, chegando a casa ao meio-dia. Levava em torno de 30 minutos no trajeto entre casa e escola. Foi reprovado na sexta série por duas vezes. Na oitava série, começou a estudar à noite. Como era difícil conciliar escola e trabalho, desistiu de estudar.

Olívio, um segundo caso de um jovem que residiu na zona rural, morou num bairro a aproximadamente cinco quilômetros da cidade, durante o tempo em que cursava o Ensino Fundamental I. Como morava às margens da rodovia federal que atravessa a cidade e estudava numa escola próxima ao trevo, o tempo de deslocamento durava em torno de 20 minutos da casa à escola. O fato de morar às margens da rodovia o livrava de um problema comum em períodos chuvosos, enfrentado por aqueles que se deslocam dos bairros mais distantes, que é a ausência escolar devido às estradas rurais que se tornam intransitáveis.

Norberto, terceiro caso, é um jovem de 24 anos que iniciou os estudos numa escola rural em um município vizinho, onde morava com a sua mãe. Na escola onde estudava, as turmas não eram separadas entre séries diferentes, ou seja, dentro de uma mesma sala havia pessoas da primeira até a quarta série, sendo todos lecionados por uma mesma professora.

Ricardo: o que cê lembra dos professores, dos alunos, o que cês faziam, como cê achava que a escola era fraca?

Norberto: eu lembro que era..., ela tinha duas salas, duas salas de aula, uma biblioteca, cantina, banheiro, assim. Só que era uma professora só. Como era uma professora só, ela tinha primeiro, segundo, terceiro, quarto ano. Então, era tudo misturado numa sala só. Então, a professora muitas vezes não sabia. Não tava separando, sabe?, porque cê dá aula pra um tanto de série, eu acho que complica, porque no mesmo tempo que cê tá ensinando uma coisa pra uma turma, cê tá ensinando outra coisa pra outra turma. Então, tipo assim, era uma fila de primeira, era uma fila de segunda, uma fila de terceira e uma fila de quarta. Então, esse negócio complicava. Mas, era complicado, uma escola só. Não era muito fácil, não. Mas os colegas era tudo gente boa, assim, sabe? Tirando essas parte de ensino, era tudo bem.

Ricardo: mas, ai, era uma fila só?

Norberto: tipo assim, uma fila de primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano, numa sala só. Ela ensinava pra todo mundo ao mesmo tempo. Lógico, num tempo ela ensinava uma turma, noutra ensinava outra turma, mas era uma sala só.

Da sua casa até a escola, Norberto levava em torno de quarenta minutos caminhando durante as tardes. A partir da quinta série, veio para Campestre onde estudou na escola Elias Jorge Zenun. Ele cita a necessidade de ir mais bem vestido como uma diferença entre as escolas urbanas e rurais.

Ricardo: e como que foi estudar no Elias? O que cê lembra dos professores, colegas?

Norberto: foi diferente. Porque a gente era acostumado na roça, cê é acostumado com o ambiente de roça, assim. Se mudar pra cidade, cê tem um ambiente de cidade. Professor tudo diferente. Cê fica assim meio. Daí, até que foi fácil eu me adaptar também. Me adaptei bem. Depois foi passando o tempo, a gente foi acostumando, acostumando.

Ricardo: qual a diferença, assim, que cê vê?

Norberto: a diferença assim que, primeiro, era uma roça. Já diz tudo: roça. Roça a pessoa conversa de um jeito (diferente), não esquenta muito a cabeça. A gente ia pra escola de chinelo. Ia pra escola assim não se preocupava de se arrumar direito. Agora na cidade, não, na cidade cê tem que ir mais arrumado, cê tem que ir mais apresentável. Então. Mas isso ai não foi dificuldade não. Não foi dificuldade, não. Isso aí foi mudança, foi adaptação. Foi mudança também porque na roça a gente fica livre, fica, a gente não preocupa muito com as coisas. Na cidade, não, se ocê não andar bem vestido, os outros falam. Se tiver descalço, os outros falam. Então, é por esse lado aí.

Uma característica cultural de Campestre, que, segundo alguns entrevistados que estudaram em Poços de Caldas, pode ter efeitos sobre as relações entre professores e alunos é o respeito à autoridade e aos mais velhos. É mandatório pedir a bênção religiosa para pais, tios e avós. Os mais velhos são sempre referidos como 'o senhor', ou 'a senhora', sendo que o uso da

expressão 'ucê' (você) é reprovado veementemente por toda a população no tratamento com os mais velhos. Na escola, as professoras são chamadas de dona, o que indica mais uma forma de respeito às hierarquias e aos mais velhos. Esses jovens afirmam que os professores com quem tiveram aulas naquela cidade eram mais amistosos com os alunos dos que os de Campestre.

5.1.3. Conclusão da seção sobre as escolas

As escolas de Campestre são compostas por turmas com perfis distintos segundo os critérios de localidade e classe social. Contudo, não são criadas barreiras rígidas entre as turmas, o que permite a alguns jovens estudar em turmas de classes sociais distintas da sua. Nos casos estudados, a experiência de conviver com classes sociais distintas gerou o sentimento de deslocamento e de falta de identificação no início do ano letivo, mas com o tempo o convívio passou a ser mais agradável na percepção dos entrevistados. As creches do município estão estratificadas segundo a classe social, em que uma delas é ocupada principalmente por crianças da “ralé social” enquanto a outra tem um perfil majoritariamente de alto nível socioeconômico. Formas de má fé institucional estão presentes nas escolas do município, o que gera experiências sociais diferentes entre os alunos de uma mesma escola. Finalmente, este capítulo tratou das experiências dos jovens que moram ou já moraram na zona rural e dos problemas específicos relacionados ao deslocamento.

A experiência na escola pode ampliar as desvantagens (ou as vantagens) decorrentes de determinados atributos. O processo de rotulação, a busca por uma carreira moral promissora em outro domínio e a internalização de determinadas experiências criam condições para que o jovem entre em conflito com a lei, ou defina que a escola não é o seu lugar. Alternativamente, também se observam casos em que a escola cria um “rótulo positivo”, como o de aluno prodígio, o que tem consequências desejáveis para o percurso de vida.

5.2. O Mercado de Trabalho em Campestre

Muitos dos jovens entrevistados já tiveram experiências no mercado de trabalho. Para alguns que já tinham abandonado a escola “definitivamente”, o mercado de trabalho é uma instituição central na vida. O mercado de trabalho em Campestre está concentrado na produção agrícola, especialmente no cultivo de café. Em 2010²², 64,81% dos homens de 10 anos ou mais de idade ocupados na semana de referência do Censo estavam nessa atividade. Observa-se na tabela abaixo que a seção do setor agrícola é a única que ultrapassa os 10% do trabalhadores.

A tabela abaixo apresenta algumas limitações para a compreensão do mercado de trabalho na cidade. A produção de café é sazonal. A colheita ocorre de 3 a 5 meses do ano na estação do inverno. Como a investigação do Censo teve como referência a semana de 25 a 31 de julho de 2010, auge da colheita de café, é provável que se verifique uma superestimação do total de trabalhadores agrícolas se tomarmos como base o ano todo. Durante a colheita, aposentados com condições de trabalhar, donas de casa, desempregados, migrantes temporários oriundos do Norte de Minas e do Nordeste e trabalhadores rurais permanentes dirigem-se aos cafezais a fim de colher o grão. Sendo assim, a proporção de desempregados é menor e a população economicamente ativa é maior do que no restante do ano. A proporção de trabalhadores empregados na agricultura também aumenta nesse período.

²² Quando não especificado, os dados referem-se ao Censo de 2010.

Tabela 5.4: Ocupação dos homens de 10 anos ou mais de idade na semana de referência do Censo de 2010 em Campestre-MG.

Seção do Trabalho Principal	%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	64,81
Indústrias extrativas	0,24
Indústrias de transformação	5,56
Eletricidade e gás	0,16
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	-
Construção	4,04
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8,48
Transporte, armazenagem e correio	1,91
Alojamento e alimentação	1,58
Informação e comunicação	0,33
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	0,13
Atividades imobiliárias	-
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1,34
Atividades administrativas e serviços complementares	0,41
Administração pública, defesa e seguridade social	3,00
Educação	1,74
Saúde humana e serviços sociais	0,54
Artes, cultura, esporte e recreação	0,37
Outras atividades de serviços	0,42
Serviços domésticos	0,10
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-
Atividades mal especificadas	4,79
Total	100

Fonte: Censo 2010

Obs: Como o Censo utiliza uma amostra de 10 ou 15% do total da população, provavelmente as seções “Atividades imobiliárias” e “Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação” não foram contabilizadas por problemas amostrais.

Existem várias maneiras de observar as diferentes formas de inserção no mercado de trabalho local. Uma delas é observando as diferenças segundo o sexo²³. Apesar de as mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho em menores proporções do que os homens, uma vez que 62% dos jovens ocupados entre 18 a 24 anos em 2010 eram do sexo masculino²⁴, elas estão inseridas em ocupações com algumas vantagens no caso da juventude de Campestre-MG. Em primeiro lugar, contribuem em maior medida para a previdência social. Entre jovens de 20 a 24

²³ Uma diferença relevante a se observar é pela condição de moradia (rural ou urbano), mas os dados do SIDRA-IBGE não permitem observar diferenças por seção de atividade, idade e condição de moradia numa mesma tabela e fazer o download dos microdados e processá-los é inviável para os propósitos dessa pesquisa.

²⁴ Nessa faixa etária, 52% das pessoas de 18 a 24 anos da cidade são do sexo masculino.

anos, 51,84% das mulheres contribuíam para a previdência social, enquanto essa proporção era de 33,44% entre os homens. Isso pode ser explicado, em certa medida, por estarem concentradas no setor de comércio e serviço, que formaliza o emprego em número maior do que a agricultura, e talvez por uma preocupação maior das mulheres com relação ao futuro. Pela preferência dada no mercado de trabalho às mulheres no setor de comércio e serviços, elas conseguem livrar-se do repetitivo, insalubre e pesado trabalho no setor agropecuário.

A tabela 5.5 mostra as diferenças ocupacionais segundo o sexo. Observa-se que no grupo etário de 18 a 24 anos, enquanto 12% das mulheres trabalham em atividades administrativas ou na administração pública, apenas 1,27% dos homens estão inseridos nessas seções. Isso indica uma preferência dos empregadores por mulheres pelos serviços de escritório, uma vez que as diferenças por escolaridade – uma das principais variáveis para explicar a inserção no mercado de trabalho – não são tão expressivas para esse grupo. Além disso, as mulheres também estão em maior número no setor de comércio.

Diferentemente de vários outros contextos, as mulheres estão em proporção ligeiramente maior do que os homens nas indústrias de transformação. As fábricas de costura de roupas, principal ramo da indústria na cidade, empregam tanto os homens quanto as mulheres. Além desse tipo de indústria, também estão presentes outras voltadas tanto para a economia regional, como uma fábrica de móveis, laticínios, fábrica de portões, de adesivos e estamperia e de tijolos. As indústrias na cidade, como se pode notar, empregam baixa tecnologia e mão de obra pouco qualificada. Existe apenas o caso de uma fábrica de café gourmet que utiliza equipamentos de alta tecnologia e mão de obra mais qualificada.

Tabela 5.5: Ocupação dos jovens entre 18-24 anos na semana de referência do Censo de 2010 em Campestre-MG, segundo o sexo.

Seção do Trabalho Principal	Homens (%)	Mulheres (%)
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	54,89	21,24
Indústrias extrativas	-	-
Indústrias de transformação	10,36	11,47
Eletricidade e gás	-	-
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	-	-
Construção	4,14	-
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	15,88	27,26
Transporte, armazenagem e correio	-	-
Alojamento e alimentação	2,76	-
Informação e comunicação	1,50	-
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-	1,32
Atividades imobiliárias	-	-
Atividades profissionais, científicas e técnicas	-	-
Atividades administrativas e serviços complementares	1,27	-
Administração pública, defesa e seguridade social	-	6,20
Educação	1,27	5,83
Saúde humana e serviços sociais	-	1,69
Artes, cultura, esporte e recreação	-	1,50
Outras atividades de serviços	1,73	2,82
Serviços domésticos	-	17,48
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-
Atividades mal especificadas	4,49	3,57
Total	100	100

Fonte: Censo 2010

Observa-se pela tabela 5.6 que mesmo entre os jovens é elevada a proporção daqueles que trabalham na agricultura. Em comparação com toda a população do sexo masculino, os jovens estão inseridos em maiores proporções no comércio e na indústria da transformação, categorias em que a presença de jovens entre 18 ou 19 anos é significativamente maior do que o daqueles entre 20 a 24 anos. A indústria da transformação no município concentra-se no corte e costura de roupas, setor que emprega majoritariamente os jovens que estão ingressando no mercado de trabalho. É por esse motivo que, nessa categoria, os jovens de 18 ou 19 anos estão inseridos em proporções mais elevadas do que os de 20 a 24 anos. Os jovens de 20 a 24 anos estão em maiores proporções no setor agrícola. Não são muito claras as razões pelas quais se observa esse dado. Pode-se

pensar que esses jovens possuem, na média, menos capital humano do que o de 18 ou 19 anos, já que muitos desse último grupo irão migrar, ou que existe uma preferência dos empregadores pelos mais jovens.

Tabela 5.6. Ocupação dos jovens do sexo masculino na semana de referência do Censo de 2010 em Campestre-MG.

Seção do Trabalho Principal	18 ou 19 anos	20 a 24 anos
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	40,19	59,69
Indústrias extrativas	-	-
Indústrias de transformação	16,82	8,24
Eletricidade e gás	-	-
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	-	-
Construção	1,87	4,89
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	20,56	14,35
Transporte, armazenagem e correio	-	1,22
Alojamento e alimentação	11,21	-
Informação e comunicação	-	1,98
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-	-
Atividades imobiliárias	-	-
Atividades profissionais, científicas e técnicas	-	-
Atividades administrativas e serviços complementares	-	1,68
Administração pública, defesa e seguridade social	3,27	-
Educação	-	1,68
Saúde humana e serviços sociais	-	-
Artes, cultura, esporte e recreação	-	-
Outras atividades de serviços	2,34	1,53
Serviços domésticos	-	-
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-
Atividades mal especificadas	3,27	4,89
Total	100	100

Fonte: Censo 2010

5. 2. As Ocupações dos Jovens Entrevistados

De um modo geral, os jovens entrevistados recebem em torno de um salário mínimo, ingressaram no mercado de trabalho antes de completar dezoito anos e empregam o salário principalmente para o consumo próprio. O quadro abaixo apresenta o emprego atual, as

experiências no mercado de trabalho, a idade com que começaram a trabalhar e a ocupação do principal provedor do domicílio familiar.

Quadro 5.1: Características das ocupações dos entrevistados

Entrevistado	Ocupação Atual	Experiências Anteriores	Idade de entrada	Ocupação do responsável
Alberto	Estudante universitário	Pintor, carregador de sacas de café	18	Pintor
Celso	Vendedor em Agropecuária	Nenhuma	17	Trabalhador rural
Emílio	Pintor	Fábrica de roupas, de tijolos, servente, barracão de café	14	Dono de uma empresa de sucata
Ernesto	Sem emprego	Nenhuma	—	Diarista
Estêvão	Estudante de Ensino Médio	Estamparia	16	Gerente
Geraldo	Estudante universitário ¹	pré- Padaria, Lan House, Loja de produtos automobilísticos	14	Auxiliar de Serviços Gerais
Heitor	Em mudança/servente	Marceneiro, apanhador de café	16	Caminhoneiro
Hélder	Atendente em um bar	Marceneiro, pintor, vendedor de lenha, capinador, apanhador de café	8	Apanhador de Café*
Jerônimo	Repositor de mercadorias	Traficante	12 ou 17	Apanhador de Café
Mariano	Vendedor em loja de roupas	Nenhuma	17	Pedreiro
Matias	Estudante universitário	Nenhuma	—	Professora
Nicolau	Estudante universitário	pré- Bar da família	8	Quitandeira
Norberto	Vendedor atacadista de verduras	Comércio e prefeitura	14	Vendedor Atacadista de Verduras
Olívio	Atendente em Lan House	Consertador de Notebooks, fábrica de costura	15	Trabalhador Rural
Rômulo	Trabalhador rural	---	14	Trabalhador Rural
Rubens	Auxiliar de produção de móveis	Barzinho, servente, supermercado	12	Aposentado
Rui	Secretário num supermercado	Floricultura, padaria	13	Caminhoneiro
Teodoro	Salva-vidas e instrutor de Jiu-Jitsu	Estamparia	16	Pedreiro
Valdir	Desempregado/apanhador de café	apanhador de café, panfleteiro e soldador	16	Varredora de Rua

Vicente	Auxiliar de fotografia e filmagem	Apanhador de café, fábrica de costura	17	Fotógrafo e jornalista amador
----------------	--------------------------------------	--	----	----------------------------------

Fonte: Elaboração própria *É feita uma distinção entre os "apanhadores de café", que são aqueles que trabalham apenas durante a colheita, e os trabalhadores rurais, que trabalham na produção agrícola durante todo o ano. Estudante pré-universitário é aquele que tem como principal atividade preparar-se para o ingresso na universidade, por meio de estudos individuais ou por cursinho.

Com a exceção do filho de uma professora e do filho de um gerente, todos nasceram em famílias cuja renda do principal provedor não é consideravelmente maior do que um salário mínimo. Os filhos dos "apanhadores de café" têm uma média de salário mensal inferior, na maioria dos casos, a um salário mínimo. Os principais provedores nesses casos, trabalham durante cinco ou seis meses do ano e ficam desocupados ou fazem bicos durante o restante do ano, constituindo, assim, um grupo de pobres.

Como a renda não constitui um forte indicador de desigualdade no mercado de trabalho numa cidade pequena, uma vez que os empregos ofertados dificilmente ultrapassam a barreira de um salário mínimo, especialmente nas ocupações em que os jovens estão inseridos, deve-se observar outros indicadores a fim de captar as desigualdades no mercado de trabalho. As formas pelas quais se processam as desigualdades nesse campo são pela obtenção de emprego, isto é, existe uma parcela que não consegue ingressar no mercado de trabalho; pela formalização do trabalho, que garante seguros contra o desemprego e a cobertura da previdência social; pela quantidade de horas trabalhadas; pelos mecanismos de obtenção, e pelas características da ocupação (serviço manual/não-manual; nível de insalubridade, ambiente de trabalho, dentre outros).

O quadro abaixo mostra as diferenças entre alguns dos fatores citados acima no grupo entrevistado. A quantidade de horas trabalhadas varia enormemente entre os entrevistados. Há casos em que o jovem trabalha mais de 60 horas semanais, enquanto em outros casos é cumprida a carga horária exigida por lei. Em algumas entrevistas, essa pergunta não foi feita ou não se pôde calcular o número de horas trabalhadas. No caso dos mecanismos de obtenção, observa-se a centralidade da família, tanto nuclear quanto extensa, como um meio direto ou indireto de obtenção de emprego.

Quadro 5.2: Formas de desigualdade no mercado de trabalho entre os entrevistados

Entrevistado	Mecanismos de Obtenção dos empregos	Quantidade de Horas Trabalhadas no emprego atual ou no último emprego
Alberto	Pai	----
Celso	Irmão	> 44 horas semanais sem pagamento de hora extra
Emílio	Primo, prospecção direta	7 às 17h, segunda a sexta
Ernesto	-----	-----
Estêvão	Sem dados	Sem dados
Geraldo	Tio, amigos, prospecção direta	> 44h, com pagamento de hora extra
Heitor	Amigos, irmão	>44 horas semanais sem pagamento de hora extra
Heitor	Prospecção direta	Sem dados
Hélder	Tios	60h
Mariano	Prospecção direta e pais	8 às 17h, de segunda a sábado
Matias	-----	-----
Nicolau	Família	Variável
Norberto	Mãe, padrasto e tia	Em torno de 20 horas semanais
Olívio	Amizade, agência estatal	25 horas
Rômulo	Pai	Varia de acordo com a época do ano
Rubens	Amigos da igreja, amigos do pai, pai	40h
Rui	Vizinhança, prospecção direta	44 horas
Teodoro	Irmão, amizade com vereador	12 horas semanais o ano todo e mais 30 horas durante o verão
Valdir	Amigos	-----
Vicente	Amiga da mãe, amigo do pai, pai e mãe	Em torno de 20 horas semanais

Fonte: elaboração própria

Uma característica dos mecanismos de alocação de empregos em Campestre é a ausência de agências públicas e privadas que intermedeiam a relação entre empregadores e candidatos às vagas de emprego. Caso algum empregador pretenda recorrer a meios impessoais para preencher a vaga, ele deverá divulgar a vaga na rádio comunitária da cidade, que cobra uma taxa de divulgação e, assim, desincentiva essa prática, ou então deverá afixar cartazes na porta de

seu empreendimento ou em lugares públicos²⁵. A estratégia de divulgar a vaga na rádio comunitária foi utilizada, de forma mais marcante, por uma rede de lojas de móveis e eletrodomésticos de abrangência regional que se instalou na cidade por volta de 2008. Por esse meio, essa empresa conseguiu atrair um elevado número de interessados em um rigoroso processo seletivo. Foi uma seleção rara de se ver na cidade em que o empregador exigiu o preenchimento de questionários, analisou currículos e realizou entrevistas.

A segunda forma foi utilizada pela empresa que contratou um dos entrevistados. Assim que concluiu o ensino médio, Mariano tomou a decisão de ingressar no mercado de trabalho para adquirir independência financeira de seus pais. Um dia, quando seu pai caminhava pelo centro da cidade, notou um cartaz no interior de uma loja anunciando uma vaga de emprego. Ao saber da notícia, Mariano pediu para a sua mãe, que conhecia pessoalmente a gerente da loja, que o acompanhasse ao se apresentar à vaga. Esse pedido decorreu de uma forte dependência afetiva de Mariano com relação a seus pais e de uma estratégia pessoal de mostrar que sua mãe é uma pessoa conhecida da contratante, cliente da loja e reconhecida socialmente como de “bons valores”. Esse jovem foi contratado temporariamente, tendo sido efetivado depois de algumas semanas.

5.2.2. As trajetórias no mercado de trabalho dos jovens

Para se compreender a inserção atual dos jovens entrevistados, é importante observar a trajetória de vida deles a fim de verificar os recursos, constrangimentos, oportunidades e preferências adquiridos ao longo do tempo que explicam a inserção atual. As redes sociais construídas ao longo da vida, a transmissão intergeracional dos capitais familiares e a relação entre as experiências escolares e a inserção no mercado de trabalho são elementos centrais que não se resumem ao momento da busca de emprego e às experiências no mercado de trabalho.

Um dado que se observa nessa pesquisa são as diferenças nas preferências individuais com relação ao trabalho e ao estudo. Estêvão tem 18 anos, cursa o ensino médio no período matutino e sente o desejo de trabalhar para adquirir independência, apesar de sua família ter uma situação econômica que lhe possibilita ter conforto material sem a necessidade de trabalhar.

²⁵ Os classificados de emprego de jornais locais, apesar de ser uma forma possivelmente existente em outras cidades pequenas, não são encontrados em Campestre. O jornal local é pago, sendo lido principalmente pelos mais ricos, com pouca penetração entre as pessoas que procuram emprego.

Entretanto, ele não abre mão de cursar o ensino médio de manhã e está à procura somente de um trabalho em tempo parcial, o que tem sido difícil de encontrar, uma vez que, na sua percepção, não existem muitas ofertas de trabalhos desse tipo na cidade. Caso venha a encontrar um emprego, não permanecerá por muito tempo, pois pretende emigrar para uma cidade a mais de 100 km para cursar a universidade. Estêvão já foi reprovado na escola por mais de uma vez. Ao longo de sua trajetória escolar nunca apresentou boas notas. Contudo, como uma estratégia tácita de reprodução social, toma a entrada na universidade como uma realidade dada, sem relação próxima com o seu desempenho escolar. Seu pai trabalha numa ocupação urbana de salário relativamente alto, não possui terras e a forma que Estêvão teria para ingressar nessa ocupação seria somente por concurso público. Assim, a permanência no sistema de ensino é mais central do que o ingresso no mercado de trabalho.

Sua situação é diferente da de Rômulo. Esse jovem começou a trabalhar aos 15 anos de idade com os pais na lavoura de café. No início, estudava no período matutino, chegava a casa por volta de 12 horas, começava o trabalho às 13 horas e retornava do trabalho às 17 horas. Como acreditava que trabalhava pouco, transferiu-se para o período noturno. Entretanto, a rotina de trabalhar nas lavouras durante 8 horas por dia e estudar à noite era-lhe extenuante e, por isso, decidiu abandonar os estudos para dedicar-se inteiramente ao trabalho. Os motivos que levaram Rômulo a trabalhar não são muito diferentes dos de Estêvão. Também queria ter independência nas suas decisões de consumo. Sua família é produtora rural, com uma quantidade de terras que garante uma situação financeira segura. Rômulo não pretende ingressar na universidade, afirmando a si mesmo como um mau aluno, com dificuldades de aprendizado. Abandonou a escola na sexta série. Seu interesse é usar parte das terras de seus pais para plantar o seu próprio café. O trabalho na zona rural para esse jovem é percebido de maneira positiva. É uma atividade que não produz estresse, que não gera preocupações fora do horário de trabalho, é exercido em local aberto com a companhia de outras pessoas e oferece uma recompensa emotiva ao ver o trabalho dando frutos, literalmente.

Rômulo foi socializado desde a infância a definir o trabalho rural dessa forma. Nasceu na zona rural e seu pai é agricultor, assim como toda a sua família extensa. Passou a infância em um ambiente onde o trabalho nas lavouras de café é praticamente a única alternativa. Com o seu fracasso escolar, a escola – que poderia inculcar-lhe novos valores e aspirações – não teve esse papel, mantendo o trabalho na zona rural como central na sua vida. Isso não quer dizer necessariamente

que o insucesso na escola lhe tenha imputado uma punição severa às suas possibilidades futuras, já que a renda auferida pelo trabalho rural poderá garantir o seu sustento.

Essas diferenças de preferências, como se pode notar, justificam-se pelas diferentes estratégias de reprodução social e pelas experiências escolares. Na relação entre escola e mercado de trabalho, a literatura documenta que o papel da escola não é somente o de qualificar os empregados para exercer as funções requeridas. Ela também cria novas formas de relacionamento, novas aspirações e novas culturas (Willis, 1991).

Segundo Bourdieu (2003), a escola tem o papel de elevar as aspirações dos jovens, tendo no processo de expansão do ensino secundário francês, provocado um aumento de aspirações sem que houvesse uma estrutura social que pudesse atendê-las. Entre os jovens entrevistados com ensino médio completo, como se pode ser observado pelo quadro abaixo, observam-se aspirações de trabalho com poucas possibilidades de serem atendidas no mercado de trabalho local, seja pela não existência de vagas na área, seja pela elevada concorrência.

Quadro 5.3: Aspirações de trabalho dos jovens entrevistados com ensino médio completo

Entrevistado	Aspiração de trabalho
Alberto	Ser cineasta
Celso	Ser professor de Matemática
Ernesto	Trabalhar na área de informática
Estêvão	Ser médico ou administrador de empresas
Geraldo	Ser pesquisador ou professor universitário
Mariano	Ser administrador de empresas
Matias	Ser desenvolvedor de jogos eletrônicos
Nicolau	Ser pesquisador ou professor universitário
Olívio	Ser dono de uma loja de suplementos alimentares
Rui	Ser padre
Teodoro	Trabalhar na Polícia Civil

Fonte: elaboração própria

Chama a atenção o fato de dois jovens terem mencionado como aspiração ser pesquisador ou professor universitário, já que os jovens supuseram que essa é a profissão do autor

desta pesquisa e isso pode ter influenciado nas suas respostas. Um dos entrevistados que mencionou essa profissão é um jovem que conheço pessoalmente e que realmente tem essa aspiração. O outro jovem é uma pessoa que conheço de vista. Não sei exatamente em que medida a minha ocupação exerceu uma influência sobre a resposta dele. Contudo, acredito que a sua resposta não resulta de uma chacota sobre a situação da entrevista.

Essas aspirações destoam em larga medida dos jovens que não concluíram o ensino médio e não têm expectativa de concluí-lo nos próximos anos, os quais simplesmente, na maioria dos casos, não têm aspirações de trabalho claramente definidas. Alguns querem um trabalho com um salário maior, outros querem evitar um trabalho pesado, enquanto outros querem ter estabilidade no trabalho atual. Para esse grupo, ocupações que exigem uma escolaridade elevada não são colocadas como uma alternativa viável.

A escola pode favorecer o aumento de expectativas entre os bem-adaptados às exigências de formação e de desempenho, mas, por outro lado, pode gerar contraculturas escolares. Em relação ao debate se a escola faz as juventudes, o que se apresenta pelos dados da pesquisa é que a escola faz diferentes juventudes, a depender das condições iniciais dos jovens, das relações entre os eventos que compõem as sequências e das contingências.

A transição para o mercado de trabalho se relaciona com as experiências escolares e com as culturas juvenis, como pode ser observado pelo trabalho de Paul Willis (1991). A pesquisa desse autor mostra as distinções dentro da classe trabalhadora e a relação entre os diferentes perfis de estudantes, a cultura e as experiências no mercado de trabalho. Contudo, no contexto campestre, as condições de vida no campo – como apresentada no caso de Rômulo – também é um fator relacionado que prepara os jovens para enfrentar o serviço pesado. Além disso, os dados dessa pesquisa também evidenciam a insatisfação de muitos jovens com o trabalho braçal.

Formas de Exploração no mercado de trabalho

O medo de um empregado de ser "*mal falado*" entre os empregadores da cidade possibilita a exploração sobre os empregados devido à expectativa de que o empregador permanecerá incólume pelos seus atos. Heitor trabalhava num local que apresentava uma série de irregularidades: não havia o pagamento de hora-extra, os empregados não eram formalmente registrados e as normas de segurança não eram cumpridas. Depois que pediu demissão do emprego, Heitor pensou em processar o patrão, mas desistiu por acreditar que essa ação poderia ter

consequências negativas sobre as suas chances futuras de conseguir emprego. Uma série de irregularidades acontece em algumas empresas de costura da cidade, mas a falta de sindicatos dos trabalhadores nesse setor e o medo de ações individuais criarem a fama de empregado encrenqueiro inibem ações de resistência.

5.2.3. O percurso de vida de um desempregado de longo tempo

Valdir é um jovem de 22 anos, autodeclarado branco, nascido em Campestre, mas que, ainda recém-nascido, mudou-se para uma cidade do interior de São Paulo. Sua mãe se separou de seu pai para viver com um novo marido numa cidade a mais de 360 km de Campestre quando tinha menos de um ano de idade. As famílias do pai e da mãe de Valdir são da cidade onde a pesquisa foi conduzida. No interior de São Paulo, convivia com os familiares de seu padrasto, mas nunca se sentiu parte integrante da família. Sua mãe estudou até a quarta série e trabalha atualmente como varredora de rua para a prefeitura municipal. Há aproximadamente dois anos, seu pai biológico morreu. Nunca teve contato com ele, nem nunca recebeu nenhuma ajuda financeira de sua parte.

É o primogênito de sua mãe, que também possui outros três filhos, sendo duas mulheres - uma quatro anos e a outra seis anos mais jovem do que ele - e um homem oito anos mais novo do que Valdir. Sua irmã mais velha está casada desde os 16 anos, tendo abandonado a escola, também, na quinta série. A irmã mais nova não trabalha e abandonou a escola na oitava série. Seu irmão é o único que ainda frequenta a escola, estando na sétima série.

Como o padrasto de Valdir não era afeito ao trabalho, segundo o entrevistado, sua mãe saía para trabalhar na produção de laranjas enquanto o padrasto cuidava dos seus filhos em casa. Valdir afirma que recebia menos atenção do padrasto por não ser filho consanguíneo dele. Brigavam constantemente por quaisquer motivos. Conta que o padrasto bebia excessivamente, não trabalhava o suficiente para arcar com as despesas da casa, gastava o salário de forma inconsequente e desrespeitava a sua mãe²⁶.

A entrevista com Valdir iniciou-se da seguinte maneira:

Ricardo: Começa contando quem você é, quantos anos você tem, quem são seus pais.
 Valdir: eu sou meio gago, memo. Já tá gravando?
 Ricardo: tá.

²⁶ Embora não tenha perguntado na entrevista, acredito que o padrasto de Valdir seja negro, pois o entrevistado é branco, sua mãe é branca e todos os seus irmãos são morenos.

Valdir: eu chamo Valdir. Tenho 22 anos. Não sei.
 Ricardo: teus pais, quem são teus pais?
 Valdir: chama... Nossa, não vou dar conta.
 Ricardo: é bem tranquilo, assim, você pode...
 Valdir: eu sou burro demais.

E terminou assim:

Ricardo: tem mais alguma coisa, assim, que cê gostaria de falar?
 Valdir: (*acena com a cabeça negativamente*).
 Ricardo: Eu acho que é isso. Obrigado pela entrevista.
 Valdir: meio burro, memo, né?
 Ricardo: não.
 Valdir: eu não sei explicar certinho, assim.

Valdir atribui a sua “estupidez”, que é reiteradamente afirmada na entrevista, à sua baixa escolaridade. *"Ah, eu estudei pouquinho. Eu estudei pouco na escola. Tinha que trabalhar, né? Aí, eu estudei pouco. Por isso que sou meio burro..."*. Abandonou a escola na quinta série aos 14 anos de idade. Foi reprovado uma vez na quarta série e duas vezes na quinta. Como não se sentia capaz de avançar de série, desistiu da escola. Afirma também que outro motivo para essa desistência fora a necessidade de trabalhar, mas há algumas contradições a respeito dessa justificativa, uma vez que o primeiro emprego de Valdir só foi obtido dois anos depois de ter evadido a escola.

Era um aluno desinteressado por estudos, com dificuldades de aprendizado. Não era pressionado a estudar pela sua mãe, que agiu de maneira indiferente à sua decisão de abandonar a escola. Diz que o ambiente familiar estressante não criava condições propícias para o aprendizado. Assim como Hélder, Valdir conta que sentiu um forte interesse pela escola no primeiro ano de estudos, mas que foi perdido ao longo das repetidas experiências de reprovação e baixo aprendizado.

Na pré-adolescência, quando o padrasto e a mãe de Valdir saíam para trabalhar na colheita de laranja, era ele quem cuidava dos seus irmãos. Responsabilizava-se pelas brincadeiras e atividades realizadas por eles. As suas irmãs, nessa época, limpavam a casa e preparavam algumas refeições. Diariamente, a sua mãe e seu padrasto tomavam uma van para deslocar-se para a zona rural para trabalhar e somente retornavam à noite.

Aos 14 anos de idade, mudou-se para Campestre devido à separação entre seus responsáveis. Nunca frequentou a escola nessa cidade, o que criou algumas barreiras para formar amizades. Ter poucos amigos é uma característica de Valdir, pois, mesmo no interior de São Paulo, conta que tinha apenas quatro amigos com os quais tinha uma convivência intensa. Em Campestre,

as primeiras amizades somente surgiram depois de três anos morando na cidade com alguns rapazes que conheceu na praça central. Viu sentados sobre um banco da praça alguns jovens que pareciam ser simpáticos e agradáveis e foi em direção a eles para conhecê-los. Mantém a amizade com eles até os dias atuais, depois de cinco anos desse evento.

Esse jovem também se encontrou desligado de organizações religiosas por mais de cinco anos desde que se mudou para Campestre. A primeira vez que Valdir participou de um encontro religioso foi há três anos, na Igreja Metodista. Uma amiga de sua mãe a convidou a participar do culto da igreja. Sua mãe começou a frequentar semanalmente os encontros da igreja e convidou Valdir, que aceitou o pedido. Afirma que se acostumou a frequentar o ambiente religioso e aprendeu a gostar desde então.

Valdir nunca teve uma residência fixa na nova cidade, tendo morado em mais de seis casas diferentes. Depois de um ano da separação de sua mãe e de seu padrasto, eles reataram o relacionamento. Viveram em Campestre e em uma cidade vizinha a 50 km, onde o padrasto de Valdir possui parentes. Quando tinha 18 anos de idade, eles se separaram definitivamente, pois o comportamento agressivo e o vício em álcool do seu padrasto tinham se intensificado.

Uma série de eventos aconteceu em sua vida de tal modo a que não tivesse acesso a uma rede social numerosa, com possibilidades de lhe prover empregos. Nunca estudou nas escolas de Campestre, o que teve por consequência não ter muitos amigos na cidade onde reside. Como morou no interior de São Paulo por quatorze anos de sua vida - sendo criado pelo padrasto - a família extensa paterna não faz parte de sua rede. Apenas recentemente ingressou numa instituição religiosa da cidade, o que poderá oferecer a oportunidade de, finalmente, constituir uma rede social mais numerosa. No momento, os contatos que Valdir pode lançar mão para obter empregos são somente os seus três amigos, a sua mãe e os familiares dela.

O primeiro emprego que Valdir obteve foi como entregador de panfletos, conseguido pela indicação de um amigo seu. Depois disso, trabalhou como soldador em dois empregos. O primeiro deles foi obtido com a ajuda de um amigo que conhecia um dono de uma marcenaria que tinha falado para esse amigo sobre o trabalho de soldador em um estabelecimento que não exigia experiência de trabalho nem curso técnico. Valdir procurou o empregador e conseguiu. Sua atividade principal era a de soldar portões. Permaneceu por mais de dois anos, tendo saído por desavenças com o patrão. Era constantemente cobrado pela qualidade do serviço. A relação entre o patrão e empregado tornou-se tão conflituosa depois de determinado momento que decidiu

abandonar o emprego.

Ficou desempregado por menos de dois meses.

Obteve o segundo emprego como soldador quando conversou diretamente com um dono de outra microempresa que também produz bens com o uso da soldagem. Foi demitido depois de três meses devido à baixa demanda por produção. As atividades nos dois empregos eram semelhantes, com algumas diferenças no uso do equipamento, que era mais potente na segunda empresa onde trabalhou²⁷.

Para Valdir, o trabalho como soldador é gratificante, por ser uma profissão que exige treino, conhecimento e não realizada *por qualquer um*. Em sua opinião, esse foi o melhor emprego que já teve, mas o seu maior sonho é trabalhar como tratorista. Ainda não possui as habilitações necessárias para exercer essa profissão, mas espera conseguir um dia. O conhecimento técnico exigido pela profissão de soldador possibilitava a Valdir uma forma de reconhecimento social diante de sua baixa autoestima. Como se sente inferior aos demais em múltiplas esferas da vida social, por se considerar “pobre”, “feio” e “estúpido”, o trabalho é uma das poucas áreas que podem provocar-lhe certo reconhecimento.

Essa forma de reconhecimento pelo trabalho não se restringe somente às ocupações técnicas. Durante os quatro meses que já passei trabalhando na colheita de café, pude notar uma intensa disputa nos cafezais pelo título de "melhor apanhador". Ao fim do dia, quando o caminhão passava para recolher a produção e os trabalhadores rurais posicionavam-se em frente às suas sacas de café para colocá-las sobre a carroceria do caminhão, a maioria comentava sobre a quantidade de café colhida. Aqueles que colhiam mais café eram elogiados e gabavam-se de sua elevada produtividade. Contudo, também eram culpados em certa forma pelo baixo preço da saca de café (chamada de "medida de café" pela linguagem popular) praticada pelos donos²⁸.

Nos últimos três anos, Valdir trabalhou na colheita de café com a sua tia. Como esse emprego é temporário, ele fica desempregado na maior parte do ano. Tenta, mas sem muito afinco,

²⁷ O percurso de vida de Valdir é um exemplo da necessidade de se pensar os percursos em termos de recursos e potencialidades e não pelo ponto final. Se o pesquisador o tivesse entrevistado alguns anos antes, quando trabalhava como soldador, ele se encaixaria no perfil de bem-sucedido no mercado de trabalho, apesar dos poucos recursos, e tentaria explicar as razões do sucesso. Por meio do método de análise utilizado nesta pesquisa, estamos em busca das condições que possibilitaram a ele um sucesso temporário e dos constrangimentos que enfrenta para a inserção no mercado de trabalho.

²⁸ O preço da medida de café muda duas ou três vezes durante o mês. Geralmente, quanto maior a produção em uma quadra, menor o preço praticado. As quadras são áreas compostas por pés de café com a mesma idade, tipo e produtividade. Os trabalhadores mais produtivos são acusados muitas vezes de contribuir para o baixo preço, pois, na opinião geral, fornecem a falsa impressão aos donos de que a produção da quadra é mais alta do que na realidade.

encontrar um emprego, porém afirma ser difícil consegui-lo. Passa a maior parte do tempo em casa assistindo à televisão e jogando jogos no celular. No fim da tarde, costumeiramente, encontra os seus amigos com quem conversa e sai para andar de bicicleta.

Valdir espera trabalhar na colheita de café do ano em que a entrevista foi realizada para tirar carteira de motorista, comprar roupas melhores e uma moto. Ao ser perguntado sobre o sentimento de ficar mais de seis meses sem emprego, responde ser ruim, pois isso o impossibilita de comprar roupas, além de se sentir mal por ter de pedir dinheiro à sua mãe. A falta de um trabalho tem consequências diretas para a fruição de sua juventude. Não tem dinheiro para ter acesso à internet nem condições para comprar uma moto, bens que são altamente valorizados por ele.

Seu passatempo preferido é andar de moto, mas teve de vender o último veículo que possuiu para evitar possíveis problemas com a polícia. O comportamento de Valdir sobre a moto atraía a atenção dos policiais, já que costumava empinar e andar em alta velocidade. Já teve uma moto apreendida em uma blitz policial, que constatou atraso de pagamentos de IPVA e ausência de carteira de habilitação. Pagou a dívida que possuía e está quite com a justiça. Como não tinha dinheiro na época para tirar a carteira de motorista, teve de vender a moto.

Valdir não se considera um rapaz “bonito” e “atraente às garotas”. Namora há seis meses uma jovem que conheceu na casa de um amigo. Não a considera bonita nem a idealiza. Ela é apenas uma pessoa que “*serve, né?*”. Pretende se casar com ela nos próximos três anos mais pelo desejo de fazer a transição para a vida adulta do que pela percepção de que encontrou a pessoa ideal. Prefere mulheres morenas, apesar de sua atual namorada ser branca. Não sabe até qual ano escolar a sua namorada estudou. Ela também está desempregada.

O fracasso de Valdir na busca de um emprego pode ser compreendido, de certa forma, como decorrente de sua rede social composta por poucas pessoas, o que, por sua vez, é uma consequência da baixa participação em instituições escolares e religiosas da cidade e pelo baixo contato que tem com sua família extensa. Assim, depende apenas dos poucos amigos que possui e da rede social de sua mãe para a obtenção de emprego. Além disso, é um jovem pouco sociável, que restringe a sua rede de amizades a um grupo bastante limitado de amigos, com os quais mantém laços fortes. No momento, tem uma procura passiva de emprego. Espera que alguém lhe encontre um emprego algum dia.

Devido às condições da economia local, ele tem acesso a um emprego temporário ao longo do ano. A obtenção de emprego durante a colheita de café praticamente garantido pela

característica de ser uma cultura intensiva em mão de obra. A mão de obra local não é suficiente para atender toda a demanda, sendo que alguns grandes fazendeiros recorrem a “gatos” para trazer trabalhadores do Norte de Minas ou do Nordeste. Os empregadores, muitas vezes, empregam o máximo de trabalhadores o possível para colher o café no período ideal de maturação, o que torna altamente flexível a oferta de trabalho nessa época.

Algumas mudanças vêm acontecendo nos últimos anos na produção de café. O uso de derrigadeiras semimecanizadas de café (ver figuras 5.1 e 5.2) cresceu consideravelmente. Essas derrigadeiras são equipamentos relativamente baratos, custando a partir de 1200 reais em pesquisa feita pela internet, que aumentam de duas a três vezes a produtividade da colheita em cafés de montanha (Silveira et al, 2009). A utilização das derrigadeiras tem como consequência, em primeiro lugar, diminuir a demanda de mão de obra. Em segundo lugar, coloca em competição os trabalhadores detentores de derrigadeiras semimecanizadas e os que trabalham manualmente, pois os empregadores não fornecem esse equipamento. O preço da medida de café tem se estabilizado nos últimos anos, apesar do aumento da inflação, porque o preço pago aos trabalhadores com a derrigadeira é o mesmo dos trabalhadores manuais, que são menos produtivos e trabalham nas áreas de relevo mais íngremes, onde o trabalho com esse equipamento é dificultado. Os trabalhadores manuais têm tido o seu salário real reduzido nos últimos anos, enquanto os que aderiram às máquinas provavelmente tiveram algum aumento no ganho real. A maior parte do lucro com os ganhos de produtividade tem ficado nas mãos dos empregadores. Uma terceira consequência do uso das derrigadeiras é a expansão de oficinas mecânicas e de lojas especializadas na manutenção e comércio desses equipamentos.



Figura 5.1: Derricadeiras de café usada pelos trabalhadores rurais em Campestre

Fonte: <http://www.mexidodeideias.com.br/index.php/mundo-do-cape/derricadeira-de-cape/>, em 2/7/2015



Figura 5.2: Emprego de uma derrigadeira semimecanizada por um trabalhador

Fonte: <http://equipepositiva.blogspot.com.br/2011/05/denis-pereira-voz-da-noticia-os.html>
em 2/7/2014

5.2.4. O percurso de Vicente

O percurso de Vicente no mercado de trabalho ilustra o papel da família como um meio de obtenção de emprego, o empreendedorismo dos pais como um recurso contra o desemprego e os tipos de trabalho desejados por certos grupos de jovens. Vicente teve a experiência de trabalhar nos três setores que mais empregam os jovens da cidade: agricultura, comércio e fábricas de costura. Apesar de a sua narrativa apresentar características pessoais que dizem respeito ao seu temperamento, à sua socialização e às suas preferências, ela também encontra ressonância nas percepções mais gerais observadas na cidade.

Vicente, assim como como Norberto, está em situação que podemos caracterizar de semidesemprego, o que configura um tipo de trabalho precário. Ambos recebem menos de meio salário mínimo, são auxiliares nos pequenos empreendimentos de seus pais e trabalham em tempo parcial. Pelo tom de voz, gestos e expressões faciais, nota-se que nenhum deles encontra-se satisfeito com o trabalho atual. Apesar disso, possuem recursos que outros jovens não têm, como uma família que provê, ainda que por tempo parcial e meio salário, uma ocupação e uma renda.

Vicente é um jovem de 22 anos, filho de dois microempreendedores individuais, que abandonou a escola no primeiro ano do ensino médio. Sua mãe é proprietária de um comércio e seu pai é dono de um estúdio de fotografias. Ela estudou até o terceiro ano, enquanto ele até o segundo ano, ambos do ensino médio.

Desde criança, aprendeu com seu pai a ser skatista e roqueiro. Aos cinco anos de idade, seu pai o levava à praça de esportes para aprender a andar de skate. Também, como afirma, foi por influência dele que aprendeu a gostar de rock. Essas duas identidades estão fortemente presentes na vida de Vicente que, ainda hoje, tem o costume de vestir roupas de bandas de rock e andar de skate. Afirma sofrer discriminação das pessoas da rua e da policial por sua maneira de se vestir e de se portar²⁹.

Era uma criança com problemas de relacionamento tanto com os professores quanto com os demais colegas pelo seu comportamento rebelde. Em certa ocasião, quando sua mãe tentou processar uma professora por ter dado um beliscão em Vicente, caso em que ele afirma não se lembrar do motivo que gerou a reação da professora, os demais alunos da escola se posicionaram contrários a Vicente, que foi condenado por estar errado, já que a sua fama de não ser um bom aluno apoiava a opinião dos demais estudantes. Acredita que a fama de rebelde o impedia de ter muitos amigos.

Apesar de sua mãe cobrar para que ele apresentasse um desempenho escolar elevado, Vicente não respondia favoravelmente aos desejos dela. Era um aluno com notas baixas, que sempre ficava em recuperação, mas que era aprovado ao fim do ano. O seu baixo desempenho na escola gerava conflitos dentro de casa. Tanto seu pai quanto sua mãe tinham a expectativa que ele ingressasse na universidade. Abandonou a escola pelos intensos conflitos com os professores e a direção gerados pelo seu comportamento rebelde. Afirma ter sido vítima de injustiças pelas frequentes suposições dos professores de que sempre estava envolvido nos casos de ações reprovadas pela direção da escola.

Ricardo: o que mais aconteceu além do caso do beliscão da professora, que te marcou na escola?

²⁹ . O que se quer dizer com a maneira de se portar é que a sua cara fechada combinada com as roupas pretas, largas e com diversos adornos colocam às outras pessoas a impressão de ele ser um jovem “tranqueira”, isto é, delinquente.

Vicente: uai, cara, pior que no momento não me lembro. Faz tempo demais da conta. Faz 6, 7 anos já que saí da escola. É, só lembro de sair, memo, de ficar pra fazer a prova final. Chegar lá, peguei, acabando fazendo nada a prova. Só saí e larguei mão da escola. (...)

Ricardo: isso foi no primeiro ano, pelo que cê falou?

Vicente: primeiro ano.

Ricardo: como que foi, assim, cê... O que aconteceu que cê falou, ah, quero sair daqui.

Vicente: era muito, assim, tipo, aquele negócio de professor, é, sempre estão certo e eu não aceitava. Na época, era adolescente, ainda, tinha uns 15, 16 anos. Pegava e não aceitava o que eles falava. Aí, peguei e falei, ah, não quero mais estudar, não. Ficar aguentando amolação de professores, essas coisa. Peguei e larguei mão da escola. (...)

Ricardo: cê já foi reprovado alguma vez?

Vicente: já, nesse dia memo que eu saí da escola. Tinha ficado em matemática e ciências.

Fiz a prova e lá, a professora catou alguns alunos colando e achou que eu tava no meio.

Veio e riscou minha prova. Eu peguei, lancei a prova no lixo e fui embora.

Ricardo: Aconteceu mais de alguma vez você se sentir injustiçado, assim, por causa que eles acharam que cê tava envolvido com bagunça, essas coisas?

Vicente: ah, isso era no ginásio ali. Moleque, menina, mesmo, ia pra trás da escola, ia fumar, beber, fazer alguma coisa, por causa que eu já fumo desde 15, 17, na época que eu saí da escola, acho que foi com 17, com 18, eles viam eu fumando, achava que tava influenciando os outros a fumar, alguma coisa, assim, na escola. Isso aí ficava meio assim (Nesse momento, Vicente faz um cara de desgosto). Cada um tem seu vício. Eu não influenciei ninguém, não ofereci nada pra ninguém. Cigarro meu é de consumo meu. Isso aí, os outros que tinha que se virar.

Vicente é um caso de uma pessoa cujos pais são altamente escolarizados em relação à média da população de Campestre e valorizam o estudo e aspiram a que seu filho ingresse na universidade. Apesar disso, aos 22 anos, Vicente abandonou a escola há mais de quatro anos, sem ter a pretensão de voltar a estudar. O seu “fracasso escolar” pode ser explicado pelo seu temperamento rebelde e às conflituosas relações que teve com os professores e colegas na escola. Essas relações geraram nele o sentimento de que a escola é um lugar desagradável.

Os seus relacionamentos amorosos também eram conflituosos, o que acontecia geralmente devido a ciúmes e à falta de atenção com o outro de ambas as partes. Os seus relacionamentos anteriores foram curtos, com duração de menos de seis meses. Namora uma garota há nove meses, sendo esse o relacionamento mais duradouro. Afirma que tem tido com ela uma relação mais agradável e faz planos inclusive de se casar daqui a alguns anos, caso consiga manter a relação.

O comportamento de risco está presente na vida de Vicente. Costuma praticar corridas de motos na zona rural da cidade. Desde criança pratica skate sem equipamentos de segurança, é viciado em cigarros, já usou drogas ilícitas e se envolveu em brigas. Esse jovem valoriza a adrenalina e a emoção. Arrepende-se de ter iniciado o consumo do cigarro, vício do qual não consegue se livrar.

Assim que abandonou a escola, sua mãe lhe ordenou para que trabalhasse, para “não ficar à toa”. O primeiro emprego que obteve foi na colheita de café, o qual conseguiu por intermédio de sua mãe. Ela entrou em contato com uma amiga trabalhadora rural que conseguiu uma vaga para Vicente na colheita. Esse jovem não gostou da experiência de ter trabalhado na zona rural por “*ralar demais*”. Acordava às cinco horas da manhã, tomava a condução por volta de seis horas da manhã, iniciava o trabalho antes das 7 horas da manhã e somente retornava para casa por volta das 19 horas.

Depois de terminada a colheita, dois meses depois, ficou duas semanas desempregado. Obteve um emprego como auxiliar de costura em um fábrica local por meio de seu pai, que era amigo do dono da fábrica. Permaneceu no emprego por duas semanas. Foi demitido devido a uma desavença com o patrão que pediu a Vicente refazer uma tarefa. Vicente recusou-se a atender ao pedido do patrão por acreditar que tinha efetuado a tarefa requerida da maneira correta. O trabalho na fábrica de costura, para ele, era “*meio estranho*”. Ocorria num ambiente fechado e barulhento, era rodeado por um elevado número de pessoas, sob a constante supervisão do patrão. Executava atividades repetitivas que duravam oito horas por dia. Afirma ter sido desagradável essa experiência de trabalho.

Depois disso, trabalhou com sua mãe na loja, por um período também curto de tempo, atendendo os clientes. Como era impaciente com eles, que frequentemente faziam-lhe “perguntas de respostas óbvias”, desistiu do emprego. Respondia de maneira rude, por exemplo, quando alguém perguntava o preço de um produto quando na etiqueta, em um lugar de fácil visualização, constava o preço do mesmo. Agia da mesma forma quando alguém reclamava da disposição dos produtos na loja ou fazia alguma reclamação com relação aos preços³⁰.

³⁰ As percepções de Vicente no setor comercial diferenciam-se da de Mariano, que tem uma visão mais positiva sobre as suas atividades.

Ricardo: e como tem sido trabalhar lá?

Mariano: trabalhar lá é hoje, como eu gosto muito de pessoas, me possibilita ver as coisas com um olhar diferente. Por exemplo, aconteceu um... Precisa fazer um processo, tem que ter um procedimento lá que precisa ser feito. Com a cabeça que eu tenho hoje, eu penso: se eu fizer isso de tal forma, vai ser melhor. Eu consigo aliar um pouquinho com meu trabalho hoje com o que eu vi na minha faculdade. Antes, não, antes eu fazia, tipo, fazia o que tinha que fazer e pronto, acabou. Não questionava. Hoje eu questiono um pouco mais. Trabalhar lá é fascinante, porque a gente convive com pessoas que a gente não tem nenhum grau de parentesco. Essas pessoas acabam se tornando grandes amigos, mas você tá vendo os defeitos das pessoas constantemente. Eu fico lá das 8 às 5, eu fico mais tempo lá do que com minha família. Então, tipo, é, eu tenho essa visão. Trabalhar lá é fantástico. Gosto. Tem problemas como qualquer outra empresa, acredito eu. Mas, pra mim, é válido pela convivência. Eu acho que conviver, tá no meio de outras pessoas, sair um pouco desse mundo de só eu, só meu, acho que é muito legal e como é comércio, também, tem essa de

O emprego mais estável que Vicente teve até o momento é o atual, que permanece por três anos, como ajudante de seu pai no estúdio fotográfico. Gosta desse emprego, já que não lhe exige esforço e dedicação consideráveis, nem é um trabalho árduo. Passa a maior parte do tempo navegando pela internet, assistindo a filmes e vídeos. Porém, o salário baixo, de apenas 2/5 de um salário mínimo por mês numa jornada de trabalho de cinco horas diárias o desestimula a seguir com o emprego, sendo que, por isso, deseja um emprego com um salário mais elevado, mas não imagina qual seria o emprego ideal.

O emprego atual de Vicente é o único em que conseguiu se estabilizar. Há alguns motivos para que isso tenha ocorrido. Em primeiro lugar, é uma atividade que não demanda um elevado esforço físico e uma longa jornada de trabalho, como era na colheita de café. Além disso, não é um trabalho repetitivo, de intensa supervisão do patrão, em local fechado e barulhento. A forma como lida com os clientes é diferente da loja onde trabalhava. O seu trabalho é realizado em casamentos, festas de aniversário e em *books* fotográficos. Quando está na loja de seu pai, a sua atividade é a de imprimir as fotos enviadas por e-mails, ou armazenadas em pendrives ou *smartphones*. Como possui bastante tempo ocioso, consegue ter atividades de entretenimento pela internet. As características desse emprego são semelhantes às de atendimento em *lan houses*, emprego esse que fora ocupado por outros dois entrevistados. Os dois que trabalharam nessa última atividade reportam ter tido uma experiência agradável, pelos mesmos motivos: ser uma atividade de baixo esforço físico com tempo disponível para assistir filmes e seriados e navegar pelas redes sociais.

O fato de Vicente ter pais microempreendedores oferece a ele alguns recursos. Em primeiro lugar, seus pais trabalham diretamente com o público, o que garante a eles uma numerosa rede social, que pode ser acessada no momento de procurar emprego para o seu filho. Além disso, em períodos de desemprego, seus pais podem oferecer uma ocupação e uma renda a Vicente. Contudo, sua dificuldade em lidar com a autoridade cria algumas barreiras para que usufrua dos recursos disponíveis.

chega um cliente e vai falar: é assim, assim, assado. Outra: nossa, aconteceu isso. Cê acaba escutando muitas histórias, CE acaba ficando amigo de cliente. É legal, bem legal!

5.2.5. O trabalho familiar e a permanência no mercado de trabalho

Rubens é um jovem de 19 anos, autodeclarado "negro, apesar de ter a pele morena", casado há pouco mais de um ano. Seus pais biológicos perderam a sua guarda quando ele ainda tinha seis meses de idade devido ao fato de sua mãe apresentar alguns problemas psicológicos e econômicos. Morou no orfanato dos seis meses até um ano de idade, tendo sido adotado pelos seus pais atuais aos três anos de idade. Seus pais adotivos têm 77 e 66 anos de idade. Ambos estão na segunda união matrimonial. Seu pai é semianalfabeto, enquanto sua mãe é analfabeta. Seu pai teve 18 filhos e sua mãe, 7. Juntos, têm uma filha consanguínea. Rubens conviveu com sua irmã até os quatro anos de idade, quando ela se casou. Foi criado na zona rural até os seis anos de idade. A fazenda onde seu pai trabalhava faliu, o que fez com que tivesse que se mudar para a zona urbana.

Durante a infância, devido à bronquite e ao controle paterno, passava a maior parte do tempo em casa brincando sozinho, com os vários brinquedos que possuía. Ambos os pais trabalhavam em tempo integral no período da colheita de café.

Começou a estudar na escola das Posses, permanecendo nessa escola até o primeiro ano, quando se mudou para outro bairro rural e transferiu-se para a escola da Pedra. A escola das Posses ficava longe de onde morava. Aos doze anos, mudou-se para a cidade. Seu pai abriu um bar. Passava os dias trabalhando nesse local e estudando no ginásio. Na sétima série, devido ao vício de jogos eletrônicos, foi reprovado, conforme narra. A partir daí, nunca mais voltou a ter as mesmas notas que possuía. Aos 12 anos começou a beber. Aos 14, afirma que começou a ficar dependente de álcool. Posteriormente, também adquiriu a dependência de cigarro. Segundo Rubens, um fator que contribuiu para a dependência em álcool foi uma decepção amorosa. Bebia, geralmente, no próprio bar do seu pai. A decisão de beber foi por conta própria, sem influência de terceiros. Queria experimentar essa substância que já estava presente no seu cotidiano.

Abandonou a escola no segundo ano. Tomou essa decisão por ter começado a namorar a sua atual esposa. Como trabalhava durante o dia, queria passar as noites com ela. A sua evasão escolar também é justificada por sua característica de ser um jovem pouco ambicioso. Nunca quis ter uma escolaridade elevada. Já estava contente com a qualidade dos empregos que obtém com os anos de estudo que atingiu.

Rubens encontrou Catarina por intermédio de um amigo em comum. Um primo seu namorava uma prima dela. Catarina perguntou para ao primo de Rubens se ele tinha algum amigo

solteiro. Esse amigo falou a Catarina sobre Rubens, que tomou a decisão de aproximar-se dela e começar um namoro. No início, o relacionamento causou estranheza a Rubens, pois não entendia o estilo de vida religioso de Catarina. Com o tempo, compreendeu esse estilo e o incorporou, transformando o seu comportamento e visão de mundo. Depois de um ano de namoro, casou-se. Tomou essa decisão, em certa medida, pelo convívio duro que sua esposa tinha com sua sogra. Também tinha interesse em levar uma vida de casado.

Frequentou a igreja durante algum tempo, aprendeu a tocar instrumentos, orava e seguia as prescrições religiosas. Quando entrou na igreja, passou por várias mudanças. Deixou de fumar e de beber e tornou-se bastante orante. Contudo, ultimamente, tem voltado a fumar e a beber, mas de uma forma diferente. Sai somente durante o dia e toma todos os cuidados para não criar conflito com sua esposa. No trabalho, fuma somente nos intervalos.

Nesta pesquisa, são três os casos de jovens que alteraram radicalmente o seu comportamento e visão de mundo nos seus percursos. Dois deles foram por motivos religiosos em associação com interesses amorosos – Rubens e Estêvão. Jerônimo deixou de ser traficante e dependente de drogas pesadas por não suportar as consequências negativas do comportamento que mantinha. Rubens e Jerônimo ainda persistem com o novo comportamento por terem interesses imediatos em mantê-lo. Rubens o mantém por conta do relacionamento com sua esposa e Jerônimo por estar convencido que a vida fora do tráfico e do vício de drogas é mais benéfica.

A trajetória no mercado de trabalho de Rubens teve início aos 12 anos de idade, como vendedor no bar que seu pai possuía. Trabalhava em tempo parcial para que pudesse conciliar os estudos no período diurno e o trabalho. Durante a colheita de café, a carga horária de Rubens era ampliada, passando a ocupar parte do período noturno, para cobrir o horário de trabalho de seu pai adotivo que trabalhava na colheita. Quando seu pai adotivo iniciou a construção da casa onde mora, Rubens abandonou o serviço no bar para trabalhar como servente de pedreiro.

O primeiro emprego sem a dependência direta de seu pai foi aos 16 anos como repositor de mercadorias num supermercado. Afirma ter conseguido esse emprego por intermédio de seu pai, que era um cliente e amigo do dono do supermercado. Pediu demissão depois de dois meses pela elevada carga horária. O seu expediente encerrava-se depois das 20 horas, o que o impedia de frequentar os cultos semanais. Como trabalhava aos domingos uma vez a cada quinze dias, ficava impossibilitado de fazer os passeios às cidades vizinhas e aos bairros da zona rural com os seus colegas religiosos. Por esse ser o período em que Rubens era mais frequente à igreja, as restrições

impostas pela carga horária do supermercado provocavam-lhe uma grande insatisfação com o emprego.

Depois de duas semanas desempregado, conseguiu uma vaga numa fábrica de móveis por meio de um irmão de fé da igreja que trabalha como vendedor da empresa. Essa pessoa o convidou a fazer um teste na empresa para trabalhar como auxiliar de produção. Rubens atendeu ao convite, fez o teste no dia seguinte e foi aprovado.

O trecho abaixo ilustra a comparação de Rubens do trabalho como repositor de mercadorias e o de auxiliar de produção.

Ricardo: Como que cê arranjou emprego no supermercado?

Rubens: lá é por causa que o dono é muito conhecido do meu pai, meu pai é muito conhecido dele também. Eu ia sempre lá com meu pai fazer compra. Aí, chamou eu pra ir trabalhar também. Aí, lá foi mais fácil. Lá a carga horária não batia muito (com os meus interesses) e nessa época onde eu trabalho (atualmente) sobra mais tempo pra mim fazer algumas coisas. Raramente precisa trabalhar depois das cinco e tem hora extra. Até naquela semana que eu ia vir aqui no sábado, eu não vim porque eu cheguei a trabalhar até 10 horas da noite carregando caminhão (*nesse trecho, Rubens faz menção ao cancelamento de uma entrevista anterior*). E já cheguei a trabalhar, já chegamos a trabalhar sábado o dia inteiro pra... Mas aí é caso de necessidade e o trabalho também sai um pouco a mais do que eu ganhava no supermercado. Aí, foi melhor pra mim passar pra lá.

A permanência de Rubens no emprego, apesar das dificuldades econômicas enfrentadas pela empresa, também pode ser justificada pela sua identificação religiosa com os seus chefes.

Ricardo: e como é trabalhar lá na fábrica de móveis, como que cê, cê falou que é auxiliar, né?, como que o teu trabalho, como que cê se sente trabalhando lá, como que é a relação com o chefe, com os outros colegas, como que é?

Rubens: Ah, saiu bastante gente. Quando eu entrei, tinha em torno de umas 60 pessoas e passou bastante gente por lá que ficou pouco tempo, que faz pouco mais de 2 anos que eu tô lá. Passou bastante gente por lá e a relação é boa. Tenho amizade com todo mundo. Só, no caso, às vezes, algum que não gosta da gente, mas não trabalho perto. E eu gosto de trabalhar porque o trabalho é uma ocupação pra gente e a gente tira o sustento dali. Eu gosto de trabalhar ali também, porque aqui é um lugar difícil de arranjar serviço, mas lá também eu achei melhor trabalhar ali do que ter trabalhado no supermercado. O patrão, também, ele é da igreja e até o encarregado também tá começando a ir na igreja agora e a gente conversa, assim.

Ricardo: o patrão é da igreja que cê frequenta?

Rubens: ele é de lá. Se eu não me engano, ele é tesoureiro. Ele trabalha na parte de administração do escritório.

O fato de as redes sociais da igreja onde frequenta ter influenciado a sua entrada e permanência no mercado de trabalho é percebido como Rubens como uma ação divina, em certa medida.

Inclusive, desde que eu entrei pra lá, já foi mandado muitas pessoas embora até agora. Tá mandando mais porque tá meio fraco (a demanda). Quem tem férias, eles procuram dar umas férias. Eu tô lá porque Deus ajudou a abrir uma porta e eu tô ali porque tenho muita amizade com o encarregado do meu setor. (...) Então, posso dizer que tudo o que eu tenho

não foi por esforço meu, porque antigamente, eu chegava pra procurar emprego e não dava certo. Depois que eu comecei a ir na igreja e tudo, fui lá, deu certo e assim eu fui levando.

A trajetória de Rubens mostra que a permanência no emprego, além do ingresso, também é um tema central no dia a dia dos trabalhadores e, em certa medida, também é explicada pelas relações pessoais que permeiam os ambientes de trabalho em Campestre. O papel da família como provedora de empregos e facilitadora da inserção no mercado de trabalho está novamente presente nessa trajetória. Os pais dos jovens estão, em muitos casos, em grupos de idade próximos daqueles dos empregadores. Dessa forma, a rede social é um bem transmitido de maneira intergeracional. Contudo, as redes sociais construídas pelos próprios jovens, como no caso dos novos contatos criados a partir da participação em uma igreja, podem compensar nos casos em que os pais possuem pouco capital social.

Nesta pesquisa, os empregos obtidos de maneira estritamente impessoal foram ocorridos somente em Poços de Caldas por jovens com o diploma de ensino técnico. Num caso, um jovem submeteu o currículo a uma agência pública de empregos. Algumas semanas depois, uma empresa entrou em contato com ele convidando-o a participar de uma seleção de empregos. No segundo caso, o jovem enviou o currículo à própria empresa, que o convidou a participar de uma seleção semanas depois.

Uma vez que o jovem ingressa no mercado de trabalho, a prospecção direta torna-se uma possibilidade mais factível de aquisição de empregos, devido à experiência adquirida. O primeiro emprego de Valdir como soldador dependeu de seus contatos, enquanto o segundo deu-se por uma conversa direta com o empregador. Às vezes, essa forma de obtenção de emprego depende um pouco da sorte, como é narrado por Emílio:

Ricardo: mas aí como você entrou nesse trabalho de pintor?

Emílio: um dia, por especulação. Eu vi uma pessoa mexendo, gostei e falei, nossa, vou pedir pra essa pessoa me dar um serviço pra mim. Aí era o pai do rapaz...

Ricardo: Alberto.

Emílio: isso. Aí ele falou pra mim que não podia, pá! Que a altura era perigoso. Falei beleza. Ai eu conheci uma outra pessoa, que também chamava Alberto. Era pintor. Eu falei pra ele: "tô precisando de um serviço, tô desempregado. Deixa eu fazer alguma coisa ai. Não tem um serviço à disposição pra arrumar pra mim, não?" Ele falou, "cara, você é o rapaz mais sortudo que tem. Eu tava colocando a mão no celular pra falar pra uma pessoa vem ajudar eu". Falei, não acredito. Quer começar agora? Falei: beleza. Vou lá em casa, almoço. Isso era antes do almoço. Cheguei em casa, eu almocei, troquei de roupa e fui trabalhar. Não parei mais. Faz tempo que tô nessa profissão

Conclusão da seção sobre Mercado de Trabalho

O mercado de trabalho em Campestre está concentrado nas áreas de produção agrícola. Existem diferenças de gênero e idade na seção do trabalho principal. Os homens estão sobrerrepresentados no setor agrícola. De certa forma, a inserção dos jovens do sexo masculino nos setores de comércio e serviços enfrenta barreiras de gênero por uma provável preferência dos empregadores por mulheres. As redes sociais, com especial ênfase ao papel da família, agem de distintas formas como um meio facilitador para se conseguir emprego, seja pela provisão direta de empregos, pela rede social ou por informações privilegiadas. A ausência de agências públicas e privadas de emprego dificulta a ação dos empregadores que porventura queiram lançar mão de meios impessoais para a contratação de empregados. Os jovens cujos pais são empregadores têm um recurso adicional contra o desemprego, por poderem ser empregados pela própria família. A rede social pode ser tanto transmitida pela família como adquirida pelo próprio jovem. Participar de instituições religiosas é um meio para ampliar essa rede. As percepções da maioria dos jovens sobre o trabalho na lavoura de café tendem a ser negativas por ser uma tarefa pesada e repetitiva. Contudo, algumas pessoas fortemente socializadas na cultura rural percebem o trabalho agrícola como tranquilo e recompensador. Da mesma forma, o trabalho nas fábricas de costura é percebido negativamente por ser praticado em ambiente fechado, barulhento e sob supervisão.

5.3. O Processo de Emigração

O mercado de trabalho na maioria das cidades pequenas oferece poucos empregos profissionais e gerenciais, que geralmente estão concentrados na prefeitura municipal. As ofertas de trabalho, em sua maior parte, estão na agricultura e no comércio. Há algumas exceções, como a cidade, também localizada no sul de Minas, de Santa Rita do Sapucaí onde estão situadas empresas no ramo da eletrônica. Para que os jovens obtenham empregos melhores, é preciso que se mudem de cidade. Como as cidades pequenas não oferecem cursos presenciais de ensino superior, a obtenção de um diploma universitário depende da emigração ou de um deslocamento diário. Sendo assim, o tema da emigração é crucial para a compreensão do fenômeno de desigualdade e mobilidade social no contexto dessas cidades.

Campestre é uma cidade de IDHm médio, de 0,698 em 2010, o que a coloca abaixo da média do estado de Minas Gerais, que é de 0,731. Contudo, dentre as dez cidades mineiras com o maior IDHm, quatro estão a até 200 km de distância (Itajubá, Lavras, Poços de Caldas e Varginha). Poços de Caldas, a 40 km de distância, é a sexta colocada no ranking de cidades mineiras com o maior IDHm, com um índice de 0,779, considerado alto. Além disso, a cidade está próxima à divisa com o estado de São Paulo. São João da Boa Vista-SP, com um IDHm de 0,797 está a 80 km de distância. Campinas-SP – a região metropolitana mais próxima da cidade – está a 207 km de Campestre (PNUD, 2013).

Neste trabalho, a emigração é tratada como parte da biografia, relacionada com as vivências, experiências e sentimentos. É associada a várias outras transições da vida, como educação, mercado de trabalho, casamento e mobilidade social. Consideram-se os discursos da localidade, os valores da pessoa, os sentimentos com relação aos pais e amigos, as interpretações e as explicações dos atores sociais, as contradições ligadas à necessidade de deixar a cidade e às forças de permanência. Assim, aborda os aspectos microssociais da emigração e da mobilidade social (Li Ni, 2000). É uma forma alternativa de tratar desse problema, que é dominado por pesquisas que tratam de aspectos macrossociais associados ao crescimento econômico, saturação das metrópoles, processos de reestruturação espacial da configuração urbana brasileira, neoliberalismo, mecanização da agricultura, expansão do ensino superior, dentre outros fatores.

5.3.1. O Processo de Saída

5.3.1.1. Os tipos de emigrantes

Stockdale (2002) estabelece uma tipologia com quatro motivos para emigrar entre os jovens: por escolaridade, por emprego, por motivos pessoais e por busca de qualidade de vida. A emigração motivada por escolaridade se processa entre os jovens que foram bem-sucedidos na escola e que buscam pela emigração a oportunidade de avançar nos estudos. Os padrões geográficos da emigração para esse grupo são distintos, com uma ampla dependência das decisões dos pares ("ir aonde todo mundo está indo"), das possibilidades dadas pelo resultado nexames nacionais, do estabelecimento prévio de irmãos e parentes e das condições materiais da família, como possuir um imóvel em uma localidade. É a forma mais comum de emigração nos mais diversos contextos estudados. Os emigrantes motivados por emprego, por sua vez, saem por uma mudança devido ao desemprego ou pelas condições insatisfatórias no mercado de trabalho local, tendendo a se deslocar para regiões com ampla oferta de empregos. Outra subcategoria de emigrantes motivados por emprego é entre aqueles que trabalham temporariamente em lugares distintos até se fixar permanentemente em um local. Um exemplo são os trabalhadores de construtoras. A autora, por fim, divide os motivos pessoais em duas subcategorias: os que pretendem experimentar algo novo e aqueles que se sentem em um ambiente claustrofóbico. Há alguns fatores não econômicos e educacionais para emigrar, como encontrar novas pessoas, novos estilos de vida e a necessidade de ter independência. As pessoas na categoria dos que procuram qualidade de vida buscam sair de ambientes inóspitos ou encontrar um local com uma oferta de serviços mais adequada. Um exemplo é a emigração de pessoas que vivem em áreas violentas.

5.3.1.2. A emigração motivada pela educação

Existem, *grosso modo*, dois tipos de emigrantes motivados pela educação: aqueles que simplesmente querem cursar o ensino superior, independentemente de uma cidade ou instituição em particular, e aqueles que, por diferentes motivos, desejam estudar em uma localidade ou instituição.

Os jovens que planejam ingressar no ensino superior público têm, dentro da região, a opção de estudar em Alfenas, Poços de Caldas ou Varginha, pela UNIFAL; em Itajubá, para estudar na UNIFEI, e em Lavras, na UFLA. Todas essas são cidades situadas no sul de Minas Gerais.

Alguns jovens tanto de classe trabalhadora quanto de classe média (principalmente os últimos) preferem se mudar para o interior de São Paulo³¹e, em menor medida, para Belo Horizonte ou São Paulo-SP. Dentre os que saem do sul de Minas, o argumento da baixa qualidade das instituições na região não é usado com frequência como justificativa, pois a percepção entre as pessoas da região é de que existem instituições de qualidade, tanto públicas quanto privadas. Os motivos que levam as pessoas a sair da região são inúmeros, com uma predominância da percepção de que é preciso sair da região para encontrar “bons”³² empregos.

Matias

Matias foi criado em uma família negra, apesar de ele se autodeclarar branco e sua mãe ser morena clara, na minha percepção. Sua avó é preta, segundo a definição do pesquisador, e, ao que parece, teve filhos com homens diferentes em relacionamentos temporários. Durante a infância, esse jovem morava na casa própria de sua avó, juntamente com esta, sua mãe e outros dois tios negros, localizada numa área pobre do município, popularmente chamada de "favela". Aos 12 anos de idade, sua avó e sua mãe se mudaram de lá, pois a situação do bairro havia mudado, sendo que se instalaram traficantes no bairro, aumentou-se o uso de drogas, assim como a violência. Depois que se mudaram, passaram a morar em uma casa alugada, o que comprometeu de certa forma a renda da família. A mãe de Matias deixou de morar com a avó dele pouco tempo depois que se mudaram da casa onde moravam, mas as duas sempre foram vizinhas.

Gertrudes engravidou de Matias em um namoro com um ex-funcionário de um banco da cidade. Esse foi um caso bem-sucedido de branqueamento, pois em duas gerações a avó de Matias teve um descendente branco. Conviveu pouco com seu pai, apesar de mensalmente ele ter pagado a pensão familiar até os 16 anos, quando seu pai rompeu o casamento que mantinha com outra mulher e, a partir daí, não mais pagou por ter um gasto extra com a pensão dos filhos do seu casamento. A vida familiar de Matias sempre se passou no convívio de sua avó, que é analfabeta, da sua mãe e dos seus dois tios que são considerados por ele como primos, pois a diferença de idade entre eles é pequena, sendo que um tio é seis anos e a tia é oito anos mais velhos do que ele.

Sua mãe formou-se em História por uma universidade privada localizada numa cidade vizinha. A atitude dela é a de investir o máximo possível na educação de seu filho. Era presente

³¹ Geralmente, São João da Boa Vista, Santa Bárbara do Oeste, Campinas, Piracicaba e Ribeirão Preto.

³² O termo bons aqui é definido segundo os interesses e preferências de cada pessoa.

nas reuniões dos pais, acompanhava o cotidiano do filho, bancou Matias financeiramente para que ele não trabalhasse e controlava a rotina de Matias a fim de que ele sempre reservasse um tempo do dia para o estudo. Matias tem vontade de trabalhar para adquirir maior independência, mas sua mãe nunca o permitiu que trabalhasse. Na sua visão, ela se sente satisfeita em bancá-lo, pois espera que todo o investimento pessoal de Matias seja com a educação. A intensa supervisão e o elevado investimento de sua mãe constituíram uma maneira de nunca deixar que ele tomasse um caminho diferente do desejado por ela. Gertrudes cuidou para que não houvesse nenhum ponto de virada que o levasse a tomar um rumo indesejado por ela.

O controle de trajetória vivenciado por Matias se processou de modo que sua mãe sempre tivesse conhecimento de suas atividades e companhias. Ela controlava o contexto vivenciado por Matias para que ele não passasse por nenhum ponto de virada indesejável.

Ao concluir o ensino fundamental, conseguiu uma bolsa de 60 ou 80%³³ para estudar numa escola privada de Poços de Caldas. Estudou lá durante os três anos do ensino médio. No início, sentiu uma dificuldade de adaptação por causa da mudança de horários, das características da escola (os professores eram mais amigáveis e próximos dos alunos e quase toda semana havia prova) e do maior nível de exigência. Nunca foi reprovado na nova escola, mas o desempenho escolar diminuiu em comparação com o que era observado no colégio. Teve uma dificuldade em se enturmar com os novos colegas, que eram, em sua maioria, de Campestre, de outras cidades vizinhas e de alunos de Poços de Caldas egressos de outras escolas. Sua rotina era acordar às 5 horas da manhã, pegar o ônibus às 6 horas, começar as aulas às sete, chegar a casa às 14 horas e almoçar por volta de 15 horas. Durante esse tempo, tinha de comprar ou trazer de casa algum alimento para comer no intervalo, já que a escola não oferecia nenhuma merenda para os alunos. Pagava o ônibus e o material escolar. Não disse exatamente, mas somando todas essas despesas, o gasto mensal de sua mãe girava em torno de 3/5 de um salário mínimo.

Matias terminou o ensino médio, prestou ENEM e foi aprovado para o curso de Ciência da Computação na UNIFEI, em Itajubá, a 187 km. Antes mesmo de encerrar o semestre, decidiu abandonar o curso por não gostar da infraestrutura da universidade, dos professores e da cidade. Nesse momento, entrou em conflito com sua mãe, que lutou para que ele continuasse no curso.

³³ Ele não sabe exatamente.

Atualmente, Matias cursa Ciência da Computação na UNIFAL, em Alfenas. Seu desejo é tornar-se um desenvolvedor de jogos eletrônicos.

A escolha pelas universidades da região dependeu da nota obtida por esse jovem no Exame Nacional do Ensino Médio. A primeira opção de Matias era estudar na Universidade Federal de Minas Gerais por ter, em sua opinião - que é reforçada pelos diversos *rankings* de curso -, o melhor curso do país e pela experiência positiva de alguns colegas seus que também já estudaram naquela universidade. Contudo, a nota elevada exigida para aprovação o limitou a escolher as universidades da região.

A vida de Matias apresenta características tanto de classe popular (estudou o ensino fundamental em escola pública, o domicílio era chefiado por uma mulher semianalfabeta, morou em um bairro pobre, já passou por constrangimentos financeiros), como de classe média (sua mãe é escolarizada, estudou em uma escola privada, mas com bolsa integral).

Jamieson (2011) mostra a existência de diferenças por classe social entre os emigrantes que dizem respeito a formas distintas de socialização. Os jovens de classe média são os que mais migram, mas há um conjunto de jovens com esse perfil que permanece para manter algum negócio local dos pais. Os jovens de classe média são socializados a emigrar, pois como acreditam que são destinados a um “bom emprego” e não há bons empregos no lugar, emigrar torna-se inevitável desde uma tenra idade. Em Campestre, essa socialização acontece pela relação dos jovens de classe média com as cidades vizinhas. A maior parte dos jovens de classe média estuda em Poços de Caldas no ensino médio. Nessa cidade, convivem com pessoas de cidades diferentes que as convidam para as festas e atrações da cidade. Aos finais de semana, os pais e os jovens dessa classe costumam se deslocar para Poços de Caldas para usufruir os serviços e comprar os bens não encontrados em Campestre. Esses hábitos contribuem para a formação da expectativa de que "aqui não é o meu lugar". Entre os jovens de classe popular com bom desempenho escolar, a inevitabilidade da emigração é percebida com o tempo. Ir bem na escola reajusta as ambições, apesar da orientação dos pais para permanecer no local (Jamieson, 2001).

Geraldo

Para muitos jovens, não conseguir ser aprovado no vestibular é uma condição que os prende à cidade natal. Geraldo é um jovem negro de 20 anos que planeja estudar física na UFSCar. A sua escolha por esta instituição é justificada por ele por estar situada no estado de São Paulo. Na sua visão, as universidades do sul de Minas são boas, porém não estão localizadas em mercados de

trabalho competitivos. Tem o desejo de sair de Campestre, porém não conseguiu realizá-lo por problemas de saúde e pelo insucesso nos processos seletivos.

Melhorei (da depressão), aí hoje em dia, agora, eu fiz o ENEM de novo e vou tentar fazer física de novo, lá na UFSCar, onde um amigo meu estuda. Lá, eu quero fazer lá porque eu acho que, pelo fato de ser no estado de São Paulo, tem mais chance de pegar mais coisa pra mim. Tipo, sul de Minas aqui tem instituições boas de ensino só que é um lugar meio longe das metrópoles assim. Eu acho pelo menos. Se eu for estudar em Belo Horizonte, pra mim já serviria também.

Geraldo nunca foi reprovado na escola. Sempre obteve boas notas, especialmente nas disciplinas de ciências exatas e matemática. Quando estava no segundo ano do ensino médio, abandonou a escola por problemas com um professor de matemática que criou desavenças com ele por insistir que fosse ao quadro negro para resolver os exercícios propostos. Como Geraldo sofria de rinite na época, ele recusava os pedidos do professor. Mesmo com a mãe de Geraldo informando o problema à direção da escola e apresentando laudos médicos, o professor continuou a insistir com tal conduta. Depois de um tempo, a relação entre o professor, o aluno e a direção da escola tornou-se tão insustentável que Geraldo resolveu abandonar a escola depois de uma prova de matemática. Como a escola onde estudava é a única escola de ensino médio no município, não havia outra escola para onde pedir transferência. Depois de mais de um ano do ocorrido, esse jovem conseguiu se formar no ensino médio pela possibilidade de obter o diploma de ensino médio com a nota do ENEM. Seu projeto de futuro é formar-se em física, fazer a pós-graduação e tornar-se um pesquisador. Se conseguir realizá-lo, ele necessariamente terá de viver em outra cidade.

Os jovens de classe popular restringem, na maioria dos casos, a sua escolha às cidades pequenas e médias. O alto custo de vida (especialmente o aluguel caro), as dificuldades esperadas de adaptação e a percepção social de que as grandes cidades são violentas, excessivamente agitadas e onde as pessoas são pouco amistosas, tornam as metrópoles um lugar pouco atrativo para muitos jovens. Além disso, o ingresso nas principais universidades públicas, o que facilitaria a mudança devido a programas de assistência estudantil, nas metrópoles próximas (UNICAMP, USP e UFMG) é altamente seletivo. São necessárias algumas condições específicas para a emigração para os grandes centros.

Alberto

Emigrar para cidades grandes e fora do sul de Minas depende, em larga medida, da ajuda de familiares. Alberto é um jovem autodeclarado pardo de 18 anos que estuda Comunicação Social – Habilitação em Radialismo (Rádio e TV), numa universidade privada em São Paulo. Seu

sonho era estudar Cinema, mas a escolha foi constrangida pelas possibilidades de ingresso no ensino superior. Segundo sua percepção, o mercado para a área de seu interesse somente existe nos grandes centros urbanos, o que eliminou qualquer possibilidade de tentar ingressar em uma instituição de ensino superior localizada numa cidade média. Morar em cidades grandes custa caro, o que limitou a sua escolha à única cidade onde tinha condições de morar, que é São Paulo. A possibilidade de morar nessa cidade se justifica pela residência de uma tia sua.

Alberto foi criado pela avó paraplégica. Devido à doença dela, a família da sua tia ia com frequência a Campestre para cuidar-lhe. Isso fez com que Alberto se tornasse próximo dos parentes de São Paulo a ponto de considerar os seus primos de lá como irmãos. Devido à proximidade entre ele e aquela família, Alberto irá morar em São Paulo sem ter despesas com alimentação, água e luz. Como a prefeitura e o estado de São Paulo sancionaram recentemente uma lei que garante o transporte gratuito a alunos PROUNIstas, Alberto não precisará arcar com nenhum custo na sua estadia em São Paulo.

A escolha pela universidade resultou do fato de essa ter sido a única da capital paulista em que obteve uma nota para ingresso. Recebe uma bolsa de 50% do PROUNI e, além disso, é contemplado pelo programa de financiamento estudantil do governo federal (FIES). Segundo informações obtidas com estudantes dessa universidade no dia da matrícula, a instituição é boa. Porém, afirma que irá buscar um curso melhor com a nota que obtiver no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano em que a entrevista foi conduzida. Suas expectativas para os próximos cinco anos são: graduar-se no ensino superior, trabalhar numa produtora de filmes e conquistar um prêmio de roteirista de filmes de curta-metragem.

A migração para Poços de Caldas é menos dependente da ajuda de familiares do que a das cidades grandes. Há toda uma estrutura de apoio para a emigração para essa cidade, constituída de empreendedores campestrenses com negócios naquela cidade, um conhecimento amplamente difundido sobre as empresas e os setores da economia que mais empregam e a existência de redes de amizades capazes de fornecer repúblicas para moradia.

Mariano

A emigração deve ser vista sob o ponto de vista de quem são aqueles que permanecem no local, apesar de possuir alguns recursos para tal. O apego afetivo à comunidade é uma das razões para permanecer. Alguns jovens decidem não migrar, ou migrar para um local perto, pelo valor atribuído às relações familiares, aos amigos, aos lugares e às atividades exercidas na cidade. Há

um ajuste de expectativas. Os jovens podem diminuir as aspirações para se conformarem com a permanência no local de origem. Esse apego, segundo a literatura, está relacionado ao tempo de permanência dos pais. Aqueles jovens oriundos de famílias não estabelecidas na cidade são os que apresentam menor apego. A relação entre apego e emigração deve ser observada como um contínuo, que vai desde aqueles que diminuem as aspirações sociais a fim de ficar próximo da família, do local de residência e dos amigos até aqueles que planejavam sair da cidade de forma definitiva desde a adolescência. O apego está presente tanto entre aqueles que ficam quanto entre os que saem, bem como o desapego está presente em ambos os grupos. A força que esse fator exerce para a permanência concorre com as forças de saída ou permanência, como as condições precárias do mercado de trabalho, a capacidade financeira e o desempenho escolar (Jones, 1999).

O apego varia de acordo com o tempo, enfraquecendo à medida que se sai da adolescência. Possui dois componentes, sendo um ligado à parte emocional, ou seja, aos sentimentos com relação ao lugar, e um segundo ligado ao comportamento com relação às atividades e interações locais, que dizem respeito às experiências quotidianas (Eacott e Sonn, 2006).

Mariano tem 19 anos de idade, autodeclara-se negro, mora em Campestre e, atualmente, estuda Administração na PUC Minas, campus Poços de Caldas. Seu pai trabalha como pedreiro e estudou até a sétima série. Sua mãe é dona de casa, tendo a mesma escolaridade de seu marido. Possui duas irmãs, sendo uma de 21 anos que atualmente estuda Enfermagem em uma cidade vizinha no interior de São Paulo e a outra tem 11 anos.

Considera que sempre foi um bom aluno. Seus pais o incentivavam a estudar. Acredita que a baixa escolaridade e a profissão de pedreiro de seu pai eram os fatores que os motivavam na cobrança dos estudos. Como uma retribuição às atitudes dele, Mariano respondia favoravelmente aos seus apelos.

Depois de concluir o ensino médio, decidiu ingressar na universidade no curso de Direito. Prestou oito vestibulares, nos quais foi aprovado em todos, em instituições de ensino superior das cidades vizinhas. O seu principal objetivo era estudar em alguma cidade próxima a Campestre para não ter de deixar de morar com os seus pais. Como a oferta diária de transporte universitário é limitada a três cidades (Machado, Poços de Caldas e São João da Boa Vista-SP), as opções de curso reduziram-se. Com a nota do ENEM, inscreveu-se equivocadamente para o curso de Administração da PUC Minas. Quando notou o erro, entrou em contato com a secretaria da

universidade, que lhe recomendou fazer o curso para o qual conquistara uma bolsa no PROUNI, cursasse as disciplinas de Direito ofertadas para o curso de Administração e, depois de um mês, pedisse transferência para o curso que desejava. Contudo, logo nas primeiras semanas, decidiu permanecer no curso de Administração.

Ricardo: como que você escolheu fazer Administração, como que foi estudar, por que estudar em Poços, na Puc?

Mariano: então, eu antes de fazer Administração, queria fazer Direito. Eu queria fazer Direito, prestei oito vestibulares pra Direito. (...) e passei nos oito, graças a Deus. Tive uma colocação muito boa em todos, no geral. (...) Não fiz pra Poços, por incrível que pareça. Na PUC tem Direito, mas eu não fiz vestibular pra PUC. Não sei por que motivo, não fiz. Ai, quando fui fazer as matrículas. Falei: “não, pra Alfenas eu não vou porque vou ter que ir pra longe do meu pai e da minha mãe”. E era uma coisa que pra mim, naquele momento, era extremamente importante, embora eu tinha feito vestibular, eu não levava em consideração a possibilidade de ficar longe do meu pai e da minha mãe. Eu fiz por fazer. Em Machado, no momento, a faculdade não era aquilo que eu esperava. Não iria fazer. Não desmerecendo o mérito, mas eu achava que poderia ser uma universidade melhor. Para a faculdade de Varginha, eu ia ter que ficar longe também. Ai chegou num ponto em que eu ia ter que ir pra São João da Boa Vista-SP, porque lá tem como eu ir e voltar. Eu tenho tio que mora lá, então, tipo, por mais que seja um pouquinho longe, eu tenho como tá perto. Tá longe, mas tá perto. E daí não fiz. Não fiz as matrículas. Esperei os resultados do ENEM. Ai, quando chegou os resultados do ENEM, na PUC tem a possibilidade de você jogar a nota pra entrar com a nota do ENEM e eu joguei a minha. E no que eu fui jogar a minha, ao invés de jogar no Direito, eu joguei na administração e inverti. Não sei. Me deu a louca. Joguei trocado. E aí eu fui aprovado no da Administração. “Nossa, o que eu fiz!” Aí, eu liguei lá na secretaria acadêmica, falei: ó, eu fui fazer minha inscrição pela nota do ENEM, só que eu marquei o curso errado. Eu não queria fazer administração. Eu queria fazer direito. Aí, a moça: “não, você entra, faz um mês mais ou menos. Se você quiser, você pede a transferência ou, senão, você puxa as matérias da grade do Direito, só que das que tem na Administração, depois você muda pro Direito e termina normal”. Falei: “não, beleza!” Aí, eu fui. Só que eu não puxei. Fui fazer, puxei as grades da administração normal, porque eu ia..., a minha ideia era mudar dali um mês. Ia transferir pro Direito, ia acabar de estudar, pegar o acompanhamento, mas eu ia pro Direito. Aí, eu fui fazer, comecei, né?, e com duas semanas de aula falei, assim, ó, não. (...) Com duas semanas eu falei: não, é aqui que eu quero ficar pro resto da minha vida. Amei o curso. Vou ficando, vou ficando, fui ficando. Aí, no primeiro período, ó, e agora? Falei, não vou pro Direito, vou continuar na Administração.

Mariano narra a “escolha” pelo curso de Administração como se ele se encaixasse perfeitamente nesse curso. É como se fosse um amor à primeira vista. Porém, podemos notar que retornar para o curso de Direito faria com que adiantasse a sua formatura por seis meses. Os dois cursos não são muito distantes em termos de área do conhecimento e de salário profissional. Assim, o erro de Mariano ao se inscrever no vestibular foi assumido como um elemento de seu percurso, que poderá ter consequências para o resto de sua vida.

A rotina atual de Mariano consiste em acordar às 7h30 da manhã, começar a trabalhar às 8 horas e sair às 17 horas. Depois, ir para a casa, jantar e arrumar-se para pegar o ônibus às 17h30. Assistir às aulas da universidade, que começam às 19 horas e terminam às 22h30. Chegar a casa à meia-noite e, ainda, estudar um pouco antes de dormir.

Os planos para os próximos cinco anos de Mariano são concluir o seu curso atual e iniciar os estudos na pós-graduação ou uma segunda graduação numa área afim à da Administração, conseguir um emprego “melhor” e continuar perto de seu pai e da sua mãe. Com relação à emigração, há uma contradição nos seus planos. Acredita que terá de se mudar para uma cidade maior para realizar seus planos profissionais, apesar de seu interesse ser o de permanecer em Campestre.

Ricardo: cê teria vontade de emigrar?

Mariano: tenho. Infelizmente, a gente vive num..., eu vivo numa cidade que não tem possibilidade de crescimento naquilo que eu escolhi, infelizmente. Eu queria muito poder falar assim: nossa, vou construir uma carreira aqui em Campestre, que eu nasci aqui e eu tenho um carinho muito grande. A história desde quando eu nasci até hoje é aqui. Tudo o que eu vivi, eu vivi aqui. Então, eu gostaria de dar essa continuidade, mas, infelizmente, não tem essa possibilidade. Talvez, Campinas, Ribeirão Preto, acho que são cidades de um porte que comporta, de um porte maior que porta esse dinamismo que eu espero pra mim. Queria poder ficar aqui pro resto da minha vida, mas como não tenho essa possibilidade, é, me resta a saída. Eu vou fazer o que aqui?

As contradições no sentimento de saída são recorrentes entre os entrevistados.

Nicolau

Nicolau é um jovem de 18 anos cuja mãe possui ensino médio completo e seu pai faleceu quando tinha quatro anos de idade. É o filho mais novo de uma família de quatro filhos.

Nunca foi reprovado na escola, tirava notas altas e sempre era querido pelos professores. Durante o curso técnico que concluiu em Poços de Caldas, teve algumas experiências que, na sua opinião, dizem respeito às possibilidades de uma vida fora de Campestre. Uma delas foi ter conhecido pessoas com gostos parecidos com o seu. Conheceu um jovem que, assim como ele, gostava de quadrinhos e animes. Fez amizades com pessoas que tiveram experiências de vida que despertam curiosidade nele, como o de um rapaz que iniciou um curso de graduação no Rio Grande do Sul. Para ele, *sair de casa e ver outra cidade, cê vê outro tipo de vida, de pessoa, assim, pessoas que nem tem comparação com Campestre, que tem a mente mais aberta.*

O seu desejo de sair de Campestre não se limita somente à conclusão do ensino superior e de atingir alguns objetivos de vida que não seriam possíveis pela permanência na cidade natal. Nicolau também deseja conhecer pessoas, estilos de vida e ter experiências que não são possíveis em Campestre. Contudo, é apegado ao local onde nasceu. Tem o interesse de retornar depois de graduado. Como ponto negativo de Campestre, Nicolau percebe a falta de anonimato e o sentimento de claustrofobia. Entretanto, sente-se no dever moral de retribuir o conhecimento adquirido ao local onde nasceu.

Ricardo: e onde cê tem vontade de morar?

Nicolau: cara, sabe aquele negócio, qualquer... Cidade grande, eu gosto muito. Cidade média, tipo Poços de Caldas, eu já gosto muito. Que eu sou meio cidade pequena, eu sou meio, sabe quando cê sabe que é pequena, cê anda, tal, parece que tá todo mundo te olhando. Cidade tipo Poços de Caldas é pequena, não é enorme, só que cê tá num lugar, parece que é mais diferente, cê tá mais sossegado. Eu acho melhor, eu me sinto mais confortável do que num lugar pequeno. Só que eu amo a cidade, cara. Gosto da cidade. Por mais defeito que ela tenha, eu gosto que é o chão que eu nasci. Eu acho que eu tenho que ter consideração, não pelo lugar, mas, tipo assim, pelo que me proporcionou o fator geográfico, entendeu? Tem a ver. Então, eu acho que, primeiramente, eu quero ir pra um lugar maior e aprender o que é o mundo, o que é a vida de outra maneira e retribuir pra cá, pra, quem sabe, um dia aqui ser um lugar grande, um lugar que outras pessoas venham aprender. (...) Conseguindo fazer uma coisa não pra mim, uma coisa pra todo mundo. Ajudando principalmente a minha cidade, que é onde eu saí. Minha região. Que tudo o que tem minha família é pela minha região. Eu sou o que sou pelo lugar que eu moro e pelas pessoas que me criaram, pelas pessoas que me rodeavam.

Nicolau espera ser aprovado nos cursos de Engenharia de Materiais ou de Engenharia Química. Gostaria de mudar para uma cidade grande, fora do sul de Minas. As suas condições financeiras não lhe permitem estudar numa instituição privada de ensino, uma vez que não terá condições de arcar com as despesas mesmo se conseguir uma bolsa integral. Assim, buscará uma vaga nas instituições públicas. As conversas que teve com os professores do curso técnico em Poços de Caldas fizeram-lhe obter informações sobre a assistência estudantil em algumas universidades

públicas e conhecer trajetórias de vida de pessoas que nasceram em uma mesma classe social e conseguiram concluir o curso em instituições localizadas em grandes cidades. Ao término da entrevista, Nicolau pediu-me para contar-lhe sobre a minha trajetória de vida e sobre a minha experiência como alguém que atingiu objetivos semelhantes aos seus.

Entretanto, por mais que não tenha dados quantitativos para sustentar tal afirmação, o perfil de Nicolau não é o majoritário em toda a população de Campestre. A prioridade ao emigrar de cidade é atingir objetivos relacionados à conclusão do ensino superior e à inserção em ocupações não disponíveis na cidade. As novas experiências e estilos de vida são apenas consequências da mudança para uma cidade maior.

A mudança para as cidades médias vizinhas pode ser um primeiro passo para migrações futuras para cidades maiores. Nas décadas de 1950-1960, quando houve um êxodo rural massivo de pessoas de várias regiões do país para São Paulo, observa-se que, na trajetória de muitos emigrantes, essa metrópole não era o primeiro destino dos emigrantes. Primeiramente, eles se deslocavam para uma cidade média vizinha (Serra, 1998).

A saída de jovens de uma cidade pequena tem como consequências para a comunidade a perda de capital humano para o desenvolvimento econômico endógeno, a não abertura ou o fechamento de novas lojas, escolas e serviços, o envelhecimento populacional e a saída, por um processo de seletividade, daqueles mais determinados e empreendedores (Stockdale, 2004; Nugin, 2014). O retorno dos emigrantes traz novos conhecimentos, que podem ser usados na modernização da agricultura, por exemplo (Carneiro, 1997).

O processo de ascensão social dos emigrantes não acontece de maneira automática. Nos primeiros semestres da universidade, o jovem enfrenta não somente problemas ligados à falta do lar e problemas ligados à adaptação ao novo ambiente, como também uma redução do bem-estar material dado pela necessidade de ter de cuidar da própria casa e de cuidar da própria alimentação. Muitos jovens definem essas mudanças como ganhos de independência, enquanto outros como perda de bem-estar material, podendo esse último grupo, em alguns casos, procurar um novo local de residência, mais próximo da família, ou retornar para a comunidade de origem. (Stockdale, 2002). Com o tempo, essas dificuldades são superadas, o que provoca mudanças sobre o interesse inicial, presente em muitos jovens, de retorno ao local de origem. Numa pesquisa na Escócia, numa cidade de 15 mil habitantes, próxima das regiões mais prósperas do país, num contexto relativamente parecido com o da presente pesquisa, Stockdale mostra que os emigrantes,

em comparação com os que permanecem ou retornam à comunidade de origem, possuem empregos mais bem remunerados, mais seguros e com mais possibilidades de avanço na carreira. Contudo, as experiências de emigração diferem de acordo com as características da emigração e dos tipos, sendo que aqueles motivados pela educação são os mais bem posicionados (Stockdale, 2004).

A experiência escolar e a emigração dos jovens de classe média

Em diversos contextos, os jovens de classe média são os que mais migram das cidades pequenas. Em Campestre, o processo de socialização fora dos limites da cidade intensifica-se no ensino médio, quando a maioria dos jovens dessa classe matricula-se nas escolas privadas de Poços de Caldas. Até então, a trajetória escolar típica desse grupo é estudar na Escola Municipal Cônego Artur em turmas homogêneas, compostas em larga maioria por pessoas dessa mesma classe social de origem³⁴.

Do total de nove escolas privadas em Poços de Caldas, os estudantes de Campestre estão concentrados em duas ou três delas. As turmas em que estudam nesses colégios, geralmente, são formadas pelos estudantes da cidade natal, de estudantes de outras cidades pequenas vizinhas e de moradores de Poços de Caldas que estudaram o Ensino Fundamental em colégios diferentes daqueles onde os jovens de classe média de Campestre estão matriculados no Ensino Médio. O tempo de deslocamento e as características do transporte até a escola colocam a eles algumas desvantagens em comparação com os estudantes residentes da cidade onde a escola se localiza que são semelhantes às desvantagens enfrentadas pelos jovens moradores das áreas rurais mais distantes da cidade de Campestre.

A rotina típica de um jovem de classe média nas escolas em Poços de Caldas é acordar em torno de cinco horas da manhã, tomar o ônibus às 5h40, chegar à escola às 7 horas da manhã. Nos intervalos, compram lanches ou trazem a merenda de casa. Partem de Poços de Caldas por volta de 13h30, chegam a Campestre em torno de 15 horas. Daí, então, almoçam, descansam e fazem os deveres escolares. Por estarem dependentes do transporte escolar, não podem participar das aulas de educação física e de algumas atividades extracurriculares.

³⁴ Em outra seção, tratei das experiências dos jovens de classe popular nas turmas de classe média.

Uma crítica comum dos jovens de classe média assenta-se sobre a qualidade da educação que receberam em Campestre. Esta pesquisa não possui dados suficientes para tratar de tal questão, para saber em que medida essa percepção é fundada sobre um preconceito com relação às escolas públicas ou se realmente a qualidade do ensino entre as escolas é desigual. Por um lado, o perfil das turmas onde estudam em Poços é similar àquela de Campestre. Contudo, segundo Matias, as escolas privadas de Poços cobram mais deveres de casa e as provas são mais exigentes e frequentes.

Em comparação com a classe média dos grandes centros urbanos, os residentes de Campestre enfrentam algumas desvantagens na aquisição de capital cultural, pois a oferta de cursos de línguas, de práticas esportivas, de museus, de peças de teatro, de shows e a infraestrutura para viagens são mais precárias. Campestre possui uma escola que oferece curso privado de inglês, sendo essa a única língua estrangeira ofertada. Museus e peças de teatro estão localizados apenas em Poços de Caldas. Como a familiaridade a grandes centros urbanos - onde estão localizados os aeroportos e muitos dos destinos mais badalados - é baixa, são realizadas poucas viagens de avião, sendo preferidos os destinos próximos.

Depois que terminam o ensino médio, ingressam nas universidades da região, nas do interior de São Paulo e em São Paulo-SP. Belo Horizonte é um destino procurado apenas por aqueles que pretendem ingressar na UFMG. Há uma preferência pelas universidades onde já estão residindo moradores de Campestre, o que permite a eles a manutenção das redes sociais estabelecidas no município. Piracicaba, Santa Bárbara do Oeste e Ribeirão Preto – cidades no estado de São Paulo – têm sido, no momento, aquelas mais procuradas pelos jovens de classe média. Em outras épocas, Franca-SP era um dos destinos principais, mas devido a experiências negativas de alguns graduados dessa cidade, diminui-se o fluxo de campestrenses.

Luís³⁵ é um jovem de 18 anos, filho de produtores de café. É membro de uma família rica da cidade. Estudou todo o ensino médio em Poços de Caldas. Afirma não ter interesse pelos estudos, sendo que não vai se esforçar para ser aprovado numa universidade pública. Atualmente, mora em Poços de Caldas com outros dois amigos, onde estuda num curso pré-vestibular para conseguir uma vaga num curso tradicional em uma universidade privada prestigiada em São Paulo-SP. Quando perguntado sobre os motivos por ter escolhido essa universidade e a capital do estado

³⁵ Luís, Mário e Helena (que aparecerão mais adiante) não foram diretamente entrevistados para esta pesquisa, mas narro a história deles, pois os conheço pessoalmente.

vizinho, Luís respondeu que a qualidade da universidade e o fato de São Paulo ser uma metrópole com um mercado de trabalho com amplas oportunidades foram fatores determinantes na sua escolha. Além disso, seu irmão já mora em São Paulo, o que já lhe garante um local de moradia. Já carrega consigo a noção de que não vai retornar a Campestre depois de graduado.

Muitas vezes, nas famílias mais ricas da cidade, ocorre um conflito entre os pais e os filhos no que diz respeito à permanência na cidade. Mário é filho de um produtor rural e proprietário de imóveis. Seu pai tem poucos anos de escolaridade, veste roupas simples e fala com um carregado sotaque caipira. Assim como muitos de sua classe social, Mário estudou em uma escola privada de Poços de Caldas. Atualmente, estuda Engenharia em uma universidade privada no estado de São Paulo. O desejo de seu pai é que seu filho prossiga com os negócios da família. Contudo, Mário rejeita veementemente o trabalho na zona rural, preferindo um estilo de vida com um trabalho profissional em uma grande cidade. Essa diferença de interesses gera intensos conflitos familiares.

O processo de adaptação à cidade grande e as dificuldades experimentadas referentes à saudade da família, à diminuição do bem-estar material e ao enfraquecimento dos laços de amizade também são vividos por esse grupo. Assim que Helena concluiu o Ensino Médio, migrou-se para o estado de São Paulo com algumas amigas para estudar num curso pré-vestibular de Medicina. Contudo, sentiu saudades da família e não gostou do agito da cidade para onde mudou. Optou por estudar na PUC Minas em Poços de Caldas, onde sua família alugou um apartamento para ela morar.

5.3.2. Migrantes motivados a trabalho

Os migrantes motivados a trabalho não têm a entrada no ensino superior como base para a emigração. Assim, não dependem das organizações escolares como um meio de prover redes sociais para o estabelecimento em uma nova cidade. Sendo assim, a família torna-se um recurso fundamental para a mudança de localidade, especialmente se o destino não for Poços de Caldas. É um grupo constituído principalmente por pessoas que não concluíram o ensino médio.

Ernesto

Ernesto é um jovem que se autodeclara preto, de 18 anos de idade. Apesar de ter nascido numa família pobre - sua mãe trabalha fazendo bicos e é separada de seu pai - ele nunca trabalhou. Recentemente, terminou o ensino médio. O seu sonho é mudar-se para Poços de Caldas ou São

Paulo. O motivo para pretender se mudar para uma dessas cidades foi pelos contatos familiares. Conforme afirma, a sua família está distribuída entre Campestre, Poços de Caldas, Bandeira do Sul (uma cidade vizinha de 5 mil habitantes) e São Paulo.

A entrevista com Ernesto iniciou-se da seguinte maneira:

Ricardo: Então, senta aí. Pode ficar relaxado. Não tem nada demais. É só uma conversa, mesmo. Começa falando sobre quem é você, se apresente primeiramente³⁶.

Ernesto: Ernesto. Tenho 18 anos. Moro aqui desde quando eu nasci e tô terminando a escola agora e acho que vou mudar pra tentar um emprego em outra cidade.

Ricardo: Pra onde você tem vontade?

Ernesto: Poços, mais perto. Ou São Paulo.

Ricardo: Por que Poços ou São Paulo?

Ernesto: São as cidades onde tenho parente.

Ricardo: São Paulo capital?

Ernesto: É.

A preferência de Ernesto é por Poços de Caldas e deve-se a três motivos. Em primeiro lugar, é a cidade onde possui mais parentes e o contato com eles é mais frequente. Em segundo lugar, o emprego que deseja, na área de informática, é oferecido em Poços de Caldas. Finalmente, considera que Poços é mais facilmente adaptável a pessoas que, assim como ele, nasceram em uma cidade pequena.

A aspiração de sua mãe é que ele curse o ensino superior a fim de conseguir uma profissão estável e formalizada, diferentemente dela mesma que estava desempregada no momento da entrevista, dependendo de trabalhos esporádicos como diarista³⁷. Contudo, Ernesto observa poucas possibilidades para isso, ajustando a suas expectativas de tal modo a se sentir satisfeito com um emprego a nível médio. Ele transfere ao seu irmão mais novo o desejo de chegar à universidade.

A sua expectativa para os próximos cinco anos diz respeito à aquisição de bens materiais e à ajuda aos familiares. Pretende ter uma casa, um carro, ajudar a sua mãe o máximo que puder e incentivar o seu irmão a estudar.

Afirma que o motivo para sair de Campestre é a falta de empregos. Entretanto, essa noção não se baseia em experiências negativas na sua procura, pois Ernesto nunca procurou inserir-

³⁶ Os procedimentos éticos tomados e a introdução sobre os objetivos da pesquisa aconteceram num momento anterior, antes de Ernesto ter adentrado à sala de entrevista.

³⁷ Uma explicação frequente ao esforço familiar de cobrança nos estudos, na percepção dos entrevistados, é pela compensação das insatisfações decorrentes das experiências negativas no mercado de trabalho. A mãe de Ernesto monitorava as notas dos filhos, participava das reuniões escolares, cobrava a resolução dos deveres escolares e sempre transmitiu ao seu filho a noção de que a educação era a única via para conseguir um trabalho estável. Nas palavras de Ernesto: *“Minha mãe quer que eu faça faculdade no ano que vem, porque ela não quer que eu passe o que ela passou. Que ela parou de estudar e ela não quer isso pra mim. Quer que eu foque nos estudos pra mim ter um trabalho fixo. Nisso ela me pega bem.”*.

se no mercado de trabalho de maneira ativa. É uma percepção que decorre em maior medida dos discursos locais de dificuldade de encontrar empregos bem remunerados, estáveis e não braçais na cidade.

Emílio, segundo caso de emigrante motivado a trabalho, é um jovem de 19 anos, com uma relação conturbada com a mãe e o padrasto. Atualmente, trabalha como pintor. Aos 16 anos de idade, mudou-se para São Paulo a convite de uma tia, constituindo, assim, mais um caso de alguém que dependeu da família para emigrar para uma metrópole. Morou em São Paulo por menos de um ano. Segundo afirma, o fato de ter tido problemas com a sua prima, que morava na mesma casa que ele, o motivou a retornar.

5.3.3. As Experiências dos Retornados

Heitor é um jovem de 20 anos de idade, natural de Campestre, autodeclarado moreno escuro, que sempre morou em uma das vielas mais pobres da cidade. É o quinto irmão de uma família de seis filhos, sendo três homens e três mulheres. É o mais novo dentre os filhos do sexo masculino. Seu pai é um caminhoneiro que costumeiramente percorre longas distâncias, sendo, portanto, ausente de casa. Sua mãe é dona de casa, mas trabalha durante o período da colheita de café. Ambos nunca frequentaram a escola.

Na escola, era um aluno bagunceiro, principalmente a partir da 3ª e 4ª séries. Foi reprovado por quatro vezes, sendo uma na quarta, duas na quinta e uma na sexta. Decidiu abandonar a escola depois da última reprovação.

Mudou-se para Poços de Caldas em meados de 2014, pelo contato que tinha com um amigo com quem jogava futebol. Acreditava que encontraria em Poços de Caldas um mercado de trabalho com amplas ofertas de emprego e nos mais variados setores. Esse amigo lhe arranhou um emprego numa marcenaria e lhe indicou um lugar temporário. O emprego que conseguiu foi numa fábrica que construía carrocerias de caminhão. O patrão cometia injustiças como não pagar hora extra nem registrar os funcionários pela CLT. Muitas vezes, quando a empresa estava prestes a entregar uma encomenda, os empregados eram convocados a trabalhar depois do expediente com a promessa de que o patrão pagaria o trabalho extra em alguns dias. Contudo, a promessa raramente era cumprida. As atividades na empresa colocavam em risco a saúde dos empregados. Eram utilizados aparelhos com lâminas de corte tão afiadas que poderiam cortar um dedo ou até mesmo

um braço, conforme narra Heitor. Essas injustiças levaram Heitor a abandonar o emprego. Retornará para Campestre, onde começará a trabalhar como servente de pedreiro para uma miniconstrutora, emprego no qual também conseguiu por meio de amigos. Porém, o início desse trabalho está condicionado à obtenção de uma casa de aluguel para morar com sua companheira.

O início da sua vida conjugal se deu em Poços de Caldas. Conheceu a sua companheira em Campestre, um ano e meio antes de morar definitivamente com ela. Mudou-se para a cidade média vizinha vivendo sozinho por alguns meses. Devido às difíceis relações familiares de ambos os parceiros e à distância, decidiram morar junto. Portanto, observamos, neste caso, as inter-relações entre o processo de emigração e a transição para a vida adulta. A mudança de cidade não constituiu para Heitor somente uma busca por um emprego. Também significou o início de sua vida conjugal e a saída de um ambiente familiar pouco agradável, onde era constantemente reprovado pelas suas atitudes que iam de encontro aos valores de sua família. A primeira consequência de sua emigração não era intencional no momento da mudança. Foi a companheira de Heitor que tomou a iniciativa para que fixassem residência numa mesma casa. As condições de seu namorado foram tomadas por ela como recurso para valer os seus interesses.

Os motivos que o levaram a retornar a Campestre foram o alto preço do aluguel em Poços de Caldas, a falta de um emprego na cidade receptora, a necessidade de colher o café arrendado que conseguiu por intermédio de seu irmão³⁸ e a proximidade das famílias dele e de sua coabitante. Em Poços de Caldas, Heitor morava num bairro que considerava perigoso, sem uma infraestrutura adequada e numa casa com poucos móveis. Afirma ter enfrentado graves dificuldades financeiras devido às despesas necessárias para manter um lar e ao alto custo do aluguel.

No momento da entrevista, Heitor estava à procura de uma casa para morar. Relatava grande dificuldade tanto em conseguir uma casa disponível como de preencher os requisitos previstos nos contratos que os donos estipulavam, como conseguir avalistas. Em Campestre, continuará a morar com a sua companheira. A redução no preço do aluguel, associada a uma remuneração equivalente à que recebia em Poços de Caldas, permitirá a Heitor uma situação financeira mais cômoda. O preço do aluguel na cidade para onde mudou era quinhentos reais. Em

³⁸ O primeiro trabalho que conseguiu foi na lavoura de café aos 16 anos, quando acompanhava o seu irmão mais velho. Por três anos, ajudava seu irmão na colheita, que geralmente se inicia em maio e termina em agosto. A recusa ao trabalho na zona rural, observada em muitos jovens entrevistados, não está presente em Heitor. Sua preferência é por ocupações na sombra que não demandam um elevado esforço físico. Contudo, dispõe-se a exercer atividades braçais por reconhecer que não tem o conhecimento e as qualificações necessárias para os trabalhos não braçais.

Campestre, tem buscado moradias de aproximadamente trezentos reais. Para um casal com poucas condições de ser empregado em ocupações de remuneração acima de um salário mínimo e que constantemente está à mercê do desemprego, duzentos reais é um valor considerável.

Olívio

O alto preço do aluguel também foi um constrangimento para a permanência de Olívio. Tem 20 anos, autodeclara-se branco e possui o Ensino Médio completo. Concomitantemente ao Ensino Médio, Olívio estudava num curso de informática em uma escola técnica em Campestre.

Pelo convite de alguns amigos que planejavam mudar de cidade, Olívio mudou-se para Poços de Caldas. Seus amigos acreditavam que aumentariam a renda e encontrariam empregos mais facilmente.

Ricardo: o que motivou a se mudar pra Poços?

Olívio: o que motivou? Foi esses dois amigos meu daqui de Campestre que me motivou.

Eles queria mudar pra lá, achando que lá era melhor de emprego, que aqui não achava nada. Que lá eles iam ganhar muito, mas chegou lá, deram o que fazer pra trabalhar.

Fernando trabalhou de servente de pedreiro. Ganha o mesmo tanto que ganha aqui. O outro era o Júlio. Ele trabalhou numa fábrica de cerâmica. Ganhava um salário também. Com o tempo, nós tudo desanimamo porque vimo que não faz muita diferença. Aí, resolvemo voltar mesmo porque tava difícil de pagar.

Submeteu o seu currículo às vagas publicadas em uma unidade de atendimento do governo de Minas Gerais, o UAI. O proprietário de uma loja de conserto de Notebooks entrou em contato com Olívio para que ele participasse do processo seletivo de contratação de um emprego. Foi contratado depois de passar por uma entrevista.

A emigração para Poços implicou numa mudança de rotina que Olívio considerou exaustiva. Tomava o ônibus, passava mais de uma hora por dia no trajeto de casa para o trabalho e quando retornava precisava limpar a casa e cozinhar para si mesmo. Devido à saída de alguns moradores da casa onde morava, precisou voltar para Campestre, uma vez que não tinha condições de pagar o aluguel, que custava cerca de mil reais mensais.

Ricardo: e como era trabalhar lá, morar em Poços, arrumar emprego, salário?

Olívio: ah, eu achei, achava muito corrido, porque eu morava longe do emprego e chegava em casa e tinha que fazer tudo. Aí, chegou um ponto que tava difícil de aguentar lá. E também os povo começou a sair e aí ficou maior a dívida. Achei meio corrido. O salário não era tão bom. Era um salário mais comissão. Era bom, mas tinha muitos gastos. Chegou num ponto que não dava mais pra ficar lá. Aí, nós saímo, porque fomos em cinco. O aluguel era mil. Dava duzentos. Tinha mais água, luz, gás. Dava uns trezentos pelo menos. Trezentos e pouco. Aí saiu dois. Aí, ficou três e já apertou o salário. Já apertou, ficou caro pra cada um. Aí, mais um queria sair, que era o Fernando daqui de Campestre. Ele queria

voltar embora. Aí, nós decidimos todos voltar embora. O cara que era de Poços, que morava com nós, e um outro cara, os dois saiu. Aí, ficou só nós três. Aí, nós não aguentamo pagar o aluguel e tudo. Ai, nós tivemos que voltar.

Depois que retornou para Campestre, Olívio conseguiu emprego no mesmo local onde trabalhava anteriormente, numa Lan House. Atualmente, esse jovem pretende emigrar novamente, mas por um motivo diferente: para cursar a universidade. Inscreveu-se no SISU em uma vaga no curso de Nutrição da UNIFAL, em Alfenas, mas não foi aprovado até a data em que este texto foi redigido.

5.3. 4. Os Motivos Pessoais da Emigração

As categorias de emigrantes aqui apresentadas são apenas esquemas teóricos para facilitar a compreensão dos distintos padrões de emigração. Como pudemos observar nas trajetórias de Nicolau e de Heitor, motivos pessoais agem juntamente com motivações educacionais e trabalhistas. As motivações pessoais referem-se tanto às forças de expulsão do local de origem, como o estigma, a sensação de claustrofobia, o sentimento de falta de liberdade e a fuga das redes sociais da qual o ator social participa, como de forças de atração do destino – tais como a possibilidade de possuir novos estilos de vida, conhecer novas mentalidades e adquirir novas experiências. Existem zonas cinzentas entre as forças de expulsão e as de atração, exemplificadas pela elevada emigração de homossexuais, que buscam em cidades maiores não somente a oportunidade de conhecer um conjunto mais amplo de pessoas com a mesma orientação sexual, mas também se livrar das discriminações sofridas em uma cidade de tradição altamente religiosa, onde a homossexualidade é condenada.

Jerônimo é um caso de um jovem que saiu de Campestre para livrar dos estigmas que sofria. Entrou na creche já no maternal. Era um garoto problemático que costumava bater nas outras crianças e nos professores. Começou a usar drogas quando tinha 11 anos de idade, sendo a maconha primeira droga que experimentou. O bairro onde morava oferecia toda a infraestrutura de que precisava para se tornar um usuário e um traficante, já que traficantes já tinham se instalado por lá e já havia uma base de usuários. Conheceu a maconha pela oferta de um amigo. Experimentou a cocaína pela primeira vez em uma festa que tinha invadido quando tinha 12 anos de idade. Entrou no tráfico também aos 12 anos. Vendia drogas na janela de sua casa. Buscava a droga em um bar no mesmo bairro onde morava.

Praticava furtos desde criança. Já roubou bicicleta e outros pertences, mas afirma que a sua preferência era roubar dinheiro. Considera que roubar outros pertences e vender depois era muito custoso. Nunca teve problemas com a polícia. Afirma que era isolado da sociedade e muito esperto em sua prática de furtos.

Aos 14 anos, em um dia que tinha se sentido mal física e psicologicamente por ter consumido muita droga foi a um bar onde conversou com um senhor (o mesmo de quem tinha furtado a arma) sobre o seu desejo de abandonar as drogas. Esse senhor entrou em contato com uma clínica em Poços de Caldas. Ficou nessa clínica por nove meses. Lá, passou por uma reestruturação cognitiva e emocional. Aprendeu a se controlar emocionalmente, desenvolveu sua disciplina e se convenceu sobre os benefícios da abstinência.

Assim que retornou, muita gente lhe oferecia drogas e sempre recusava. Quando estava em um local onde sentia vontade de usar drogas, retornava para casa. Sua atividade, no início, era seguir o programa estipulado pelo centro de reabilitação. Também voltou a praticar capoeira, atividade que já realizava quando criança.

Com o tempo, aprendeu a levar uma vida comum. Descobriu que podia retornar à escola, onde se matriculou em um programa estadual chamado PAV (Programa Acelerar para Vencer) no qual afirma ter-se tornado o melhor aluno, na mesma escola onde estudou durante a infância. Voltou na sétima e já completou o oitavo ano. Dessa vez, os problemas encontrados na escola no início não foram observados. Os professores, muitos dos quais são os mesmos de quando era criança, mas, dessa vez, eles o elogiam. Mas as marcas do passado deixadas por eles ainda não cicatrizaram. Começou a namorar uma jovem por pouco tempo, que o transformou novamente. Separou-se dela por não ter se livrado totalmente de atitudes do seu passado, como mentir e querer que tudo seja tal como deseja.

Mudou-se para Poços de Caldas há menos de dois meses. Trabalha, atualmente, em um mercado, recebendo um salário “bom”. Mora sozinho e ainda não fez muitas amizades. A sua mudança de cidade foi, segundo narra, decorrente apenas de seu próprio esforço. Acordava cedo diariamente para procurar empregos na Unidade de Atendimento Integrado (UAI) e nos comércios de Poços de Caldas. Da mesma forma, saía sozinho para procurar um local de moradia.

O principal motivo para ter emigrado de Campestre foi para livrar-se do estigma de “ex-menino de rua”, de “ex-ladrão” e “ex-trafficante”. A sua história de vida era constantemente lembrada no meio campestre. Além disso, sempre pairava a dúvida sobre a autenticidade da

mudança de comportamento de Jerônimo e sobre os riscos de ele manter alguns traços de caráter do tempo anterior ao da clínica. A oferta de drogas era constante por aqueles que o conheciam. Em Poços de Caldas, o seu passado não é um fardo que carrega consigo a todo o momento. Consegue manipular a percepção dos seus contatos diários sobre si mais facilmente, sentindo que poderá finalmente ser reconhecido como uma “pessoal normal”.

A vida que Jerônimo gostaria de deixar para trás não poderia ser totalmente eliminada vivendo em Campestre. Assim, esse jovem teve de tomar uma ação ativa para que o conseguisse. Por ação própria, ele constituiu um ponto de virada em sua vida, marcado pela mudança de cidade.

5.3. 5. A falsa dicotomia entre emigrantes e não emigrantes

Existem diferentes tipos de emigrantes. Alguns jovens mudam-se para cidades onde o retorno frequente para Campestre é dificultado pela distância e pelo alto custo da passagem. Inserem-se em uma rede social com nenhum contato pessoal³⁹ remanescente do tempo em que viviam na cidade natal. Precisam se ajustar às exigências de cuidar de si mesmo, como limpar a casa, lavar a própria roupa e preparar os seus alimentos. Vivem em cidades com características econômicas, culturais, geográficas e sociais diferentes da terra natal. Este é o nível mais elevado de emigrante.

Um segundo tipo de emigrante é o daqueles que emigram para cidades com as mesmas características e distância da do primeiro grupo, mas mantêm uma parcela da rede social da cidade de origem. Essa rede social facilita o processo de adaptação e permanência na nova cidade por prover informações e auxílios sobre a localidade, por não criar uma ruptura drástica entre as amizades nas duas localidades e por prover uma moradia em muitos casos. A escolha dos jovens é guiada, neste caso, pelos fluxos de emigração dos amigos e familiares. No caso de Campestre, a emigração para Santa Bárbara do Oeste-SP e Ribeirão Preto-SP são exemplos desse tipo.

Um terceiro tipo é o daqueles que mudam para a mesma região geográfica do município, mas rompem os laços com a cidade natal. A mudança para locais próximos, a depender das escolhas individuais e de recursos econômicos e sociais, pode ser marcada por rupturas nas redes sociais, pela possibilidade de desenvolver um novo estilo de vida e pela necessidade de

³⁹ O termo contato pessoal é usado em oposição aos contatos virtuais mantidos pela internet.

responsabilizar-se pela manutenção de uma casa. Nesse caso, em certa medida, a experiência da emigração é semelhante àquela de lugares distantes, mas essa experiência depende, em certa medida, de uma escolha individual. O caso de Jerônimo, relatado acima, ilustra esse nível de emigração.

Um quarto tipo é o daqueles que se mudam para cidades próximas, mas mantêm a rede social e retornam frequentemente ao município de origem. Vivem em moradias compartilhadas, muitas vezes, com os moradores do próprio local de onde vieram e aos finais de semana retornam para a casa dos pais, onde delegam certas funções aos responsáveis, tais como lavar a roupa suja. Não sofrem a ruptura dos círculos sociais, não têm o sentimento de falta do lar - devido ao contato frequente com a cidade, amigos e familiares - e o nível de responsabilização pela sua manutenção material é menor.

5.3.6. O que querem os que ficam?

Pesquisas em contextos rurais não miseráveis evidenciam que a baixa escolaridade é uma barreira para uma emigração bem-sucedida. A emigração depende do sucesso escolar, que é conquistado ao longo da vida. Esse dado também está presente na percepção dos entrevistados. Segundo Norberto, uma emigração bem-sucedida depende do sucesso escolar, o que, para ele, é definido como ter completado “o segundo ano ou o ensino médio completo”. Como ele não atingiu essa etapa da escolarização, sente que o seu destino é permanecer em Campestre.

Se eu tivesse feito o segundo ou o ensino médio, eu não taria aqui em Campestre. Eu teria ido embora. Teria feito um curso, um ENEM, alguma coisa assim e teria ido embora daqui. Porque do que adianta ir embora de Campestre se não tem estudo? Então, não adianta nada. Cê tem que ter estudo pra ir embora. Eu arrependo de ter parado.

Os eventos prévios da sequência de Norberto limitaram as suas possibilidades de tomar determinadas trajetórias.

Esse jovem não faz planos para o futuro:

Ricardo: como cê vê tua vida daqui cinco anos?

Norberto: risos... Como eu vejo minha vida daqui cinco anos? Não sei te responder. Infelizmente, essa eu vou ficar te devendo. Eu não sei te responder porque eu não sei o que vai acontecer, eu não sei o que vai ser. Não tem como te responder.

Uma expectativa presente entre os jovens sem a intenção de emigrar é constituir uma família em até cinco anos. Os dados também evidenciam que alguns não têm o projeto de fazer qualquer mudança em suas vidas ou resumem as suas intenções à posse de bens materiais. A

elevação da renda pouco apareceu, tendo sido manifesta explicitamente apenas por Vicente, que recebe menos de meio salário mínimo.

Ricardo: como cê se imagina daqui cinco anos? Qual o teu projeto? Tem algum projeto, assim, de como cê se imagina tua vida, assim.

Vicente: ah, eu gosto de trabalhar aqui (na loja de fotografias de meu pai), mas ganho pouco. Ganho 300 reais. Ter um emprego que ganha mais. Pra mim, eu com minha namorada, se nós manter a relação, um dia casar.

Ricardo: qual emprego cê gostaria de ter?

Vicente: ah, é uma boa pergunta. Não sei.

Ricardo: onde cê se vê, como você vê sua vida daqui cinco anos?

Heitor: tipo, o que eu penso?

Ricardo: é.

Heitor: uai, eu penso em ter uma casinha, seguir a minha vida normal, sem dar problema pra ninguém. Seguir minha vida normal. Ter uma motinha, ter um filho, ter uma família, entendeu? Ter uma família reunida e trabalhar e partir pra frente pra ver o que acontece comigo.

Ricardo: como que cê se vê daqui cinco anos?

Rômulo: não sei.

Ricardo: quais são teus planos mais pra frente? Cê tem algum plano, assim?

Rômulo: ah, a única coisa é plantar meu café e cuidar...

Ricardo: como cê se imagina daqui uns 5 anos, assim?

Valdir: ah, parece que a mema coisa. Não muda nada, não. Ah, pretendo casar daqui uns tempo. Casar, ter minha casinha.

Ricardo: como cê vê tua vida daqui 5 anos?

Hélder: eu quero só melhorar, cara. Quero guardar uma grana pra mim comprar uma casa nossa, entendeu?, Comprar uma casa pra minha mãe, assim. Fazer uma casa do jeito que ela gosta, memo, entendeu? Quero ter o meu carro, também. Ficar sossegado, memo. Quero dar um conforto bom pra minha mãe, né? Por tudo o que ela já fez, já. Eu tô aqui por ela.

Ricardo: e como cê vê tua vida daqui 5 anos? Como você se imagina daqui 5 anos?

Rubens: ah, daqui cinco anos, eu vô ver se consigo aumentar minha casa, porque vai precisar fazer um aumento, que ficou meio apertado. E nesses cinco anos, vai acontecer muitas coisas ainda. Vai haver uma transformação no mundo e tem muitas coisas pra vir. Vivo, assim, eu espero que há qualquer momento, Deus pode fazer mais uma transformação, que daqui cinco ano, possa tá totalmente diferente, vamo supor, do dia de hoje. Aí, eu não tenho alguma coisa, assim, que eu possa dizer que eu vô tá. Tô na expectativa de que pode melhorar mais ainda daqui cinco ano.

Esse tipo de expectativa destoa em certa medida dos que têm intenção de emigrar, a qual é mais voltada para a realização profissional.

Ricardo: e como cê vê a tua vida daqui cinco anos?

Alberto: cinco anos? Pretendo tá formado. Já trabalhando. Pretendo, escuta: vou ganhar um prêmio de qualquer curta-metragem, qualquer festival de curta-metragem. Eu vou ganhar ainda. Eu vou porque, não sei, cara, eu acho que eu tenho umas ideia muito boa. Ah, não sei te explicar, mas, assim, eu acho que nesses cinco anos, escuta o que eu vou te falar, eu posto na tua timeline e cê vai chup...

Ricardo: Tô gravando aqui.

Alberto: pode quotar depois. Mas, é, porque às vezes eu sou meio ambicioso, mas, aqui em Campestre, acho que isso vai limitar, sabe? De o único meio que eu tenho é Poços pra expandir as ideias, mas nem lá, poxa. Lá o pessoal que eu conheço, eles trabalham mais com aquela coisa de Zumbi, de cinema mais, assim, sabe? Eu não, não sei, cara. Se eu for fazer algo de zumbi, não algo de zumbi, zumbi. Mas ter conteúdo. Aí, eu odeio me expressar, véi, eu odeio falar essas coisa. Eu não sei, é muito ruim. Cinco anos, vou ter terminado a minha faculdade, vou tá trabalhando numa produtora e vou ter um prêmio de festival, tá? Tá gravado. Mas nos anos seguintes, sem expectativas. Na verdade, eu não gosto de criar expectativas.

Ricardo: como cê vê tua vida daqui cinco anos?

Olívio: ah, eu tenho três planos pra mim, três planos daqui cinco, dez anos que eu pretendo realizar. Um é fazer nutrição. Nutrição é quatro anos o curso e especializar em nutrição esportiva. Esse é um plano meu. Aí, eu pretendo trabalhar em alguma empresa. Meu sonho é em alguma empresa de suplemento e ter meus próprios clientes também na área de nutrição. O outro é ter minha própria loja online e física de suplemento. E participar de compe... O meu terceiro é participar de competição, tipo, bodybuilding, essas coisas. Ser um atleta mesmo dessa área. É um sonho que eu tenho. Esse sonho, esses três sonhos eu pretendo pros próximos cinco, dez anos. É os três sonhos que se eu realizar tá bom demais pra minha vida. É o que eu quero pra mim.

Ricardo: onde que ocê se vê daqui cinco anos?

Geraldo: se eu entrar na faculdade esse ano, me vejo mais feliz. Mas não sei em que lugar.

Comparando a geração atual com aquela da qual faço parte, que se formou no ensino médio no ano de 2007, nota-se um aumento nas expectativas futuras, no sentido de a atual geração aspirar, em maior medida, a entrar na universidade, emigrar e obter uma ocupação prestigiada. Na geração de 2007, inscrever-se nos processos seletivos de instituições públicas era algo raro entre os jovens que concluíam o ensino médio na escola pública da cidade. Era custoso ter de pagar a taxa de inscrição e deslocar-se a outra cidade para realizar a prova. Atualmente, prestar o ENEM tem um custo relativamente baixo – o de alugar uma van para deslocar-se a Poços de Caldas – e o retorno de realizar essa prova tende a ser alto, pois o risco de reprovação é minimizado, uma vez que a nota da prova pode ser usada por diferentes motivos. Antes de o resultado do ENEM ser divulgado, muitos jovens imaginam-se sendo aprovados nos cursos mais concorridos de instituições públicas. Porém, essas expectativas muitas vezes não são realizadas e, daí, surge um sentimento de frustração durante algum tempo.

Geraldo não foi aprovado no curso de Física da UFSCar. Olívio não conseguiu uma vaga em Nutrição na Universidade Federal de Alfenas. Matias esperava ingressar na UFMG, mas conseguiu uma vaga somente na UNIFAL. Estêvão foi reprovado no terceiro ano do Ensino Médio, o que irá adiar por mais um ano seu desejo em fazer o curso de Bacharelado Interdisciplinar em

Ciência e Economia da UNIFAL. Alberto sonhava em conseguir uma bolsa integral nas principais universidades privadas de São Paulo, mas somente conseguiu numa universidade que, no primeiro momento, pareceu não atender às suas expectativas.

Conclusão sobre o processo de emigração

Tomando como base a tipologia de Stockdale (2002)⁴⁰, esta seção visou compreender os processos de emigração dos jovens campestres. A emigração está associada às possibilidades de conseguir empregos profissionais e mais bem remunerados em outras cidades. Sendo assim, é um elemento para a compreensão da mobilidade social dos indivíduos. Campestre está localizada em uma das regiões mais ricas de Minas Gerais, entre as cidades de São Paulo, Campinas e Belo Horizonte e relativamente próximo à macrometrópole paulista. Essas condições favorecem a saída de jovens da cidade para regiões economicamente atrativas. Contudo, o alto preço do aluguel, o fracasso escolar e a ausência de redes sociais criam obstáculos para uma inserção bem-sucedida em outra cidade. Além disso, o apego ao lar, em alguns casos, pode ser um mecanismo de limitação para aspirações elevadas, que são diminuídas a tal ponto de conformar o jovem à permanência na região.

As experiências de emigração variam segundo a classe social, a motivação, a distância da cidade de acolhida a Campestre e as redes sociais de que dispõem o jovem. Os jovens com aspirações de ingressar no ensino superior condicionam a sua saída ao sucesso nos processos seletivos. A dificuldade em competir em mercados onde o custo de vida e o preço do aluguel são mais elevados do que em Campestre são fatores para o retorno de jovens de baixa escolaridade motivados a trabalho.

⁴⁰ A decisão de usar essa tipologia surgiu no momento da análise dos dados, quando se chegou à conclusão de que ela era suficiente para compreender grande parte das experiências de emigração.

5.4 Os jovens de ações socialmente reprovadas e a relação com a polícia

Estudar as relações entre juventude campestre, criminalidade e polícia surgiu a partir dos relatos de alguns jovens que, em certos momentos de seus percursos de vida, tiveram de lidar, de alguma forma, com a polícia. São dois os casos de jovens que vivenciaram mais de perto o risco de serem flagrados cometendo delitos. Compreender a criminalidade e a relação com a polícia no contexto da pesquisa permitirá entender as sequências desses dois jovens em especial, a quais serão tratadas no capítulo seguinte. Além desses dois, outros jovens pesquisados já sofreram abordagens policiais e já foram marcados como alvo constante da polícia. Assim, ter uma relação com a polícia é parte de suas experiências.

Em Campestre, os crimes mais praticados, segundo dados da Secretaria Estadual de Defesa Social, são a lesão corporal, o roubo e o furto. As figuras abaixo mostram a evolução mensal do número absoluto de cada um desses crimes nos anos de 2012 a 2015, segundo os dados reportados à polícia. Como se pode notar pelas tabelas abaixo, os furtos aparecem sistematicamente como o tipo de ocorrência mais comum em todos os anos. Se levarmos em consideração apenas o ano de 2015, temos que, no somatório de roubos e furtos, um total de 23 ocorrências em janeiro, 26 em fevereiro, 20 em março, 26 em maio e 28 em junho. Os demais crimes, como estupro, homicídio, extorsão, sequestro, dentre outros, aparecem de maneira insignificante no decorrer dos anos, o que justifica o fato de não serem apresentados neste trabalho.

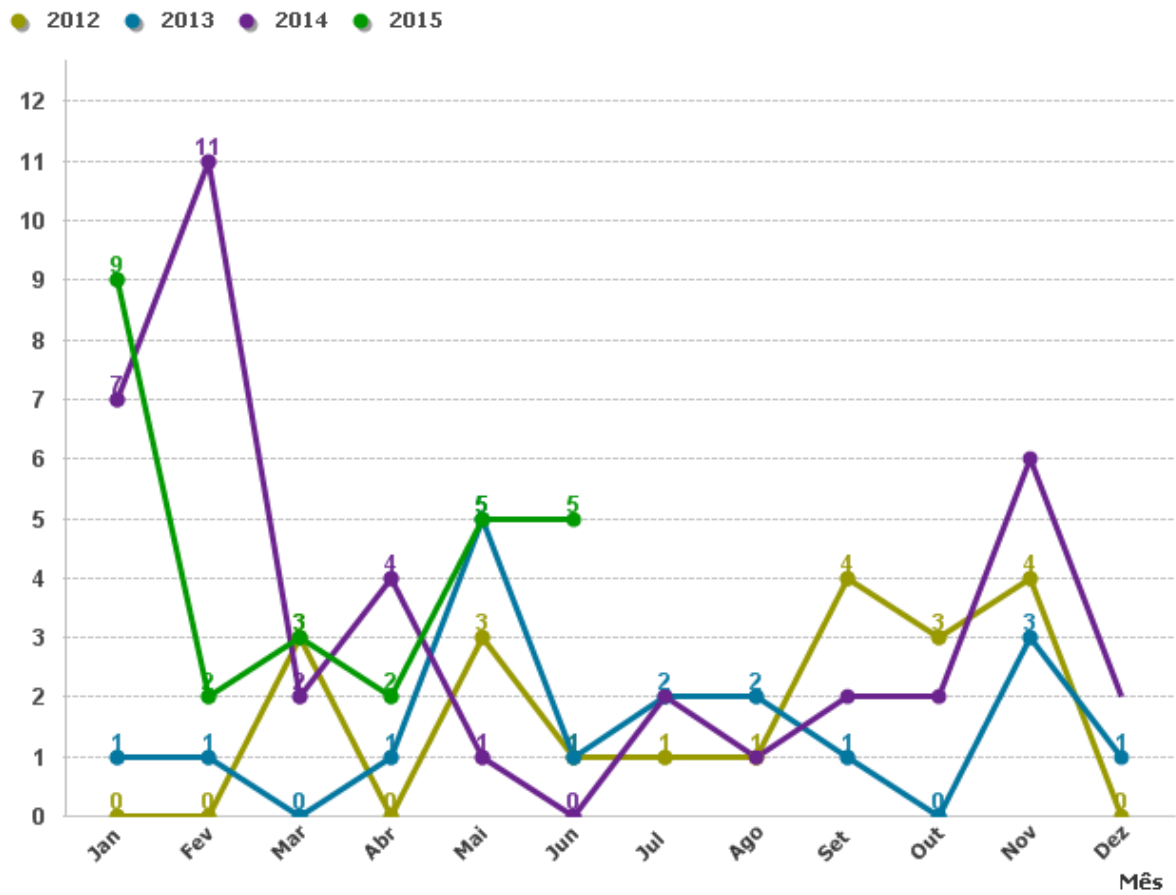


Figura 5.3: Registros de Roubo Consumado em Campestre nos anos de 2012 a 2015
 Fonte: Registro de Eventos de Defesa Social (CINDS)/ SEDS- MG

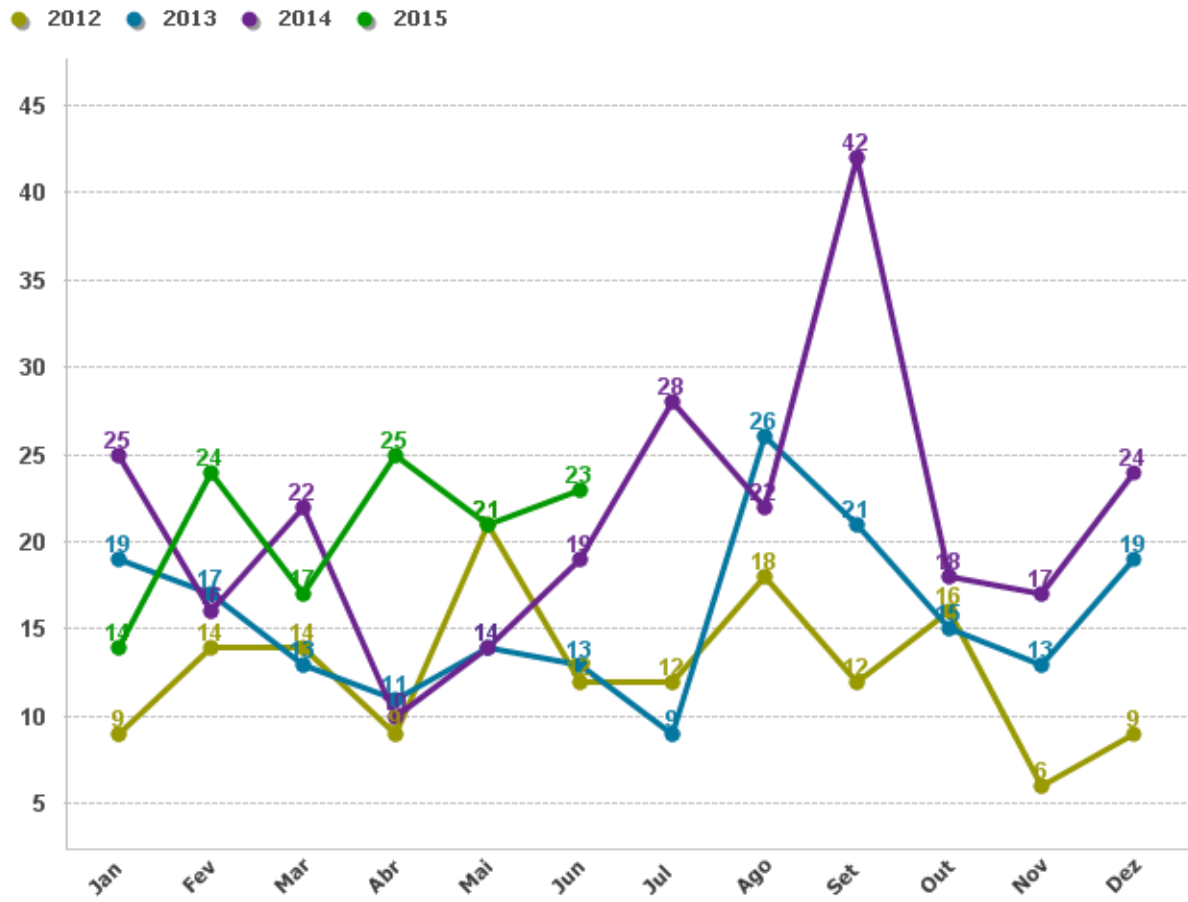


Figura 5.4: Registros de Furtos Consumados entre os anos de 2012 a 2015 em Campesre-MG

Fonte: Registro de Eventos de Defesa Social (CINDS)/ SEDS- MG

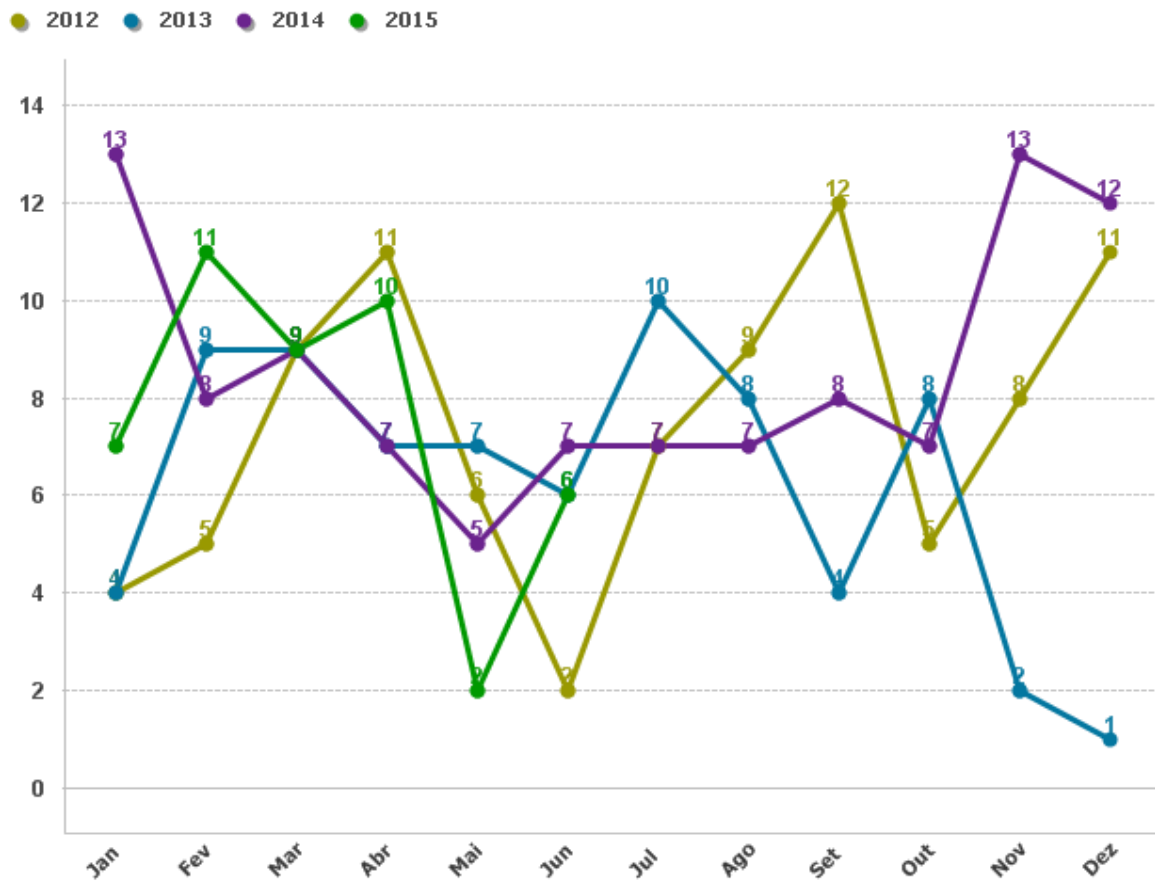


Figura 5.5: Registros de Lesão Corporal Consumado em Campestre-MG entre os anos de 2012 e 2015

Fonte: Registro de Eventos de Defesa Social (CINDS)/ SEDS- MG

Os crimes contra o patrimônio mais comum, segundo a percepção do autor dessa pesquisa, são o furto a lojas e a fazendas na zona rural. Os crimes às lojas acontecem de duas maneiras: durante o dia e de madrugada. Os crimes durante o dia têm como intenção furtar os produtos de valor nos comércios sem que os clientes e os empregados percebam, como pode ser observado no caso relatado abaixo.

Teve uma vez, eu tava, olha pra você ver como era. Tem hora que é bom andar sozinho. Teve uma vez que tava andando com meus amigo, tava na escola. Aí, depois da escola eu ia pra Praça de Esportes jogar bola. Aí, eu peguei, saí da escola, às 5 hora, peguei e fui pra Praça de Esportes brincar um pouquinho. Um rapaz foi lá, vamo passar na farmácia. Aí, eu peguei, eles vão comprar as coisa. Falei: vamo embora. Aí eu tava com uma bolsa e na bolsa, ele falou pra muié assim: moça, pega aquele brinquinho. Uns disfarçava a mulher. Eu tava de costas, assim, com a bolsa pra dentro da farmácia. Eu tava olhando pra rua, o povo passava, conversava com o povo. E nisso, eles tavam mexendo na minha bolsa, nas minhas coisas assim. E eu nem vendo. Eles pegou, fechou e vamo embora. E a muié nem viu. Eu peguei e fui embora normal. Peguei e cheguei lá em casa. Joguei a bolsa no guarda-roupa (...).

O segundo tipo de furto é o de invasão a lojas. Esse tipo de crime geralmente ocorre de madrugada, quando não há fluxo de pessoas e o anonimato pode ser preservado. Parece ser praticado tanto por moradores do próprio município quanto por pessoas de cidades vizinhas.

Formas interpessoais de crime, como roubos à mão armada a pessoas e a lojas, parecem ser praticados especialmente por moradores de outras cidades. Como as pessoas da cidade podem ser facilmente reconhecidas perambulando pelas ruas, essa parece ser uma forma evitada pelos infratores do próprio município, que devem buscar outros municípios caso queiram praticá-los. Contudo, há exceções neste caso. Um jovem menor de idade era socialmente reconhecido como um ladrão da cidade. Era uma pessoa viciada em crack que, com a sua faca, sempre abordava pessoas a fim de roubá-las. A população do município, por diversas vezes, já fez justiça com as próprias mãos por meio do linchamento e já o afastou da cidade, internando-o forçadamente em clínicas de reabilitação de dependentes químicos. Como era reconhecido pela maioria da população, as vítimas de seus assaltos geralmente recuperavam os seus pertences quando se dirigiam à polícia.

O tema das práticas criminosas em Campestre não foi tratado de maneira central nesta pesquisa. Um problema a ser estudado é o destino dos bens roubados ou furtados. Parece não haver nenhuma infraestrutura de comercialização desses bens em Campestre. Um dos entrevistados menciona essa questão ao falar do seu desinteresse por roubar bens de consumo devido ao esforço despendido para vender os produtos, manifestando sua preferência pelo furto de dinheiro.

Jerônimo

A história de Jerônimo já foi parcialmente contada anteriormente. Na primeira parte do relato, o autor explica os motivos que o levaram a entrar em conflito com a lei e se sentir bem cometendo os tipos de ato narrados abaixo. Um conjunto de desvantagens acumuladas, como a situação de pobreza, os rótulos e discriminações sofridas, o fracasso escolar e a incapacidade de ser bem-sucedido no *mainstream* social levaram Jerônimo a encontrar no tráfico o reconhecimento social que buscava.

Mas roubar, eu gostava, rapaz. Ixi, amava roubar. Mas eu não era esse cara de entrar e roubar o mercado. Eu não roubava. Gostava de dinheiro. Roubava dinheiro. Ficar roubando pra vender as coisa depois, nunca fui disso. Só uma vez que eu roubei uma bicicleta, mas nunca fui de fazer esse negócio. (Jerônimo)

Um elemento a se considerar sobre a prática de furtos e roubos em Campestre é a emoção subjacente à prática de delitos.

Ricardo: E como foi, cê já roubou muito, algumas vezes?

Jerônimo: amava roubar, também. Roubar e traficar eram minhas prioridade. Roubava dinheiro, roubava tudo. Nada que ficava perto de mim, que podia ficar que eu roubava, memo. Eu acho que o roubo também é um alívio imediato. Porque é uma adrenalina a mais. Eu roubava demais. Roubei muito. Amava roubar.

Conforme foi observado em algumas entrevistas, Campestre é uma cidade onde as armas são acessíveis aos jovens em conflito com a lei⁴¹ e o crack circula em meio ao tráfico. Um dos entrevistados relata ter possuído uma arma conquistada por meio de um furto cometido a alguém conhecida por essa pessoa no período em que era traficante.

Entrevistado: Eu tinha um revólver. Eu já tentei matar. Eu já cheguei com um revólver na cabeça de um rapaz. O rapaz, né?, o rapaz morreu de medo. Não matei ele porque o revólver tava sem bala na hora. Mas eu pus o revólver na testa dele. Por dinheiro de negócios que não envolvem o tráfico, mas eu tava no tráfico, então, já tinha um revólvinho. Gostava de dar tiro. Ia atirar com o revólver.

Ricardo: Onde cê conseguiu esse revólver?

Entrevistado: eu roubei. Roubei de uma pessoa (...).

Esse mesmo entrevistado, que também já foi traficante de drogas, conta que traficava crack, já tendo introduzido essa droga a algumas pessoas. Afirma que nunca usou essa droga porque conseguiu sair do tráfico e do vício de drogas antes que tivesse tempo para se tornar um usuário de crack. Segundo ele, o exercício do tráfico contradiz com o uso dessa droga, que, por ser uma substância que torna a pessoa “*noiada*”, não condiz com o comportamento esperado de um traficante.

Ricardo: Cê já chegou a usar crack?

Entrevistado: não, não tive vontade. Não tive envolvimento com crack, porém tive oportunidades. Trafiquei crack, mas não tive o uso, mas como se diz: “tráfico se resume a pior droga, nas drogas em si”. Mas eu não creio que a pior droga seja o crack. A pior droga, a pior droga, a pior droga é o teu comportamento. A pior droga é o comportamento da gente. Eu ensinei um moleque a fumar crack. E eu já tive a lata na mão, tive o cachimbo na mão, tudo. E não quis fumar. Outra vez, também, eu tava dentro de uma manilha, com um colega meu, ele tava fumando crack, ele fez de tudo pra mim fumar. Eu não tinha interesse, só que por que? Eu dizia que eu não ia ser noia, que eu não ia ser nada. Só que era só questão de tempo. Todo mundo que eu andei naquela época, hoje tá fumando crack.(...)

Ricardo: mas o que aconteceu, assim, como cê segurava assim pra você não fumar crack, como cê via isso assim?

⁴¹ Um caso de suicídio acontecido no primeiro semestre de 2015 comprova a circulação de armas pela cidade. O suicida comprou uma arma de alguém da cidade especialmente para matar a si mesmo. A arma foi encontrada ao seu lado no momento em que essa pessoa foi encontrada.

Entrevistado: ah, eu via o crack meio humilhante, cara. Como eu vivia na biqueira, eu ficava o dia todo na biqueira, então achava o crack meio humilhante porque eu tinha aquela dor de querer ser um traficante. Então, pra você ser um traficante, não pode fumar crack. Cê pode cheirar pó e fumar maconha, mas cê fumou crack, cê não entra pro tráfico. O patrão, que eles dizem, não considera. Então, não fumava o crack e isso ia me trazer o bem se eu fosse continuar naquilo, entendeu? Os cara, eu ficava com traficante, eu ia aprendendo a linguagem, o jeito, a expressão de vender certinho. Foi ficando malandro, também. Então, acho assim, isso que não me levou ao crack, mas eu acho que se eu ficasse mais uns dois meses, eu fumava crack.

Heitor

Heitor é um jovem de 20 anos de idade, natural de Campestre, moreno escuro, que sempre morou em uma das vielas mais pobres da cidade. Seu percurso de vida mostra as experiências de alguém em que as ações socialmente reprovadas foram marcantes na sua vida

A relação com seus irmãos é bastante conturbada. Quando criança, sofria pressão para se comportar de acordo com as regras impostas pela sua mãe e pelos seus irmãos. Sofria agressões físicas tanto de sua mãe quanto de seus irmãos por motivos variados. Nas brincadeiras com seus irmãos mais velhos, costumava ser espancado de verdade. Tudo isso, segundo Heitor, contribuiu para gerar um sentimento de revolta, que explica, na percepção de Heitor, muitos dos comportamentos socialmente reprovados observados recentemente.

Heitor: ah, quando eu era mais novo. Até que pra mim era ruim. Porque antes da minha irmã nascer, eu era mais novo, aí pra mim era mais ruim porque eles pegava muito no meu pé. Eu ia pra dar uma voltinha de bicicleta a essa hora memo (11 horas da manhã). Eu ia pra dar uma volta de bicicleta, meu irmão ficava bravo comigo, entrava pra dentro. Entrava chorando pra dentro. Aí, eu fui pondo aquilo lá na cabeça, meus irmão tava fazendo comigo. Tinha dia que eles judiava de mim, brincando, mas judiava. Falava as coisa pra mim, que isso, não sei que, não sei que. Faltava da escola e eles já me batia. Aí, eu fui pondo aquilo lá na cabeça, fui focando aquilo lá na cabeça, fui crescendo, crescendo, colocando aquilo, aí na hora que fui pegando uns 15, 16 ano, aí eu falei assim: não, pode parar por aqui, aí eles falavam as coisa pra mim, eu já começava a retrucar, entendeu?, a brigar com eles. Ai, eles já viram que tava crescendo, pro lado deles, já tava ficando bruto, não tava deixando montar cavalo em mim mais. Fui vendo o que tava fazendo. Aí eu fui pegando 16, 17, fui conhecendo os amigo, saindo, pas festas. Minha mãe xingava. Eles dava ordem pra mim voltar quando eu tinha 12, 13, eles dava hora pra mim voltar, na hora que intirei 17 anos, ai, não, eu vinha na hora que eu quiser. Eu fui indo, 18, 19, agora eu tô com 20, agora eles não falam mais nada pra mim, não. Só que pra mim foi ruim quando era mais pequeno, que quando era meu pai era minha mãe, quando não era minha mãe, era meu irmão, aí pra mim era ruim demais. (...) Minha mãe, meu irmão, batia em mim. Aí, foi indo assim. *É por isso que eu sou desse jeito hoje.* Ai eu fui pegando aquilo lá na cabeça. Falei o que?, agora capaz que eles vão bater em mim mais, nunca mais vai bater em mim.

A personalidade de Heitor destoa enormemente da de seus irmãos. O seu irmão cinco anos mais velho não bebe nem fuma, participa semanalmente das missas, tem uma visão orientada

para o futuro, é poupador de dinheiro, nunca se envolveu em brigas e completou o ensino médio. Heitor, por outro lado, orienta-se para o presente – afirma que gastaria 10 mil reais em um dia se tivesse esse dinheiro - já se envolveu em brigas, teve passagem pela polícia, cometeu alguns delitos⁴², abandonou a escola na sexta série e sempre entrou em conflito com a família.

Sua família mora numa casa pequena em uma viela⁴³ onde as interações entre os moradores são intensas. As residências são muito próximas entre si e, em cada domicílio, é possível observar mais de uma família habitando-o. Como as residências são pequenas e densas e a circulação de automóveis na rua é praticamente inexistente, o espaço da rua é ocupado constantemente pelos moradores. As inúmeras crianças do local passam o dia jogando futebol, brincando de bete⁴⁴, rodando pião, correndo e andando de bicicleta. Não há casos de tráfico ou de consumo de drogas ilícitas observado, mas é comum encontrar alguns moradores viciados em álcool. A infância de Heitor foi passada nesse meio. Seus melhores amigos eram os seus vizinhos, com os quais tinham por principal passatempo jogar bola nas proximidades da viela.

Na escola, era um aluno bagunceiro, principalmente a partir da 3ª e 4ª séries. Foi reprovado por 4 vezes, sendo uma na quarta, duas na quinta e uma na sexta. Na primeira vez em que foi reprovado, sua família o colocou de castigo, sofreu agressões físicas e verbais e seus irmãos e sua mãe ficaram bastante decepcionados. Contudo, sua reação foi de tranquilidade, pois achava que a escola não era o seu lugar e que "*não daria em nada*". Com as repetidas reprovações, a reação de sua família foi se arrefecendo. Quando decidiu abandonar a escola na sexta série, os nervos de sua família já tinham amainado, sendo que apenas lhe disseram que lhe seria mais difícil conseguir um trabalho decente sem estudo, isto é, sob a sombra e sem exigir um elevado esforço físico. Essa decisão deveu-se, na sua opinião, ao seu comportamento bagunceiro, à sua percepção sobre a influência da escola sobre sua vida e o custo de ter de comprar o material escolar. Retornou à escola mais tarde, no colégio, para completar a sétima e a oitava no mesmo ano. Mas foi infrequente e acabou abandonando a escola novamente. Pretende retornar novamente no ano de 2015, quando voltar a morar em Campestre.

Ricardo: e como você se sentia quando você reprovava?

Heitor: tipo, eu não sentia nada. Eu era feliz do mesmo jeito. Achava que a escola pra mim não era nada. Não ia dar em nada. Você só gastava, assim. Depois, logo na frente, fui ver o

⁴² Esses delitos não serão mencionados para preservar o anonimato do entrevistado.

⁴³ Vuela, neste caso, é usado no sentido de uma vila pequena, não como sinônimo de favelas, como é empregado em certas partes do Brasil.

⁴⁴ Ou taco, como é chamado em algumas regiões do Brasil.

que a escola fazia memo. Fazia falta, assim. Aí, agora eu tô arrependido de ter saído da escola.

Ricardo: e como tua família reagia quanto cê era...?

Heitor: uai, falava: uai, cê saiu da escola, cê não vai ter serviço bão, cê não vai ter nada de bão. Cê vai ter tuas coisinha, sim, mas cê vai ralar mais e se ocê tem o estudo, cê não vai ralar nada. Aí, cê vai ter um servicinho na sombra, sossegadinho. Vai ter um servicinho maneirinho, sossegado. Eu pensava, ah não esquentar a cabeça, não. (...)

Ricardo: mas já na quarta série, quando cê era reprovado na quarta série, como foi?

Heitor: no começo, já na quarta série, eles brigavam comigo, batia, deixava eu de castigo. Aí, foi chegando na quinta, na sexta, fui ficando mais velho e eles já avisavam: ó, cê tá sendo bobo em fazer bagunça. A mãe tá comprando material (escolar) procê à toa. Compra o material pocê, cê chega na escola, começa a fazer bagunça, essas coisa. Aí, eu peguei, parei, pensei. Peguei, pra minha mãe não gastar dinheiro à toa, peguei e saí da escola, sabe?, saí da escola e agora tô aí ralando, aí.

A relação com os professores era ambivalente. Por um lado, era malquisto por alguns deles devido a toda a algazarra que promovia em sala de aula. Por outro lado, sentia-se querido por aqueles que se esforçavam para que continuasse a estudar na escola.

O fracasso escolar na vida de Heitor o coloca, na percepção dele, numa posição inferior aos seus amigos de escola que já concluíram o ensino médio ou ingressaram na universidade. Para ele, o fato de ter de trabalhar em ocupações insalubres e de alto esforço físico justificam-se pela sua baixa escolaridade.

Ricardo: cê foi reprovado quantas vezes?

Heitor: ah, quer ver, umas 4 vez. Eu já tenho 20. Era pra mim ter formado. Falar procê a verdade. Tem muitos amigo meu que tá estudando pra médico, já. Pra médico, pra engenharia. Engenharia de alimentação. Tem muito amigo que tá estudando pra aí. Aí, eu vejo eles estudando. Eu vejo que... Eu penso assim: nossa, o que eu perdi! Meus amigo tudo formando. Tudo estudando pra ser alguma coisa na vida e eu aqui, bobão, trabalhando. E eles só estuda, estuda, estuda. Fica sossegado em casa. E eu, agora, não. Tenho que ralar, trabalhar pra mim ter alguma coisa, porque, se não, é foda.

Nas peladas de futebol que a turma de sua vila disputava contra os bairros vizinhos, conheceu a turma de amigos com quem conviveu na adolescência. Os amigos do seu bairro eram considerados uns "bobões". Nas vezes em que saía com eles para a praça central aos finais de semana, eles apenas davam voltas em torno da praça e conversavam sobre futebol e experiências cotidianas. Heitor gostaria de ter mais do que isso. Queria se enturmar com pessoas bagunceiras tal como ele. Assim, procurou fazer amizades com os moradores do bairro vizinho que se assemelhavam a ele nesse aspecto.

No início, muitas vezes, os seus amigos “tranqueiras”⁴⁵ o convidavam a “fazer alguma coisa”, sem entrar em detalhes sobre o que seria. Devido ao seu espírito aventureiro, nem mesmo questionava sobre o que seriam essas ações. Ao realizar essas atividades, descobria que tinha sido convidado a roubar, a usar drogas e fazer arruaça. Nesse estado foi se aprofundando nas relações com seus amigos.

Ricardo: e cê saía com quem (aos finais de semana), no início?

Heitor: uai, pra falar a verdade, até minha mãe ficava brava comigo. Tinha dia que eu saía com uns tranqueira que mora aqui. Saía com os amigo meu da rua, memo. Só que eu quase não gostava de andar com eles, tipo assim, pra mim eles eram meio bobão. Gostava de nada. Fazia nada. Aí, eu pegava e vou juntar com esse povo aí memo que gosta mais de bagunça, também sou bagunceiro. Peguei e juntei com eles e comecei a sair e tal. Aí, os colegas meu começou a mexer com as coisa de errado. Minha mãe falava: para de andar com eles, que uma hora que a polícia vai pegar ocê. Isso nem entrava na minha cabeça. Pega não. Só que eu parei e pensei: ah, não. Compensa, não. (...) Quando eu era mais novo, tudo o que a pessoa falava: ô, vamo lá, vamo lá, eu ia. Só que eu não sabia o que era. Vamo, vamo, vamo. Achei que era bagunça, alguma coisa, só que não era. Chegava, era outra coisa. Aí, foi nisso que eu fui afastando dos meu amigo.

Ricardo: o que eles faziam?

Heitor: ah, tipo, eles iam roubar. Tipo, assim, eles andavam com arma, alguma coisa assim. Eles ia roubar.

Há dois aspectos na inserção de Heitor a um grupo de jovens de ações socialmente reprovadas que merecem ser sublinhados. Em primeiro lugar, enturmar-se com esses jovens foi, em certa medida, uma escolha própria. Foi necessário que Heitor buscasse ativamente novos amigos para preencher alguns interesses que já possuía de antemão. Em segundo lugar, Heitor não tinha informações completas sobre as ações do grupo social em que se inseria. Sabia que eram "bagunceiros", mas não sabia exatamente o que isso significava.

Quando começou a cometer atos socialmente reprovados, os seus vizinhos se afastaram dele. Sua mãe, por quem reiteradamente afirma sentir um carinho enorme, tentava lhe impedir de andar com eles. Ela chorava e sofria muito pela sua maneira de ser. Mesmo tendo empatia por ela, sofrendo com o sofrimento dela, as dores que Heitor sentia, conforme narra, eram momentâneas. No dia seguinte, voltava a fazer tudo o que já estava habituado

Já teve vários problemas com a polícia, sendo o mais grave deles no dia em que brigou com um jovem da zona rural que tinha lhe acertado em uma ocasião anterior com um taco, sem nenhum motivo aparente, conforme descreve. Chamou a sua “gangue”, que com pedras, atacou a

⁴⁵ Tranqueira é um termo local usado para referir-se às pessoas que apresentam comportamentos socialmente reprovados, tais como uso abusivo de drogas ilícitas, arruaças, roubos e furtos. É um termo que, muitas vezes, pode ser como sinônimo de delinquente.

turma desses jovens, que revidava com pedaços de madeira. Destruíram boa parte dos bens que estavam no bar, quebraram os automóveis que estavam estacionados em frente ao estabelecimento e feriram alguns frequentadores sem nenhum envolvimento direto com o confronto. A polícia o abordou violentamente e o levou para Poços de Caldas. No trajeto, a polícia buscou informações sobre o tráfico de drogas na cidade e pediu-lhe para confessar todos os delitos de que já participara. Manteve-se calado. Na entrada na delegacia, novamente foi espancado pela polícia, que formou um corredor para dar socos e pontapés em todos os suspeitos presentes no local.

Na Justiça, ficou acordado que deverá pagar indenização de 100 reais mensais a um jovem que foi ferido por ele no confronto⁴⁶. Além disso, estão constados na sua ficha policial os crimes de destruição do patrimônio e formação de quadrilha. Contudo, afirma que assim que terminar de pagar a indenização, terá novamente a ficha limpa.

Aos finais de semana ou nos dias em que ficava até tarde da noite na praça, costumava sofrer abordagens policiais mais brandas. Geralmente, os policiais pediam para tirar o tênis e o boné. Apertavam o seu saco escrotal para verificar se tinha escondido droga na cueca. O objetivo dessas abordagens, provavelmente, era encontrar provas das ações ilegais que a polícia suspeitava que ele cometia. No contexto de pequenas comunidades, a polícia marca como alvo alguns prováveis infratores e, constantemente, abordam-nos a fim de encontrar evidências que justifiquem as suspeitas policiais. Quando Heitor "devia" alguma coisa, ele tentava fugir da polícia. Porém, deixava ser revistado nas vezes em que não carregava ou fizera nada ilegal.

Para ele, a polícia suspeitava que, devido ao seu estilo "largadão" de vestir, ele era usuário de drogas, traficante e ladrão. Apesar de ele e seus amigos serem negros, *na sua opinião*, este não era o principal motivo de ser alvo constante de policiais e de pessoas que procuravam drogas. O seu jeito de vestir não significa, para ele, somente um viés policial, mas também um viés social. Geralmente, pessoas de outras cidades o procuram para buscar informações sobre drogas ou para envolver-se em brigas.

Ricardo: já levou batida policial?

Heitor: ah, muitas vez, já. Tipo, meu jeito de andar. As polícia invocava comigo, invoca comigo. Que eu ando..., eu tenho mania de andar, tem vezes, com roupa caindo, boné, assim, tipo no olho assim, e tarde da noite eu venho embora, e eles já acham que dá geral. Já levei muita geral. (...) Tipo, as pessoas, às vezes, em todo lugar que eu tô, quando a pessoa é de fora, a primeira pessoa que ela vai chegar pra ver se tem droga é em mim. Eles chegam em mim. Porque eu uso boné assim. (...) Por que cê tem que chegar em mim? Ah, porque cê usa um bonezinho assim. A gente acha que ocê mexe, acha que ocê sabe.

⁴⁶ Não tenho dados de até quando Heitor terá de pagar a indenização.

Não, às vezes, a pessoa que anda normal é a pessoa que mexe. (...) Às vezes, cê tá assim (vestido igual a você), as polícias: capaz, aquele ali, capaz que mexe, ó o jeito que ele anda. Agora eu ando assim de bermuda, de chinelo, de bermuda caindo: ó, aí, tem um cordão amarrado como cinto, assim, eles falam assim: “aquele rapazinho mexe com maconha”, só que às vezes eu sou mais santo e ocê pode ser a pessoa tranqueira, que eles tá procurando, entendeu? Aí, eles não vê assim, eles quer ver o teu estilo de roupa. Se ocê andar com um sapato social, com um terninho aqui, com o cabelinho arrumadinho, preles cê é filho deles. Aí, sim, cê é filho de Deus. Mas cê tá com roupa assim (iguais às minhas), tranqueira cê pode ter certeza, tranqueira cê é. Eu sou desse jeito, o que acontece comigo assim. As pessoas perguntam se eu mexo, perguntam se eu fumo.

Nesta pesquisa, observou-se que nem todos os jovens negros moradores da cidade de Campestre sofrem o estigma de serem considerados delinquentes pela polícia ou pela sociedade de uma maneira geral. As características dos jovens que passam por este estigma estão associadas à turma de amigos em que estão inseridos ou à sua maneira de vestir, principalmente. Os policiais, neste contexto, não observam somente a cor da pele, mas também os estilos de vestir e de se portar associados à conduta infratora. É a um conjunto de características concebido como de pessoas tipicamente infratoras que os policiais empregam para agir no cotidiano. Assim, essa relação *no contexto em análise* deve ser compreendida a partir da questão racial e das interações entre maneira de vestir, local de moradia e amizades. O nível de informação sobre os jovens é relativamente elevado e a taxa de criminalidade, apesar de estar em crescimento, é menor do que a observada nas grandes cidades. Ao se ver com frequência uma pessoa negra conhecida, os atores sociais raramente associam essa pessoa ao crime. O sentimento de se estar numa provável situação de criminalidade é menor do que nas grandes cidades, o que pouco cria situações de discriminação por esse motivo.

Quando questionado sobre os motivos pelos quais não muda a sua maneira de vestir, respondeu que pretende vestir roupas mais justas e de marca. Porém, não se imagina vestindo de outra forma. Isso indica a força da sua identidade. Mesmo reconhecendo que sofre discriminação tanto da polícia quanto das pessoas em geral pela sua maneira de vestir, a autoimagem que constrói de si cria barreiras para mudar o seu visual.

Ricardo: mas já passou na sua cabeça alguma vez, mudar o estilo de roupa?

Heitor: não, no dia que eu tiver dinheiro, eu penso em andar chic, sabe?, eu ando de vez em quando. Eu pego uma roupa do meu irmão. Ele tem roupa, uma camiseta do meu irmão que usa mais roupa da moda, assim. Eu pego e uso pra sair pra praça, com uma roupa mais apertada. Só que eu não gosto, gosto mais de uma bermuda, essas coisa. Às vezes, meu irmão fala: ah, não, muda essas roupa. Mas, não é, eu gosto. Cê acostuma com uma coisa, cê não quer separar dela. Aí, cê vai pra pôr outra roupa e acha diferente, entendeu?

Heitor coabita com uma jovem há seis meses. Como afirma, todas as suas namoradas, bem como todos os seus amigos, eram "morenos". Gosta de qualquer tipo de menina, menos

daquelas muito escuras. Para ele, com exceção das mulheres ricas e patricinhas, que correspondem a 20% do total das mulheres, em sua opinião, existe uma preferência por homens "morenos" tal como ele.

Durante toda a entrevista, Heitor insistia em mostrar o seu lado positivo. Apesar de todas as suas ações, ele afirma ser uma pessoa que se importa com sua família, com as pessoas que mais necessitam e com seus amigos. Luta para não deixar o que faltar na sua casa. Afirma ser generoso. Não nega comida para seus amigos nem para os mais necessitados. Segundo sua narrativa, é uma pessoa coletivista que pensa muito na relação com sua mãe e com os mais pobres. A passagem abaixo ilustra um dos esforços de Heitor em evidenciar que a delinquência não o define completamente.

Só que, tipo assim, eu sou uma pessoa que faz amizade com qualquer um. Tipo, assim, tem um mendigo na rua, não tenho nada pra fazer, eu sento, vou lá e converso com ele. Vou lá, sento e converso com ele. Talvez, tô comendo alguma coisa e dou pra ele. Deixo de comer pra dar. Uma vez, descendo aqui, ó, perto da tua casa, descendo aqui, tinha um mendigo deitado ali, com fome, tinha uma cachorrinho de lado, morrendo de fome, também. O cara magrinho, com fome. Ele chorava. Ô, compra uma coisa pra mim? Subi aqui em cima na praça, comprei um lanche, um lanche bom, memo, lanche daquele grandão memo. Trouxe pra ele, ele comeu. Falei: dá um pedacinho pro cachorro. Pegou e deu um pedacinho pro cachorro também. Tipo, se eu tiver uma coisa, eu te dou. Se eu ver que ocê tá precisando mais do que eu. Eu pego, tiro de mim pra te dar. Eu não sou aquela pessoa, "ah, é meu, se ocê quiser, que ocê compra", agora, se eu tiver mais dinheiro, tipo, não reparto nada com ocê. Se falar, dá um pedaço, dar eu não dô não. Se ocê quiser pegar um procê lá, cê pega. Se eu tiver um coisa, não gosto de repartir. Aí, quando eu não tenho nada de dinheiro, não poder falar procê pegar, então toma. Agora, se eu tiver, eu quero comprar uma procê também, entendeu? Comer o mesmo tanto que eu, comer a mema coisa que eu. Eu sou assim. Eu não tenho o coração fechado, meu coração é... Meu coração é muito aberto. Eu não sou aquela pessoa dura, "ah, não vou lá, não". Se ocê quiser cê vai, cê compra, trabalha". Eu não sou assim.

Além disso, insiste em afirmar que não compensou⁴⁷ ter tido o percurso de vida que levou, marcada pelo abandono precoce da escola, o envolvimento com a polícia e com a delinquência e conflitos familiares. Apesar de afirmar ter tomado equivocadas, sente-se satisfeito com sua vida. É pobre, já teve de comprar louças em lojas de um real. Aspira ter uma moto, o sonho de sua vida, ter uma casa e uma família. Contudo, sustenta que existe uma força que o impede de atingir os seus sonhos, que é a macumbaria.

Em Poços..., pra você ter base, eu vou na loja de um real pra comprar as coisa. Comprar as coisa pra casa, assim, um copo, alguma coisinha. Na lojinha de um real.

⁴⁷ A expressão "não compensa" apareceu 14 vezes em toda a entrevista. Há também o emprego de expressões similares como "eu me arrependo" ou "não vale a pena" que também foram usadas recorrentemente.

(...)Só que, tipo, não é vergonha, né? Só que eu não tinha dinheiro pra manter as coisa mais caro, comprar as coisa mais caro. Um dia eu penso em ter as coisa caro, as coisa que eu penso em ter é as coisa caro, memo. Eu tenho vontade de ter um carro bão, uma moto. Meu sonho é ter uma moto. Meu sonho memo é ter uma moto, só que eu não consigo ter porque... Uma vez eu fui na igreja, lá em Poços, Deus é Amor. Entrei na igreja, o pastor revelou pra mim que eu tinha uma enfermidade. Tava tendo uma enfermidade, uma doença né? Então, uma doença, pode ser uma doença grave, sei lá. Eu fui na igreja e o pastor revelou pra mim, ele falou que Deus me curou. Deus me libertou daquela doença, me curou. Alguém vira as costas e começa a jogar o mal nele. Tipo, é uma macumbaria, entendeu?, é uma macumbaria que jogaram o..., jogava as coisa. Pegou macumba. (...) Lá, donde eu morava, lá debaixo, tinha um macumbeiro, entendeu?, tinha um macumbeiro (...) Aí, quando ia vê, eu penso assim, eu penso, não vou falar, mas eu acho que foi ele, assim, entendeu?, que jogou alguma coisa, assim, pra tentar derrubar eu. O pastor falava assim: ó, cê quer, jogaram tanta macumba nocê, que cê quer alguma coisa, tipo, cê chega a tá perto dessa coisa aqui, só que ela (a macumba) não deixa ocê relar (i.e, encostar) nela.

Heitor não nasceu numa família religiosa. Somente frequentou uma denominação religiosa por pouco mais de dois meses. A explicação que usa para o início de sua frequência à religião também se fundamenta em questões místicas. Heitor acredita na existência de Deus, de demônios, de espíritos e encarnações.

Em relação à sua cor ou raça, não afirmou diretamente qual seja, mas deixou nas entrelinhas que se considera moreno escuro ou negro. Para ele, existem as brincadeiras de amigos em que é chamado de neguinho ou crioulo com seus amigos e os insultos sofridos por pessoas desconhecidas. A maioria dos seus amigos são pretos ou pardos. Quando é insultado por desconhecidos, sua reação geralmente é responder violentamente, especialmente se o perpetrador for da mesma idade. Quando é um amigo, aceita naturalmente por definir que se trata tão somente de uma 'brincadeira'. O principal fator de discriminação em sua vida, segundo sua percepção, é o seu estilo de vestir. Admite que existem preconceitos raciais mesmo no seu círculo de amigos, especialmente no que diz respeito à escolha de namoradas(os), em que os parceiros muito escuros são preteridos. A discriminação racial, provavelmente, não é percebida por ele porque a interpretação das situações de discriminação é ambígua em muitos casos e a categoria raça sempre acontece em interação com outras categorias, o que dificulta qualquer percepção individual de um efeito isolado da raça.

O percurso de Heitor evidencia, dentre outras coisas, os processos pelos quais a delinquência se processa em uma cidade pequena. Heitor seguiu um percurso de vida diferente da de seus irmãos e da maioria de seus vizinhos. Ele próprio teve de procurar a turma com quem se identificava. Nas interações entre o grupo do qual participava, assimilou o comportamento infrator que estava presente neles. Foi alvo constante das abordagens policiais e está, momentaneamente, conforme afirma, com a ficha suja. Numa cidade pequena, mesmo que não haja registro policial de delitos, o conhecimento espalhado sobre a vida das pessoas já é suficiente para gerar problemas permanentes a quem cometeu ações socialmente reprováveis. Os empregadores e donos de imóveis, por exemplo, se reportam aos conhecidos dos potenciais empregados e inquilinos, respectivamente, no momento de firmar um contrato.

Heitor nasceu num bairro pobre sem a presença de violência e do tráfico de drogas. Seus irmãos seguiram um percurso de trabalhadores disciplinados, diferentemente dele. O que explica as experiências de Heitor são as sequências e as relações entre os eventos de sua vida. Na infância, ele era cobrado pelos seus irmãos, injustamente, na sua visão, para que seguisse uma vida disciplinada. Isso gerou, conforme narra, um sentimento de revolta que teve por consequência um comportamento rebelde na escola. O fracasso escolar de Heitor e os empregos insatisfatórios que obteve impediram que esse jovem criasse uma carreira moral nesses dois domínios. Assim, a relação com os jovens “tranqueiras” do bairro vizinho apresentou-se a ele como uma alternativa de conseguir respeito e reconhecimento. Ele não sabia ao certo no que consistia as ações da turma em que ingressava, mas a convivência diária com esses jovens o levou a se adaptar e a incorporar os valores e atitudes desse grupo. Hoje em dia, aos 20 anos de idade, Heitor afirma que as ações tomadas ao longo de sua vida o colocam em desvantagem em relação às pessoas de sua idade para que consiga um emprego satisfatório. Heitor abandonou a escola na sexta série. Atualmente, devido ao compromisso de prover um lar, dificilmente retornará à escola para concluir, pelo menos, o ensino médio. Além disso, em muitos meios, sofre o estigma de ser um “mau sujeito”, tendo de provar – o que demorará algum tempo – que está disposto a abandonar a carreira que levava.

Existem quatro pontos de virada em sua vida. O primeiro foi quando abandonou a escola. O segundo, quando conheceu a turma de amigos e ingressou numa nova carreira moral. O terceiro se iniciou quando se mudou para Poços de Caldas e, a partir daí, deixou de ter contato com a sua turma de amigos em Campestre e assumiu o compromisso de coabitar com uma mulher. No momento, ele vive um quarto ponto de virada, em que retornará a viver na sua cidade natal. A

trajetória seguinte aos pontos de virada não pode ser presumida por meio das condições iniciais de sua família, uma vez que seus irmãos tomaram rumos diferentes. É preciso compreender a relação entre os eventos e a contingência dos pontos de virada para entender os resultados da vida desse entrevistado. Na sua família, ele teve experiências diferentes das de seus irmãos por ser o filho mais novo, ter um pai ausente de casa e irmãos que o espancavam e o cobravam para viver de acordo com a moral deles. Essas experiências contribuíram para que desenvolvesse uma personalidade inconformista. Contudo, uma vez que se desenvolveu essa personalidade, não se esperava necessariamente que ela tivesse por resultado uma trajetória de ações socialmente reprováveis. Rubens e Vicente, embora apresentem traços de inconformismo e rebeldia, não seguiram essa trajetória. Foi preciso que Heitor conhecesse pessoas que desenvolvesse algumas atitudes que já estavam, em alguma medida, presentes potencialmente, mas que foram reforçadas. Nesse convívio, algumas forças de oposição às ações que tomou puderam ter sido anuladas. Ao se mudar para Poços de Caldas, a base de sustentação de sua trajetória se desmoronou, tomando uma trajetória marcada pelo trabalho e coabitação.

A Interação juventude e polícia

O nível de conhecimento da polícia da cidade sobre os jovens de ações socialmente reprovadas é relativamente alto. Até mesmo a população da cidade sabe quem são as pessoas que cometem ações socialmente reprovadas na cidade. A ação da polícia, em larga medida, baseia-se em encontrar provas que confirmem as suspeitas com relação aos potenciais infratores. Entretanto, a ação policial e a percepção da população sempre estão sujeitas a erros. Os erros cometidos pela polícia e pela população são de dois tipos: o primeiro é tratar como inocente aqueles que realmente cometem crimes e o segundo é tratar como suspeitos aqueles que nunca infringiram a lei.

Jerônimo é negro, já foi traficante e realizou furtos, mas nunca foi notado pela polícia. Segundo o entrevistado, ele era tão inferiorizado e invisível pela sociedade que ninguém acreditava que *aquela neguinho pé rapado* fosse capaz de roubar, de traficar e de possuir uma arma.

Ricardo: E já teve problema com polícia, assim?

Jerônimo: nunca tive problema com polícia, porque eu, assim, por mais que eu fumava minha droga, por mais que eu fazia o meu tráfico, por mais que..., eu era neutro, né? Eu não tinha tanta participação na sociedade. Eu não tinha briga, eu não saía pra rua direito, eu era assim: era biqueira, casa, biqueira, casa, casa, biqueira, biqueira casa, biqueira, casa. Biqueira eu ia buscar minha droga, em casa fazia meus papelote e vendia. Pegava, acabava minha droga, eu pegava e ia lá e buscava mais e usava. Era tudo dentro de casa, era tudo

dentro do meu quarto, dentro do banheiro. Então, eu não tinha tanto, assim, um contato com as polícia. Mas já chegou reclamação, já chegou policial, falando pra mim, mas, assim, eu achava engraçado, sabe? Eu tinha, meu sonho era tomar uma geral. Eu nem geral não tomava, porque aquele neguinho feiinho, inocente, pé rapado, não vai ter nada, não. Anda de chinelo de dedo. Então, isso que eu achava que pensaram. Mas, não, eu tinha alguma coisinha, sim, eu tinha um revólver. Eu já tentei matar.

O estilo de vestir, como presente nos relatos de Heitor (moreno escuro) e Vicente (branco), é um viés policial em Campestre. Porém, alguns jovens que não adotam esse estilo de vestir e portar e que nunca se envolveram em crimes também são alvos da polícia. Sempre que retornava a casa à noite, Hélder⁴⁸, moreno escuro, afirmava ser abordado constantemente pela polícia. Segundo ele, a viatura é dirigida sempre pelo mesmo policial. Para ele, não há nenhum motivo óbvio para ser abordado. Apenas levantou a hipótese de trabalhar em um bar que tem fama de ser frequentado por “tranqueiras”.

Ricardo: cê já teve algum problema com a polícia? Já levou batida?

Hélder: já, já. Já levei. Eu não, tipo assim, acho que, por eu trabalhar em bar, assim, tal. Muitas vezes. Lá em Bandeira, lá, queriam até me levar preso, sem saber por que, sabe? Chegamo numa festa lá. A gente tava bebendo, era num domingo. Muita gente bebendo. Quando vê, eles olharam em nós e deu geral em nós. Aí eles começaram: cês têm passagem. Falei: “não tenho”. “Cê tem sim”. “não tenho”. Eles começaram a falar muito. Aí, falei: se quiser saber pega um documento aí. Ele pegou, olhou na minha identidade e falou: “é ocê memo que a gente tá procurando”. Uai, aí fomo. Fui. Devo pra vocês, então vamo lá então. Aí o outro. O outro policial que tava com ele lá, puxou meu nome. Tinha nada a ver. Mas o cara fez eu morrer de vergonha. Sem eu saber o que tá acontecendo. Nem eu sei. Eles parece, sei lá, encanado comigo. Não sei por que. Sempre, às vezes, tô indo embora assim, de madrugada, eles pega e me para. Acha que às vezes é até coisa da minha cabeça. É o serviço deles também, né? (...). Sei lá, acho que tem pessoas assim que não bate bem, entendeu? Já percebi que é sempre o... O nome dele eu não sei. É sempre a mesma pessoa que tá na viatura e me para na rua, entendeu? Falei: “ah, não entendi muito bem, porque é sempre a mesma pessoa que me para na rua” pra dar geral. Agora, graças a Deus, faz muito tempo que não acontece isso, porque eu parei, nem saio muito mais de casa, assim. Mais ficar em casa. Hoje em dia, não compensa também ficar saindo pra rua. Fico mais em casa, memo.

Uma característica da relação entre a sociedade e os policiais em cidades pequenas é que os policiais fazem parte da comunidade para a qual trabalham. Eles e suas famílias participam das mesmas atividades nas quais a sociedade também participa, como pode ser evidenciado pelo caso relatado por Estêvão. Esse jovem foi vítima de uma abordagem policial quando retornava para casa à noite em uma cidade pequena da região. Algum tempo depois, descobriu que a filha do policial que o abordou era sua colega de escola e começou a praticar futebol com os policiais.

Ricardo: Cê já levou batida policial?

⁴⁸ Caro leitor, cuidado para não confundir Heitor (o jovem que teve a trajetória recém analisada) com Hélder.

Estêvão: em Jacutinga. Eu tava, tipo, tava frio, coloquei a blusa, a touca e tava de mochila. Tava mancando. Eu tinha dor muito tempo atrás. Aí andava meio que mancando. Aí, passou a viatura, eles passaram. Foram lá na frente da avenida, deram a volta, assim, depois me pararam. Falaram: “bota a mão na parede, bota a mão na parede, não sei o que que tem”. Aí eles arrancaram as minhas coisas da mochila, tudo, pra ver o que tinha. Perguntaram de quem eu era filho, não sei que tem, então. Aí, perguntaram onde eu morava. Até que eles me deixaram em casa. Depois de um tempo, aí eu fui descobrir que um dos policial que meu deu batida morava na rua debaixo à minha e a filha dele estudava comigo. Eu não sabia, né?, aí eu comecei a conversar com a filha dele na sala. Tipo, cheguei pra conversar com ela assim: ow, seu pai me deu batida esse tempo atrás. Fala pra ele que ele é mó bobo. Aí, eu fui interagindo. Aí essa foi a única vez. Aí eu comecei a jogar bola com os policiais. Eles até falavam pra mim, pra mim fazer o concurso de policial, sabe? Eu fui muitas vezes à cadeia em Albertina jogar bola lá, com os policiais - agentes carcerários. E tipo, essa convivência minha ali foi muito bom, muito boa. Apesar que jogar bola com eles era um saco, eles machucavam.

As perguntas dirigidas a Estêvão sobre a sua família e o seu local de residência também me foram feitas nas três vezes em que fui abordado pela polícia em Campestre. Esse pode ser um meio de os policiais evitarem problemas futuros com os filhos de amigos e conhecidos ou com os membros da elite da cidade. Também pode ser uma forma de aplicar os estereótipos relacionados ao local de moradia sobre as ações dos abordados.

Conclusão sobre a relação com a polícia

Campestre é uma cidade onde as taxas registradas de criminalidade têm crescido nos últimos anos. Os infratores possuem acesso a armas e é comercializado crack pelos traficantes. A trajetória de um jovem envolvido em práticas ilegais na cidade mostra as características das abordagens policiais, a formação das *gangues* locais e os processos sociais relacionados à inserção de jovens em *gangues*. A polícia local marca como alvo algumas pessoas que são constantemente abordadas a fim de serem verificadas provas dos delitos. Contudo, essas ações policiais estão sujeitas a erros. Os policiais participam da comunidade onde trabalham, o que gera alguns cuidados extras para que não tenham a sua reputação manchada entre os moradores da cidade.

Conclusão do Capítulo

A análise das instituições constitui a primeira parte da análise das condições que proporcionam destinos diferentes a jovens de origens parecidas. Essa primeira parte focou nos fatores externos ao percurso de vida, ao passo que o próximo capítulo enfocará na dinâmica interna da sequência dos eventos que constituem esse percurso. Um elemento a ser considerado, que não é o foco desta pesquisa, são as diferenças de *habitus*. Decidiu-se não centrar a análise neste elemento pela excessiva ênfase sobre o mesmo na literatura brasileira que trata deste tema. O que essa pesquisa objetiva é inserir alguns fatores e processos adicionais para a compreensão das variações dos percursos de vida de jovens de mesma origem social.

A ação humano é influenciada por dois conjuntos de fatores principais: as disposições e o contexto. As disposições, conforme conceituadas na Psicologia, são estruturas de ação que independem do contexto. Por exemplo, um jovem com a disposição de ser estudioso será assim independentemente se estiver no período de aulas ou de férias; se estiver no período de provas ou no início do semestre letivo, ou se estiver numa universidade exigente ou flexível.

A ação contextual pressupõe que um agente comportará de maneiras diferentes se estiver em contextos diferentes. Assim, a característica de ser estudioso dependerá do ambiente escolar, acadêmico e social em que o ator social está inserido. Se o mesmo indivíduo for colocado em um contexto diferente, espera-se que agirá de maneira diferente. Hélder, por exemplo, quando começou a morar num domicílio que cobrava os estudos, o que aconteceu quando sua mãe foi ameaçada de perder a guarda do filho por ele não ser frequente à escola, passou a frequentar a escola, tendo um custo muito mais elevado do que quando morava com sua família.

Alguns comportamentos recorrentes são resultados da capacidade individual de estruturar certos contextos. O ator social, por exemplo, pode tomar a ação de criar um contexto de disciplina diariamente, colocando o relógio para despertar cedo, deslocando-se a um ambiente onde é mais fácil haver disciplina para os estudos – como numa biblioteca – e estabelecendo certas promessas.

A noção de comportamento contextual não se contradiz com o conceito de *habitus*, pois, em primeiro lugar, mudanças drásticas no contexto social em que as pessoas vivem não são muito comuns, o que permite que estruturas de percepções, gostos e valores sejam relativamente

estáveis. Em segundo lugar, os indivíduos são capazes de estruturar certos contextos, como no caso de uma pessoa que se autodisciplina.

Uma teoria centrada somente nas pré-disposições enfrenta dificuldades em explicar mudanças drásticas no comportamento (como no caso de Jerônimo e de alguns outros entrevistados) e de entender como um mesmo indivíduo age de maneiras diferentes com pessoas diferentes e em situações diferentes. Além disso, o processo de transformação de *habitus* (Lehmann, 2014), que ocorre quando uma pessoa é inserida num contexto de classe diferente, pouco é explorado, pois se assume que as disposições são constantes e o aprendizado na vida adulta não é incorporado e automático.

Até agora, pudemos observar que as redes sociais, no contexto de Campestre, proporcionam uma série de recursos para a obtenção de empregos e para a emigração. Num mercado de trabalho com características personalistas, a rede social dos jovens, com uma especial influência do papel da família, provê informações e contatos para a obtenção de emprego. No caso de jovens mal-sucedidos na escola e para aqueles que pretendem emigrar para uma cidade grande, a rede social fornece moradia e assistência no momento da emigração. Os jovens bem-sucedidos na escola, que emigram por conta do ingresso no ensino superior, pela relação com a nova rede social formada por meio desta instituição, conseguem emigrar com uma dependência direta menor da família.

Pelo fato de a família extensa também prover a rede social necessária para o sucesso no mercado de trabalho e no momento da emigração, ter laços fracos com a mesma pode limitar as possibilidades dos jovens. Ter laços fracos com a família extensa, em muitos casos, pode ser consequência do divórcio dos pais, da discriminação racial da família branca em casos de casamento inter-racial, da emigração prévia dos pais e de divergências morais.

O local de moradia pode criar certas desvantagens no presente contexto. Conforme observado, viver na zona rural implica uma série de dificuldades de locomoção e de acesso às instituições que jovens residentes nas áreas urbanas não têm de lidar. Além disso, existem preconceitos relacionados a essa situação de moradia que podem afetar as interações sociais e, assim, dificultar uma experiência escolar positiva e o ingresso no mercado de trabalho.

A escola proporciona experiências diferentes de acordo com as características dos alunos. Alunos pobres podem enfrentar problemas de má-fé institucional, tendo de passar por situações cotidianas que deprezam o ego. Além do que a escola faz, há de examinar aquilo que ela

deixa de fazer. Ao não oferecer assistência aos jovens com problemas de aprendizado ou com problemas familiares, por meio de reforço escolar e atendimento personalizado, essa instituição cria margem para que o indivíduo ingresse numa sequência marcada por evasão escolar e ingresso no mercado de trabalho em postos precários.

Em termos de características pessoais, podemos observar que o apego à família e ao local de residência pode reduzir as aspirações de alguns jovens, de tal modo que se conformem com as posições no mercado de trabalho ofertadas no município ou na região geográfica. Algumas características em potencial podem ser acionadas a depender da rede social e do contexto, como no caso do jovem que praticou atos em conflito com a lei.

Dependendo dos interesses pessoais e do contexto, pode ocorrer uma drástica mudança pessoal. A conversão religiosa é um caso típico, em que frequentemente ouvimos relatos de pessoas que abandonaram uma vida delinquente e encontraram Jesus. Mas isso pode acontecer, também, ao tomar a decisão de abandonar as drogas ou ao se concluir que será preciso dedicar-se aos estudos para realizar os interesses de conquistar um salário elevado na idade adulta e livrar-se de ocupações insatisfatórias.

As instituições ora analisadas, evidentemente, não são suficientes para compreender de maneira completa como as instituições sociais condicionam percursos distintos. Algumas instituições que geram desigualdades sociais, como o racismo, não foram tratadas.

Capítulo 6: Os Bem-sucedidos na Escola, os Trabalhadores Disciplinados e os Jovens Infratores

O objetivo deste capítulo é comparar os eventos que compõem as sequências dos percursos de vida dos jovens entrevistados. No capítulo anterior, pudemos observar processos institucionais que condicionam percursos distintos. Além disso, foram oferecidas algumas pinceladas de alguns processos dentro das sequências que redirecionam as trajetórias de vida. O rótulo que alguns jovens recebem, a carreira moral que seguem, o ajuste às situações, as desvantagens acumuladas, as vantagens cumulativas e o controle da trajetória pelos familiares alteram ou sustentam um determinado percurso de vida. Por exemplo, Jerônimo, quando criança, foi rotulado de “menino de rua”, “*pioiento*”, “futuro bandido” e “louco”. Esses rótulos tiveram influência sobre os comportamentos que ele apresentou na primeira fase da adolescência. Como resposta às discriminações sofridas e devido à inabilidade de competir no *mainstream* social, Jerônimo⁴⁹ seguiu uma carreira moral no tráfico de drogas, meio em que conseguiu respeito e reconhecimento. As desvantagens desde o momento do seu nascimento foram amplificadas na relação com os professores por meio dos rótulos que recebeu. Nicolau passou por um processo inverso. Na escola, seu *habitus* disciplinado foi significado na forma de um aluno prodígio - identidade que nutriu ao longo de sua trajetória escolar. No momento, esse jovem prepara-se para ingressar na universidade. Matias⁵⁰ sempre teve a sua trajetória controlada pela sua mãe, que o monitorava e estimulava a sempre ser um aluno de alto desempenho escolar.

Neste capítulo, as narrativas serão agrupadas em três categorias a fim de compreender semelhanças e diferenças entre os elementos que constituem cada uma das narrativas. Existem diversas formas de se pensar a categorização dos percursos de vida: segundo as características iniciais (como renda, estrutura familiar e escolaridade dos pais), de acordo com o momento em que vivem (se num ponto de transição ou numa trajetória), por uma característica comum ao longo da sequência (por exemplo, aqueles que seguiram uma trajetória estável e aqueles que mudaram drasticamente o curso da trajetória em algum momento da vida) ou de acordo com o ponto em que se encontram atualmente. Optou-se pela última forma, mas com algumas ressalvas.

⁴⁹ A história de Jerônimo foi contada nas páginas 81-84; 143-146.

⁵⁰ Páginas 126-127.

Pretendo tratar o ponto em que se encontram atualmente de maneira dinâmica, como algo que poderá ou não mudar num futuro próximo. Assim, estou à procura das condições que os levaram a seguir tal trajetória e das possibilidades de alterar o percurso. Muitos dos jovens entrevistados estão passando por um período de transição em suas vidas, marcado pela saída recente do ensino médio. A transição do ensino médio para a carreira posterior, em muitos casos, é caracterizada por uma incerteza em relação ao ingresso no mercado de trabalho, à emigração e à entrada na universidade. Um grupo extenso de jovens está com o futuro aberto. Mesmo entre os que evadiram a escola há mais tempo, é possível, em alguns casos, alterar o percurso por meio de programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de cursos profissionalizantes⁵¹. Portanto, é preciso ter cuidado para não cometer o erro de tratar o ponto atual como um ponto final do percurso de vida.

São três as categorias elaboradas, as quais servem principalmente como uma maneira sistemática de apresentar o trabalho: jovens bem-sucedidos na escola; trabalhadores disciplinados malsucedidos na escola, e malsucedidos na escola e em conflito com a lei. A primeira categoria é constituída por aqueles que já concluíram o ensino médio. A segunda categoria é definida por aqueles que não concluíram o ensino médio, já estão inseridos no mercado de trabalho e que, em nenhum momento, praticaram atos penais graves, como assaltos, roubos e tráfico de drogas. A última categoria é formada pelos jovens que já praticaram atos graves, como tráfico de drogas e crime contra a propriedade.

Ao longo das sequências, há variações na inclusão dos jovens entrevistados nessas categorias. Jerônimo, por exemplo, cometia furtos e traficava drogas pesadas desde a sua infância até os seus quinze anos, o que o inseria na terceira categoria. Dos seus 15 aos 17 anos, esse jovem não estudava nem trabalhava. Aos 17 anos, retornou à escola e obteve um emprego, sendo assim inserido na categoria de trabalhador disciplinado. Seu projeto para o futuro é concluir o ensino médio e ingressar na universidade. Caso consiga realizá-lo, daqui a alguns anos, esse jovem mudará novamente de categoria.

6.1. Os Bem-Sucedidos na Escola

⁵¹ É preciso estudar o impacto de se ter um diploma de curso profissionalizante num contexto como o de Campestre, onde os postos no mercado de trabalho são de baixa qualificação e as redes sociais são centrais para o ingresso no mercado de trabalho.

Esta categoria é formada por três subcategorias: os estudantes no ensino superior; os pretendentes a uma vaga no ensino superior e os sem planos de ingressar na próxima etapa de formação.

Do total de vinte casos, onze estão incluídos nela. Se usarmos a classificação prévia de classe social, da página 51, observamos que os dois jovens de classe popular a média estão nesta categoria. Dos doze jovens de classe popular, sete estão aqui incluídos. Dois de quatro entrevistados de classe popular a pobres foram classificados nesta categoria. Nenhum dos dois jovens pobres estão aqui incluídos.

As configurações familiares desses jovens são variadas. Apenas seis de onze foram criados durante toda a vida em uma configuração biparental. Dois deles nasceram de relacionamentos casuais, nunca tendo a figura paterna em casa. Em dois casos, os pais se separaram durante a infância e, em um deles, o pai faleceu quando o entrevistado ainda era criança.

A religião esteve presente na maioria das famílias, em graus variados, o que reflete, em certa medida, as características da localidade. Em cinco casos, os pais não eram religiosos ou pouco religiosos.

As características mais comuns neste grupo são, em primeiro lugar, a regulação familiar familiar. Em todos os casos, é descrito um monitoramento da rotina e das atividades ou uma expectativa de que o filho aja de acordo com as normas. A regulação familiar acontece de três maneiras. A regulação social acontece por meio do monitoramento de quem são as amigas do filho, dos lugares onde o filho frequenta e dos horários de chegada e partida. Além disso, há uma segunda forma de regulação relacionada à educação. Neste caso, os pais monitoram as atividades escolares, conferem o desempenho escolar, participam das reuniões escolares, conversam com os professores ao encontrá-los na rua, exigem um horário de estudos e compram livros e revistas educativos. Há, além disso, uma regulação moral, relacionado ao uso de drogas lícitas e ilícitas, aos relacionamentos afetivos e sexuais dos filhos e ao desenvolvimento do caráter de uma pessoa “honesta”.

Essa regulação pode ser interpretado como tendo duas consequências. Por um lado, pode ser a raiz de disposições de autodisciplina e autocontrole que se convergem com as expectativas escolares. Por outro lado, pode ser um controle do contexto que os pais exercem sobre os percursos de vida dos filhos. Com o tempo, o filho incorpora certas percepções, como a de que

a mobilidade social é algo a ser alcançado, e terá o conhecimento das ações cotidianas necessárias para alcançar esse objetivo.

Existem eventos que podem alterar o rumo das trajetórias, como o divórcio dos pais, a inserção em uma nova turma de amigos ou a repetência escolar, que, se não houver uma ação de controle, podem criar um ponto de virada. Observa-se, em comparação com os jovens incluídos em outras categorias, uma trajetória estável, com nenhum ou poucos pontos de virada. São jovens que, com a exceção de Teodoro, ingressaram na escola – alguns reprovaram e outros não – e seguiram até o final. Alguns começaram a trabalhar cedo, mas quase sempre em empregos de tempo parcial.

Uma segunda característica que perpassa a maioria das trajetórias é que, em comparação com os jovens inseridos em outras categorias, eles tiveram relações familiares relativamente harmoniosas. Nenhum deles teve problemas com o padrasto ou com os irmãos. Nenhum viveu por um longo período em uma casa de constantes conflitos. Nenhum deles viveu em casas abarrotadas de pessoas da família extensa. Nos casos em que os pais se separaram, observa-se um período de instabilidade, mas, devido ao processo de controle da trajetória, isso não desencadeou um ponto de virada na família dos jovens.

Estêvão é uma exceção a essa regra. Seus pais se separaram temporariamente quando tinha quinze anos de idade. Ao longo desse evento, sua perspectiva sobre moralidade mudou. Criou-se nele, conforme narra, o sentimento de que tudo pode. Na sua percepção, da mesma forma que seus pais poderiam se separar (ou seja, fazer o que eles bem quisessem), Estêvão também poderia agir de maneira descontrolada. Nesse período, ele iniciou o uso cigarro, álcool e maconha. Mudou-se de cidade e foi morar com uma tia sua. Desobedeceu às ordens de seus responsáveis quanto aos seus horários e rotina. Suas notas na escola caíram. O que mudou novamente a trajetória de Estêvão foram dois eventos. Em primeiro lugar, seus pais reataram o relacionamento. Em segundo lugar, foi convidado por um amigo a frequentar uma igreja protestante. Num dos cultos, conheceu uma moça que se tornou sua namorada. Como ela era uma moça religiosa, Estêvão teve de se adequar às expectativas dela. Abandonou os hábitos reprovados pela doutrina que seguia. Mudou o seu estilo de vestir. Passou a frequentar regularmente os cultos da igreja. Mudou a sua maneira de pensar. Essa nova versão de Estêvão durou até o momento em que seu pai foi transferido de cidade e, então, ele teve de se separar de sua namorada. Em Campestre, deixou de ser religioso e voltou a ter os hábitos do período anterior ao momento em que começou a namorar.

A literatura na área de Sociologia da Educação tem uma rica documentação da relação entre família e escola. Segundo essa literatura, as experiências nos lares das classes populares, na maioria das vezes, contradizem com as exigências escolares, o que resulta no fracasso escolar. Os casos de sucesso escolar nos meios populares acontecem quando o ambiente familiar cria disposições que se alinham com as exigências escolares. Essas disposições se formam pela maneira como a família gera o seu tempo, pelo ambiente moral no domicílio, pela presença da linguagem escrita em forma de recados e anotações, pelo hábito dos pais em ler revistas e jornais, dentre outros processos. No fundo, essa literatura está afirmando, usando um termo de Abbott (1995, 2001), que eventos recorrentes na infância, no âmbito familiar, geram disposições que se alinham às exigências escolares.

Esta dissertação adota uma abordagem sequencial e evidencia a importância de compreender como eventos pouco recorrentes ou não recorrentes influenciam os percursos de vida. Nem sempre o sucesso escolar surge pela influência direta da família. Muitas vezes, como no caso de Geraldo, o sucesso escolar pode ser resultado do fato de que uma criança aprendeu a ler mais cedo do que seus colegas de escola e, assim, recebeu o rótulo de inteligente, que, por oferecer certo reconhecimento, foi alimentado no decorrer da trajetória. O sucesso escolar também pode acontecer pela influência da turma de amigos sobre a pessoa. Pesquisas na área da psicologia mostram que a proximidade física é um dos principais fatores que constituem laços de amizade (Ebbeson et al, 1976, Preciado et al, 2011). Algumas crianças e adolescentes se tornam amigas simplesmente por serem vizinhas ou por se sentarem uma ao lado das outras na escola. Pela influência dos amigos, um jovem pode construir uma identidade de aluno estudioso. Uma terceira forma em que alguém pode ter sucesso escolar sem passar diretamente pela família é pela leitura feita sobre as condições do mercado de trabalho. Ao perceber que o mercado de trabalho não oferece postos com as características desejadas para quem não tem sucesso escolar, a pessoa pode tomar a ação de estudar para tentar passar no vestibular e conseguir uma vaga numa determinada universidade ou curso superior.

6.1.1. Os Bem-Sucedidos na escola: os estudantes de ensino superior

São três os casos de jovens ingressantes no ensino superior. Esses jovens apresentam poucas características diferentes dos jovens que se preparam para entrar na universidade, nem

mesmo em termos de desempenho escolar. No resultado do ENEM de 2014, Alberto, Geraldo, Nicolau e Olívio tiveram resultados próximos. Desses, apenas Alberto já ingressou na universidade.

Alberto tem um recurso que os outros três que tiraram notas próximas da dele não têm. Devido à paraplegia de sua avó, uma tia sua que mora em São Paulo frequentemente ia a Campestre para cuidar dela. Assim, Alberto, que morava com sua avó, tornou-se próximo dos seus parentes da capital do estado vizinho. Na idade de entrar na universidade, foi convidado pela sua tia a morar com ela. O convite foi aceito e, assim, esse jovem inscreveu-se com a nota no ENEM nos cursos com bolsa do PROUNI nas áreas de Cinema, Audiovisual e Comunicação. Conseguiu uma bolsa de 50% de bolsa numa universidade. O restante da mensalidade será custeado pelo FIES.

Os três jovens que tiraram notas parecidas com as de Alberto focaram na aprovação em universidades públicas nos cursos de Física, Nutrição e Engenharia Química ou Materiais. Nenhum deles foi aprovado.

Mariano, um dos estudantes de ensino superior, ingressou na PUC Minas, *campus* Poços de Caldas, no curso de Administração, por meio do PROUNI. Escolheu a universidade na cidade vizinha por não querer ficar longe de seus pais. Recebe atualmente uma bolsa que cobre 100% da mensalidade. Contudo, ele trabalha oito horas por dia numa loja de roupas – emprego que obteve apenas depois de assegurada a vaga na universidade - para custear o transporte entre as duas cidades, para ter liberdade financeira em relação a seus pais e ter recursos para vivenciar a juventude.

O terceiro jovem a ingressar na universidade é Matias. Ingressou no curso de Ciência da Computação numa universidade pública da região. Sempre teve uma rotina controlada pela mãe, que é professora de História. Desde o primário, ela exigia que seu filho reservasse um tempo para o estudo. Esse jovem tinha como objetivo ingressar na UFMG, porém a sua nota não foi suficiente para tal. É o único jovem entrevistado a ter mãe com ensino superior e a ter estudado num colégio privado em partes de sua trajetória escolar.

Dois dos jovens ingressantes eram calouros no momento da entrevista. Diferenciá-los do grupo de pré-universitários é uma tarefa que exige muito cuidado, pois espera-se que alguns dos jovens do último grupo consigam uma vaga nos próximos semestres ou anos. Além disso, há muita variação entre os três casos. Alberto não apresentou no ENEM um elevado desempenho escolar. Nunca foi cobrado pelos pais a estudar. Já foi reprovado na escola quando cursava a sétima série. Mariano, por sua vez, tomou a decisão de estudar com afinco no Ensino Médio, devido ao interesse

pragmático em ingressar na universidade. Matias, finalmente, sempre foi cobrado pela sua mãe a estudar. Os dois últimos parecem apresentar um desempenho acima da média em comparação com os jovens de origem popular do município. Contudo, muitos dos jovens não aprovados podem fazer como Mariano: reservar um ano para os estudos para melhorar o desempenho. Geraldo, Nicolau e Olívio pretendem tomar essa ação.

As sequências dos estudantes de ensino superior

O modelo analítico dessas sequências segue a teoria de Andrew Abbott (1990, 1995, 2001, e Abbott e Hrycak, 1990). As sequências abaixo descrevem os eventos-chave para a compreensão do ponto atual do percurso de vida. Deve-se notar que os eventos se sobrepõem em muitos casos, que eles se dividem em eventos recorrentes e não recorrentes e que o sinal (->) não significa necessariamente uma relação de causa e efeito. O tipo de análise realizado é métrico, pois o que interessa é comparar as sequências para saber a distância entre os percursos de vida, e não elaborar uma sequência típica como faz o método algébrico.

Alberto: Características sociais – Sua mãe o teve quando ela ainda era adolescente num relacionamento casual com um vizinho. Foi criado pela sua mãe, sua avó paraplégica e, durante parte da infância, pela sua bisavó. Sua família era católica praticante, sendo que o desejo de sua mãe e sua avó era de que se tornasse padre. Na infância, era controlado pela família, não podendo sair de casa depois do anoitecer. Sua avó controlava as suas amizades. Não era cobrado pela mãe e pela avó nos estudos. Seu pai é, segundo a percepção da família de Alberto, um homem “festeiro”, “mulherengo”, faz uso de drogas ilícitas e “irresponsável”. Ele servia como um exemplo daquilo que Alberto não deveria ser. Atualmente estuda Comunicação Social numa universidade privada em São Paulo-SP.

Sequência até o ensino superior: mal aluno na escola -> pouco exigido nos estudos pela família -> repetiu a sétima série -> intenso controle familiar -> fã de jogos de RPG e de séries de TV -> insatisfeito com o mercado de trabalho local -> entrada no mercado de trabalho aos 17 anos -> oportunidade de emigrar para São Paulo devido às condições específicas de sua família -> ingresso no curso de Rádio e TV em uma universidade privada de São Paulo-SP.

Mariano: Características sociais – Nasceu numa família biparental. Seus pais são católicos praticantes. Ambos os pais estudaram até a sétima série. Possui duas irmãs. Era

intensamente cobrado nos estudos. Tinha o comportamento regulado pelos pais. Estuda Administração numa universidade privada em Poços de Caldas. Começou a trabalhar aos dezessete anos.

Sequência até o ensino superior: melhor aluno na escola → nível moderado de cobrança dos estudos pelos pais → intenso controle familiar → convívio com jovens que aspiram ao ensino superior → rotina de estudos intensa no ensino médio → ingresso no mercado de trabalho aos 18 anos → apego ao local de origem → ingresso no ensino superior em uma instituição privada em uma cidade vizinha três meses depois de ingressar no mercado de trabalho;

Matias: Características sociais – Sua mãe o teve num relacionamento casual durante a juventude. Foi criado pela mãe, pela avó e por alguns tios. É o único entrevistado em que a mãe possui ensino superior completo. Foi fortemente regulado durante toda a sua vida. Sua rotina era controlada pela sua mãe, mesmo durante o ensino médio. Atualmente, estuda Ciência da Computação numa universidade pública da região. Nunca trabalhou.

Sequência até o ensino superior: ótimas notas na escola → nível elevadíssimo de cobrança da mãe pelos estudos → intenso controle familiar → conquista de bolsa de estudos em uma escola privada → aprovado no curso de Ciência da Computação em uma universidade pública da região.

Comparando as sequências desses jovens, observamos que o ingresso no ensino superior é distinto de acordo com o tipo de universidade e a localidade. Matias foi o único a ingressar numa universidade pública. Esse jovem teve a característica de ser cobrado pelos estudos durante toda a sua trajetória escolar. Sua mãe controlava a sua rotina de modo a fazer com que Matias reservasse diariamente um tempo de seu dia para estudar. Depois de ter terminado o ensino fundamental em Campestre, conseguiu uma vaga numa escola privada em Poços de Caldas, seguindo uma trajetória escolar típica de quem é de classe média. Ao término do ensino médio, o intenso investimento de sua mãe aos estudos de seu filho e a relativa aceitação de Matias a essa ação dela fizeram com que Matias estivesse preparado para ingressar em algumas universidades públicas. Ingressou numa universidade da região, mas sua nota não lhe possibilitou ingressar na UFMG, que era a sua primeira opção.

Mariano ingressou na universidade privada mais prestigiada da região no curso de Administração com uma bolsa integral do PROUNI. Durante todo o ensino fundamental, ele não tinha o hábito de estudar fora do período de aulas, mas sempre realizava os deveres de casa e as

atividades exigidas pelas professores em sala de aula. No primeiro ano do ensino médio, por pressão de sua família e por interesse próprio, iniciou a preparação para o ingresso na universidade. Frequentava as aulas da escola de manhã, passava as tardes estudando para o vestibular e à noite fazia curso técnico de informática. Lançou mão do aprendizado da autodisciplina e do autocontrole, que já tinham sido desenvolvidas na infância, para que alterasse a sua rotina de modo a preparar-se para conquistar uma vaga na universidade. Diferentemente de Matias que desde criança foi treinado a estudar, Mariano apenas intensificou sua rotina de estudos quando vislumbrava de modo palpável o ingresso na universidade. Devido ao sentimento de apego ao lar, optou por uma universidade na própria região.

Alberto é o único a ter saído do sul de Minas para ingressar no ensino superior. Diferentemente dos outros dois, não tinha altas notas na escola nem era cobrado pela família para que estudasse e ingressasse na universidade. O seu ingresso à universidade é explicado principalmente pela sequência de eventos do seu percurso de vida. Alberto era um jovem altamente adaptado ao ambiente escolar. Era um lugar divertido para ele, onde encontrava os seus amigos, fazia novas amizades e ocupava o seu tempo. Evadir a escola não lhe era uma opção desejável, pois estava ajustado à essa situação. Ao ser reprovado, evento que geralmente desanima os alunos a continuar na escola e diminui a autoestima, esse jovem definiu essa situação como um erro dos professores e considerou que o fato de ser reprovado não significava que fosse estúpido. Assim como os outros dois, Alberto sofria um intenso controle familiar, mas que era dirigido principalmente à regulação de seu comportamento moral. O controle familiar de Matias era mais intenso com relação aos estudos e as duas formas de controle estavam presentes no caso de Mariano.

Algumas condições específicas possibilitaram o ingresso de Alberto ao ensino superior. A principal delas é a relação de sua família com os parentes de São Paulo, o que garantiu a esse jovem a possibilidade de emigrar para um grande centro urbano com poucos custos. Além disso, Alberto conseguiu uma bolsa parcial pelo PROUNI e ainda foi contemplado com um financiamento do FIES. A nota que Alberto obteve no ENEM não o diferencia do grupo dos pré-universitários, mas o fato de ter uma família que lhe possibilitou emigrar para São Paulo-SP ampliou as suas chances de ingresso e, além disso, possibilitou ampliar as suas aspirações uma vez que a restrição de viver em cidades pequenas e médias não condiz com a profissão de cineasta.

6.1.2. Os Bem-sucedidos na escola: os pré-universitários

São cinco os casos de jovens que concluíram o ensino médio e pretendem ingressar na universidade: Estêvão, Geraldo, Nicolau, Olívio e Teodoro. Todos, com exceção de Teodoro, planejam ingressar numa universidade pública. Teodoro é um caso excepcional nesse grupo. Ele terminou o ensino médio aos 20 anos de idade por meio de um programa de educação de jovens e adultos. Foi reprovado durante a sétima série e abandonou a escola por dois anos. Atualmente, aos 22 anos, pretende ingressar no curso de Direito, apesar de não ter traçado um plano de como atingir tal objetivo.

Os demais jovens concluíram o ensino médio recentemente pelo sistema regular de ensino e têm planos mais concretos de ingressar no ensino superior. Todos já prestaram o ENEM e submeteram as suas notas ao PROUNI ou ao SiSU. Olívio já tenta ingressar na universidade pelo terceiro consecutivo, enquanto os outros ainda tiveram a sua primeira tentativa frustrada. Sua primeira opção é pelo curso de Nutrição. Nos dois anos anteriores, tentou o curso de Engenharia da Computação. A sua decisão por mudar de área e curso, na sua narrativa, justificam-se pela abrupta mudança de identidade pela qual passou nos últimos dois anos. Pelas suas próprias palavras, desde criança era um jovem “*nerd*”. Sempre gostou de jogar videogames, de assistir filmes e seriados associados a essa cultura e de ter amigos com as mesmas características. Por influência de seu irmão, por morar ao lado de uma academia de ginástica e para ocupar o tempo ocioso, decidiu se inscrever em um programa de musculação. Sentiu-se influenciado pelo novo meio de tal modo que assumiu a identidade de um praticante de esportes. Isso mudou as suas aspirações e, conseqüentemente, os seus projetos. Atualmente, planeja ser dono de loja de suplementos alimentares e ser um atleta de *bodybuilding*. Rechaça a identidade “*nerd*”, tratando-a de maneira depreciativa, como de jovens *bobões*.

As condições para que os jovens de classe trabalhadora ingressem na universidade são:

- 1) ter um elevado desempenho escolar para que o jovem concorra às vagas nos cursos mais disputados das universidades públicas;
- 2) reduzir as expectativas para que o jovem se acomode nos cursos menos concorridos nas universidades públicas;
- 3) ingressar num curso pouco concorrido e tentar transferir de curso posteriormente;
- 4) conseguir uma bolsa do PROUNI em instituições privadas;
- 5) matricular-se numa universidade privada, trabalhar por período integral e arcar com os custos de mensalidade e locomoção. Em Campestre, o jovem enfrenta, ainda, a decisão de continuar na cidade e cursar o ensino superior nas cidades vizinhas, ou morar em uma cidade que

exija a mudança de residência. A decisão a ser tomada depende do grau de informação, em certa medida.

Nicolau é um jovem que busca ativamente novas informações para realizar o seu sonho de estudar Engenharia Química ou de Materiais em uma cidade grande. Sempre foi um estudante que se sentava na primeira cadeira, em frente aos professores, e iniciava conversas com eles nos momentos livres. Essa atitude teve por consequências obter informações sobre cursos técnicos gratuitos, conhecer a vida dentro de uma universidade e ter conhecimento sobre percursos de vida de pessoas que conseguiram concluir o ensino superior mesmo tendo uma origem popular. Foi por meio dessa atitude que Nicolau teve conhecimento de um curso técnico gratuito em Poços de Caldas por intermédio de um professor de Química. Diferentemente dos professores de Campestre - em que a maioria é formada por universidades privadas localizadas na região - em Poços de Caldas, conheceu professores que estudaram em universidades públicas em cidades grandes. Assim, Nicolau adquiriu informações sobre como se manter nas grandes cidades.

Alguns eventos podem adiar a ação de ingressar na universidade. Geraldo sofreu de depressão durante o tempo, o que atrasou por dois anos a sua preparação. Estêvão foi reprovado no terceiro ano do ensino médio.

Entre os jovens pré-universitários, as notas nas escolas de Geraldo, Nicolau e Olívio eram relativamente altas, enquanto as de Estêvão e Teodoro eram medianas. Provavelmente, alguns desses jovens ingressarão na universidade e outros não.

As sequências dos jovens pré-universitários

Estêvão: Foi criado numa família biparental. Sua família se ascendeu socialmente ao longo de sua vida. Seu pai concluiu o ensino médio e sua mãe tem até a quarta série. Nasceu numa família que valoriza o ganho material. Sua família não é religiosa. Não foi cobrado nos estudos. Faz planos de estudar Administração numa universidade pública da região. Tem menos de seis meses de experiência no mercado de trabalho.

Sequência: Nascimento em uma pequena cidade do sul de Minas -> mudança para Varginha -> entrada na escola -> paulatinamente seu pai foi se ascendendo economicamente -> mudança para uma cidade do sul de Minas a 200 km de Varginha -> separação dos pais -> mudança para Pouso Alegre -> reconciliação e reatamento do casamento de seus pais -> retorno à cidade

anterior -> mudança de cargo de seu pai -> mudança para Campestre -> reprovação no terceiro ano do ensino médio.

Geraldo: Seus pais se separaram quando ele tinha 12 anos. Não nasceu numa família religiosa. Possui dois irmãos. Sua mãe possui ensino fundamental incompleto e seu pai, superior incompleto. Apresentou precocemente um elevado desempenho escolar. Não era cobrado pela mãe nos estudos. Pretende ingressar no curso de Física em uma universidade pública. Começou a trabalhar aos dezessete anos. Autodeclara-se negro. Nasceu em uma família inter-racial.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> separação dos pais quando Geraldo tinha 13 anos -> abandonou a escola no 2º ano do ensino médio por um desentendimento com um professor -> obtenção do diploma de ensino médio por meio do ENEM -> dois anos de depressão -> candidatura ao curso de Física em uma universidade pública -> não aprovação.

Nicolau: Nasceu numa família monoparental. Branco. Seu pai morreu quando tinha quatro anos de idade. Possui três irmãos. Sua mãe controlava a sua rotina e o seu comportamento por medo de perder a guarda de seu filho. Ela possui ensino médio completo. Nasceu numa família católica praticante. Seu irmão mais velho assumiu o papel de pai, o que foi legitimado por Nicolau. Prepara-se para ingressar no curso de Engenharia Química, de preferência numa universidade pública fora do sul de Minas Gerais. Começou a trabalhar no bar da família aos oito anos.

Sequência: Nascimento -> pai morreu quando tinha quatro anos -> ingresso na escola -> aos oito anos começou a ajudar o irmão no bar da família -> matrícula em um curso técnico em Poços de Caldas -> fechamento do bar da família aos 17 anos de idade -> inscrição nos cursos de Engenharia Química e Engenharia de Materiais -> não aprovação

Olívio: Nasceu numa família biparental. Branco. Possui um irmão, que sempre serviu a ele como uma figura exemplar. Sua mãe é católica praticante. Seu irmão o cobrava nos estudos. Ambos os pais estudaram até a sexta série. Atualmente, prepara-se para ingressar no curso de Nutrição numa universidade pública da região. Começou a trabalhar por tempo parcial aos quinze anos.

Sequência: Nascimento -> separação dos pais quando tinha quatro anos de idade -> mudança para a zona rural -> reatamento do casamento de seus pais quando tinha seis anos de idade

-> mudança para a zona urbana aos 10 anos de idade -> entrada no mercado de trabalho aos 15 anos de idade -> conclusão do ensino médio -> entrada na academia de musculação -> mudança de identidade -> emigração para Poços de Caldas -> retorno para Campestre oito meses depois -> inscrição no SiSU por três anos seguidos -> não aprovação

Teodoro: Foi criado numa família biparental. Negro. Possui um irmão. Foi pouco exigido nos estudos. Abandonou a escola na sétima série, mas retornou posteriormente e, aos 21 anos, conseguiu o diploma por meio do programa de Educação para Jovens e Adultos. Pretende conseguir o diploma de Direito por uma universidade na região. Começou a trabalhar aos dezessete anos.

Sequência: Nascimento em uma cidade pequena do sul de Minas a 140 km de Campestre -> entrada na escola -> mudança para Campestre quando tinha sete anos de idade -> entrada na academia de Jiu Jitsu aos oito anos de idade -> reprovação escolar na sétima série -> interrupção dos estudos -> conclusão do ensino médio por supletivo -> trabalho como instrutor de Jiu Jitsu e salva-vidas.

A característica mais comum desse grupo é não ter passado por pontos de virada que alteraram drasticamente a trajetória de suas vidas. Eles entraram na escola e terminaram o ensino médio. Nenhum deles repetiu de série, com a exceção de Teodoro. Eles vivenciaram eventos com possibilidades de gerar pontos de virada, como separação dos pais, mudança de cidade e morte, mas esses eventos não interferiram nas suas trajetórias escolares. Para compreender por que esses pontos de virada não aconteceram é preciso analisar cada caso.

O principal ponto de virada pelo qual Estêvão passou – definido por ele mesmo como um ponto de virada - foi a separação de seus pais. Esse jovem já mudou de cidade por várias vezes, mas a última mudança foi a única que alterou a direção da sua trajetória. Seus pais se separaram quando tinha quatorze anos de idade. Estêvão revoltou-se contra esse evento e decidiu-se morar com uma tia numa cidade vizinha. Nessa época, começou a beber, a fumar cigarro de palha e maconha e a desrespeitar as regras impostas pela família. Seus pais reataram o casamento e Estêvão voltou a morar com eles.

Esse evento provavelmente não teve efeitos sobre a trajetória educacional de Estêvão porque ele já tinha internalizado que somente seria possível que ele mantivesse a situação

financeira de sua família por meio da escolarização. Estêvão não estava inserido no mercado de trabalho na época. A separação dos pais não implicou a necessidade de trabalhar.

No caso de Geraldo, os principais pontos de virada por que passou foram a separação dos pais e a evasão escolar no segundo ano do ensino médio. Ele nasceu numa família com menos recursos econômicos do que Estêvão. A baixa escolaridade de sua mãe, a baixa renda familiar, o ambiente familiar conflituoso no período anterior à separação dos pais e a residência em um bairro relativamente distante do centro e de infraestrutura urbana precária podem ser facilmente convertidos em uma trajetória de fracasso escolar, a depender de alguns eventos recorrentes ou não recorrentes. Geraldo apresentou um desempenho escolar elevado tão logo iniciou os estudos. Aos dez anos de idade, segundo sua narrativa, conta que já tinha um forte interesse por estudar que se manifestou, provavelmente, pela precocidade no aprendizado da leitura e da escrita.

Nicolau, por sua vez, perdeu o seu pai por um problema do coração quando tinha quatro anos de idade. Como era muito novo, não possui lembranças do ocorrido. A morte precoce de seu pai se associa à entrada no mercado de trabalho aos oito anos de idade, para ajudar o irmão no bar da família. Contudo, a ausência de mudanças na trajetória educacional de Nicolau explica-se pelo intenso esforço de sua mãe em controlar as suas atividades e pela sua maneira de definir certas situações.

No caso de Olívio, o principal ponto de virada capaz de alterar a sua trajetória escolar foi a separação dos seus pais. Esse evento aconteceu quando ele ainda era criança, idade em que manter o filho na escola é uma obrigação prevista em lei. O fato de ele ter se tornado um bom aluno, apesar da baixa escolaridade de seus pais, é explicado pela influência do seu irmão e pelas amizades que fez com jovens da cultura “*nerd*”.

Teodoro, finalmente, é um caso fora da curva. Ele é mais velho do que os demais jovens. Ele tem 22 anos, enquanto os demais têm idades entre 18 a 20 anos, e seu plano de ingressar na universidade não se baseia em ações concretas. A reprovação escolar alterou a sua trajetória, pois ele evadiu a escola e apenas retornou anos depois. O principal elemento de sua sequência é mostrar que é possível alterar os percursos de vida, principalmente, quando o jovem não assumiu os compromissos da vida adulta.

Portanto, para compreender as razões pelas quais o percurso de vida dos jovens não foi alterado de modo a resultar numa evasão escolar, é preciso compreender cada caso. A socialização prévia, as identidades formadas no início da infância, o momento em que os eventos ocorrem e o

controle da trajetória pelos pais são elementos que explicam por que certas trajetórias não acontecem e outras sim.

Campestre é uma cidade em que, em 2010, somente 39% dos jovens de 18 a 20 anos possuíam ensino médio completo (PNUD, 2013). Terminar o ensino médio dado que a pessoa possui uma origem popular já é algo digno de ser explicado. Entretanto, também é preciso entender os motivos pelos quais esses jovens ainda não ingressaram no ensino superior.

Como Teodoro não tomou ações concretas para ingressar no ensino superior e Estêvão foi reprovado no terceiro ano do ensino médio, a análise se concentrará em Geraldo, Nicolau e Olívio.

Esses três jovens concentraram os seus esforços em ser aprovado em instituições públicas. A nota obtida no ENEM, pelo que contam, variou entre 550 a 580. Essas notas os colocam acima da média nacional, que é de 500, mas ainda assim abaixo das notas de corte em instituições públicas concorridas, como a UFSCAR, ou em cursos disputados, como Engenharia Química. O jovem que tentou uma vaga em Nutrição numa universidade pública da região, relata que apenas não conseguiu uma vaga no curso que pretendia pelo fato de a sua nota na redação ser inferior à nota mínima exigida.

Apesar da expansão das vagas nas universidades públicas e da Lei das Cotas, ingressar numa instituição pública ainda é possibilidade para uma minoria dos jovens que terminam o ensino médio. No ano de 2014, 8,7 milhões de pessoas se inscreveram no ENEM. Desse total, o SiSU – sistema que seleciona os candidatos para as vagas nas universidades federais da região – teve 2,3 milhões de inscritos para o total de 171.401 vagas ofertadas no primeiro semestre de 2015⁵². Embora esses jovens tenham obtido uma nota acima da média nacional e sejam considerados alunos de alto desempenho em comparação com aqueles das escolas onde estudaram, suas notas não foram suficientes para enfrentar a elevada concorrência.

Os meios alternativos para ingressar na universidade, como conseguir uma bolsa pelo PROUNI ou pelo FIES, ou, então, trabalhar para pagar a mensalidade, ainda não foram utilizados. É provável que, caso não sejam aprovados nos próximos anos, esses jovens tenham de procurar outras formas de ingressar no ensino superior.

⁵² Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/01/no-ultimo-dia-do-sisu-numero-de-inscritos-passa-de-23-milhoes.html> e <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-06/numero-de-inscritos-no-enem-chega-87-milhoes-e-supera-expectativa-do>

6.1.3. Os Bem-Sucedidos na escola: Os sem planos de ingressar na universidade

São três os casos de jovens que terminaram o ensino médio, mas não têm planos de ingressar na universidade: Celso, Ernesto e Rui. Os motivos que os levam a não ter esse plano são a expectativa de não ter condições de ingresso, o alto valor atribuído a uma vida “*modesta*” e projetos alternativos.

Ernesto é um jovem negro de classe popular a pobre. Sua mãe trabalha fazendo bicos, sendo o principal deles o de diarista. Seus pais se separaram quando ainda tinha sete anos de idade. Possui um irmão. No início, seu pai pagava regularmente a pensão de Ernesto, mas deixou de fazê-lo quando se casou pela segunda vez e teve um filho com a nova mulher. Apesar de o salário de sua mãe ser baixo, Ernesto nunca trabalhou. Sua mãe sempre o cobrou nos estudos para que Ernesto consiga – diferentemente dela – um trabalho fixo. Atualmente, ela cobra de Ernesto a entrada na universidade. Contudo, Ernesto não tem expectativas de ingresso, mas transmite ao seu irmão a aspiração de ingressar na universidade. A expectativa desse jovem é mudar-se de cidade e conseguir um emprego na área de informática em Poços de Caldas ou São Paulo-SP. Pretende emigrar com a ajuda de familiares. Ernesto não consegue expressar claramente os motivos que o levam a não querer entrar na universidade. Acha apenas “*difícil*” e afirma não ter vontade.

Celso, segundo caso, está contente com a vida que leva atualmente. Trabalha numa loja de produtos agropecuários, recebendo um pouco mais de um salário mínimo. Mora com seus pais. Gosta da cidade onde mora e não pretende viver em outra cidade. Para ele, as pessoas não devem ser ambiciosas. Sente-se satisfeito com a vida atual. No seu caso, emigrar ou levar uma rotina exaustiva de trabalho e estudos não lhe tornaria mais satisfeito com a própria vida.

Rui tem o plano de tornar-se um seminarista. Começou a fazer o “caminho” para o seminário há três meses. Embora sua família seja pouco religiosa na sua percepção, decidiu pela carreira sacerdotal devido a um chamado divino que recebeu.

Essa explicação do “chamado divino” não procede em termos racionais, sendo um tipo padrão de explicação para a máxima de que “*vocação religiosa é um chamado de Deus*”. É difícil encontrar fatores em sua trajetória que o levaram a tomar essa decisão, talvez porque queira tê-los escondidos. Alguns jovens como Celso, Mariano, Nicolau e Olívio receberam uma educação familiar muito parecida, mas mesmo assim não se tornaram padres. O sexo não era um tabu nem

para sua família nem para ele mesmo, já que quando teve uma namorada, seus pais permitiam que Rui relacionasse sexualmente com ela. Não era um católico praticante antes de tomar tal decisão. Frequentava apenas ocasionalmente grupos de jovens. Ausentava-se às missas aos domingos. Não tinha o hábito de rezar todos os dias. Tinha boas notas na escola e já está inserido no mercado de trabalho. Com certo esforço individual e familiar pode cursar a universidade, não sendo assim pelas privações materiais e de futuro.

Provavelmente, a decisão de ser padre pode ser compreendida como um *chamado*, se racionalizarmos o significado desse termo. Conforme relata de maneira mística, o chamado de Rui foi antecedido de um momento de crise pessoal. Estava se sentindo mal psicologicamente há vários dias. Como solução para lidar com essa situação, procurou um padre, como muitas pessoas religiosas fazem, em vez de buscar um psicólogo ou tentar enfrentar a situação por conta própria. Na conversa que teve com o padre, a crise por que estava passando foi significada como um *chamado* divino. Rui alimentou essa ideia. Assim, adotou a identidade religiosa e mantém há quatro meses a convicção de querer ser padre.

Para atingir o seu objetivo, Rui precisa do diploma de ensino médio. Ernesto pretende fazer cursos técnicos na área de informática, o que, em muitos casos, exige nível médio. O trabalho de Aldo é pouco qualificado. Na loja onde trabalha também estão empregadas pessoas sem ensino médio.

Esses três jovens têm em comum a característica de terem tido experiências escolares positivas. Era na escola onde encontravam os seus amigos, onde ocupavam o tempo (evitar o ócio é valorizado por muitos jovens) e onde adquiriam conhecimento. São jovens conformistas, que seguem as expectativas sociais. Todos os três possuem disposições de pessoas “certinhas”. Levam uma vida comedida, sem grandes riscos e aventuras.

Não se pretende generalizar essas características como presentes para todas as pessoas com esse perfil. Está-se apenas descrevendo as características desses jovens.

Sequências dos jovens com ensino médio completo sem pretensão de ingressar na universidade

Celso: Nasceu numa família biparental. Possui um irmão. Seus pais são pequenos agricultores rurais. Sua mãe é católica praticante, enquanto seu pai é pouco frequente à igreja. Era

pouco cobrado nos estudos. Desde criança, afirma que sempre buscou agir de acordo com as expectativas de seus pais. Seus pais seguem a moral de valorização da família, respeito ao próximo e de respeito à autoridade. Não faz planos de ingressar na universidade num futuro imediato. Começou a trabalhar aos dezoito anos. Afirma ter um desempenho escolar elevado em comparação aos seus colegas de escola.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> conclusão do ensino médio -> ingresso no mercado de trabalho

Ernesto: É criado, desde os seus dez anos, somente pela mãe, que trabalha fazendo bicos. Possui um irmão. Sua família é católica praticante. Era cobrado nos estudos. O ambiente moral de sua família é semelhante ao de Celso. Não faz planos de ingressar na universidade num futuro próximo. Nunca trabalhou.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> separação dos pais -> reprovação no segundo ano do ensino médio -> conclusão do ensino médio -> intenção de emigrar para Poços de Caldas ou São Paulo-SP.

Rui: nasceu numa família biparental. Possui uma irmã. Recebeu uma educação voltada para os estudos. Seus pais compravam livros de ficção ou de enciclopédia para ele. Controlavam o uso da televisão para que assistisse somente a programas educativos. Sua mãe monitorava as notas da escola e exigia-lhe um alto desempenho escolar. Sua família é católica, mas não é praticante. Pretende ingressar no seminário. Começou a trabalhar aos doze anos de idade.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> entrada no mercado de trabalho aos 12 anos -> conclusão do ensino médio -> recebimento de um chamado de Deus para ser padre.

Observam-se poucos pontos de virada em suas sequências. Basicamente, entraram na escola e aí permaneceram até concluir o ensino médio. Ernesto foi o único a ter sido reprovado em algum ano da escola. Atribui a sua reprovação à mudança de turno. Conforme narra, como estudou da pré-escola até o primeiro ano do ensino médio no período vespertino, ter sido transferido para o período matutino no segundo ano fez com que se ausentasse a muitas aulas, por dificuldade em acordar cedo.

São jovens que, apesar de terem nascido em famílias pouco escolarizadas, adaptaram-se ao ambiente escolar. Isso se explica, em grande parte, pelo perfil familiar de seguir as regras e às experiências positivas durante a trajetória escolar pela convivência com os colegas, professores e direção.

Em Campestre, devido às condições locais no mercado de trabalho, terminar o ensino médio está fracamente associado a uma inserção nas vagas de emprego mais disputadas. Como o mercado de trabalho está concentrado em ocupações de baixa qualificação e funciona de forma altamente personalista, os empregadores, na maioria dos casos, não condicionam a contratação à conclusão do ensino médio. Sendo assim, os jovens que terminam o ensino médio geralmente são bem adaptados ao ambiente escolar. Muitos daqueles que não se adaptam evadem a escola por supor que não ter o ensino médio terá poucas consequências negativas para a trajetória profissional, caso tenham o interesse em permanecer em Campestre.

6.2. Os Trabalhadores Disciplinados

Os trabalhadores disciplinados são os jovens que não terminaram o ensino médio, já estão participando no mercado de trabalho e nunca entraram em conflito com a lei. São sete os casos dessa categoria: Emílio, Hélder, Norberto, Rômulo, Rubens, Valdir e Vicente. Em termos de classe social, temos: Popular – cinco jovens nesta categoria de um total de doze casos; Popular a pobre – um de total de quatro; pobre – um de um total de dois

São jovens que, de um modo geral, atribuíam pouco valor à escolarização, foram constantemente reprovados, não percebiam a escola como um bom lugar para se estar e valorizavam mais o trabalho e os relacionamentos afetivos do que a escola. Foram criados em famílias menos harmoniosas do que os jovens bem-sucedidos na escola, tendo enfrentados problemas de relacionamento com o padrasto, de brigas constantes entre o pai e a mãe, de morte de membros da família e de familiares alcoólatras.

Problemas de morte na família e de briga constante entre o pai e a mãe também estiveram presentes na trajetória de alguns jovens bem-sucedidos na escola. A diferença entre as sequências dos bem-sucedidos na escola e dos trabalhadores disciplinados é a duração do evento. Nicolau – bem-sucedido na escola - perdeu o seu pai quando tinha cinco anos de idade, não tendo lembranças da imagem dele. Seu pai era dono de um bar, que passou a ser administrado com

sucesso pelo seu irmão mais velho. Hélder⁵³, por outro lado, perdeu os dois principais provedores da família – sua avó e seu tio - quando tinha doze anos de idade. A morte de sua avó foi precedida por quatro anos de cuidados e de gastos médicos. Depois que ela e seu tio morreram, a sua família passou por um período de intensa pobreza, o que levou Hélder a se tornar, aos doze anos de idade, um dos principais provedores da família.

Ernesto, Estêvão e Geraldo (bem-sucedidos na escola) tiveram de lidar com situações de separação dos pais. Os três afirmam que tinham pais atenciosos antes da separação dos pais. Segundo Ernesto e Estêvão, as brigas entre seus pais não eram presenciadas por eles, acontecendo principalmente no momento em que seus pais estavam a sós. No caso de Norberto, as brigas entre seus pais aconteceram recorrentemente em sua presença durante a maior parte de sua infância, de tal modo que se mudou para a casa de uma tia para livrar-se das constantes brigas.

Os entrevistados reiteradamente afirmam os conflitos familiares como causa de seu insucesso escolar.

Valdir: minha mãe e meu padrasto ficavam brigando, né? Aí ficava estressando e não estudava direito. Aí, é foda.

Ricardo: e como foi, assim, crescer nesse ambiente, de seus pais, sua família?

Norberto: ah, vou te dizer que não foi um ambiente legal, não, porque psicológico da gente.... Enquanto cê é criança, cê não leva muito. Cê vê aquelas brigas, cê vê aquelas discussões, assim, cê não esquenta, não, mas depois que vai passando um certo tempo, cê vai crescendo, assim, cê vai vendo, o psicológico fica muito, assim, a gente mexe muito, porque a gente não quer uma vida. A gente não quer ver briga, discussão. A gente não quer ver palavras feias. A gente quer ver um lar feliz, né? Então, mexe muito com o psicológico, mas graças a Deus, hoje eu sou aquilo que eu presenciei, aquelas cenas, assim, a gente tenta deixar pra trás e esquecer, né? Porque é difícil. Mas a minha vontade era do meu pai tá junto com minha mãe, mas, infelizmente, não deu certo. Eu tive que aceitar, né?

Se pensarmos em termos de peso de variáveis, podemos observar que o ambiente familiar (harmônico ou conflituoso) tem mais efeito sobre o sucesso escolar do que o tipo de estrutura familiar (monoparental ou biparental). Os jovens bem-sucedidos na escola foram criados em famílias monoparentais e biparentais em proporções parecidas. Contudo, apenas no caso de Geraldo, há relatos de conflitos familiares explícitos, no qual o entrevistado foi exposto durante um período relativamente longo de tempo a presenciar os constantes conflitos familiares. Pesquisas quantitativas futuras podem testar a validade dessas proposições em grandes amostras probabilísticas.

⁵³ A história de Hélder já foi contada nas páginas 84 a 89.

Estar em um ambiente conflituoso pode ter distintas consequências, como entrar numa vida de infrações à lei, abandonar a escola e ser obrigado a garantir o próprio sustento. O início da trajetória de jovens infratores de Heitor e Jerônimo reside nos intensos conflitos familiares que marcaram a infância.

Emílio foi obrigado a garantir o seu próprio sustento, devido às constantes brigas entre ele e seu padrasto – o único provedor do domicílio onde mora. Relata que desde os quatorze anos tem de reservar uma parte do dinheiro de seu trabalho para bancar os seus próprios gastos. Além disso, seu padrasto não lhe oferece dinheiro para comprar vestuário e para viver a vida de um jovem.

Algo semelhante aconteceu com Valdir. Seu padrasto não lhe oferecia dinheiro para comprar aquilo de que tinha vontade, mas, ainda assim, tinha acesso a alguns bens materiais devido ao fato de sua mãe trabalhar. A família passou por momentos de necessidade devido à displicência do seu padrasto com relação ao pagamento das despesas básicas. Assim, Valdir também foi levado a entrar precocemente no mercado de trabalho.

Tanto Emílio quanto Valdir foram reprovados por mais de duas vezes na escola e abandonaram a escola na sétima e sexta séries, respectivamente. Esse fato pode estar relacionado, em primeiro lugar, às disposições escolares desenvolvidas, por um lado. Por outro lado, pode estar relacionado à incapacidade da família em controlar a trajetória dos jovens. Eles puderam imputar pontos de virada em suas vidas sem sofrer graves reprovações. Emílio, por exemplo, além de ter abandonado a escola precocemente, já emigrou para São Paulo quando ainda era adolescente. É dependente de maconha e anda com jovens em conflito com a lei. Em terceiro lugar, pode estar relacionado às características das escolas onde estudaram, que fornecem pouco apoio aos alunos com problemas familiares.

Todos os sete trabalhadores disciplinados foram reprovados pelo menos uma vez. Entre os onze bem-sucedidos na escola, quatro já foram reprovados e um abandonou a escola no segundo ano do ensino médio e conseguiu o diploma por meio da nota mínima do ENEM, um ano e meio depois.

A escola, para o grupo dos trabalhadores disciplinados, pode ser fonte de frustração, como relatado por Hélder (p.86-89), pode ser um lugar que faça com que o jovem se sinta “burro” (p.106-107) ou onde se sinta injustiçado (p.115-116). Esse é um grupo de jovens em que as experiências negativas na escola influenciou o abandono escolar precoce.

Além de ser fonte de frustração, as exigências escolares podem entrar em conflito com os interesses imediatos, como no caso de Rômulo (p.89 e 102-103), que abandonou a escola por ela interferir na sua rotina de trabalho, ou de Rubens (P.118-122), que preferiu investir no relacionamento com aquela que se tornou sua esposa a terminar o ensino médio. Rubens preza por uma vida modesta, não colocando a si próprio a aspiração de ter um emprego de alta remuneração. Esses dois jovens, diferentemente dos outros cinco, viveram em lares harmoniosos.

A maioria dos trabalhadores disciplinados trabalha em ocupações que pagam um salário mínimo. Atualmente, conforme analisado nas páginas 103, as expectativas profissionais desses jovens não dizem respeito a ter empregos ligados a uma alta escolaridade. Nenhum deles faz planos de emigrar. Apenas Norberto afirma que se estivesse uma escolaridade mais elevada, não estaria morando mais em Campestre.

Sequências dos trabalhadores disciplinados

Emílio

Características: Moreno escuro. É criado pelo padrasto e pela mãe. Sua mãe é religiosa, membro da Congregação Cristã do Brasil. Ela é dona de casa. O principal provedor da família de Emílio é o seu padrasto, com quem tem um péssimo relacionamento. Possui uma irmã que é filha de sua mãe e de seu padrasto. Autodeclara-se moreno escuro. Sua mãe tem fundamental incompleto.

Sequência: Nascimento -> separação do pai e da mãe quando ainda era recém-nascido -> mãe se casa pela segunda vez quando tinha dois anos de idade -> entrada na escola-> entrada no mercado de trabalho aos 14 anos-> evasão escolar no mesmo ano que entrou no mercado de trabalho -> mudança para São Paulo-SP -> início da dependência de maconha -> retorno a Campestre oito meses depois -> obtenção do emprego de pintor -> demissão quando seu patrão mudou-se para Poços de Caldas.

Hélder

Características: Moreno escuro. Nasceu numa casa onde moravam sua mãe, um irmão, dois tios, duas primas e sua avó. Sua mãe é analfabeta pelo fato de sua avó ter tido muitos filhos e não ter sido capaz de prover educação para todos. Sua mãe trabalha como apanhadora de café.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> sentimento de que aqui não é o meu lugar -> adoecimento de sua avó -> entrada no mercado de trabalho aos oito anos de idade -> mudança para uma comunidade religiosa -> morte de sua avó -> retorno para a casa de sua família -> abandono escolar -> torna-se um dos principais provedores aos doze anos de idade -> consegue emprego como balconista de bar aos 15 anos de idade.

Norberto

Características: Autodeclara-se branco. Nasceu na zona rural de um município vizinho a Campestre. Como seus pais brigavam constantemente quando era criança, passava a maior parte do tempo na casa de uma tia. Sua mãe se casou pela segunda vez quando Norberto tinha por volta de 16 anos, o que fez com que a situação econômica de sua família melhorasse. Atualmente, tem vinte e quatro anos e trabalha com seu padrasto na venda de frutas e verduras por atacado. Sua mãe saiu da escola na quarta série.

Sequência: Nascimento -> separação dos pais quando ele tinha dez anos de idade -> mudança para Campestre -> aos quatorze anos de idade começou a ajudar a sua mãe no comércio dela -> casamento de sua mãe pela segunda vez -> início do trabalho com seu padrasto -> evasão escolar no primeiro ano do ensino médio.

Rômulo

Características: Autodeclara-se branco. Nasceu e foi criado na zona rural de Campestre. Trabalha como agricultor com seu pai. Família biparental. Possui uma irmã. Estudou o ensino fundamental I na zona rural e transferiu-se para uma escola na zona urbana na sexta série. Ambos os pais estudaram até a quarta série.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> entrada no mercado de trabalho aos quatorze anos como ajudante de seu pai na lavoura -> transferência para o turno noturno na escola -> sentimento de cansaço por ter de conciliar trabalho e escola -> evasão escolar.

Rubens

Características: Autodeclara-se moreno. Foi abandonado pela mãe biológica quando ainda era recém-nascido. Morou num orfanato até os quatro anos de idade, quando foi adotado pela família atual. A mãe adotiva de Rubens tem sete filhos, enquanto seu pai adotivo possui onze.

Juntos, sua mãe e seu pai adotivos possuem apenas uma filha. Sua mãe biológica possui quatro filhos. Não sabe ao certo quantos filhos tem o seu pai biológico. Nasceu na zona rural do município e mudou-se para a zona urbana por volta de dez anos de idade. Aos dezessete anos de idade, tornou-se religioso. Atualmente é casado há um ano. Seus pais adotivos são analfabetos.

Sequência: Nascimento -> abandono pela mãe -> entrada no orfanato -> adoção -> entrada na escola -> mudança para a zona urbana -> entrada no mercado de trabalho -> reprovação escolar -> apaixonou-se por uma moça aos 17 anos -> radical mudança de identidade -> evade a escola no primeiro ano do ensino médio para passar mais tempo com a namorada -> casamento.

Valdir

Características: Branco. Sua mãe mudou-se para o interior de São Paulo para morar com o homem que foi seu padrasto quando tinha dois anos de idade. Por ser o filho mais velho de sua mãe, tinha a responsabilidade de cuidar dos seus três irmãos para que ela e seu padrasto pudessem trabalhar na lavoura de laranja. Tem baixa autoestima devido à sua posição social, considerando-se feio, burro e pobre. É uma pessoa de poucas amizades. Atualmente, encontra-se desempregado, mas trabalha na colheita de café de quatro a cinco meses no ano. Sua mãe é semianalfabeta.

Sequência: Nascimento -> mudança para o interior de São Paulo -> entrada na escola -> responsabilidade de cuidar dos irmãos -> abandono escolar na sexta série -> mudança para Campestre -> dois anos desempregado -> entrada no mercado de trabalho -> separação da sua mãe e do seu padrasto -> perde o emprego como soldador -> passa os últimos quatro anos trabalhando apenas na colheita de café.

Vicente

Características: Branco. Nascido em família biparental. Possui uma irmã. Ambos os pais são microempreendedores individuais. É adepto à cultura do rock e do skate. Tem um perfil psicológico de pessoa rebelde e inconformista. Sua mãe tem ensino médio completo e seu pai, ensino médio incompleto.

Sequência: Nascimento -> entrada na escola -> evasão escolar no primeiro ano do ensino médio -> passa por vários empregos por meio da rede social de seus pais -> trabalha há três anos como auxiliar de seu pai.

Na relação entre escola e mercado de trabalho, observamos que alguns jovens abandonaram a escola porque essa instituição não condizia com os seus interesses no mercado de trabalho, como nos casos de Rômulo e Hélder. Nesses casos, a inserção no mercado de trabalho acontece antes da evasão escolar e essa inserção é central no processo de evasão.

Num segundo tipo de relação entre escola e mercado de trabalho, ilustrado por Valdir e Vicente, a inserção no mercado de trabalho é uma consequência da evasão escolar. Esses jovens, por diversos motivos, sentiam-se mal no ambiente escolar e evadiram. A fim de evitar o ócio, dar sentido às suas rotinas e atender às condições impostas pelos seus pais, decidiram ingressar no mercado de trabalho. Assim, a entrada no mercado de trabalho acontece depois da evasão escolar.

Um terceiro tipo de relação se dá na interação entre as duas instituições, como ilustrado por Rubens. Esse jovem, ao mesmo tempo, trabalhava durante o dia, estudava à noite, namorava e sentia a necessidade de participar de atividades religiosas. Para conciliar todas essas atividades, decidiu abandonar a escola. Rubens acreditava que investir no mercado de trabalho e no relacionamento com sua namorada trazia mais benefícios a longo prazo do que permanecer na escola. Esse jovem está casado atualmente.

As sequências desses jovens também evidenciam, em comparação com os bem-sucedidos na escola, um maior número de pontos de virada. Esses jovens inseriram pontos de virada em suas vidas que provavelmente não aconteceriam na maioria dos casos de jovens bem-sucedidos na escola. Evadir a escola para investir num relacionamento amoroso, morar em uma comunidade religiosa aos nove anos de idade e mudar-se para São Paulo aos quatorze anos de idade são eventos que dificilmente aconteceriam nas famílias dos bem-sucedidos na escola. A capacidade das famílias de controlar as trajetórias dos filhos é menor nesse grupo. Esses eventos se justificam pela instabilidade moral, material e afetiva dos lares em que foram criados.

Howard Becker (1964) afirma que as experiências nas instituições e as suas exigências oferecem incentivos para que a pessoa alinhe os seus comportamentos e interesses às instituições. Contudo, segundo esse mesmo autor, há casos de desajuste devido às novas coortes que ingressam nas instituições e às diferenças de experiência segundo o gênero, a classe, a “raça”, dentre outras categorias. No que diz respeito à classe social, pesquisas na área de Sociologia da Educação evidenciam que o ambiente familiar na maioria dos lares das classes populares contradiz com as exigências escolares. Esse dado se aplica à maioria dos casos dos trabalhadores disciplinados.

Entretanto, há o caso de Vicente, em que os pais são escolarizados, possuíam uma elevada aspiração com relação ao seu filho e no seu domicílio estavam presentes, até onde os dados da entrevista permitem afirmar, os elementos para a formação de um *habitus* condizente com as exigências escolares. Por motivos que não foram possíveis de compreender, Vicente tem uma personalidade rebelde. Ele tem dificuldades em lidar com a autoridade. A sua evasão escolar explica-se em grande medida por esse traço de personalidade.

Para compreender por que esses jovens são trabalhadores disciplinados e não jovens infratores, é preciso analisar as características das sequências desses últimos.

6.3. Os Jovens Infratores

São dois os casos de jovens infratores nesta pesquisa. Apesar do pequeno número, a questão da delinquência na cidade pode ser compreendida à luz dos demais dados coletados, que incluem tanto a narrativas dos outros dezoito entrevistados, quanto os dados estatísticos e as observações de campo. Os dois jovens incluídos nessa categoria, atualmente, não se inserem mais nessa categoria. Jerônimo abandonou o tráfico e a prática de furtos aos quinze anos de idade, quando ingressou em uma clínica de reabilitação de usuários de drogas. Heitor abandonou a turma em que estava inserido quando mudou-se para Poços de Caldas.

Cometer delitos pode ser analisado como uma trajetória ou como um evento. A infração como uma trajetória acontece quando a pessoa comete ações recorrentes, tem as suas ações ligadas a uma rede social e assume uma identidade ligada à criminalidade. A prática de delitos como eventos acontece, muitas vezes, por impulso ou devido à uma situação específica que levou a pessoa a agir de determinada forma. Nesses casos, a pessoa pratica atos infratores de maneira ocasional e não assume nenhuma identidade ligada ao crime. Em alguns casos, eventos infratores podem ser flagrados pela polícia e a pessoa que o praticou pode iniciar uma trajetória infratora marcada pela participação em instituições estatais, como presídios. Dos dois jovens incluídos na categoria de jovens infratores, apenas Heitor teve a sua trajetória selada pelo Estado. Apesar de não ter cumprido a pena na prisão, a ficha policial de Heitor está “suja”. Jerônimo nunca teve a sua trajetória em atos infratores selada pelo Estado. Considero os percursos de vida desses dois jovens como trajetórias e não como eventos pelo selo do Estado e pela identidade infratora no caso de Heitor e pela recorrência do tráfico no caso de Jerônimo.

As narrativas biográficas desses dois jovens já foram extensamente contadas ao longo desta dissertação. Eles contam a sua história de maneira diferente, o que pode influenciar na qualidade dos dados coletados e na comparabilidade das sequências. Jerônimo conta a sua história de modo a mostrar como ele era uma pessoa ruim antes da clínica de reabilitação e de como conseguiu superar todas as adversidades para se tornar um bom rapaz. Ele aparentou ser muito aberto a esmiuçar a sua trajetória na delinquência. Heitor, por outro lado, conta a sua história com reservas. Ele apenas conta os atos que sua turma praticava, mas nunca colocava a si mesmo como perpetrador. Conta os fatos como se ele fosse vítima ou acompanhante das ações de sua turma. Quando perguntado diretamente se ele tinha cometido algum crime, Heitor hesitou, tremulou e apenas disse na escola, roubando lanches da cantina. A inferência dos atos de Heitor foi feita principalmente de modo lógico – analisando a coerência de sua narrativa.

Abaixo, ilustra-se a sequência de vida desses dois jovens, que é marcada por um número maior de pontos de virada do que de quaisquer outros jovens entrevistados.

Jerônimo:

Condições Iniciais: Foi abandonado pela mãe aos seis meses de idade. Ela morava em São Paulo-SP, veio para Campestre apenas para dar à luz a Jerônimo, retornou para São Paulo e nunca mais o viu. Foi criado pelos avós. Morador de uma viela pobre com incidência de tráfico e violência. Na sua casa moravam sete pessoas, incluindo tios, avós, irmã e primos. Passavam graves necessidades materiais. Foi matriculado na creche aos dois anos de idade. Ingressou na escola aos seis. Aos seis anos já pedia dinheiro na rua e praticava pequenos furtos. Não havia nenhum controle sobre seu comportamento. Nunca teve muitos amigos.

Sequência:

Nascimento -> abandonado pela mãe -> entrada na creche -> início da prática de pequenos furtos e mendicância -> entrada na escola -> dependência de maconha e cocaína -> entrada no tráfico de drogas -> sentimento de esgotamento das condições de vida que levava -> entrada na clínica de reabilitação -> retorno à 'sociedade' -> dois anos seguindo à risca a rotina prescrita pela clínica de reabilitação -> retorno à escola -> mudança para Poços de Caldas -> entrada no mercado de trabalho.

Heitor

Condições Iniciais: Quinto filho de um total de seis. Nascido numa família biparental. Morador de uma viela pobre não violenta. Seus irmãos assumiram o papel de educador moral.

Sequência:

Nascimento -> entrada na escola -> aluno indisciplinado -> seguidas reprovações escolares -> abandono escolar -> inserção numa turma de amigos infratores -> prática de pequenos delitos -> trabalho temporário na colheita de café -> mudança para Poços de Caldas -> trabalho fixo -> início da vida conjugal -> retorno a Campestre.

Comparando a vida desses dois jovens, observam-se algumas diferenças. Jerônimo não teve nenhum controle moral em sua vida, ao passo que Heitor revoltou-se contra o excesso de controle sobre ele mesmo⁵⁴. Jerônimo morava num bairro pobre com incidência de criminalidade, enquanto Heitor também morava num bairro pobre, mas sem criminalidade. Jerônimo praticava os seus atos sem o suporte de uma turma de amigos. A turma de amigos foi um elemento central na inserção de Heitor à prática de atos infratores. Jerônimo era dependente de drogas. Já Heitor admite nunca ter usado drogas ilícitas. Segundo narra, seus amigos o caçoavam por ao menos fazer uso de maconha. Um de seus irmãos conta uma versão diferente em relação ao comportamento de Heitor nesse aspecto. Os delitos de Jerônimo giravam em torno de pequenos furtos e tráfico de drogas, enquanto os de Heitor nos de furtos, arruaças e brigas. Jerônimo iniciou a prática de delitos aos seis anos de idade, enquanto a primeira aparição desse tipo de prática somente aparece na narrativa de Heitor aos 14 anos de idade.

Como semelhança, os dois jovens nasceram em bairros pobres, apesar das diferenças entre os bairros. Nunca tiraram notas altas na escola e agiam provocando algazarra. Ambos relatam um sentimento de superioridade pela vida que levavam, sendo esse o principal denominador comum entre os dois e que os diferenciam dos jovens trabalhadores disciplinados. Nenhum dos dois tinha uma vida familiar harmoniosa. Na escola, tinham poucas condições de serem bem-sucedidos por terem pais analfabetos e sem um meio que direcionasse as suas disposições para o estudo. Jerônimo, por ser negro, pobre, “*favelado*” (o bairro onde morava é estigmatizado), sem mãe e rotulado de louco sofria uma forte discriminação social. Heitor considera-se um bom jogador de futebol, mas a contingência de ter encontrado uma turma de jovens em que se “encaixava” o levou a obter reconhecimento em outro domínio.

⁵⁴ Esse dado não contradiz com a característica citada anteriormente dos jovens bem-sucedidos na escola terem controle familiar. Esse dado na vida de Heitor apenas mostra que os atores sociais têm agência e que as consequências se dão de maneira contingencial. Seus irmãos estão na categoria de bem-sucedidos na escola.

Mesmo o fator de baixo autocontrole não é uma condição necessária para compreender a sequência dos dois jovens, especialmente a de Jerônimo. Esse jovem demonstra possuir um alto grau de autodisciplina e de autocontrole pela forma como narra os seus furtos, pelo modo que agia para não demonstrar para a polícia que era um traficante e pelo controle que se colocou para não se tornar um viciado em crack. Foi devido, principalmente, a essas duas características que ele conseguiu abandonar o vício de drogas. O ambiente religioso e o apoio familiar não lhe serviram como um meio de abandonar a delinquência e a dependência em drogas, mas sim o sentimento de esgotamento, a ajuda de um vizinho, a reprogramação cognitiva pela qual passou na clínica de reabilitação e a disciplina. Jerônimo sempre esperava pelo momento em que não seria percebido pela vítima e pelas testemunhas. Dessa forma, conseguiu passar nove anos praticando atos ilegais sem nunca ter sofrido ao menos uma abordagem policial. É plausível supor que se Jerônimo tivesse nascido em condições iniciais diferentes e encontrasse um ambiente institucional mais acolhedor, ele poderia ter se tornado um aluno de alto desempenho escolar, uma vez que possui as duas principais disposições de um aluno estudioso. O que faltou para que isso acontecesse foi o direcionamento de suas disposições para fins de estudo.

O sentimento de superioridade nos dois associa-se a um ideal de hipermasculinidade, em que ser *forte*, aventureiro e temido são características desejáveis. Nesta pesquisa, observam-se diferentes formas de uma pessoa se sentir reconhecida e “superior”. Alguns sentem-se assim por perceberem a si mesmos como mais musculosos e bonitos. Outros, como mais inteligentes. Outros ainda, principalmente os que estão em meio religioso, como moralmente superiores. Por último, por serem habilidosos na prática de algum esporte. Há alguns jovens que não demonstraram a necessidade de possuir esse sentimento de maneira intensa. São jovens que valorizam uma vida modesta ou os relacionamentos familiares e afetivos.

O que explica a inserção dos jovens de origem popular em uma certa carreira moral pode ser encontrado nas interações entre suas condições iniciais, os recursos familiares e sociais, as relações entre os eventos das sequências, a agência (como no caso de Heitor que buscou ativamente se inserir numa turma de amigos), nas contingências (como no caso de Olívio que se inscreveu na academia de musculação) e no funcionamento das instituições.

Nem Jerônimo nem Heitor foram presos em nenhum momento de suas vidas. Ambos parecem ter interrompido a trajetória de crimes contra a propriedade ou de tráfico de drogas. Heitor admite que o fato de ter evadido a escola precocemente e de ter uma má fama na cidade têm

consequências negativas para a sua inserção no mercado de trabalho. Ele tem dificuldades em conseguir empregos leves e sob a sombra. Jerônimo mudou-se de cidade a fim de conseguir livrar-se do estigma de ex-menino de rua e ex-delinquente. Afirma ter tido sucesso na construção de uma identidade de uma pessoa *normal*. Espera a partir de agora continuar os estudos que foram retomados há um ano e ingressar na universidade no curso de Medicina, para que possa trabalhar em clínicas de reabilitação de dependentes químicos. Assume sentir vontade de usar drogas de vez em quando e que é preciso controlar os seus impulsos para que não ceda à tentação de usar.

Este capítulo trata dos fatores comuns às sequências dos percursos de vida de três categorias: bem-sucedidos na escola, trabalhadores disciplinados e jovens infratores. O ambiente familiar, o processo de controle das trajetórias, a carreira moral, as contingências, a relação entre os eventos das sequências, a experiência na instituição escolar e os interesses imediatos são fatores que agem para que jovens em condições econômicas parecidas apresentem pontos atuais distintos.

Considerações Finais

A maior contribuição desta dissertação é demonstrar que, para compreender como jovens em condições socioeconômicas relativamente parecidas seguem percursos de vida diferentes, é preciso olhar para as *interações* entre as condições iniciais de vida, os recursos familiares e sociais, as relações entre os eventos que compõem as sequências, o funcionamento das instituições sociais, as contingências e a agência individual. Esta pesquisa também evidencia a necessidade de se olhar para os eventos não recorrentes.

Este estudo mostrou como esses elementos operam no contexto de uma pequena cidade localizada no sul do estado de Minas Gerais, com jovens em condições econômicas relativamente parecidas e com acesso aos mesmos espaços e instituições. Os elementos de diferenciação são inúmeros, não sendo possível “manter tudo mais constante”. As características dos jovens variam no que diz respeito à "raça", à estrutura familiar, ao local de moradia, à renda, à escolaridade dos pais, ao nível de religiosidade familiar, ao número de irmãos, à relação com a família extensa, ao tipo de ocupação dos pais, ao nível de riqueza, dentre outros fatores. As combinações entre essas características criam recursos, barreiras e constrangimentos que são distintos entre os jovens entrevistados.

Em relação ao acesso aos mesmos espaços e instituições, esta pesquisa mostrou que, apesar de as escolas do município serem todas públicas e estarem, em sua maioria, localizadas na mesma zona de abrangência geográfica, o perfil dos alunos de cada escola é estratificado segundo a classe social e o local de moradia. Mesmo dentro de uma mesma escola, existem diferenças nas características das turmas segundo os mesmos atributos.

As experiências dos jovens dentro da escola dependem de suas características pessoais e socioeconômicas. Ocorrem processos de má fé institucional, como rotulação, depredação do ego, ausência de políticas de reforço escolar e atendimento personalizado a estudantes com problemas familiares, que propiciam experiências negativa e podem resultar na evasão escolar.

Independentemente da classe social, os jovens do município frequentam os mesmos bares e festas, mas há variações na ocupação do espaço. São formados *clusters* de pessoas de mesma classe social dentro desses espaços.

As características do mercado de trabalho local fazem com que a rede social seja um fator central para o ingresso e permanência no mercado de trabalho. Jovens sem capital social

apresentam dificuldades no mercado de trabalho. A família tem um importante papel em prover emprego para os jovens, por meio dos contatos com os empregadores, das informações privilegiadas e pela oferta direta de emprego quando os familiares são empregadores.

No que diz respeito ao processo de emigração – que está intimamente ligado à mobilidade social por haver oferta de poucos empregos qualificados no município -, as condições variam de acordo com o tipo de emigração e com o local de destino. Emigrantes motivados a trabalho dependem em maior medida da rede de familiares. Aqueles motivados pela educação, devido à ligação com a instituição de ensino superior, dependem em menor medida da rede social de familiares, a não ser que tenham como objetivo emigrar para uma grande cidade. A emigração para uma cidade média vizinha é facilitada pela estrutura de emigração entre as duas cidades, marcada por um elevado número de moradores da pequena cidade no município vizinho, pela existência de empregadores do município de origem e de um elevado conhecimento dos moradores do município de origem em relação às condições geográficas, econômicas e sociais do município receptor.

A questão do racismo não foi tratada minuciosamente nesta pesquisa, em larga medida, devido aos poucos relatos de experiências de discriminação dos jovens entrevistados e da baixa consistência dos dados sobre o processo de racismo na cidade. Os traços que marcam diferenças raciais entre os moradores do município onde a pesquisa foi conduzida são relativamente homogêneos. As diferenças entre os "pardos" e os "brancos" são pouco marcantes. A proporção de "pretos" é muito baixa. O racismo em Campestre se processa, principalmente, em conjunção com a segregação espacial, em que existe uma concentração de pessoas negras em alguns bairros que são estigmatizados no município.

Além de ter olhado para o funcionamento das instituições, esta pesquisa analisou a relação entre os eventos que compõem a sequência, analisando os percursos de vida individualmente. Os dados evidenciam como os processos de rotulação, vantagens cumulativas, desvantagens acumuladas, carreira moral, ajuste às situações e controle da trajetória agem de modo a alterar ou sustentar uma determinada trajetória. Essas análises inseriram-se em meio às análises sobre as instituições, pois o objetivo foi analisar como as instituições influenciam os percursos de vida.

Um terceiro tipo de análise conduzido foi analisar as sequências conjuntamente, elaborando-se três categorias: bem-sucedidos na escola, trabalhadores disciplinados e jovens

infratores. A pesquisa mostra como o ambiente familiar, a relação entre os eventos da sequência e as experiências nas instituições podem ser agrupadas, de modo a compreender as semelhanças e diferenças entre jovens com pontos atuais semelhantes.

Respondendo à pergunta de como jovens de mesma origem social seguem percursos de vida distintos, podemos afirmar que fatores como “raça”, local de moradia, renda familiar, dentre outros, condicionam certos percursos e experiências, porém não determinam totalmente os percursos de vida. As sequências de eventos ao longo da vida redirecionam trajetórias e tornam prováveis certas trajetórias que seriam improváveis se fossem considerados somente os fatores estruturais.

Esta pesquisa tem a vantagem de ter empregado um arcabouço metodológico e conceitual pouco conhecido na sociologia brasileira. A partir da literatura sobre percurso de vida, da teoria de Andrew Abbott e da proposta analítica de Mario Luís Small, foi possível abandonar a ênfase sobre fatores, categorias e generalizações - tão presentes na literatura sociológica - e observar processos, intersecções e condições. O avanço teórico se dá por meio da diversidade de ideias, métodos, referenciais analíticos e conceitos. É tendo isso em vista que esta pesquisa buscou inovar em certo sentido.

Por outro lado, ela possui algumas limitações. Em primeiro lugar, o problema de pesquisa surgiu apenas depois de coletados os dados. Os quadros analítico, teórico e conceitual surgiram somente durante a análise de dados. Assim, ao longo da análise surgiram questões que não puderam ser respondidas com os dados disponíveis. Espera-se que pesquisas futuras venham a responder algumas questões suscitadas pela pesquisa.

É preciso compreender como a estrutura familiar afeta o alcance socioeconômico, levando-se em consideração: 1) o ambiente familiar - se harmonioso ou conflituoso ; 2) a duração de eventos, como convivência com o padrasto e morte na família, e 3) o tempo de ocorrência dos eventos de mortes, separações e convívio com o padrasto/madrasta, isto é, se acontecem na infância, na adolescência ou na idade adulta.

Um segundo tipo de problema que os dados suscitam é a necessidade de se comparar o racismo de acordo com o tamanho das cidades. Em cidades pequenas, o nível de informação sobre os moradores da cidade é mais alto do que nas cidades grandes. Como a discriminação racial ocorre, em certa medida, devido ao problema de tomada de decisão em um ambiente de informações incompletas, é preciso estudar de que maneira ela ocorre nesses contextos. Além disso, esta

pesquisa mostra a necessidade de se compreender o racismo brasileiro de acordo com a distribuição da população de acordo com o critério de "raça". Campestre é diferente de Porto Alegre, onde existe uma divisão nítida entre brancos e negros, ou de Belo Horizonte, em que a população se distribui em um contínuo que vai desde o "preto" até o "branquelo", passando por todos os tons de moreno. Os traços socialmente definidos como "raciais" dos moradores do município são homogêneos de certa forma, mas ainda assim os discursos raciais operam no interior da localidade.

Um terceiro problema de pesquisa diz respeito à interação entre juventude e polícia em contextos de pequenas cidades. Existem elementos nessa relação que podem contribuir para o avanço teórico desse problema. Os policiais são membros da comunidade que atendem. Eles frequentam a mesma igreja dos pais dos potenciais infratores; conhecem, em muitos casos, a família dos infratores e têm contato com os potenciais infratores em situações ordinárias. A juventude da população conhece os filhos e filhas dos policiais, sabe onde os policiais moram e têm informações sobre a vida pessoal deles.

Um quarto problema de pesquisa levantado pelos dados diz respeito à relação entre capital cultural, disposições e desempenho escolar. Os dois jovens com maior potencial de se ascenderem socialmente têm em comum o hábito de estudar. As pesquisas na área de educação devem partir da premissa de que, para alcançar um elevado desempenho escolar, o aluno precisa estudar com afinco. Não é à toa que os dados do PISA revelam que os países do leste asiático, onde os estudantes passam horas do seu dia estudando, estão entre os mais bem colocados nos *rankings* de proficiência. É preciso compreender em quais situações o aluno é motivado a estudar e quais são as condições institucionais e culturais que fazem com que os brasileiros de um modo geral, especialmente os de baixo nível socioeconômico, dediquem pouco tempo ao seu estudo, especialmente em comparação com os estudantes dos países do leste asiático. Tomar esses elementos como foco de análise pode lançar luz a novos mecanismos de reprodução social. Usar esse modelo proposto muda a maneira como diferenciamos capital cultural, distinção social e disposições. Ter conhecimento sobre MPB é um elemento que distingue, especialmente no sudeste do país, a classe média das classes populares. Contudo, ter esse conhecimento não é uma condição necessária, muito menos suficiente, para que um estudante tenha o desempenho necessário para que consiga ser aprovado em um curso de Medicina, por exemplo. Ser aprovado num vestibular concorrido requer, principalmente, dedicação, disciplina e sorte. É a essas duas disposições que as pesquisas devem atentar.

Além dos problemas de pesquisa suscitados que não puderam ser respondidos pelos dados, essa pesquisa tem a limitação de ter empregado um número limitado de casos em algumas análises. Todo caso diz algo a respeito da realidade. Porém, um alto número de casos permite enxergar o problema sob diferentes condições. Assim, não foi possível atingir em algumas análises a saturação teórica proposta por Small (2009). Entretanto, não podemos afirmar que as análises feitas com poucos casos são inválidas, elas apenas estão incompletas.

Em termos de políticas públicas, esta pesquisa sugere que essas sejam desenhadas segundo a perspectiva de trajetórias e pontos de virada. Os analistas devem considerar quais são as trajetórias desejáveis e como fazer com que os indivíduos trilhem essas trajetórias, evitando os pontos de virada socialmente indesejáveis. As escolas, por exemplo, poderiam concentrar-se em oferecer reforço escolar, ao invés de reprovar os alunos. Poderiam oferecer um acompanhamento individual aos casos de jovens com poucos recursos familiares e socioeconômicos. Poderiam monitorar alguns alunos para terem informações sobre as características atuais de suas sequências.

As políticas públicas sempre partem de uma perspectiva normativa sobre como deve ser a sociedade e como os indivíduos devem agir. Existe uma certa tendência dos fazedores de políticas, de maneira quase subconsciente, a desenhar as políticas públicas segundo a lógica neoliberal de investimento pessoal, individualismo e desenvolvimento de habilidades para o crescimento econômico. Os fazedores de políticas públicas não devem pressupor, como geralmente ocorre, que o desejável é que todos devem concluir o ensino médio, entrar na universidade, receber um alto salário e contribuir para o crescimento econômico do país. Uma vez que as ocupações de classe média são limitadas por natureza, é preferível que as políticas públicas concentrem-se em melhorar as condições de trabalho da classe popular, por meio da elevação salarial, da diminuição da desigualdade salarial, da formalização do emprego, da fiscalização sobre os patrões que cometem irregularidades e da provisão de bens públicos.

Referências

- ABBOTT, Andrew e HRYCAK, Alexandra. Measuring Resemblance in Sequence Data: an Optimal Matching Analysis of Musicians' Careers. **American Journal of Sociology**, vol. 96, nº1, 1990.
- ABBOTT, Andrew. A Primer on Sequence Methods. **Organization Science**, vol. 1, nº 4, 1990.
- _____. Sequence Analysis: New Methods for Old Ideas. **Annual Review of Sociology**, vol. 21, 1995.
- _____. **Time Matters: On Theory and Method**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- BARBIANI, Rosângela. Mapeando o Discurso Latino-Americano sobre Juventude(s): a Unidade na Diversidade. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, vol. 6, nº 1, 2007.
- BECKER, Howard. Personal Change in Adult Life. **Sociometry**, vol. 27, nº 1, 1964.
- BOISSEVAIN, Jeremy. **Friends of Friends: Networks, Manipulators, and Coalitions**. New York: St. Martin's Press, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma Palavra. In: **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANNEN, Julia. & NILSEN, Ann. Comparative Biographies in Case-based Cross-national Research: Methodological Considerations. **Sociology**, vol. 45, nº 4, 2011.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultados do IDEB por Escola**. Disponível em: < <http://ideb.inep.gov.br/>> Acesso em: 28 set. 2015.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Produção de Café no Brasil*. Disponível em < <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatisticas>>. Acesso em: 6 jun. de 2015.
- CAMARANO, Ana Amélia e MELLO, Juliana Leitão. Introdução. In: **Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?**Org: CAMARANO, Ana Amélia. IPEA, Rio de Janeiro, 2006.
- CARNEIRO, Maria José. **O Ideal Rurbano: Campo e Cidade no Imaginário de Jovens Rurais**, 1997. Disponível em: < biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/carne.rtf>.

CARON, Jean Claude. Os Jovens na Escola: Alunos de Colégios e Liceus na França e na Europa (fim do século XVIII - fim do século XIX). In: **História dos Jovens: A Época Contemporânea**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CHASE, Susan. Narrative Inquiry: Multiple Lenses, Approaches, Voices. In: **The Sage Handbook of Qualitative Research**, 3rd ed. Thousand Oaks : Sage, 2005.

COLEN, Cynthia. Addressing Racial Disparities in Health using Life Course Perspectives. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, v. 8, 2011. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1017/S1742058X11000075> >.

CORREA, Sílvio Marcos de Souza. Os Jovens de uma Cidade de Médio Porte no Brasil. In: Orgs: TELES, Nair, **Um Olhar sobre o Jovem no Brasil**, Brasília-DF, Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

COSTA, Márcio e KOLINSKI, Mariane Campelo. Quase-Mercado Oculto: Disputa por escolas "comuns" no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 41, nº 142, 2011.

DAYRREL, Juarez. A Escola "faz" as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, nº 100, 2007.

_____. O Jovem como Sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, 2003.

_____. O Rap e o Funk na Socialização da Juventude. **Educação e Pesquisa**, vol. 28, nº 1, 2002.

DiPRETE, Thomas e EIRICH, Gregory. Cumulative Advantage as a Mechanism for Inequality: A Review of Theoretical and Empirical Developments. **Annual Review of Sociology**, vol. 32, 2006.

EACCOTT, Chelsea e SONN, Christopher. Beyond Education and Employment: Exploring Youth Experiences of Their Communities, Place Attachment and Reasons for Migration. **Rural Society**, vol. 16, nº 2, 2006.

EBBESEN, Ebbe, KJOS, Glenn, KONECNI, Vladimir. Spatial ecology: Its effects on the choice of Friends and Enemies. *Journal of Experimental Social Psychology*, vol. 12, nº 6, 1976.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders : Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2000.

ÉRNICA, Maurício e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A Escola, A Metrópole e a Infância Vulnerável. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, vol. 42, nº 146, 2012.

FABRE, Daniel. Ser Jovem na Aldeia. In: **História dos Jovens: A Época Contemporânea**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

FARRUGIA, David; SMYTH, John e HARRISON, Tim. Rural Young People in Late Modernity: Place, Globalisation and the Spatial Contours of Identity. **Current Sociology**, vol. 62, nº 7, 2014.

FURHAN, Adrian. **Young's People Understanding of Society**. New York: Routledge, 1991.

FURLONG, Andy; WOODMAN, Dan e WYN, Johanna. Changing times, Changing Perspectives: Reconciling 'Transition' and 'Cultural' Perspectives on Youth and Young adulthood. **Journal of Sociology**, vol. 47, nº 4, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2009. xlii, 458 p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro : LTC, 1988.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro, edições Graal, 1979.

HEINZ, Walter R.; KRÜGER, Helga. Life Course: Innovations and Challenges for Social Research. **Current Sociology**, v. 49, n. 2, p. 29-45, 2001. Disponível em: < <http://csi.sagepub.com/content/49/2/29.short> >.

JAMIESON, Lynn. Migration, Place and Class: Youth in a Rural Area. **The Sociological Review**, vol. 48, nº 2, 2001.

JEFFREY, Craig e McDOWELL, Linda. Youth in a Comparative Perspective: Global Change, Local Lives. **Youth and Society**, vol. 36, nº 2, 2004.

JONES, Gill. 'The Same People in the Same Places'? Socio-Spatial Identities and Migration in Youth. **Sociology**, vol. 33, nº 1, 1999.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios Populares: As Razões do Improvável**. São Paulo : Ática, 1997. 367 p.

LEÃO, Geraldo; DAYRREL, Juarez e REIS, Juliana Batista. Jovens Olhares sobre a Escola do Ensino Médio. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 31. nº 84, 2011.

LEHMANN, Wolfgang. Habitus Transformation and Hidden Injuries: Successful Working-Class University Students. **Sociology of Education**, vol. 87, nº1, 2014.

LEVI, Giovanni e SCHIMITT, Jean Claude. Introdução. In: **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LUZZATTO, Sergio. Jovens Rebeldes e Revolucionários: 1789-1917. In: **História dos Jovens: A Época Contemporânea**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MAYER, Karl Ulrich. New Directions in Life Course Research. **Annual Review of Sociology**, v. 35, p. 413-433, 2009.

McCALL, Michal e WITTNER, Judith. The Good News about Life History. In: **Symbolic Interaction and Cultural Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

MINAS GERAIS. Fundação João Pinheiro. *PIB das Mesorregiões de Minas Gerais*. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/produtos-e-servicos/1/2745-produto-interno-bruto-de-minas-gerais-pib-2>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

NI LAOIRE, Caltriona. Conceptualising Irish Rural Youth Migration: A Biographical Approach. **International Journal of Population Geography**, vol. 6, nº 3, 2000.

NUGIN, Raili. "I Think that They Should Go. Let Them See Something". The Context of Rural Youth's Out-migration in Post-socialist Estonia. **Journal of Rural Studies**, vol. 34, Abril de 2004.

OECD. Are Large Cities Educational Assets or Liabilities? In: **PISA In Focus**, Junho de 2012. Disponível em: <[http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/pisa%20in%20focus%20n17%20\(eng\)%20FINAL.pdf](http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/pisa%20in%20focus%20n17%20(eng)%20FINAL.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2015.

PADILHA, Frederica; ÉRNICA, Maurício; BATISTA, Antônio Augusto Gomes e PUDENZIO, Luciana. As Regularidades e Exceções no Desempenho no IDEB dos Municípios. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, vol. 23, nº 51, 2012.

PARANHOS, Paulo. Primeiros Núcleos Populacionais do Sul de Minas. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao07/materia03/texto03.pdf>>.

PERROT, Michele. A Juventude Operária. Da Oficina à Fábrica. In: **História dos Jovens: A Época Contemporânea**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

PIMENTA, Melissa de Mattos. "**Ser Jovem**" e "**Ser Adulto**": identidades, representações e trajetórias. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 2007.

PRECIADO, Paulina, SNIJDERS, Tom, BURK, William, STATTIN, Hakan e KERR, Margareth. Does Proximity Matter? Distance Dependence of Adolescent Friendships. *Social Networks*, vol. 34, nº 1, 2011.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em 30 set. 2015.

PORTES, Alejandro. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, vol. 24, 1998.

RECIO, Maria Encarnación Moya. **Desigualdades na pobreza: trajetórias e transições em uma favela paulistana**. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 2010.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 63, 2011.

SCALON, Celi e OLIVEIRA, Pedro Paulo. A Percepção dos Jovens sobre Desigualdades e Justiça Social no Brasil. **Interseções**, Rio de Janeiro, vol. 14, nº 2, 2014.

SCHINDLER, Norbert. Os Tutores da Desordem: Rituais da Cultura Juvenil nos Primórdios da Era Moderna. In: **História dos Jovens: Da Antiguidade à Era Moderna**, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Vanda. Jovens Migrantes do Sertão do Estado de Minas Gerais: Modos de Vida e Experiências com a Sexualidade. In: Orgs: TELES, Nair, **Um Olhar sobre o Jovem no Brasil**, Brasília-DF, Fundação Oswaldo Cruz, 2008.

SILVEIRA, Andreia; RIBEIRO FILHO, Guy Carvalho; GIACHETTA, Jerônimo; VILELA FILHO, Otaviano e DIAS, Otávio. O Impacto do Uso da Derrigadeira Semimecanizada nos custos da Colheita em Cafés de Montanha. **Cadernos Universidade do Café**, São Paulo, vol. 3, 2009.

SMALL, Mario Luis. How Many Cases do I Need? On science and the Logic of Case Selection in Field-based Research. **Ethnography**, vol. 10, nº 1, 2009.

_____. **Villa Victoria: The Transformation of Social Capital in a Boston Barrio**. Chicago: The Chicago University Press, 2004.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **Os Batalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

STOCKDALE, Aileen. Rural Out-Migration: Community Consequences and Individual Migrant Experiences. **Sociologia Ruralis**, vol. 44, nº 2, 2004.

_____. Towards a Typology of Out-Migration from Peripheral Areas: A Scottish Case Study. **International Journal of Population Geography**, vol. 8, pp. 345-364, 2002.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **Juventude Rural: uma Categoria Social em Construção**. Apresentação de Trabalho, SBS.

TELLES, Edward. **Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil**. Princeton, Princeton University Press, 2004.

TOMIZAKI, Kimi. A Herança Operária entre a Fábrica e a Escola. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 18, nº 1, 2006.

VERD, Joan Miguel e ANDREU, Marti López. The Rewards of a Qualitative Approach to Life-Course Research: The Example of the Effects of Social Protection Policies on Career Paths. **Forum Qualitative Social Research**. Alemanha, vol.12, nº 3, 2011.

WENGRAF, Tom. **Interviewing for Life-histories, Lived Situations and Personal Experience: The Biographic-Narrative Interpretative Method (BNIM)- Shortest Short Guide to BNIM interviewing and interpretation**, 2006. Disponível em: <<http://odmev.zrc-sazu.si/zrc/datoteke/BNIM%20-%20Shortest%20Guide.rtf>>

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador : Escola, Resistência e Reprodução Social**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.

ZAGO, Nadir e BORDIGNON, Cristina. **Juventude Rural no Contexto da Agricultura Familiar: Migração e Investimento nos Estudos**. Apresentação de Trabalho, ANPED-SUL, 2012.

Anexo

Roteiro de Entrevista

As entrevistas foram conduzidas de forma não estruturada. Este roteiro apenas serviu como base. As entrevistas captaram informações muito além do programado por esse roteiro.

Início:

E aí, tudo bem? Eu sou Ricardo, aluno de mestrado em sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sou daqui de Campestre mesmo, mas faz uns cinco anos que me mudei de cidade. Primeiro, fui pra Belo Horizonte, onde morei por quatro anos e agora, há uns nove meses, moro em Porto Alegre. Estou aqui para conduzir uma pesquisa com os jovens da cidade que abarca diversos assuntos. Basicamente se trata de compreender os processos pelos quais as trajetórias de vida se desenrolam. A gente está aqui para uma conversa informal, você pode se sentir à vontade para falar sobre o que quiser. Não é uma entrevista para avaliar os teus conhecimentos. Tudo o que você tem para me dizer é importante. Posso gravar a entrevista? Você pode pedir para desligar ou interromper o gravador no momento que quiser.

Então, cara, aqui você pode e deve falar o quanto quiser. Na verdade, é você quem conduz a entrevista, sinta-se à vontade para se expressar. Começa falando sobre a tua família, tipo, quantos irmãos você tem, como é sua relação com os pais, se eles são presentes, o que eles esperam de você, do teu futuro. Fala sobre tudo o que achar importante.

Algumas perguntas: você é o filho mais velho ou mais novo? E como é a relação com tios e avós? Como é a situação financeira da sua família? Ela mudou desde que você nasceu até hoje?

Próximo tópico: infância. Quais são tuas primeiras lembranças? Captar relações com os colegas, com os professores, como era o seu desempenho escolar.

E depois? Na adolescência, e a tua relação com as meninas? Você se considera um rapaz atraente? Com os teus amigos? Quando você começou a trabalhar? Como conciliou trabalho e estudos? Qual a sua satisfação com o trabalho?

Você gosta de estudar? Como foi sua experiência escolar?

Para ligar as partes da entrevista: o que aconteceu depois?

Do que você mais gosta de fazer? Do que você gosta de ter, de consumir?

Quais suas expectativas de futuro?

Você já levou alguma batida policial? Como foi?

Qual a tua cor ou raça? Se for negro: você já sentiu algum tipo de discriminação? Você acha que existe algum racismo na cidade?

Como você acha que vai ser sua vida daqui uns cinco anos?

Eu vou fazer umas perguntas rapidinhas para encerrar a entrevista:

Qual a tua idade?

Qual o teu lugar de residência?

Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Obrigado pela entrevista!